



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

PALOMA ALVES DE AQUINO

**A EDIÇÃO DE CARTAS DE ESCRITORES E INTELECTUAIS PORTUGUESES
PARA AFRÂNIO PEIXOTO**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Feira de Santana-BA
2025

PALOMA ALVES DE AQUINO

**A EDIÇÃO DE CARTAS DE ESCRITORES E INTELECTUAIS PORTUGUESES
PARA AFRÂNIO PEIXOTO**

Material apresentado para a defesa da Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros.

Feira de Santana-BA
2025

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado – SISBI UEFS

A669 Aquino, Paloma Alves de

A edição de cartas de escritores e intelectuais portugueses para Afrânio Peixoto / Paloma Alves de Aquino. – 2025.

292 f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2025.

1. Peixoto, Júlio Afrânio, 1876-1947. 2. Epistolografia. 3. Edição filológica. 4. Cartas. 5. Intercâmbio cultural. I. Título. II. Barreiros, Patrício Nunes, orient. III. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU 801

TERMO DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A EDIÇÃO DE CARTAS DE ESCRITORES E INTELLECTUAIS PORTUGUESES PARA AFRÂNIO PEIXOTO

PALOMA ALVES DE AQUINO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e Mudança Linguística no Português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 26 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **PATRICIO NUNES BARREIROS**
Data: 29/08/2025 08:36:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros – Orientador
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 **ALICIA DUHA LOSE**
Data: 26/08/2025 14:05:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Alícia Duhá Lose
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **MABEL MEIRA MOTA**
Data: 27/08/2025 16:42:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mabel Meira Mota
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinador Externo

Com carinho e gratidão, dedico este trabalho à minha mãe, Nilta Ires, pelo apoio incondicional e constante incentivo aos meus estudos; e ao meu orientador, Patrício Nunes Barreiros, cuja sabedoria e dedicação foram fundamentais para a realização deste percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder sabedoria, força e saúde ao longo da minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e durante a elaboração desta dissertação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, pela condução atenta e dedicada desta pesquisa. Sua orientação, cuidado e generosidade foram fundamentais para este percurso. Sou grata a Deus por sua vida e por tê-lo colocado em meu caminho.

À minha mãe, Nilta Ires Matutino Alves, exemplo de amor e dedicação, que sempre acreditou em mim e me incentivou nos estudos. Agradeço a Deus pela bênção de tê-la como mãe. Ao meu tio Ruy e à minha tia Márcia, pelo apoio constante, incentivo e presença ao longo desta jornada. Aos meus familiares, em especial ao meu avô Lindolfo Alves Pereira, à minha avó Virgulina Vieira Matutino Alves e ao meu irmão Pedro Alves de Aquino, por sua força, carinho e estímulo permanentes.

Ao Prof. Dr. Elias de Souza Santos, pela generosa disponibilidade, pelas valiosas indicações bibliográficas, atenção contínua e incentivo ao meu trabalho.

À minha eterna orientadora, Pascásia Reis, cujo apoio, incentivo e torcida sempre me acompanharam. Sua atenção e carinho foram fundamentais. Sou grata a Deus por sua vida.

À professora Mabel Mota, que acompanhou atentamente todo o processo de escrita desde a primeira qualificação, ainda na fase do projeto de pesquisa, oferecendo contribuições preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Alícia Duhá Lose, que participou da banca de qualificação e cujas contribuições significativas enriqueceram esta pesquisa.

Aos professores e funcionários da Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo acolhimento e dedicação, que foram essenciais para minha formação acadêmica.

Ao grupo do projeto de pesquisa do Afrânio Peixoto, pelo apoio constante ao longo de minha trajetória investigativa.

Aos colegas Mainara Araújo e Jalmir Profeta, pelas risadas, colaborações e conversas que tornaram este percurso mais leve.

À CAPES, pelo apoio financeiro imprescindível, que me possibilitou dedicar-me integralmente a esta pesquisa.

Por fim, a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho e me apoiaram durante esse percurso, expresso aqui minha mais sincera gratidão.

Portugal-Brasil

Portugal não esquece. E na hora em que vai ser alegre pela festa ao seu passado, recorda-se que outro país não pode faltar. É o Brasil. Em 1580 eramos um só, o mesmo... Que importa que viesse a independência. A maioria é fatal, cumprido o tempo aos homens como às nações. Chega dia em que o filho mais amoroso, a filha mais obediente, põem casa, novo lar, a vida que se prolonga...; mas, bem nascidos, os povos continuam os mesmos na autonomia, na soberania, na independência, sem por isso abolir a história, a fé, a língua, as tradições, o sangue, a identidade. Brasil é e será sempre Portugal. De 1580 a 1640 não eramos apenas um; sofremos juntos a mesma aflição: justo é que na celebração da alegria restaurada, o regozijo seja recíproco. Por isso é o Brasil convidado à festa de Portugal. Por isso, não pode faltar. Não delicadeza, convite e aceitação. É dever. Não era lícito que Portugal nos esquecesse. Não é possível que o Brasil não compareça. A festa é comum: é a nossa restauração. (Peixoto, panfleto sem data).

RESUMO

Esta dissertação tem como foco a edição filológica de cinquenta e seis cartas pertencentes ao acervo pessoal de Júlio Afrânio Peixoto, enviadas a ele por escritores e intelectuais portugueses ao longo da primeira metade do século XX. Trata-se de parte da correspondência passiva do acervo pessoal de Afrânio Peixoto que revela aspectos significativos das relações intelectuais e culturais entre Brasil e Portugal, bem como o prestígio do autor no meio acadêmico luso-brasileiro. A pesquisa parte da seguinte questão norteadora: como realizar uma edição da correspondência enviada por intelectuais portugueses a Afrânio Peixoto, considerando a sociologia desses textos e suas relações com a produção literária e filológica do autor? Parte-se da hipótese de que tais cartas, enquanto práticas sociais da escrita, constituem documentos relevantes para compreender as redes de intercâmbio intelectual luso-brasileiras no início do século XX, bem como o papel político e cultural exercido por Afrânio Peixoto nesse contexto. A justificativa da pesquisa reside na ausência de estudos sistematizados sobre esse conjunto documental inédito e na relevância de sua edição para os campos da Crítica Textual, da Epistolografia e da História. A metodologia adotada segue os princípios da filologia pragmática, com abordagem qualitativa, ancorada na identificação e análise documental, descrição material, levantamento temático e edição interpretativa. Os resultados obtidos confirmam que a correspondência em questão não apenas ilumina o prestígio de Afrânio Peixoto em Portugal, mas também evidencia a circulação de ideias entre escritores e acadêmicos dos dois países, refletindo tensões e afinidades no cenário político-cultural da época. A edição das cartas oferece um modelo de tratamento filológico de fontes epistolares e contribui para a valorização do acervo e para a ampliação dos estudos sobre as relações culturais entre Brasil e Portugal. Conclui-se que a edição da correspondência portuguesa de Afrânio Peixoto permite avanços metodológicos e teóricos no campo da filologia contemporânea, fortalecendo o papel do editor como agente crítico e mediador cultural. Além disso, a pesquisa contribui para a democratização do acesso a documentos histórico-literários e para a compreensão das redes de sociabilidade intelectual no Atlântico Lusófono.

Palavras-chave: epistolografia; edição filológica; cartas; Afrânio Peixoto; intercâmbio cultural.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the philological edition of fifty-six letters from the personal archive of Júlio Afrânio Peixoto, sent to him by Portuguese writers and intellectuals throughout the first half of the twentieth century. These documents are part of Peixoto's passive correspondence and reveal significant aspects of the intellectual and cultural relations between Brazil and Portugal, as well as the author's prestige within the Luso-Brazilian academic sphere. The research is guided by the following question: how can one edit the correspondence sent by Portuguese intellectuals to Afrânio Peixoto, considering the sociology of these texts and their relationship with the author's literary and philological production? The hypothesis is that such letters, as social practices of writing, constitute valuable documents for understanding the networks of Luso-Brazilian intellectual exchange in the early twentieth century, as well as the political and cultural role played by Afrânio Peixoto in this context. The study is justified by the lack of systematic research on this unpublished set of documents and by the importance of their edition for the fields of Textual Criticism, Epistolography, and History. The methodology is based on the principles of pragmatic philology and adopts a qualitative approach grounded in documentary identification and analysis, material description, thematic survey, and interpretative editing. The results confirm that the correspondence in question not only highlights Afrânio Peixoto's prestige in Portugal but also reveals the circulation of ideas between writers and scholars of both countries, reflecting tensions and affinities in the political-cultural landscape of the time. The edition of these letters offers a model for the philological treatment of epistolary sources and contributes to the valorization of the archive and the expansion of studies on cultural relations between Brazil and Portugal. It is concluded that the edition of Afrânio Peixoto's Portuguese correspondence enables methodological and theoretical advances in the field of contemporary philology, reinforcing the role of the editor as a critical agent and cultural mediator. Furthermore, the research contributes to the democratization of access to historical-literary documents and to a deeper understanding of intellectual networks in the Lusophone Atlantic.

Keywords: epistolography; philological edition; letters; Afrânio Peixoto; cultural exchange.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Afrânio Peixoto recebendo o título de doutor <i>honoris causa</i>	39
Figura 02 -	Carta de Afonso Lopes Vieira	52
Figura 03 -	Recorte de Jornal	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Correspondentes portugueses de Afrânio Peixoto	45
Quadro 02 -	Cartas de Afonso Lopes Vieira	51
Quadro 03 -	Cartas de Agostinho de Campos	55
Quadro 04 -	Cartas de Fidelino de Figueiredo	58
Quadro 05 -	Cartas de José Maria Rodrigues	62
Quadro 06 -	Cartas de Manoel de Sousa Pinto	66
Quadro 07 -	Dossiê das cartas de cinco escritores portugueses para Afrânio Peixoto	77
Quadro 08 -	Dossiê das cartas de Afonso Lopes Vieira para Afrânio Peixoto	77
Quadro 09 -	Dossiê das cartas de Agostinho de Campos para Afrânio Peixoto	80
Quadro 10 -	Dossiê das cartas de Fidelino de Figueiredo para Afrânio Peixoto	81
Quadro 11 -	Dossiê das cartas de José Maria Rodrigues para Afrânio Peixoto	85
Quadro 12 -	Dossiê das cartas de Manoel de Sousa Pinto para Afrânio Peixoto	87
Quadro 13 -	Assinatura dos remetentes	89
Quadro 14 -	Ordenação das cartas	92

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AP -	Afrânio Peixoto
UEFS -	Universidade Estadual de Feira de Santana
BA -	Bahia
SENAI -	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
CIMATEC -	Campus Integrado de Manufatura e Tecnologias
IEB -	Instituto de Estudos Brasileiros
USP -	Universidade de São Paulo
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
A.B.L.	Academia Brasileira de Letras

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	EDIÇÃO DE CARTAS	20
2.1	EPISTOLOGRAFIA E ACERVOS	20
2.2	EDIÇÃO DE CARTAS: QUESTÕES FILOLÓGICAS	30
3	AFRÂNIO PEIXOTO E SEUS CORRESPONDENTES PORTUGUESES	37
3.1	CORRESPONDENTES PORTUGUESES	44
3.2	ASSUNTOS DAS CARTAS DOS REMETENTES PORTUGUESES	51
3.2.1	As cartas de Afonso Lopes Vieira	51
3.2.2	As cartas de Agostinho de Campos	54
3.2.3	As cartas de Fidelino de Figueiredo	58
3.2.4	As cartas de José Maria Rodrigues	62
3.2.5	As cartas de Manoel de Sousa Pinto	65
4	DOSSIÊ DAS CARTAS	74
5	EDIÇÃO DAS CARTAS	91
5.1	A EDIÇÃO FAC-SIMILAR E A TRANSCRIÇÃO GENÉTICA LINEARIZADA	92
5.1.1	Edição fac-similar das cartas de Fidelino de Figueiredo	94
5.1.2	Edição fac-similar das cartas de Agostinho Campos	133
5.1.3	Edição fac-similar das cartas de José Maria Rodrigues	151
5.1.4	Edição fac-similar das cartas de Afonso Lopes Vieira	170
5.1.5	Edição fac-similar das cartas de Manoel de Sousa Pinto	191
5.2	A EDIÇÃO INTERPRETATIVA	213
5.2.1	Edição interpretativa das cartas de Fidelino de Figueiredo	214
5.2.2	Edição interpretativa das cartas de Agostinho Campos	236
5.2.3	Edição interpretativa das cartas de José Maria Rodrigues	246
5.2.4	Edição interpretativa das cartas de Afonso Lopes Vieira	254
5.2.5	Edição interpretativa das cartas de Manoel de Sousa Pinto	270
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	287
	REFERÊNCIAS	289

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta a edição filológica de cinquenta e seis cartas enviadas por escritores e intelectuais portugueses a Afrânio Peixoto, destacado intelectual brasileiro da primeira metade do século XX. Trata-se de parte de sua correspondência passiva, anteriormente preservada na Casa e Memorial Afrânio Peixoto, em Lençóis-BA, sua cidade natal. Atualmente, os documentos estão sob a custódia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) graças a uma parceria com a Instituto Pedro Calmon, que visa ao tratamento técnico e à preservação documental do acervo, o qual será posteriormente devolvido ao município de origem.

O acervo, composto de documentos variados — cartas, cartões postais e telegramas —, reflete a amplitude de sua rede de interlocutores ao longo da vida. Entre esses registros, destacam-se as cartas enviadas por escritores e intelectuais portugueses, com quem Afrânio manteve um intenso intercâmbio intelectual. Esta edição foca especificamente na correspondência de Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Fidelino de Figueiredo, José Maria Rodrigues e Manoel de Sousa Pinto.

Em 2022, o professor Patrício Nunes Barreiros iniciou uma pesquisa no acervo de Afrânio Peixoto, a partir de uma parceria entre a Fundação Pedro Calmon, a Casa da Cultura e Memorial Afrânio Peixoto, o SENAI/CIMATEC e a UEFS. A primeira fase desse projeto visa editar a correspondência do escritor e investigar a sua atuação filológica e lexicográfica. Além desta dissertação outros trabalhos estão sendo realizados no acervo do Afrânio Peixoto, como por exemplo, trabalhos de Iniciação Científica, teses e dissertações.

Júlio Afrânio Peixoto, nascido em 17 de dezembro de 1876, em Lençóis, nas Lavras Diamantinas, Bahia, destacou-se como uma figura multifacetada na vida intelectual e cultural brasileira. Médico legista, professor, político, ensaísta, crítico, romancista e historiador, Afrânio Peixoto transitou pelas principais instituições do país e conquistou grande prestígio tanto no Brasil quanto no exterior. Sua vasta obra abrange uma ampla gama de temas, e sua atuação como intelectual é essencial para a compreensão da história das ideias que circulavam no Brasil na primeira metade do século XX. Nesse contexto, a edição filológica de sua correspondência com intelectuais e escritores portugueses oferece uma contribuição valiosa para entender como se deu a circulação de ideias entre Brasil e Portugal, revelando debates centrais para a história literária, editorial e para as relações culturais e políticas entre as duas nações.

As relações de Afrânio Peixoto com Portugal foram amplas e diversificadas. Ele recebeu títulos de doutor *honoris causa* pelas Universidades de Lisboa e de Coimbra, além de ser eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de História. Foi ele quem tomou a iniciativa de criar a Cadeira de Estudos Camonianos na Universidade de Lisboa. Como um dos maiores estudiosos de Luís de Camões, Afrânio Peixoto produziu uma vasta bibliografia sobre o poeta, incluindo títulos como *Camões e os Lusíadas* (Peixoto, 1924), *A Camonologia e os Estudos Camonianos* (Peixoto, 1924), *A Medicina dos Lusíadas* (Peixoto, 1924), *Alma Minha Gentil e Leituras Camonianas* (Peixoto, 1926).

Além de seu notável conhecimento sobre a obra camoniana, Afrânio Peixoto era também conhecedor da história de Portugal, tendo ministrado palestras sobre o tema e estabelecido relações de proximidade com políticos, intelectuais e representantes de diversas instituições durante suas visitas ao país. No campo político, ele atuou como uma espécie de representante informal do Brasil em Portugal, contribuindo para fortalecer as relações econômicas e institucionais entre as duas nações. Sua influência em Portugal estendeu-se também ao campo da medicina legal, área na qual ele exerceu um papel de destaque tanto em solo brasileiro quanto português.

Como se pode notar, não é de se estranhar o volume de cartas recebidas por AP por parte de intelectuais, escritores e autoridades portuguesas. O estudo dessa correspondência contribuirá para compreender como os dois países se relacionaram por intermédio de Afrânio Peixoto e seu prestígio como escritor, intelectual, político e cientista brasileiro.

A Filologia, por meio da Crítica Textual, coloca à disposição dos pesquisadores mecanismos interpretativos que têm no seu cerne a crítica do documento que reverbera na sociedade e em sua complexidade cultural. Dessa forma, ao editar a correspondência de Afrânio Peixoto, o filólogo poderá tratar o texto como um artefato cultural complexo, reposicionando discursos, exercendo papel político e crítico diante dos diversos elementos sociais e históricos que as leituras desses textos exigem. O conjunto epistolar de Afrânio Peixoto será compreendido em sua dimensão rizomática, estabelecendo conexões com outros documentos do acervo e oferecendo ao leitor uma hipótese interpretativa construída a partir da organização e leitura crítica do dossiê das cartas analisadas nesta dissertação.

Enquanto gênero discursivo, a carta pode ser utilizada pelos pesquisadores como fonte documental de outros tempos e espaços. De acordo com Fernando Munhós (2016, p. 1), “[...] as diversas áreas do conhecimento preocupadas com o passado, distante ou próximo, terão nas missivas ricos vestígios, a partir dos quais se pode investigar um tempo que não é o nosso”.

Dessa maneira, a edição filológica da correspondência passiva de Afrânio Peixoto, bem como a construção de um dossiê é muito relevante, tendo em vista que será realizado um estudo crítico-filológico e histórico dos documentos, colocando em evidência elementos paratextuais que poderão elucidar o texto.

A prática filológica, entendida como um processo cultural multifacetado, ultrapassa a simples fixação e publicação de textos ao incorporar a análise crítica das condições de produção, transmissão e recepção textual, bem como a atuação dos diversos agentes envolvidos na mediação editorial. Essa perspectiva sustenta uma abordagem filológica pragmática que considera o texto como artefato cultural complexo e insere a crítica textual no âmbito da sociologia do texto, permitindo, assim, discutir também o papel político desempenhado pelo editor (Borges; Fagundes; Souza, 2012).

Sendo assim, adotamos uma abordagem filológica pragmática que lida com o texto como artefato cultural complexo, ou seja, uma filologia crítica voltada para a interpretação, direcionada para a sociologia do texto, e que possibilita discutir o papel político do editor. Dessa forma, a presente dissertação almejou realizar uma edição do conjunto de cartas enviadas por intelectuais e escritores portugueses para Afrânio Peixoto. Nesse sentido, a pesquisa buscou responder a seguinte questão: como realizar uma edição da correspondência enviada por intelectuais e escritores portugueses para Afrânio Peixoto, considerando a sociologia desses textos e suas relações com a produção literária e filológica do escritor baiano? Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi construir um dossiê, analisar e editar cinquenta e seis cartas de autores portugueses contemplando assim uma edição que dialogue com o arquivo pessoal de AP. A elaboração desse dossiê é particularmente relevante por se tratar de um conjunto documental inédito, apesar de seu produtor ser amplamente conhecido. A organização do dossiê se fundamenta no papel crítico e político do editor, em sua motivação enquanto pesquisador e nas contribuições que pode oferecer aos estudos filológicos e a outras áreas do saber, bem como à própria instituição que custodia o acervo.

Com o estudo filológico, por meio da Crítica Textual, da correspondência passiva do Afrânio Peixoto, será possível realizar uma crítica filológica das cartas, a partir de uma visão pragmática da crítica textual e da sociologia do texto; problematizar o *corpus* da pesquisa, considerando as cartas como uma prática social de escrita, situando-as no contexto histórico, político e literário brasileiro; e analisar as relações que Afrânio Peixoto manteve com intelectuais e escritores portugueses. No acervo pessoal de Afrânio Peixoto, foram localizadas apenas as cartas passivas, enviadas pelos escritores e intelectuais portugueses, não sendo

localizadas, até o momento, as correspondências ativas de Afrânio Peixoto para os escritores portugueses.

As edições das missivas não conservam a memória; pelo contrário, rasuram a memória, trazendo um novo olhar para a história, promovem a interação com outros tempos, leitores e contextos possibilitando a pesquisa dos principais assuntos abordados em determinado período, bem como sobre o contexto histórico, político, linguístico e social. No decorrer dos anos, a filologia vem adotando diferentes métodos para realizar a edição dos textos, visto que, na contemporaneidade, o objeto da filologia passa a ser o texto-rizoma, observado a partir de suas múltiplas dimensões. Sendo assim, a metodologia a ser utilizada será delimitada a partir do tipo de texto e dos objetivos da edição.

Afrânio Peixoto foi uma figura multifacetada e de grande prestígio no Brasil e no exterior, tendo exercido uma vasta influência em diversos campos do saber. No âmbito da saúde pública, destacou-se como Inspetor Sanitário de Saúde Pública do Distrito Federal e diretor do Hospício Nacional de Alienados, onde atuou com grande empenho em questões ligadas à saúde mental e à reforma psiquiátrica. Além disso, foi professor das cadeiras de Higiene e Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, áreas em que desenvolveu uma sólida carreira acadêmica. Sua trajetória na educação também incluiu a posse na cátedra de Medicina Pública da Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, consolidando sua presença no debate sobre saúde e políticas públicas.

Como já dissemos, Afrânio Peixoto foi um intelectual notável por sua versatilidade e pelo diálogo constante que manteve com outros grandes nomes de sua geração, incluindo intelectuais e escritores portugueses de destaque. Sua correspondência com esses interlocutores é uma prova de sua inserção nas discussões internacionais, especialmente entre Brasil e Portugal, refletindo sua influência tanto na literatura quanto nas ciências.

No entanto, a abrangência de Afrânio Peixoto como intelectual não se restringiu ao campo médico. Ele transitou com naturalidade por diversas áreas, entre elas a educação, a política, a literatura, a poesia e a administração pública. Esse trânsito multidisciplinar evidencia sua capacidade de integrar diferentes abordagens teóricas e práticas, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cultural e científico de sua época. Como político, Peixoto esteve envolvido em importantes projetos, sendo um dos responsáveis por iniciativas de modernização e educação pública no Brasil. Na literatura, além de sua produção como romancista e ensaísta, foi um estudioso de referência sobre Camões e a literatura portuguesa, aprofundando os laços culturais entre os dois países.

Dessa forma, as principais áreas de atuação de Afrânio Peixoto – o magistério, a medicina legal, a saúde pública, a política, a literatura e a administração pública – demonstram sua capacidade de intervir em múltiplas frentes, estabelecendo conexões profundas entre os saberes e colaborando de maneira decisiva para o cenário intelectual e político do Brasil no início do século XX.

O estudo e a edição da correspondência passiva de Afrânio Peixoto, sob a perspectiva da epistolografia brasileira, revelam-se de grande relevância, pois possibilitam compreender os modos de produção e circulação de ideias entre Brasil e Portugal por meio da cultura escrita na primeira metade do século XX. Para além da dimensão interpretativa, a atuação filológica desempenha um papel fundamental na sistematização, descrição e organização técnica do acervo, contribuindo diretamente para sua preservação e acessibilidade. Ademais, esse trabalho fortalece a instituição custodiadora, ao conferir visibilidade acadêmica ao acervo, promover sua integração a projetos de pesquisa e ampliar seu valor como patrimônio documental e cultural.

A dissertação está organizada em cinco seções. A primeira delas, a *Introdução*, contextualiza a pesquisa e oferece uma visão geral das seções subsequentes. Na segunda seção, intitulada *Edição de Cartas*, são discutidos os conceitos de carta, missiva e epístola, além de reflexões teóricas sobre o tema. Nessa parte, são apresentados exemplos de edições de correspondências, situando os estudos epistolográficos no Brasil e ressaltando a importância da edição filológica pragmática de cartas por meio da Crítica Textual.

A terceira seção, denominada *Afrânio Peixoto e seus Correspondentes Portugueses*, apresenta uma introdução à vida e obra de Afrânio Peixoto, abordando seu acervo pessoal. Em seguida, a seção identifica os destinatários de suas cartas e os principais temas abordados nas missivas, explorando as relações que Peixoto mantinha com escritores e intelectuais portugueses. Por meio dessa correspondência, evidencia-se o intercâmbio intelectual entre Brasil e Portugal durante a primeira metade do século XX.

A quarta seção, *Dossiê das Cartas dos Escritores Portugueses*, propõe o levantamento e a análise de dados relacionados aos temas tratados nas cartas. Aqui, são reunidos e organizados os documentos pertinentes, com a apresentação de um quadro descritivo que sistematiza as informações contidas nas missivas.

A quinta seção, intitulada *A Edição*, define e justifica o tipo de edição adotada para o trabalho. Nessa parte, é explicada a organização da edição, seguida da apresentação da edição fac-similar e da transcrição dos textos, com a aplicação de operadores genéticos e critérios

estabelecidos pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Essa seção também inclui uma edição interpretativa, com base em normas editoriais específicas.

Finalmente, o trabalho encerra-se com as *Considerações Finais*, onde são discutidos os principais resultados da pesquisa, e as *Referências* utilizadas ao longo da dissertação.

2 EDIÇÃO DE CARTAS

Nesta seção, propõe-se uma reflexão sobre a epistolografia, com ênfase em sua função social e na sua importância para os estudos acadêmicos. Discute-se a relevância da escrita de cartas ao longo da história, sua evolução ao longo do tempo e as questões filológicas implicadas na edição de correspondências. Além disso, apresentam-se os diferentes tipos de edição e abordam-se aspectos relacionados ao estudo e à publicação de documentos preservados em acervos, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento dessa área de investigação.

2.1 EPISTOLOGRAFIA E ACERVOS

As cartas nos acervos estão sempre relacionadas a outros documentos e isso amplia as possibilidades interpretativas. Nesse sentido, a análise de cartas em acervos pessoais oferece um vasto campo de investigação, pois esses documentos geralmente estão inseridos em um contexto mais amplo, relacionado a outros tipos de materiais como fotografias, manuscritos, recortes de jornais, livros e objetos pessoais. Ao abordar esse tipo de acervo, é crucial adotar uma perspectiva rizomática, inspirada no conceito de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que vê o conhecimento como uma rede de conexões múltiplas e não hierárquicas. Esse tipo de olhar permite ao pesquisador explorar as cartas não como documentos isolados, mas como nós que ligam diferentes aspectos da vida e produção intelectual dos indivíduos.

Ao analisar correspondências, é comum que as cartas mencionem ou façam referência a outros documentos, como obras literárias, fotografias ou até eventos históricos. Isso exige que o pesquisador vá além do conteúdo literal da carta e busque traçar as conexões implícitas. Por exemplo, cartas que discutem o processo de publicação de uma obra podem estar associadas a manuscritos ou provas tipográficas que também fazem parte do acervo. Essa inter-relação amplia as possibilidades de interpretação, permitindo que se entenda mais profundamente o contexto de produção e recepção dos textos.

Outro aspecto relevante é que as cartas frequentemente dialogam com outras redes intelectuais, mencionando terceiros, sugerindo leituras ou debatendo questões que transcendem o epistolar. Muitas vezes, a correspondência menciona livros que o autor ou destinatário leu, eventos a que compareceu ou figuras que conheceu, o que possibilita traçar um panorama mais completo da vida social e intelectual da época. Dessa forma, as cartas

servem não apenas como uma fonte primária, mas também como uma chave para acessar o universo de referências do autor.

A presença de documentos iconográficos nos acervos, por exemplo, pode esclarecer relações sociais ou intelectuais mencionadas nas cartas, ao mesmo tempo em que auxilia na construção de uma narrativa visual sobre os indivíduos envolvidos. Fotografias de eventos, viagens ou encontros mencionados nas cartas, quando contextualizadas, oferecem uma leitura visual complementar que pode elucidar aspectos emocionais e sociais não visíveis no texto escrito.

Além disso, as cartas, muitas vezes, lançam luz sobre questões subjetivas e emocionais, como ansiedades pessoais, reflexões sobre a própria obra ou o estado da sociedade. Essas menções pessoais, quando cruzadas com documentos como diários ou recortes de imprensa, podem ajudar a montar um quadro mais detalhado do pensamento e das relações sociais do autor.

O acervo de Afrânio Peixoto, notável intelectual baiano e membro da Academia Brasileira de Letras, oferece um exemplo claro de como as correspondências epistolares com escritores e intelectuais portugueses influenciaram sua produção literária e acadêmica. As cartas entre Peixoto e autores portugueses, como Afonso Lopes Vieira e Manoel de Sousa Pinto, revelam um diálogo intelectual intenso e contínuo que frequentemente levou Peixoto a redimensionar suas obras e a elaborar novos textos a partir dessas trocas.

Esse tipo de correspondência, presente no acervo de Peixoto, deve ser lido em conjunto com outros documentos que compõem o arquivo, como manuscritos de suas obras, provas tipográficas e anotações pessoais. Por exemplo, no caso da obra *Dinamene*, Peixoto ajustou detalhes da publicação e reestruturou aspectos da obra em função das sugestões de Afonso Lopes Vieira, como demonstrado nas cartas entre eles. Nessas missivas, Vieira não apenas oferecia conselhos técnicos sobre a impressão e edição, como também sugeria alterações estéticas e interpretativas, influenciando a forma final que *Dinamene* assumiu para o público português.

Esse processo epistolar revela o papel central do diálogo entre Peixoto e seus correspondentes na evolução de sua obra. Não se tratava apenas de discussões sobre temas literários; as cartas muitas vezes ofereciam *insights* sobre o mercado editorial, recepção crítica e preferências estéticas em Portugal, levando Peixoto a revisar suas produções com o público europeu em mente. Assim, o escritor baiano beneficiava-se dessas trocas não apenas como escritor, mas também como um intelectual que repensava suas obras a partir dos diálogos com

figuras como Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Fidelino de Figueiredo, José Maria Rodrigues e Manoel de Sousa Pinto.

Naturalmente, um acervo é composto apenas pelos documentos que lhe foram entregues, seja diretamente pelo autor, por seus familiares ou herdeiros, podendo ser eventualmente ampliado por iniciativas dos responsáveis pelo acervo, como pesquisas externas, transcrições, reproduções, doações ou aquisições. Em consonância com Maria da Glória Bordini (2020, p. 74), “o acervo literário é, acima de tudo, um repertório de vestígios das práticas escriturais, sejam elas atinentes à obra de um escritor ou à sua vida histórica.”

Segundo Nascimento (2011 *apud* Mota, 2021), os arquivos pessoais de escritores ocupam um entrelugar entre o público e o privado. No espaço público, o escritor assume a condição de autor, o manuscrito é reconhecido como obra e o arquivo passa a ser entendido como legado. Cabe ao arquivista interpretar esses deslocamentos, identificando o documento a partir de sua relação direta com o produtor e suas atividades, com o objetivo de compreender o contexto em que esse material foi gerado, acumulado e utilizado.

As reflexões em torno dos acervos de escritores costumam privilegiar sua função na preservação da memória literária. Esses conjuntos documentais, ao abrigarem obras e registros de um ou mais autores, adquirem um caráter dinâmico: não se limitam ao espólio originalmente reunido, mas se expandem continuamente por meio da incorporação de novos documentos, resultado das atividades de pesquisa. Assim, o acervo literário atua como um agente de memória em constante transformação (Bordini, 2020, p. 68).

Conforme ressalta Bordini (2020, p. 70), quando disponibilizado para a pesquisa, exposições, produções audiovisuais ou outros meios que lhe atribuam visibilidade, o documento pertencente a um acervo literário cumpre sua função social primordial: a de gerar novos sentidos e assegurar a continuidade de uma memória que, sem ele, estaria condenada ao esquecimento e à perda de significado.

Enquanto ciência dedicada à edição e ao entendimento dos textos em seus contextos históricos e culturais, a Filologia identifica nos acervos literários uma nova possibilidade de atuação tanto com obras clássicas quanto modernas. O principal objetivo do trabalho filológico é oferecer uma apresentação precisa das diferentes versões de uma obra ou documento, registrando e interpretando variantes, rasuras, inclusões e supressões. Esses elementos constituem testemunhos valiosos não apenas do processo de criação textual, mas também da trajetória de suas reproduções, sejam elas artesanais ou industriais. (2020)

A produção literária resulta de uma dinâmica de negociação entre autor, editor e público leitor, inserida em um sistema que revela a lógica própria de como o texto é criado,

difundido, circulado e interpretado. Refere-se ao sistema literário, no qual se registra o próprio acervo do escritor. Em conformidade com Bordini (2012 *apud* Mota, 2021), o acervo do escritor integra o sistema literário, sendo parte de uma rede composta por instituições e indivíduos que atuam no universo da literatura, independentemente de exercerem autoridade formal. Por seu caráter fragmentar e vestigial, o acervo conserva indícios desse sistema, funcionando como um microcosmo que nem sempre revela de forma explícita os elementos que o compõem. Cabe ao responsável por sua gestão investigar esses vestígios, a fim de constituir sentidos e memórias vinculados à produção literária e à trajetória do autor.

De acordo com Castillo Gómez (2002 *apud* Costa, 2017), a prática da escrita de cartas, inicialmente restrita a burocratas e intelectuais, foi progressivamente adotada por um número crescente de pessoas, consolidando-se, a partir do século XVI, como o principal meio de comunicação na sociedade. As cartas cumpriam funções variadas, conforme os diferentes motivos que as originavam. O autor destaca, ainda, que as cartas pessoais têm o poder de revelar diversos aspectos das esferas pública e privada dos indivíduos, além de ilustrar as relações que estes mantêm ao longo de suas vidas, tanto na intimidade quanto fora dela.

Em consonância com essa perspectiva, Eliane Vasconcelos observa que “a carta, enquanto gênero, foi e é vista à margem da literatura, uma vez que se produziu longe do intuito primeiro – o literário –, posição assumida no início do século XX por Lanson, um dos estudiosos de correspondência” (Vasconcelos, 2008, p. 378). Tal visão reforça o caráter híbrido da carta, situada entre o documento histórico e o testemunho literário.

No que se refere à terminologia, Nascentes (1955 *apud* Costa, 2017) aponta que os termos “missiva”, “epístola” e “carta” possuem origens etimológicas distintas. “Missiva” provém do latim *missa*, que significa “mandada” ou “enviada” (p. 336); “epístola” deriva do grego e também remete ao significado de “carta” (p. 180). Já a palavra “carta”, por sua vez, tem origem grega, com o sentido de “papel”, possivelmente de origem egípcia, mas em português passou a assumir o significado de “letra” (p. 101).

Embora possuam raízes etimológicas diferentes, os termos “carta”, “missiva” e “epístola” são empregados, na língua portuguesa, como sinônimos. Ainda assim, apresentam nuances de uso: a carta tende a ser mais flexível e pessoal; a missiva, mais formal e objetiva; e a epístola, de caráter literário e reflexivo. Essas distinções terminológicas contribuem para a compreensão das diferentes formas de comunicação escritas inseridas no gênero epistolar, bem como de suas funções na sociedade e na literatura. Ao longo desta dissertação, optamos por utilizar os termos “carta”, “missiva” e “epístola” como sinônimos.

“A carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar)...” (Lejeune, 1998, p. 76 *apud* Moraes, 2007, p. 115). O gênero textual carta é plurimilenar (Sousa, 2020), considerada um dos primeiros na história das atividades comunicativas por meio da escrita, possibilitava a construção das relações interativas à distância. As missivas são constituídas de enunciados que tornam viáveis as relações sociais, estabelecendo assim uma comunicação, parte importante nas relações interpessoais. A princípio era esperada a perfeição na escrita das cartas, com o passar do tempo os missivistas passam a prezar por uma escrita espontânea, sem almejar a excelência. Em consonância com Brigitte Diaz, (2016, p. 16), “[...] não se espera mais das cartas à perfeição bem calibrada de uma composição retórica impecável, mas nelas se aprecia, bem ao contrário, as falhas, as hesitações e as pausas de uma palavra simplesmente humana”.

O gênero epistolar, que contempla uma série de formas documentais decorrentes dos atos de correspondência, está na área das interrelações, estabelecendo a comunicação entre os indivíduos, na maioria das vezes, aborda questões íntimas, privadas e secretas. A escrita de cartas sempre foi um dos meios mais comuns de comunicação à distância, e, apesar das mudanças ao longo do tempo, seu propósito central permanece o mesmo. Antes de se analisar a função mais íntima de uma carta, é essencial considerar seu aspecto comunicativo, uma vez que sua principal finalidade é estabelecer contato e transmitir uma mensagem (Jovicic, 2010).

No início do século XVIII, as cartas começaram a assumir uma função cada vez mais relevante na expressão de sentimentos, emoções e experiências pessoais. A prática da correspondência se difundiu amplamente, alcançando diversas camadas sociais e consolidando-se como uma prática cultural valorizada tanto na Europa quanto na América. No passado, a escrita das cartas seguia modelos predefinidos pela norma sociocultural vigente, e o missivista costumava elaborar seu texto conforme padrões já estabelecidos. No entanto, com o passar dos anos, essa norma culta e estilizada, que predominava na maioria das cartas, gradualmente cedeu espaço a uma forma de escrita mais coloquial e espontânea.

De acordo com Brigitte Dias,

porque é possível falar de outro modo na carta que novos locutores vão se apropriar desse suporte de comunicação, trocando a sociabilidade letrada e acadêmica que estava ligada à carta erudita por uma sociabilidade mundana cujo modelo canônico, muito mais acessível, torna-se o da conversação (Dias, 2016, p. 24).

Conversação é uma metáfora recorrente desde a antiguidade e uma das mais vivas entre as diversas imagens utilizadas para descrever o campo epistolar (Dias, 2016). As cartas, além de promoverem a comunicação, estabelecem uma sensação de proximidade entre os interlocutores. O que define a escrita epistolar, conferindo-lhe um caráter singular, é a flexibilidade entre diálogo e monólogo. Dessa forma, as missivas frequentemente apresentam marcas de oralidade, estilo próprio do autor, uso de linguagem coloquial, e outros traços que refletem a espontaneidade do gênero.

As cartas possibilitam a comunicação verbal por meio de enunciados concretos, substituindo a necessidade do contato presencial. A troca de cartas mantém os indivíduos próximos, mesmo à distância, permitindo a troca de ideias e a atualização sobre suas vidas. A carta, enquanto gênero discursivo primário, reflete a característica conversacional inerente às missivas, evidenciando a interação verbal cotidiana dos interlocutores. Assim, as cartas constituem manifestações linguísticas ricas em relações sociais nas quais a linguagem empregada revela a natureza dessas interações e as dinâmicas sociais que as envolvem.

As missivas situam-se entre a fala e o silêncio, pois são constituídas de enunciados que substituem a fala presencial, frequentemente apresentando marcas de oralidade, embora sejam escritas no silêncio. Dessa forma, os indivíduos que escrevem cartas libertam-se das limitações impostas pela fala ou pelo silêncio, pelo instante ou pela necessidade do contato face a face (1997). Ao redigir uma carta, é possível levar o pensamento onde o corpo não pode ir e a voz não alcança, superando, assim, a barreira da distância e do espaço. As trocas de missivas podem envolver diferentes propósitos, como assuntos profissionais, administrativos, expressões de amor, amizade, laços familiares, pedidos, recomendações, conselhos, censuras, elogios, agradecimentos, compartilhamento de eventos, pensamentos, emoções ou até mesmo de simples trivialidades.

A carta, como gênero textual, possui uma estrutura básica que inclui a abertura, o corpo e o encerramento. Essas etapas de organização textual são fundamentais para sua compreensão. Na abertura e no encerramento, além de indicarem o início e o fim da correspondência, há discursos que revelam a natureza do relacionamento entre os interlocutores, o objetivo da interação e o caráter conversacional e dialógico do gênero. Já no corpo da carta ocorre a interação propriamente dita, em que, diferentemente das outras partes, não há características discursivas ou interativas que marquem o início ou o fim do diálogo.

Desde o século XIX, a “indústria da carta” passou por um desenvolvimento considerável, com a diversificação dos papéis utilizados, em variados tipos, formatos, cores e tamanhos, muitas vezes enriquecidos com monogramas ou timbres, os quais permitiam

identificar sua procedência e funcionavam como sinais de distinção (2009). A maneira como as cartas eram entregues também variava. Antes do surgimento dos correios, eram enviadas por mensageiros, parentes ou pessoas de confiança que se comprometiam a fazer as missivas chegarem ao seu destino. Com o advento dos serviços postais, grande parte da população passou a utilizar esse meio, embora alguns indivíduos, já habituados com a troca de correspondências por meio de familiares e amigos, resistissem à adoção dos correios.

Ao abordar a análise de cartas, não podemos ignorar sua materialidade, porém, o interesse vai além do suporte físico. A forma como o texto é escrito, a distribuição espacial na página, o número de folhas, as anotações adicionais — como *post scriptum* nas margens — e até a assinatura do remetente constituem uma variedade de sinais que acompanham o conteúdo da carta e enriquecem sua interpretação. Esses elementos visuais e formais desempenham um papel fundamental na compreensão da mensagem. Assim, ao tomar as epístolas como *corpus* de estudo, é imprescindível considerar os aspectos materiais desses documentos, pois eles revelam muito sobre a identidade e as intenções de quem os redigiu.

De acordo com Maciel (2021), a materialidade das cartas, como o tipo de papel, tinta e o uso de uma máquina de escrever, muitas vezes, revela a posição social, econômica e política dos remetentes e destinatários. Tais aspectos, embora à primeira vista não pareçam tão perceptíveis, podem fornecer informações valiosas sobre as condições de inscrição, transmissão e recepção das missivas, o que envolve a educação e o status socioeconômico dos envolvidos. Isso reforça que a própria habilidade de escrever e enviar cartas se constitui como um marcador social, evidenciando a origem do seu produtor (Maciel, 2021).

Nas últimas décadas, o estudo das cartas como fontes de análises sócio-histórico-linguístico-culturais ganhou relevância, inserindo-se na disciplina da epistolografia. Esta, por sua vez, abriu novos diálogos com diferentes estéticas e linguagens, permitindo o desenvolvimento de estudos literários e culturais mais amplos. Quando uma carta chega ao seu destino, “é o receptor quem irá provavelmente controlar sua preservação ou destruição” (Malatian, 2009, p. 203). Esse processo envolve várias etapas, como o ato de escrever, enviar, receber, ler, responder e, eventualmente, arquivar as cartas, mostrando que a prática epistolar vai além do simples envio e recebimento, englobando também uma complexa rede de relações sociais e culturais.

Maciel (2021) também destaca que o ato de escrever e receber cartas serve como um meio de existência e lembrança. Ao retirar um sujeito da inatividade, a prática epistolar o reintegra em um ciclo social e intelectual, preservando sua visibilidade social e sua

importância. Aqueles que não participam desse ciclo acabam sendo percebidos como invisíveis, com uma relação social fragilizada (Maciel, 2021).

Além de proporcionarem um convívio à distância, as cartas são ricas em marcas de oralidade e nas relações sociais que existem entre remetentes e destinatários. Segundo Rodrigues (2015), as cartas, especialmente as que têm um caráter teórico ou ensaístico, podem funcionar como campos experimentais para a construção estilística dos autores. Elas revelam aspectos das mudanças culturais, intelectuais e políticas da época, bem como os meandros do processo criativo (Rodrigues, 2015). Dessa forma, as cartas não apenas expressam ideias e sentimentos pessoais, mas também documentam as fases da criação literária e intelectual.

Para Moraes (2007), o estudo das cartas oferece, no mínimo, três possibilidades de análise: como testemunhos biográficos, como registros dos bastidores da vida artística e como arquivos do processo criativo de uma obra. As cartas, portanto, não apenas delineiam perfis biográficos, mas também revelam estratégias de divulgação, mudanças nas conjunturas intelectuais e o desenvolvimento de obras artísticas (Moraes, 2007).

Esse gênero epistolar, heterogêneo e multifacetado, pode ser estudado tanto sob a ótica histórica quanto literária. Como afirma Rodrigues (2003), as cartas têm duas faces: uma histórica, pois são testemunhos de um contexto específico, e uma literária, ao capturar o sujeito como enunciador de discursos históricos e culturais. A análise dessas cartas permite compreender a complexa teia de relações sociais, culturais e intelectuais dos correspondentes, bem como os contextos históricos em que suas obras foram produzidas.

A carta também se revela como um arquivo pessoal e um veículo de memória, onde o epistológrafo pode controlar o que será preservado ou esquecido. Como salienta Malatian (2009), os intelectuais que escreviam cartas frequentemente o faziam com a consciência de que seus escritos poderiam ser lidos no futuro, o que influenciava na seleção do conteúdo que desejavam preservar para a posteridade (Malatian, 2009).

Além de arquivar ideias e memórias, as cartas funcionam como documentos valiosos para a reconstituição de redes de sociabilidade, especialmente no que diz respeito aos intelectuais e escritores. As trocas epistolares revelam vínculos profissionais, familiares e sociais, e o estudo dessas correspondências pode mapear as redes de interação e circulação de ideias entre os correspondentes.

Como observa André Comte-Sponville (1997), as cartas, especialmente as de amor, servem para preservar memórias e acontecimentos que poderiam ser esquecidos com o tempo.

A fala é do instante, mas a escrita, é da duração, e é essa duração que o leitor descobre e habita ao ler uma carta (Comte-Sponville, 1997).

Os acervos de cartas de escritores e intelectuais, como o de Afrânio Peixoto, revelam muito sobre as redes de sociabilidade e o contexto cultural em que esses indivíduos estavam inseridos. A prática epistolar não apenas documenta as trocas intelectuais e as relações pessoais, mas também permite inferir sobre os bastidores da criação literária e as interações que moldaram a trajetória desses escritores ao longo do tempo.

Maciel (2021) ressalta que a prática de arquivar cartas reflete a intenção de construir uma memória, especialmente no caso de intelectuais, cujas correspondências traçam uma linearidade e coerência que muitas vezes encobrem silenciamentos e omissões (Maciel, 2021).

De acordo com Maria da Glória Bordini (2020), os arquivos são concebidos como espaços de guarda voltados à preservação física dos documentos que abrigam, o que envolve ações como higienização, acondicionamento, restauração e arquivamento. Já os acervos, segundo a mesma autora, referem-se ao conjunto de documentos — em papel ou em outros suportes — que testemunham a vida e a obra de um escritor, especialmente no campo da literatura. Nesse sentido, os acervos não apenas conservam registros, mas constituem vestígios de um processo criativo, evidências de contextos de produção e recepção, e marcas da singularidade da experiência individual que se transforma em texto (Bordini, 2020).

Os acervos de escritores são constituídos de valiosas fontes para diversos tipos de pesquisas. E as cartas são uma delas, entretanto, geralmente, não são encontradas nos acervos apenas cartas do dono do acervo, mas também cartas passivas que foram enviadas por diversos intelectuais e que podem conter assuntos delicados ou não, sendo assim, o pesquisador precisa verificar se esses remetentes possuem herdeiros para conseguir uma autorização legal para pesquisa e publicação. Tendo em vista que muitos escritores não autorizavam a publicação de suas cartas, contudo, na maioria das vezes, o destinatário, quem está com a carta em mãos, não respeitava o pedido dos remetentes e publicava as cartas mesmo sem autorização.

De acordo com Philippe Lejeune (2014, p. 292), “minhas cartas, enquanto objetos, me pertencem; as mensagens que veiculam foram destinadas a outrem, mas a propriedade intelectual do texto continua sendo minha. Só eu posso decidir publicá-las”. Nesse contexto, muitos missivistas — sobretudo os escritores — valorizavam o sigilo epistolar, desejando que o conteúdo das cartas permanecesse restrito ao remetente e ao destinatário. Considerando que a autoria intelectual do texto pertence a quem o redigiu, a publicação de uma missiva deveria ocorrer apenas mediante sua autorização. No entanto, ao longo da história, diversas cartas

foram publicadas sem o consentimento de seus autores, desrespeitando esse princípio de legitimidade sobre a divulgação do conteúdo epistolar.

Segundo Philippe Lejeune (2014, p. 292), “uma vez na caixa, a carta passa a pertencer ao destinatário. Uma vez postada, reavê-la significa roubar”. Sendo assim, quando uma carta é enviada passa a ser propriedade do destinatário, que vai decidir qual o destino que dará ao documento, se vai apenas ler e destruir, ou guardar, na maioria das vezes, deixando-as para a posteridade. Ficando assim, como patrimônio para os herdeiros. Geralmente, os que guardam cartas são pessoas letradas, que têm consciência do valor informativo que contém nas cartas.

O direito de posse de uma correspondência é um dos principais problemas referentes às fronteiras do gênero epistolar, especialmente de cartas que foram publicadas com ou sem o consentimento de uma das partes. Segundo Leandro Garcia Rodrigues,

[...] este não é o único problema que enfrentam os pesquisadores de documentos epistolares, especialmente por estarmos lidando com uma escrita complexa que flutua entre as fronteiras do público e do privado, do autobiográfico e da encenação, da verdade e da ficção, do histórico e do literário (Rodrigues, 2015, p. 223).

Entretanto, apesar dos problemas enfrentados pelos pesquisadores de documentos epistolares, a pesquisa realizada nas cartas, assim como a sua publicação é fundamental, tendo em vista que o conteúdo das missivas contribui para a compreensão de momentos e particularidades da história cultural. Contudo, quando esses debates sobre a propriedade intelectual ou material da correspondência não fica clara, é comum o pesquisador recorrer à noção de domínio público para facilitar o acesso à pesquisa e publicação de determinados arquivos e não passar pelo percurso burocrático das autorizações de herdeiros ou representantes legais do próprio titular do acervo.

No Brasil, a Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, legisla sobre os direitos autorais brasileiros. Com essa Lei de Direitos Autorais é possível o pesquisador trabalhar com um pouco mais de liberdade, sem ferir os direitos do autor, pois, para trabalhar com cartas é preciso ter cautela, visto que, há que se preservar o direito daqueles que confiaram sua documentação. “A mesma Lei 9.610 define o nosso conceito legal de domínio público: Art. 41. Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil” (Rodrigues, 2015, p. 229). Após essa data, a carta, como toda a obra de um autor, entra em domínio público.

No esforço de tornar universais determinados acervos, o estado de domínio público é o sonho de muitos pesquisadores, principalmente pelas contendas que acontecem com alguns herdeiros, que nem sempre facilitam a vida do pesquisador. Nesse contexto, sempre que possível é interessante para quem vai realizar pesquisas em acervos pedir autorização aos herdeiros do titular, ou o representante legal do respectivo titular do acervo, informando qual o objetivo da pesquisa e solicitando igualmente autorização para publicação. Tendo em vista que aquele que realiza pesquisa em cartas precisa ter consciência do direito da sociedade à informação, mas precisa entender que o cidadão tem direito à privacidade.

As cartas passivas enviadas por escritores e intelectuais portugueses a Afrânio Peixoto constituem testemunhos de grande relevância histórica e literária. Considerando que já transcorreu o prazo legal de setenta anos após a morte dos remetentes, essas missivas encontram-se em domínio público, de modo que o pesquisador tem plena legitimidade para editar e publicar essa correspondência. Nesse contexto, a entrada do documento em domínio público assegura juridicamente essa possibilidade e, sobretudo, legitima o compromisso maior da pesquisa acadêmica: preservar, interpretar e difundir conteúdos que ampliem a compreensão da história cultural, sem desprezar direitos.

2.2 EDIÇÃO DE CARTAS: QUESTÕES FILOLÓGICAS

Após a abordagem feita até o momento sobre a epistolografia, torna-se evidente a singular importância das missivas sob os pontos de vista crítico-literário, biográfico, histórico, linguístico e cultural. O estudo dos documentos epistolares não só contribui para sua preservação, como também assegura que aspectos fundamentais de uma cultura não se percam com o tempo. Além disso, promove discussões contextuais necessárias e relevantes para a contemporaneidade. Esse trabalho é realizado por meio da filologia, que, ao conduzir análises cuidadosas, busca preservar esses documentos como um legado para as futuras gerações. É graças a essa ciência que hoje temos acesso a testemunhos que desempenham um papel crucial na recuperação da história social e cultural de um povo.

Segundo Carvalho (2003, p. 44), “a filologia, enquanto crítica textual se ocupa do texto em sua existência material e histórica, bem como em sua função de testemunho documental e literário”. Essa disciplina é imprescindível para diversas áreas, pois, por meio dela, estuda-se o texto com foco em sua interpretação e preservação. Isso se evidencia, por

exemplo, ao tomar missivas como objeto de investigação, já que elas permitem não apenas o acesso à sua materialidade, mas também a aspectos que ultrapassam seus limites físicos.

A filologia mantém uma relação intrínseca e fundamental com a crítica textual. Na contemporaneidade, seu interesse, especialmente por meio da crítica genética, reside em interpretar os testemunhos, investigando como ocorreu o processo de criação e compreendendo o contexto histórico, social e dialógico em que o missivista estava inserido. Em outras palavras, a filologia visa considerar os elementos que possibilitam a edição e o estudo dos documentos, indo além de sua concretude.

Segundo Silva (2020, p. 43),

compete ao editor o papel de mobilizar os conhecimentos necessários para a edição de textos, considerando suas particularidades, tanto no campo dos estudos filológicos como em disciplinas complementares, tendo em vista as relações interdisciplinares necessárias e possíveis que atravessam as pesquisas na área de filologia.

Esse papel do editor filológico é essencial, pois ele se torna o mediador entre o texto e seus leitores, utilizando um olhar que vai além da materialidade do texto, abarcando também as nuances históricas, sociais e culturais que o constituem. A interdisciplinaridade mencionada por Silva (2020) reforça a ideia de que a filologia não pode operar isoladamente, já que o texto dialoga com uma multiplicidade de contextos e tradições, exigindo, assim, uma abordagem integrada que envolva a crítica textual, a história literária, a linguística e outros campos correlatos.

Ao lidar com documentos epistolares, os pesquisadores se deparam com uma forma de escrita complexa, que transita entre os limites do público e do privado, da verdade e da ficção, do autobiográfico e da encenação, e entre o histórico e o literário. Esse caráter híbrido das missivas amplia suas possibilidades de análise, permitindo que, muitas vezes, esclareçam aspectos da obra de um autor ou revelem detalhes inéditos sobre seu processo criativo. A crítica epistolar, como destaca a literatura especializada, oferece uma vasta área de investigação (2010), proporcionando estudos fundamentais para a compreensão de questões contemporâneas a partir da leitura das epístolas. Conforme sugerido por Deleuze e Guattari (2003, p. 59), “as cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha”, sugerindo que uma única missiva pode abranger uma multiplicidade de temas, conectando-se a várias outras dimensões do conhecimento e auxiliando na compreensão de diferentes eventos e realidades.

No contexto acadêmico, as correspondências epistolares são valorizadas como objetos de pesquisa por permitirem análises de natureza histórica, biográfica e linguística. Elas

oferecem uma janela para as referências contextuais da época em que foram escritas, ao mesmo tempo em que revelam a formação discursiva dos interlocutores envolvidos. Cada epístola é única, e suas diferenças estilísticas e contextuais são influenciadas diretamente pelo momento histórico e pelas circunstâncias pessoais dos autores, o que exige do editor um trabalho minucioso de análise comparativa e contextual.

No processo de preservação desses documentos, é importante considerar os efeitos do tempo sobre o material escrito. Cambraia (2005) explica que os textos estão sujeitos a alterações exógenas, causadas por fatores externos, como a deterioração física, e também a mudanças endógenas, que podem ocorrer por intervenções do próprio autor ou de outros indivíduos. Essas modificações são aspectos centrais para a edição crítica dos textos, pois influenciam diretamente a integridade do material e a forma como ele será preservado e transmitido às gerações futuras.

A filologia, enquanto campo de estudo, desempenha um papel crucial nesse processo de preservação e análise textual. O trabalho filológico permite não apenas a recuperação de textos históricos, mas também a compreensão de seu contexto cultural e histórico, garantindo que eles sejam preservados de forma autêntica e acessíveis como testemunhos fidedignos de uma determinada época. Santiago *et al.* (2019) reforçam a importância desse trabalho ao afirmarem que,

ao estudar e editar um documento, o filólogo deve mapear o maior número possível de relações semióticas entre este e os demais textos com os quais dialoga, pois estas se mostram indispensáveis para que o leitor/usuário possa compreender determinados contextos que lhe são exigidos pelo texto (Santiago *et al.*, 2019, p. 114).

A intertextualidade mencionada aqui é fundamental, pois o sentido de um texto epistolar, ou qualquer outro, muitas vezes só pode ser plenamente compreendido quando relacionado a outros textos e ao seu contexto sociocultural.

Essa complexa rede de significados torna a edição crítica uma tarefa que exige rigor e sensibilidade do filólogo, uma vez que ele deve identificar os múltiplos sentidos presentes no texto, analisando seus códigos contextuais, bem como os fatores históricos, culturais e sociais envolvidos em sua produção, circulação e recepção. Como observa Rosa Santos (2018),

a filologia, em nossa prática editorial, realiza-se como um procedimento hermenêutico, dialógico e político para a leitura de textos, e como forma de colocar em circulação distintas geografias culturais no que tange às edições de textos no mundo contemporâneo, levando-se em conta, sobretudo, o leitor

(aquele a quem dirigimos a edição) e o leitor crítico (o filólogo-editor) do século XXI, proporcionando a difusão de textos e novas orientações de leitura (Santos, 2018, p. 494).

Aqui, a filologia é vista não apenas como uma ciência técnica, mas como uma prática política e cultural, que visa democratizar o acesso aos textos e oferecer novas perspectivas de interpretação.

Nesse sentido, o trabalho do filólogo-editor é duplo: ele deve realizar uma leitura atenta, contextualizada e crítica dos textos, tanto antigos quanto modernos, e ao mesmo tempo considerar as necessidades e expectativas do leitor contemporâneo. A produção de sentido de um texto depende essencialmente do contexto em que ele é lido, e é responsabilidade do editor garantir que esse contexto seja preservado e compreendido, de modo a possibilitar novas leituras e interpretações. Ao difundir esses textos e promover novas orientações de leitura, o filólogo não apenas preserva o patrimônio textual, mas também contribui para a construção de novas geografias culturais e interpretações críticas.

De acordo com Alves e Ximenes (2019),

[...] entendemos que, quando se trata da leitura do texto antigo, o filólogo precisa articular todos os elementos constituintes do sistema complexo de leitura com ainda o agravante do distanciamento contextual em que ele, leitor, encontra-se com relação ao contexto de produção do texto (Alves; Ximenes, 2019, p. 40).

O trabalho do filólogo sempre será crítico, pois, ele deve levar em consideração todos os elementos que constituem o processo complexo de leitura, como, por exemplo, descrever os textos, levando em consideração a sua materialidade, as práticas culturais, analisando e fazendo inferências para a construção da história das obras, dos textos, etc. Outro aspecto a ser considerado durante o estudo do documento é o distanciamento contextual em que o filólogo se encontra em relação ao contexto que determinado texto foi escrito.

A filologia realizada a partir do exercício da crítica não se limita apenas na edição de textos para disponibilização para estudos de outros especialistas, mas sim, interpretando e explorando de maneira contextual, histórica e política o texto que será editado. Segundo Alves e Ximenes (2019, p. 40) “[...] o filólogo é capaz de fazer inferências, levantar informações e interpretar marcas deixadas por nossos antepassados, preservando essas fontes de informações materiais e culturais de um determinado povo em dada época e lugar”.

A edição filológica dos textos por meio da Crítica Textual sempre considerará além dos aspectos materiais, palpáveis, os elementos imateriais e contextuais, permitindo a realização de análises a partir do conteúdo do texto e a realização de inferências, visto que,

[...] quaisquer que sejam as edições, fac-similares, críticas, crítico-genéticas, interpretativas, genéticas, sinópticas, o trabalho do filólogo se fará sempre crítico no sentido de examinar as tradições textuais, descrever os textos em sua materialidade, construir a história dos textos, das obras e das práticas culturais, analisar o processo de criação, propor soluções para a publicação e a divulgação do texto (Borges; Fagundes; Souza, 2012, p. 522).

Dessa forma, o estudo do filólogo possibilita, além da conservação de materiais fundamentais para a conservação da cultura de um povo, a perpetuação desses textos com novas possibilidades de leitura, tendo em vista que a sua interpretação é realizada levando em consideração as questões culturais, sociais, políticas, entre outras, envoltas no contexto histórico em que foram produzidas. Nesse sentido, a filologia se configura como uma ferramenta na luta contra o esquecimento e na compreensão das experiências e das vivências de um povo, por meio da sua história, da sua cultura, etc.

Conforme Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza,

em síntese, o trabalho filológico é o resultado das ações de ler, interpretar e editar textos. Cada situação textual, porém, exige procedimentos diferentes para a edição do texto. Informações contextuais e paratextuais oferecem ao investigador instrumentos hermenêuticos adequados, e, nesse terreno, o estudo do processo de criação faz-se relevante, considerando a tradição textual, característica das obras literárias modernas e contemporâneas, que envolve, entre o manuscrito e o texto publicado, impresso ou eletrônico, re-escrituras e re-elaborações constantes (Borges e Souza, 2012, p. 27).

Nesse sentido, para a edição de missivas é fundamental a escolha de uma abordagem filológica pragmática que lida com o texto como artefato cultural complexo, ou seja, uma filologia crítica voltada para a interpretação, direcionada para a sociologia do texto, e que possibilita discutir o papel político do editor. Segundo Patrício Nunes Barreiros “os documentos são gerados em circunstâncias específicas que determinam a sua materialidade, seu status de prova jurídica e histórica, mas também de produto histórico, social e cultural” (Barreiros, 2017, p. 399). Nesse sentido, entende-se que o texto escrito é testemunho da experiência humana, assim sendo é imprescindível uma interpretação histórica desde o primeiro momento de sua existência.

A análise de fontes é essencial para a realização do trabalho filológico, pois materiais como críticas, comentários, citações e traduções são fundamentais para enriquecer a leitura e compreensão da missiva a ser editada. O que possibilita a identificação de cada edição é observar se o grau de mediação do editor será maior ou menor na intervenção do texto que se pretende editar, o que permite constatar que toda edição é crítica dada à mediação do filólogo no texto.

A edição fac-similar com a reprodução fotográfica, digital, por meio de *scanner* e mesa digitalizadora gráfica de imagem ou sinal analógico garante à conservação e preservação dos textos trabalhados e também os torna acessíveis a outros pesquisadores. Embora seja o tipo de edição que reproduz o texto de forma mais aproximada, mesmo assim encontra-se, nela, intervenção do editor, que por meio da edição manipula a captura da imagem e a apresentação. A edição fac-similar tem como função também, no campo da Crítica Genética ou Crítica de Processo, dar a conhecer o manuscrito na sua forma autêntica.

Com a edição fac-similar, os leitores conseguem perceber as características dos manuscritos, como, por exemplo, as rasuras, emendas, interrupções dentre outros aspectos que compõem a sua materialidade, assim como após o filólogo decifrar, na medida do possível, com a edição, semidiplomática as rasuras, emendas, cancelamentos e acréscimos será possível realizar a leitura dos textos das missivas. A edição semidiplomática está entre a interpretativa e a diplomática, pois a sua prática é distinta pela influência menos interventiva que a interpretativa e mais interventiva que a diplomática. Normalmente, efetua-se pela intervenção do editor na finalidade de desenvolver as abreviaturas.

Segundo Santiago *et al.* (2017, p. 32), a edição fac-similar é “[...] a que se mais assemelha ao texto original e ser utilizada como base para outras edições, sem que seja necessário recorrer sempre ao original para consultas, e, assim, preservá-lo”. Já na edição semidiplomática durante o processo de edição é feita a transcrição do texto mantendo todas as suas características e o editor faz apenas algumas intervenções sutis. (Santos, 2020). Temos também a edição interpretativa em que é possível realizar a atualização ortográfica, o desenvolvimento de abreviaturas, notas filológicas, notas linguísticas e/ou históricas, facilitando a leitura e compreensão das cartas para os indivíduos que não estão habituados a lidar com símbolos e operadores genéticos, ou seja, trata-se de uma edição destinada a um público de não-especialistas. Para a edição das cartas passivas de Afrânio Peixoto, enviadas por escritores portugueses, foram adotadas três modalidades editoriais: a edição fac-similar, a transcrição genética organizada em formato justalinear e a edição interpretativa. Dessa forma, esta dissertação propõe a realização de uma edição genética, que contempla tanto os aspectos

materiais quanto os processuais do documento, articulando diferentes níveis de leitura e análise.

Segundo Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza,

Este tipo de edição inscreve-se no trabalho da Filologia como instrumento para ler e conhecer o processo de escritura, com o propósito de **editar** criticamente textos, e enfoque na gênese textual. A edição genética, proposta no âmbito dos estudos da Crítica Genética, não tem a intenção de publicar o texto (produto), mas os manuscritos, pondo em evidência o trabalho do escritor (processo), realizando-se transcrições diversas: diplomática, linearizada ou mista (semidiplomática) (Borges e Souza, 2012, p. 33-34).

A edição genética, que envolve diferentes tipos de transcrição — fac-similar, semidiplomática e interpretativa —, desempenha um papel fundamental na publicação, preservação e divulgação de documentos, possibilitando sua utilização em pesquisas de diversas áreas.

Às cinquenta e seis cartas enviadas por escritores e intelectuais portugueses ao renomado Afrânio Peixoto serão reproduzidas em fac-símile e organizadas de forma justalinear. À esquerda, será apresentada a edição fac-similar, preservando a materialidade original do documento, e à direita, a transcrição genética, que mantém a grafia e a disposição do texto com adaptações mínimas para facilitar a leitura. Por fim, será elaborada uma edição interpretativa, seguindo os critérios editoriais do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), garantindo uma versão acessível e crítica dos textos.

A edição apresentada também segue as diretrizes da Equipe de Edição das Obras de Eulálio Motta, com ênfase nos critérios para a edição de cartas. Nesse contexto, destacam-se as edições dos rascunhos de cartas realizadas por Sabrina de Santana Silva (2020) e Sthephanne da Cruz Santiago (2021).

3 AFRÂNIO PEIXOTO E SEUS CORRESPONDENTES PORTUGUESES

Nesta seção, apresenta-se uma breve discussão sobre a vida e a obra do intelectual Afrânio Peixoto, seguida de uma contextualização de seu acervo pessoal e das cartas que constituem o objeto desta dissertação. Por meio dessas missivas, buscamos evidenciar a relação que Peixoto manteve com escritores e intelectuais portugueses, destacando o intercâmbio de ideias entre Brasil e Portugal na primeira metade do século XX, no qual ele atuou como intermediador desse diálogo intelectual.

Como mencionado na introdução, Júlio Afrânio Peixoto cresceu no interior da Bahia e posteriormente mudou-se para Salvador, onde recebeu sua formação intelectual. Em 1885, sua família mudou-se para Canavieiras, no sul da Bahia, onde retomou os estudos primários, iniciados em Lençóis sob a orientação da professora Maria da Purificação, uma grande incentivadora de sua educação. Em 1890, foi transferido para Salvador e ingressou no renomado Colégio Florêncio, dirigido por Manuel Florêncio do Espírito Santo. Aos 16 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia.

Concluiu o curso em 1897 com notas excelentes, destacando-se entre os discentes de sua geração. Sua tese de conclusão, intitulada *Epilepsia e Crime*, foi bem recebida e elogiada por seus dois grandes mestres, Nina Rodrigues e Juliano Moreira, por quem Afrânio manteve profunda admiração ao longo da vida.

Nos anos de 1898 e 1899, reeditou sua tese de doutoramento, agora com apresentações de Juliano Moreira e Nina Rodrigues. Nesse período, viajou pelo interior da Bahia, Minas Gerais e São Paulo, dedicando-se à prática clínica. Em 1900, retornou a Salvador para concorrer ao cargo de preparador de Medicina Legal na Faculdade de Medicina. Foi também nesse ano que estreou na literatura com a publicação de *Rosa Mística*, obra inserida no contexto do simbolismo. No entanto, o próprio autor renegou esse trabalho e logo abandonou suas incursões na literatura.

Em 1901, foi nomeado professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito da Bahia. No ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde obteve seu primeiro vínculo na capital federal como inspetor de Saúde Pública. Posteriormente, foi convidado por seu amigo e mentor Juliano Moreira para integrar a diretoria do Hospital Nacional de Alienados.

Com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos em sua área de especialização, Afrânio viajou por diversos países da Europa. Durante esse período, tomou posse na Academia Nacional de Medicina e passou a atuar como médico e diretor do Hospício Nacional de Alienados. Em suas viagens, percorreu a França, Inglaterra, Bélgica, Holanda,

Alemanha, Suíça, Áustria, Itália, Espanha e Portugal, realizando um estágio no Instituto Pasteur de Paris e frequentando institutos médico-legais nas cidades que visitou.

Em 1906, foi aprovado no concurso para a Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tornando-se professor titular. No ano seguinte, assumiu a direção do Serviço Médico-Legal do Rio de Janeiro, órgão que reformou significativamente, assim como o sistema de perícia médico-legal no Brasil. Em 1910, publicou *Elementos de Medicina Legal*, obra que, ao longo de sucessivas edições, tornou-se o livro científico mais difundido no Brasil. Entre 1910 e 1911, realizou uma extensa viagem por diversos países, incluindo Itália, Grécia, Egito, Palestina, Síria, Ásia Menor, Turquia, Romênia, Hungria e regiões da Europa Central. Também em 1910, foi eleito para a cadeira n.º 7 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Euclides da Cunha, por iniciativa de Mário de Alencar. Sua posse ocorreu em 15 de agosto. Nesse período, iniciou a escrita do romance *A Esfinge*, publicado em 1911, que alcançou grande sucesso de crítica e de público, consolidando seu nome entre os principais ficcionistas brasileiros.

No dia 8 de janeiro de 1912 casou-se com Francisca de Faria, cujo apelido era Chiquita, filha do escritor Alberto de Faria. Eles se conheceram em viagem para a Europa, ela tinha 16 anos e ele 36. Depois do casamento fez nova viagem à Europa. Foi Professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, não precisou passar pelo concurso, pois teve seu nome indicado por unanimidade da Congregação, visto que, o dispositivo legal permitia a seleção de candidato que tivesse uma obra de distinto saber. Publicou *Elementos de Higiene* em 1913, cujo texto, depois, foi ampliado em dois volumes e se transformou em um Tratado. No ano de 1914, foi publicado o seu romance dos cacauais do sul da Bahia: *Maria Bonita*. Assumiu a Direção da Escola Normal do Rio de Janeiro, a Direção da Instrução Pública do Distrito Federal, cargo que atualmente corresponde ao de Secretário de Educação e Cultura. Posteriormente lançou o *Psico-Patologia Forense e Minha terra e minha gente*. E assumiu, em caráter efetivo, a cátedra de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro após a aposentadoria do Professor Rocha Faria.

Afrânio Peixoto foi responsável por realizar na Faculdade de Medicina, o primeiro curso de especialização das disciplinas de que era professor, Medicina Legal e Higiene, com programa igual aos dos cursos periciais e sanitários que frequentou em Berlim, Viena e Paris. Publicou *Poeira da Estrada* em 1917 e ocupou a tribuna da Academia Nacional de Medicina focalizando os problemas médico-sociais que interessavam a coletividade. Aconteceu em 1919 a sua posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a saudação, em nome da Academia Brasileira de Letras, ao Dr. Aloysio de Castro, que foi eleito para a vaga de

Oswaldo Cruz, a quem também saudara, em 1913, quando da sua posse naquela casa de cultura, e publicou *Trovas brasileiras*.

Lançou *Fruta do Mato* e *Parábolas*, em 1920, e um ano depois publicou as *Obras Completas de Castro Alves*, e a edição comemorativa do cinquentenário da morte do poeta. No ano seguinte, publicou *Bugrinha* e *Castro Alves, o poeta e o poema*. A cidade de Lençóis-BA foi pano de fundo do romance *Bugrinha* (1922) e das inesquecíveis páginas de *O Barro Branco*, em *A Esfinge* (1911). Assim como canavieiras foi cenário dos romances: *Maria Bonita* (1914), e *Fruta do Mato* (1920). Segundo Fernando Sales (1987, p. 110), “como ficcionista, deixou Afrânio uma obra romanesca, entremeada de contos e novelas, que lhe assegurou o que muito autor, nos dias de hoje, gostaria de ter: sucesso de crítica e de livraria”.

Afrânio Peixoto presidiu a Academia Brasileira de Letras e, durante sua gestão, o governo da França doou um edifício para sediar a instituição. O prédio, que, originalmente, abrigou o pavilhão francês na Exposição Mundial de 1922, realizada em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, tornou-se a nova sede da Academia. Como presidente da ABL, Afrânio Peixoto idealizou a série de publicações da instituição.

Foi eleito Deputado Federal pela Bahia, em 1924, e permaneceu no Congresso Nacional até 1930. GANHOU o título de *Doutor honoris causa pela Universidade de Lisboa*, criou a *Cadeira de Estudos Camonianos na Universidade de Lisboa* e fundou em Canavieiras, o Clube Caixeral Afrânio Peixoto.

Figura 01 – Afrânio Peixoto recebendo o título de doutor *honoris causa*



Fonte: Ribeiro, 1950, s.p.

Afrânio Peixoto era amplamente respeitado e estimado em Lisboa, sendo visto como um “português do Brasil” e um “brasileiro de Portugal”. No Brasil, representava opiniões, doutrinas, atitudes e obras que o destacavam como grande conhecedor da história de Portugal, reconhecido pelos portugueses como um conferencista de prestígio internacional, além de professor ilustre e intelectual. Seus romances, estudos camonianos, contos, crônicas e ensaios eram lidos com grande interesse em Portugal. De acordo com Fernando Sales (1987),

como homem de letras, Afrânio Peixoto foi dos mais perfeitos, sem nenhuma dúvida, o mais perfeito de sua época. Onde quer que estivesse, na Europa, na América, na Ásia ou na África estaria honrando o seu país: nos congressos, simpósios, encontros, seminários ou qualquer outro nome que hoje queiram dar a esse tipo de reunião que em seu tempo era mais conhecido por conferência, Afrânio Peixoto, com o cascadeante e sonoro poder verbal que era um dos seus muitos dons, eletrizava assembléias, polarizava as atenções. Assim foi em Portugal, como nos Estados Unidos; na Argentina, como, na Alemanha; na França, como no Egito, por toda parte por onde se projetasse seu vulto dimensional (Sales, 1987, p. 110).

Afrânio Peixoto foi professor de História da Educação no Instituto de Educação do então Distrito Federal. Realizou a organização e direção do primeiro Curso de Criminologia realizado no Brasil, na Faculdade de Direito, nos padrões pós-universitários do Curso de Medicina Pública de 1917-1918. Fez uma viagem aos Estados Unidos, tornou-se Reitor da Universidade do Distrito Federal e recusou figurar na chapa de deputados federais pela Bahia à Assembleia Nacional Constituinte.

A obra *As Razões do Coração* foi publicada em 1925, mesmo ano em que a vila de Estiva, no município de Lençóis, passou a chamar-se Afrânio Peixoto em sua homenagem.

Em 1928, lançou o romance *Uma Mulher como as Outras*, com uma tiragem de 10.000 exemplares, e publicou *Ramo de Louro*, além de ser reeleito Deputado Federal. No ano seguinte, publicou *Sinhazinha* e recusou o convite do senador Pedro Francisco Rodrigues do Lago, então governador eleito da Bahia, para assumir o cargo de Secretário do Governo.

Em 1930, lançou *Tristão & Iseu* e visitou Canavieiras. Nesse período, o acadêmico Fernando de Magalhães propôs que a *Biblioteca de Cultura Nacional*, da Academia Brasileira de Letras, passasse a chamar-se *Coleção Afrânio Peixoto*, em reconhecimento ao seu fundador.

No ano seguinte, publicou *Miçangas*, *Marta e Maria*, *Noções de História da Literatura Nacional* e *Viagem Sentimental*, ampliando ainda mais sua contribuição para a literatura brasileira.

Afrânio Peixoto foi um intelectual de grande influência, mantendo contato com diversas figuras importantes de sua geração, incluindo inúmeros escritores e pensadores portugueses. Um marco significativo em sua trajetória foi a criação do Instituto de Estudos Portugueses (Portugal-Brasil e Países de Fala Portuguesa), no Liceu Literário Português, iniciativa que teve grande impacto na vida cultural portuguesa no Brasil.

A inauguração do Instituto contou com a presença de nomes ilustres, entre eles o embaixador de Portugal na época, Martinho Nobre de Mello, e o professor Pedro Calmon, responsável pela lição inaugural. Ao longo do ano, personalidades como os embaixadores Nobre de Mello e Macedo Soares, o almirante Gago Coutinho, Jaime Cortesão, Tristão de Athayde, Lins Camillo, Afonso Arinos, Visconde de Carnaxide, Serafim Leite, Souza da Silveira, Rodrigo de Mello, Franco de Andrade, Afonso Pena Júnior, Clóvis Monteiro, Ivan Lins, padre Arlindo Vieira e Fidelino de Figueiredo, entre outros, contribuíram ativamente para as atividades do Instituto, reunindo a elite intelectual do Brasil e de Portugal.

Segundo o próprio Afrânio Peixoto, o Instituto de Estudos Portugueses representava um novo elo entre os dois maiores países lusófonos, Portugal e Brasil. A importância da iniciativa foi reforçada pelo apoio do comendador José Gomes Lopes, que destinou uma verba especial para acelerar o funcionamento do Instituto, inicialmente previsto para começar suas atividades no ano seguinte, quando os bônus de guerra começariam a render juros.

Além de sua atuação acadêmica e cultural, Afrânio Peixoto teve papel de destaque no cenário internacional. Foi convidado de honra do governo argentino para participar do Congresso Internacional do Pen-Clube em Buenos Aires, onde atuou como orador oficial na cerimônia de abertura. Em 1937, publicou *A Educação da Mulher* e foi homenageado com um Jubileu Científico, que contou com diversas comemorações. No ano seguinte, lançou *Clima e Saúde e Viagens na Minha Terra*.

Em 1939, assumiu a direção da coleção *Livros do Brasil*, da Companhia Editora Nacional, e realizou novas viagens internacionais, visitando Portugal, Japão e Estados Unidos, ampliando ainda mais sua influência no meio intelectual.

Recebeu o convite para participar das comemorações da Restauração Portuguesa, em Lisboa, e não aceitou. Publicou *Panorama da Literatura Brasileira, Pequena História das Américas, História do Brasil, Maias e Esteves*, em 1940. Em fevereiro de 1941, Afrânio Peixoto foi a Lençóis, em companhia de Luís Vianna Filho e Wanderley de Pinho, rever sua cidade, a inesquecível Lençóis de sua infância, depois de 56 anos, a sua terra natal não esquecera o glorioso escritor. A cidade de Lençóis já havia feito muitas manifestações de afeto, como, por exemplo, o seu nome, que além de uma rua no centro da cidade, passou a se

constituir núcleo populacional do município também, visto que, a ex-Vila da Estiva passara a ser Afrânio Peixoto.

José Júlio (Juca), seu único filho, morreu em 1942 aos dezoito anos. Nesse mesmo ano, o escritor baiano publica *Pepitas*, *Amor Sagrado*; *Amor Profano* e *Paranóia*. A obra *A Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro* foi publicada em 1943. E a coleção *Vinte e Cinco Obras Literárias* foi publicada um ano após a sua morte. Em 1945, com a redemocratização do país, AP recusou a aceitar a indicação de seu nome para interventor Federal em seu Estado para compor a chapa de deputados federais pela Bahia, recusou também o cargo de Ministro da Educação e Saúde no Governo Eurico Dutra.

As obras *Breviário da Bahia* e *Livro de Horas* foram publicadas e homenageiam a terra natal do escritor baiano, uma característica sempre presente em todas as suas obras e em toda sua vida. Por iniciativa do Liceu Literário Português inaugurou-se, em 1959, os jardins da Glória, no Rio de Janeiro, um busto em sua homenagem. Inauguraram também, em Vitória da Conquista, na Bahia, no ano de 1966, um hospital com seu nome.

Com êxito de crítica e prestígio popular, poucos escritores se igualaram na época a Afrânio Peixoto, que veio a óbito em 12 de janeiro de 1947 em sua residência à Rua Paissandu no Rio de Janeiro. Recebendo a extrema-unção do Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, o enterro, que teve grande acompanhamento, saiu da Academia Brasileira de Letras, que a ele dedicou às homenagens devidas. O Presidente João Neves da Fontoura pronunciou o discurso de despedida, falaram também ao lado do túmulo, o Acadêmico Pedro Calmon e o representante da cidade de Lençóis, Sr. Manuel Athayde de Carvalho.

De acordo com Fernando Sales (1987),

Mas, quer como poeta ou teatrólogo, romancista ou contista, ensaísta ou historiador literário, bibliografo ou sociólogo; biografo ou historiador puro e simplesmente, Afrânio Peixoto a qualquer dessas diversificações simplesmente, Afrânio Peixoto a quantia convém não esquecermos que Afrânio era ambidestro nasceu em terras de mineração de diamantes e não escrevia à pena máquina, imprimindo-lhe um estilo próprio, pessoal, marcadamente originalíssimo. Não imitou, foi imitado: não sofreu influencias, influenciou (Sales, 1987, p. 110).

Em 1970, o Governador Luís Vianna Filho dá o nome de seu eminente conterrâneo a maior avenida da cidade de Salvador, foi inaugurada também em 17 de dezembro, na cidade de Lençóis, enquanto aconteciam as comemorações da *Primeira Semana Afrânio Peixoto*, com o apoio do Conselho Federal de Cultura, do Governo do Estado da Bahia e da Prefeitura Municipal de Lençóis *A Casa de Cultura Afrânio Peixoto*, que foi idealizada e organizada por

Fernando Sales, agrupando precioso acervo bibliográfico e documental, e peças de uso pessoal do escritor, que foram doadas à municipalidade, por sua viúva a Sra. Francisca de Faria Peixoto.

Inaugurou-se, a nove de janeiro de 1971, em Viana do Castelo, Portugal, a Biblioteca Afrânio Peixoto, membro de uma rede de bibliotecas brasileiras naquele país, organizada e coordenada por Fernando Sales, com o auxílio da Biblioteca Nacional e do Departamento Cultural do Itamaraty. Em 1972, aconteceu o lançamento da 10ª edição de *Bugrinha*, organizada por Fernando Sales, em comemoração ao cinquentenário de publicação do romance.

No centenário de nascimento do escritor em 1976, aconteceram grandes comemorações, entre elas a da *Sociedade dos Escritores Médicos do Brasil* que promoveu um simpósio, realizado entre 24 e 27 de março, no Rio de Janeiro, com a finalidade de debater os principais aspectos da obra científica e literária de AP; o Liceu Literário Português organizou um curso sobre a vida e a obra do criador do seu *Centro de Estudos*, de que é patrono, falando sobre os diversos ângulos de sua personalidade, os intelectuais Pedro Calmon, Josué Montello, Deolindo Couto, Luís Viana Filho, Marcelo Caetano e Fernando Sales foram os responsáveis por esse momento. No *I Encontro Nacional de Cultura*, que aconteceu em Salvador, de 5 a 9 de julho, o Conselho Federal de Cultura patrocinou uma sessão especial, que tinha lugar na *Biblioteca Central do Estado*, falou em nome daquele Colegiado o Conselheiro Deolindo Couto, e em nome da *Academia de Letras da Bahia* o Professor Estácio de Lima; durante o Encontro foi inaugurada a exposição *Afrânio Peixoto e sua Terra Natal*, organizada por Valéria Sales Hallai. Por feito do governador Faria Lima, o Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro passou a denominação de Instituto Afrânio Peixoto.

A Biblioteca Nacional inaugurou a *Exposição Afrânio Peixoto* com peças permanentes de seu acervo, o acadêmico Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras realizou um discurso na ocasião. O Instituto Nacional do Livro promoveu, em coedição, o relançamento de várias obras do grande escritor baiano, e adotou o seu nome como tema, do concurso estudantil que mantinha anualmente.

A personalidade do escritor baiano Afrânio Peixoto foi moldada pelos ciclos do diamante e do cacau. As viagens realizadas por Afrânio e os períodos de sua infância e adolescência, vividos no interior do estado, imprimiram em seu espírito os tipos humanos, as paisagens e os costumes que mais tarde seriam refletidos em seus romances. Ao observar sua obra, torna-se evidente que o autor preservou em sua alma as impressões captadas com os olhos de menino e adolescente em Lençóis, no Jacarandá e em Canavieiras. Afrânio guardou

em sua memória os hábitos das pessoas simples e o culto às tradições, transmitidas de geração em geração, dos avós para os pais, e destes para os filhos. As noites enluaradas da infância, passadas na Chapada Diamantina e às margens do Rio Pardo, foram transpostas para seus romances, conferindo-lhes cenários ricos em nuances folclóricas (Sales, 1987).

3.1 CORRESPONDENTES PORTUGUESES

As cartas presentes no acervo de Afrânio Peixoto destacam-se não apenas pelo volume expressivo, mas, sobretudo, pela inestimável relevância histórica que representam. Afrânio Peixoto foi um intelectual multifacetado, com uma atuação marcante nas áreas científica, política, literária e cultural, tanto no Brasil quanto no exterior. Ao longo de sua vida, manteve correspondência com figuras de destaque em diversos campos do saber, como escritores, políticos, cientistas e artistas, formando uma verdadeira rede de interlocução que reflete o dinamismo de sua trajetória.

Essas cartas trazem à tona não apenas relatos pessoais e profissionais, mas também detalhes significativos sobre os contextos histórico, social e cultural em que Peixoto esteve inserido. Por meio dessas correspondências, é possível acessar debates científicos da época, discussões sobre literatura e cultura nacional, bem como reflexões sobre os desafios políticos enfrentados pelo Brasil e pelo mundo. Além disso, as cartas oferecem um olhar íntimo sobre os bastidores das relações humanas e institucionais, revelando histórias que vão desde o compartilhamento de ideias e projetos até a troca de confidências pessoais.

Assim, o acervo epistolar de Afrânio Peixoto constitui uma fonte primária de grande valor para pesquisadores interessados em compreender não apenas a figura multifacetada do escritor, mas também os contextos e transformações de sua época. Essa correspondência enriquece o entendimento das conexões culturais e intelectuais estabelecidas no Brasil e além de suas fronteiras, revelando aspectos que contribuem para a preservação da memória e para os estudos sobre o período.

A correspondência, além de seu papel como registro histórico, servia como uma ferramenta essencial para a manutenção de diálogos em um ambiente marcado por distâncias físicas e pela dificuldade de encontros presenciais. Nesse contexto, as cartas eram o principal meio de comunicação entre intelectuais e escritores, que as utilizavam não apenas para tratar de questões profissionais, como publicações e obras em andamento, mas também para abordar temas pessoais, familiares e de saúde.

Afrânio Peixoto, reconhecido como um amigo ilustre de Portugal e um intelectual de múltiplos interesses, transitava por diversas áreas do conhecimento, constantemente ampliando seus horizontes por meio de viagens. Essa postura cosmopolita refletia-se em uma ampla rede de correspondência, que incluía um significativo volume de cartas provenientes do exterior. O acervo epistolar de Peixoto guarda preciosidades, como missivas enviadas por destacados missivistas portugueses, entre os quais Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Fidelino de Figueiredo, José Maria Rodrigues e Manoel de Sousa Pinto.

Dessas correspondências, foram selecionadas cinquenta e seis cartas, que não apenas testemunham o intercâmbio cultural e intelectual entre Brasil e Portugal, mas também revelam o papel de Afrânio Peixoto como elo entre os mundos literário e científico dos dois países. Essas cartas oferecem *insights* sobre as trocas de ideias, colaborações e debates que marcaram sua trajetória, reforçando sua relevância como figura central nas redes intelectuais de seu tempo.

Quadro 01 – Correspondentes portugueses de Afrânio Peixoto

REMETENTES	CARTAS
Afonso Lopes Vieira	14
Agostinho de Campos	7
Fidelino de Figueiredo	16
José Maria Rodrigues	7
Manoel de Sousa Pinto	12
	Total: 56 missivas

Fonte: Elaborado pela autora.

Afonso Lopes Vieira (1878-1946), natural de Leiria, foi um dos mais influentes poetas e prosadores portugueses do início do século XX. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Vieira atuou brevemente como advogado antes de se dedicar exclusivamente à literatura a partir de 1916. Sua carreira foi marcada por um forte compromisso com a divulgação e valorização dos clássicos da literatura portuguesa, assumindo a missão de tornar esses autores acessíveis e relevantes para o contexto moderno. Seu nacionalismo cultural baseava-se na ideia de “reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu”, buscando resgatar os valores culturais e espirituais do país, enquanto se opunha ao regime autoritário resultante do golpe militar de 1926.

Afonso Lopes Vieira destacou-se como poeta, tradutor, adaptador e animador cultural. Foi um defensor da tradição literária portuguesa, mas ao mesmo tempo, promovia o intercâmbio cultural com outras nações europeias. Ele viajou por países como Espanha, França, Itália, Bélgica, Norte de África e Brasil, ampliando sua visão de mundo e sua influência intelectual. Em suas viagens, estabeleceu diálogos com intelectuais de várias partes do mundo, o que o consolidou como um importante conferencista e um dos maiores promotores da cultura portuguesa fora de suas fronteiras.

A relação de Afonso Lopes Vieira com Afrânio Peixoto é um exemplo claro de como a correspondência epistolar transcendeu barreiras geográficas, aproximando dois pensadores que partilhavam o amor pelas letras e pela cultura luso-brasileira. Vieira e Peixoto trocaram cartas que revelam não apenas suas discussões sobre questões literárias, mas também uma afinidade pessoal. Através dessas missivas, percebemos o respeito mútuo e o reconhecimento das contribuições de cada um para suas respectivas tradições literárias. Vieira, com seu forte nacionalismo literário, admirava o trabalho de Peixoto em promover a língua e a literatura portuguesa no Brasil, além de valorizar suas contribuições para a filologia e a história literária.

Essa correspondência evidenciava a troca¹ de ideias sobre publicações e atividades literárias e uma preocupação com o futuro da cultura luso-brasileira em um período marcado por tensões políticas e culturais. Vieira, em suas cartas, expressava sua esperança de que o Brasil, sob a liderança intelectual de figuras como Peixoto, pudesse preservar e renovar os laços culturais com Portugal, algo que ele considerava fundamental para a identidade dos dois países. A admiração mútua entre os dois escritores era evidente e permeava não apenas o campo literário, mas também as questões socioculturais que envolviam a lusofonia no contexto do século XX.

Assim, a correspondência entre Afonso Lopes Vieira e Afrânio Peixoto é mais do que uma simples troca de cartas entre escritores; ela representa um testemunho da rica rede intelectual que unia Portugal e Brasil e da importância de preservar essas conexões culturais para o fortalecimento das duas nações.

Agostinho Celso Azevedo de Campos (1870-1944), natural do Porto, foi uma figura multifacetada no cenário intelectual português, atuando como professor, jornalista e escritor. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, Agostinho rapidamente abandonou a carreira jurídica para se dedicar ao ensino, especialmente das línguas portuguesa e alemã. Sua

¹ Apesar de não terem sido localizadas as cartas ativas, foi possível identificar essa troca de ideias analisando apenas o conteúdo das cartas passivas.

carreira docente o levou a lecionar em Hamburgo, Alemanha, e, posteriormente, em Lisboa, onde foi professor de português no Liceu Central e alemão na Casa Pia. Além disso, ocupou o cargo de Diretor-Geral da Instrução Pública e, em 1932, tornou-se professor catedrático de Filologia Românica na Universidade de Coimbra, consolidando sua reputação como um dos grandes filólogos de sua época.

Como autor, Agostinho de Campos produziu uma vasta obra, com destaque para seus escritos sobre língua, literatura, pedagogia e política. Entre suas obras mais conhecidas estão *Glossário* (1938), *Língua e Má Língua* (1944) e a coletânea *Paladinos da Linguagem*, composta por 24 volumes que reuniam autores clássicos portugueses e brasileiros. Sua visão era profundamente marcada pela defesa da unidade linguística luso-brasileira, argumentando que a língua portuguesa, em suas variantes, deveria ser vista como uma entidade única, com raízes culturais e históricas comuns. Esse posicionamento o colocou em destaque nas discussões sobre a identidade linguística entre os dois países.

A relação epistolar entre Agostinho de Campos e Afrânio Peixoto, renomado escritor e intelectual brasileiro, revela uma conexão intelectual e afetiva entre Portugal e Brasil, na qual ambos partilhavam o desejo de fortalecer os laços culturais entre as nações. Essa amizade é simbolizada pela interação literária entre os dois: em 1919, Afrânio Peixoto publicou *Trovas Brasileiras*, como resposta a *Trovas Portuguesas*, de Agostinho de Campos. Essa troca de publicações evidencia o respeito mútuo e o reconhecimento das contribuições que cada um fazia em prol da literatura e da língua portuguesa.

A correspondência entre Campos e Peixoto não se limitava a discussões técnicas sobre língua e literatura, mas também abrangia aspectos da vida pessoal e das preocupações intelectuais da época. Nas cartas, ambos abordavam suas reflexões sobre a evolução da língua portuguesa, as dificuldades enfrentadas pelos intelectuais em tempos de mudanças políticas e sociais, bem como os desafios e oportunidades para a literatura no mundo luso-brasileiro.

A amizade entre os dois era também marcada pela troca de ideias sobre as obras que estavam desenvolvendo, como foi o caso das *Trovas*. O gesto de Peixoto ao responder literariamente a Campos demonstra o nível de interação e a profundidade da relação entre eles. Ao analisar essas cartas, percebe-se que, além da colaboração profissional, havia uma forte admiração mútua, o que solidificou a amizade e a parceria intelectual entre ambos.

Agostinho de Campos, por meio dessa correspondência com Afrânio Peixoto, contribuiu significativamente para o fortalecimento do diálogo cultural entre Portugal e Brasil, reforçando a importância da língua como elo unificador e como veículo de expressão de uma identidade partilhada por ambas as nações.

Fidelino de Sousa Figueiredo (1889-1967) foi um intelectual de vasta envergadura, cuja trajetória se estendeu por múltiplos campos, incluindo a literatura, o ensino e a política. Nascido em Lisboa, Fidelino formou-se em ciências histórico-geográficas na Faculdade de Letras, em 1910, e, ao longo de sua carreira, destacou-se como professor, crítico literário, ensaísta e historiador. Sua abordagem pioneira no campo dos estudos comparados das literaturas de Portugal e Espanha marcou profundamente o pensamento literário ibérico, bem como a crítica literária de seu tempo.

O impacto de Fidelino Figueiredo transcendeu as fronteiras de Portugal, especialmente pelo seu papel no Brasil. Ele foi convidado a lecionar na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na década de 1930, onde desempenhou um papel crucial na introdução e consolidação dos estudos literários portugueses no meio acadêmico brasileiro. Sua atuação na USP, à frente da cadeira de literatura portuguesa, foi um marco para o desenvolvimento do campo no Brasil, que à época ainda se estruturava institucionalmente. Essa colaboração acadêmica permitiu o florescimento de uma geração de intelectuais brasileiros influenciados por sua erudição e sua metodologia rigorosa.

Além de seu trabalho como educador, Fidelino foi também um prolífico ensaísta e escritor. Suas publicações abrangem temas diversos, com destaque para a crítica literária e o estudo comparado das tradições literárias. Entre suas obras, merece destaque *O Homem e a Obra* (1959), em que ele explora o conceito de autor e as múltiplas influências contextuais sobre a produção literária. Sua vasta correspondência atesta a rede de diálogos que manteve com importantes figuras da intelectualidade portuguesa e brasileira.

A amizade entre Fidelino de Figueiredo e Afrânio Peixoto, consagrada em suas frequentes trocas epistolares, representa um elo significativo nas relações culturais luso-brasileiras. Peixoto, com sua influência nas letras brasileiras e seu trânsito por múltiplos campos do conhecimento, encontrou em Fidelino um interlocutor à altura de suas inquietações intelectuais. As cartas trocadas entre eles revelam não apenas o respeito mútuo, mas também uma troca de ideias acerca da literatura, da história e das direções adotadas pelas sociedades portuguesa e brasileira.

As missivas entre Fidelino e Afrânio Peixoto permitem-nos vislumbrar um diálogo contínuo sobre questões centrais da cultura luso-brasileira, como o papel da língua portuguesa e a circulação das ideias entre os dois países. Fidelino, como hispanista e especialista em literatura comparada, trazia reflexões sobre a construção da identidade literária portuguesa que encontravam eco nas preocupações de Peixoto com o lugar da cultura brasileira no cenário internacional. Esses diálogos epistolares enriqueceram não apenas suas respectivas

produções intelectuais, mas também o campo mais amplo da crítica literária em ambos os países.

Outro aspecto importante dessa correspondência é a colaboração entre ambos na disseminação de suas obras. Fidelino, ao lecionar no Brasil, contribuiu para a circulação e valorização da obra de Peixoto entre seus pares brasileiros e portugueses, reforçando os laços intelectuais entre os dois países. Da mesma forma, Peixoto, com sua vasta rede de contatos e seu prestígio, também ajudou a divulgar as obras de Fidelino, particularmente no meio acadêmico brasileiro.

A correspondência entre Fidelino de Figueiredo e Afrânio Peixoto não apenas consolidou uma amizade intelectual frutífera, mas também serviu como um canal privilegiado para a circulação de ideias entre Brasil e Portugal, num momento em que as relações culturais entre os dois países se intensificavam.

José Maria Rodrigues (1857-1942) foi uma figura central no panorama intelectual português do final do século XIX e início do século XX, destacando-se como teólogo, escritor e defensor ardoroso da obra de Luís de Camões. Nascido em Gondim, Valença do Minho, Rodrigues dedicou grande parte de sua vida acadêmica e literária à interpretação e valorização de *Os Lusíadas*, enxergando na epopeia camoniana não apenas um monumento literário, mas a pedra angular da identidade cultural e da educação nacional portuguesa. Seu trabalho foi orientado pela convicção de que a obra de Camões deveria ser à base do currículo educacional em Portugal, acreditando que nela se encontravam os valores essenciais da nação portuguesa.

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, José Maria Rodrigues exerceu uma influência significativa sobre várias gerações de estudantes e intelectuais. Sua erudição, aliada à profundidade de suas interpretações da obra camoniana, fez dele uma referência nos estudos de literatura portuguesa. Ele também foi membro de duas importantes academias: a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, o que evidencia seu papel nas relações culturais luso-brasileiras. A adesão à Academia Brasileira reflete não apenas o reconhecimento de seu trabalho no Brasil, mas também seu compromisso com o fortalecimento dos laços culturais e literários entre os dois países.

A relação epistolar entre José Maria Rodrigues e Afrânio Peixoto, evidenciada nas cartas que compõem o acervo de Peixoto, revela uma parceria intelectual baseada no respeito mútuo e na troca de ideias sobre literatura, educação e cultura. As cartas trocadas entre os dois intelectuais demonstram uma rica interação, na qual Rodrigues compartilhava suas reflexões sobre a importância de Camões para a formação do pensamento nacional, enquanto Peixoto,

com sua ampla atuação como médico, literato e historiador, trazia uma perspectiva multifacetada que enriquecia o diálogo.

A correspondência de José Maria Rodrigues com Afrânio Peixoto também reflete uma preocupação comum com a difusão da literatura portuguesa no Brasil, em um momento de crescente interesse pela aproximação cultural entre as duas nações. Rodrigues, como um dos principais estudiosos de Camões, encontrava em Peixoto um interlocutor interessado em promover a literatura lusófona e em explorar as interseções entre as culturas portuguesa e brasileira. Essa troca epistolar permitiu não apenas o fortalecimento dos vínculos culturais, mas também uma colaboração prática, com Peixoto incentivando a circulação de obras de autores portugueses no Brasil e Rodrigues valorizando a produção literária brasileira em Portugal.

José Maria Rodrigues, com sua devoção à obra de Camões, via a literatura como um meio de unir as culturas lusófonas, e sua correspondência com Afrânio Peixoto reflete essa missão. O empenho de ambos em consolidar um espaço comum para a literatura e o pensamento lusófono, seja nas academias de letras, seja nas salas de aula, transformou essa amizade epistolar em um canal vital para o intercâmbio intelectual entre Brasil e Portugal. As cartas que trocaram, além de documentos históricos, constituem um testemunho das profundas ligações que moldaram o pensamento literário e cultural entre os dois lados do Atlântico.

Dessa forma, a correspondência entre José Maria Rodrigues e Afrânio Peixoto transcendeu o simples diálogo sobre literatura e educação, tornando-se uma peça central na construção de um espaço intelectual comum entre Brasil e Portugal. Ela oferece uma janela para o pensamento de dois dos mais influentes intelectuais lusófonos de seu tempo, que, apesar das diferenças de contexto e formação, compartilharam uma visão profunda sobre o poder da literatura para moldar identidades e fortalecer os laços culturais.

Manoel de Sousa Pinto, poeta e editor português, teve um papel de destaque no intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil, especialmente por meio da fundação da editora Livros do Brasil. Sua atuação editorial foi central para a divulgação de escritores brasileiros modernistas no mercado português, promovendo autores como Jorge Amado e Érico Veríssimo. Sua obra não apenas facilitou a circulação da literatura brasileira na Europa, mas também ampliou o diálogo entre as culturas literárias dos dois países.

Entre as relações intelectuais mais relevantes de Sousa Pinto no Brasil estava Afrânio Peixoto, um dos mais respeitados escritores e acadêmicos brasileiros da época. Afrânio Peixoto, além de ser membro da Academia Brasileira de Letras, foi uma figura influente na crítica literária e no desenvolvimento da educação no Brasil. A correspondência entre os dois

revela uma troca intelectual rica, em que Sousa Pinto frequentemente dialogava com Peixoto sobre questões literárias e políticas do seu tempo.

Essa troca epistolar sugere uma admiração mútua e colaboração no fortalecimento dos laços entre as literaturas de Portugal e do Brasil. Sousa Pinto via em Peixoto uma autoridade intelectual e crítica, e suas cartas discutem aspectos importantes do cenário literário da época, como o papel do modernismo, o nacionalismo nas letras e o impacto das novas tendências literárias.

A relação entre ambos sublinha o papel de Manoel de Sousa Pinto como um mediador cultural e intelectual, promovendo a obra de autores brasileiros e criando uma ponte entre os dois mundos literários. Afrânio Peixoto, por sua vez, beneficiou-se dessas trocas ao ver sua própria obra e a de outros escritores brasileiros difundidas em Portugal por meio da editora de Sousa Pinto. Isso reforça a relevância da colaboração de ambos para a construção de um diálogo literário entre as duas nações.

3.2. ASSUNTOS DAS CARTAS DOS REMETENTES PORTUGUESES

3.2.1 As cartas de Afonso Lopes Vieira

As cartas enviadas por Afonso Lopes Vieira a Afrânio Peixoto tratam das seguintes temáticas:

Quadro 02 – Cartas de Afonso Lopes Vieira

DATA DA CARTA	PRINCIPAIS EVENTOS E AÇÕES
Sem data	Parabeniza AP por suas lições.
Sem data	Propõe um jantar “astrológico e camoniano”; solicita resposta via telefone.
Sem data	Deseja boas vindas a AP, dizendo: “Seja bem-vindo, Afrânio, à sua terra!” e pergunta quando vão se encontrar e pede para AP avisar por telefone às 15 horas.
Sem data	Informa a data e horário para ir com AP ao Instituto da Academia.
Sem data	Informa dia, horário e local para ele e AP se encontrarem com a “Senhora Condessa” e convida AP para assistir a um teatro, à noite.
Sem data	Deseja boa viagem a AP e expressa desejo de logo se encontrar com ele e sua esposa no próximo verão.
28/03	Fala que tem agora um novo portador para enviar “a nova demanda do <i>Graal</i> ”.
22/06	Informa que recebeu a obra <i>História do Brasil</i> de AP.
14/05/1926	Informa sobre o preço e impressão da obra, <i>Dinamene</i> .
16/10/1926	Envia as provas da obra <i>Dinamene</i> .
03/11/1926	Informa detalhes da impressão da obra <i>Dinamene</i> .
17/10/1928	Lamenta não tê-lo encontrado e citando nomes de vários brasileiros que facilitaram sua missão quando esteve no Brasil.
31/05/1929	Acusa o recebimento da obra <i>Dinamene</i> e comentando significado de determinados termos literários.
28/02/1940	Comunica que vai enviar a peça de AP em maio se possível for.

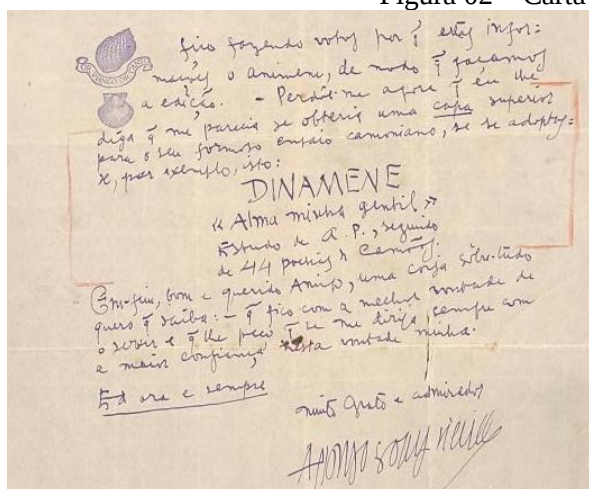
Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro tema recorrente nas cartas entre Afrânio Peixoto e Afonso Lopes Vieira portugueses é a publicação de *Dinamene*, um livro que Peixoto publicou em 1926 e que se dedicou à figura central da lírica camoniana, *Dinamene*, a musa inspiradora de Luís de Camões. Nesse livro, Peixoto oferece um estudo profundo e detalhado sobre o papel de *Dinamene* na poesia de Camões, revisitando a relação entre o poeta e sua musa através de uma leitura filológica inovadora e erudita da obra camoniana.

Que mesmo é dizer que servirei com o maior gosto a *Dinamene*, como seu ‘intermediário artístico – literário’. Nada mais simples que imprimirmos o seu estudo nas oficinas da Biblioteca Nacional, as quais, desde a Lusitania, prefiro a todas as outras, porque introduzi aí um certo estilo, e tenho cordiais relações com os empregados, que são inteligentes e bons técnicos. O trabalho é aí um pouco mais caro, mas vale bem a pena a diferença, em vista do apuro e dos recursos (Vieira, carta 1926).

O processo de publicação de *Dinamene*, amplamente discutido nas missivas entre Peixoto e Afonso Lopes Vieira, demonstra como o livro não foi apenas uma análise isolada de Peixoto, mas o resultado de um diálogo intelectual que envolveu sugestões editoriais, estéticas e técnicas. As cartas trocadas entre eles abordam detalhes sobre a impressão e a revisão do texto, bem como sugestões de mudanças em sua estrutura. Isso mostra que *Dinamene* foi uma obra que passou por um processo colaborativo, com Vieira atuando como um intermediário importante na organização e na publicação do livro.

Figura 02 – Carta de Afonso Lopes Vieira



fico fazendo votos por q estas infor=
mações o animem, de modo q façamos
a edição. - Perdõe-me agora q eu lhe
diga q me parecia se obteria uma capa superior
para o seu formoso ensaio camoniano, se se adaptas=
se, por exemplo, isto:
DINAMENE
<< Alma minha gentil>>
Estudo de A. P., seguido
de 44 poesias a Camões.
Em-fim, bom e querido Amigo, uma coisa sôbre-tudo
quero q saiba: - q fico com a melhor vontade de
o servir e q lhe peço q se me dirija sempre com
a maior confiança nesta vontade minha.
[...]

Fonte: Carta de Afonso Lopes Viera.

Afonso Lopes Vieira teve um papel especialmente relevante na concretização da obra, colaborando com Peixoto por meio de conselhos, revisão do texto e até sugestões para o estilo da capa do livro. Em uma carta datada de 14 de maio de 1926, Vieira sugere que o estudo de Peixoto fosse impresso nas oficinas da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde ele tinha boas relações com os técnicos e garantia um trabalho de alta qualidade, embora mais caro. Além disso, Vieira propôs um formato específico para a capa de *Dinamene*, que destacaria o subtítulo “Alma minha gentil”, remetendo diretamente ao célebre verso camoniano. Essas intervenções revelam como o processo editorial se articula com a criação literária, influenciando tanto sua forma de apresentação quanto sua recepção pelo público.

[...] da tardança no aparecimento do fascículo Camoniano. Vai ele porém publicar se, e deve chegar às suas generosas mãos apenas alguns dias depois desta carta. Como compensação à demora havida e ao grande trabalho que este fascículo nos deu, espero contudo que lhe agrade, ao meu bom amigo e aos outros eminentes lusíadas do Brasil. Aí verá o seu nome celebrado com justiça, embora as notícias que escrevi acerca da Cadeira de Camões e as publicações da S. E. Camonianos sejam meros apontamentos, destinados sobretudo a documentar o admirável movimento comunista do Brasil (Vieira, 1929).

Essas discussões epistolares revelam a obra literária como um produto que vai além da simples autoria do escritor. Fica evidente que a escrita de uma obra envolve uma rede de agentes, entre eles o editor, que molda o texto de maneiras fundamentais. O acervo de Afrânio Peixoto, ao guardar esse conjunto de vários gêneros (cartas, bilhete, etc.), nos permite ver claramente como essa rede se formou, e como o escritor se beneficiou de um processo coletivo de construção, que envolveu o autor, editores e interlocutores intelectuais. “Fico com a maior vontade de conhecer a sua opinião, querido e ilustre amigo, mas absolutamente sincera opinião sobre o fascículo que vai receber” (Vieira, 1929).

Essa perspectiva também amplia as possibilidades de leitura para o pesquisador moderno. As cartas, ao se relacionarem com outros documentos do acervo — como manuscritos, provas tipográficas e até edições anteriores das obras de Camões —, permitem um entendimento mais profundo das escolhas de Peixoto em *Dinamene*. Cada detalhe mencionado nas cartas, como o custo e a qualidade de impressão ou as sugestões de revisão, dialoga com os textos e as ideias de Peixoto, permitindo uma leitura mais rica e contextualizada de sua obra.

Em suma, a correspondência que Afrânio Peixoto manteve com Afonso Lopes Vieira, especialmente no contexto da publicação de *Dinamene*, demonstra a importância do diálogo

epistolar no desenvolvimento e na consolidação de sua obra *Dinamene*. As cartas não são apenas registros de intenções, mas participam ativamente no processo de criação literária, mostrando como a obra final resulta de uma série de negociações intelectuais e editoriais. “Decidi enviar-lhe as provas de *Dinamene*, porque, se as não demorar, a remessa do tempo para o livro sair no natal ou Ano Bom - as épocas mais gentis. E também porque temo a responsabilidade da revisão feita sem os seus olhos!” (Vieira, 1926).

Essa dinâmica complexa de produção reforça a visão de que a obra literária é resultado de uma rede de agentes e decisões coletivas. O trabalho do editor, como sugerido por Chartier (2017), é central para transformar o manuscrito em um produto cultural acabado, influenciando sua materialidade, sua forma de circulação e, conseqüentemente, seu lugar no cânone literário. No caso de *Dinamene*, o sucesso da obra em Portugal não pode ser desvinculado das escolhas editoriais feitas por Afonso Lopes Vieira, cuja atuação foi fundamental para garantir sua recepção positiva e difusão no campo literário luso-brasileiro. “Queira indicar-me onde/devo mandar depositar a edição. Creio que será na livraria Aillaud, mas diga-me. Diga-me também o número de exemplares que deve ser remetido para o Autor” (Vieira, 1926).

Essa discussão também aponta para a necessidade de reconhecer que a produção literária é um campo múltiplo, em que a figura do editor, longe de ser um agente invisível, desempenha um papel crucial na construção do sentido e da legitimidade das obras literárias. O caso de *Dinamene* é emblemático de como o processo editorial molda e redefine a relação entre autor, texto e público, demonstrando que o livro é uma construção coletiva que envolve escolhas materiais e simbólicas que vão muito além da criação textual do autor.

3.2.2 As cartas de Agostinho de Campos

As cartas de Agostinho de Campos revelam muito sobre os bastidores da vida intelectual dos dois missivistas. Esses documentos, longe de serem apenas registros de conversas formais ou trocas protocolares, permitem ao pesquisador enxergar as complexas dinâmicas que moldavam a produção literária e acadêmica entre o Brasil e Portugal. O Quadro 03 lista as cartas trocadas, com suas respectivas datas e uma breve descrição dos principais temas abordados em cada uma.

DATA DA CARTA	EVENTOS/AÇÕES
09/03/1923	Agradece pelos boletins da Academia Brasileira de Letras; elogia o terceiro volume de <i>Paladinos da Linguagem</i> e envia <i>A Mãe de todos os Vícios</i> , panfletos políticos; menção à leitura de <i>Bugrinha</i> e expectativas por novos trabalhos de Afrânio Peixoto.
17/10/1928	Deseja o pronto restabelecimento do filho de Afrânio Peixoto, Juca.
08/05/1929	Acusa recebimento de cartão acompanhando um artigo publicado no <i>Fígaro</i> .
14/12/1929	Agradece o exemplar recebido de <i>Dinamene</i> e envia o quarto volume de <i>Camões Lírico</i> e outros comentários.
09/12/1937	Explica que por questões de saúde ele não pode ir ver o Afrânio Peixoto e o Pedro Calmon para agradecer pela vista e seus belos e doces presentes.
16/08/1938	Faz comentários sobre as obras de Afrânio Peixoto, <i>Bugrinha</i> , e <i>Maria Bonita</i> , e sobre a Cadeira de Estudos Camonianos em Lisboa.
23/07/1940	Acusa o recebimento de <i>História do Brasil</i> de Afrânio Peixoto e agradece e fala que não vai deixar de referir sobre essa obra, seja no Comércio do Porto ou em outra oportunidade. Fala também sobre o pintor Ricardo Bensaúde, quem irá entregar a carta, e solicita que Afrânio Peixoto dê a ele um pouco de sua atenção e influência.

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada uma dessas cartas vai além de tratar de temas literários e editoriais: elas revelam aspectos do processo criativo e os bastidores da produção literária, evidenciando a importância das trocas epistolares no desenvolvimento das obras. Por meio dessas correspondências, torna-se possível observar como os diálogos epistolares contribuíam para a constituição de redes de conhecimento e para o fortalecimento de colaborações intelectuais.

As cartas não se restringiam a trocas cortesias, como agradecimentos por livros ou panfletos; funcionavam, na verdade, como verdadeiras plataformas de discussão intelectual. Temas variados, como literatura, política, filosofia e até questões práticas, como a logística da distribuição editorial, eram debatidos com profundidade. Um exemplo emblemático é a carta de Agostinho de Campos, datada de 9 de março de 1923, na qual ele comenta o envio dos *Boletins da Academia Brasileira de Letras* por Afrânio Peixoto. Nessa correspondência, Agostinho não apenas agradece, mas detalha como os boletins foram fundamentais para o aprimoramento de sua própria obra, *Paladinos da Linguagem*.

Esse episódio ilustra um rico intercâmbio cultural e intelectual, no qual as produções literárias de um país não apenas eram recebidas, mas também transformadas em insumos para a criação de novos trabalhos no outro. As cartas, assim, serviam como pontes que conectavam escritores, ideias e tradições literárias, ampliando os horizontes do pensamento e da criação entre diferentes nações.

Posto isto, renovo os meus agradecimentos pela coleção dos Boletim, que muitíssimo me interessaram e interessam e em alguns dos quais por sinal colhi boa matéria para o 3º vol. de *Paladinos de Linguagem*, que acaba de sair. Mando-lhe, além do meu exemplar, mais um para o Dr. Austregésilo, outro para o Dr. Magalhães de Azevedo, outro pr. o Dr. Mário de Alencar, outro para o Dr. Martins Fontes, Todos paladinados neste volume, e cujas

moradas imporão. (...) Mando-lhe também A mãe de Todos os Vícios, série de panfletos politico- pedagógicos (Campos, 1923).

Além disso, as cartas trazem uma discussão sobre o processo editorial e as dificuldades logísticas da época. Em uma das passagens, Campos explica a Peixoto que, graças a seu irmão Américo, soube que cartas com respostas importantes e materiais como os boletins não foram devidamente recebidos. Esse pequeno detalhe revela a fragilidade e a complexidade das comunicações da época, mostrando que, além de lidar com os desafios intelectuais e criativos, os escritores e editores precisavam contornar problemas práticos como o atraso ou o extravio de correspondências e remessas de livros. Esses fatores muitas vezes impactavam diretamente a forma e o tempo de publicação de obras literárias.

Bom foi que meu irmão Américo tivesse ido ao Rio, como médico de bordo do Flandia, para ouvir dizer aí, na livraria de meu primo João Monteiro. (Leite Ribeiro), que eu não tinha acusado recepção dos muitos Boletins da Ac. Bras. de Letras que o meu amigo me fez o favor de enviar-me. Se não fosse isso, continuaria eu na ignorância do extravio da carta que lhe escrevi imediatamente, após recebimento de interessantíssima coleção e a fazer fique eu muito triste de {†} ou de ingrato. E já agora peço lhe encarecidamente que logo que eu esteja ou pareça estar em falta de qualquer remessa ou resposta, me escreva um postal a denunciar o fato e a perguntar-me se a culpa é minha ou do correio. Eu responderei com sinceridade, acusando-me ou desculpando-me (Campos, 1923).

A correspondência entre Afrânio Peixoto e Agostinho de Campos, não apenas oferece *insights* valiosos sobre a história dos impressos e o processo editorial, mas também evidencia o papel central das trocas epistolares na disseminação de ideias e no aprimoramento de obras literárias. Para melhor entender essa dinâmica, podemos recorrer a autores como Roger Chartier (2017) e Robert Darnton (2010), cujos estudos sobre a história do livro e das práticas de leitura oferecem um quadro teórico útil para analisar o conteúdo dessas cartas.

Roger Chartier (2017) enfatiza que o livro e os impressos são o produto de uma cadeia de intervenções, desde o autor até os leitores, passando por revisores, editores e impressoras. Em sua obra *A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Moderna*, Chartier (2017) argumenta que as trocas de correspondências entre escritores e seus editores desempenham um papel fundamental na definição da obra final, que muitas vezes é moldada pelos comentários, sugestões e críticas que emergem dessas relações. No caso de Peixoto, as cartas de Agostinho de Campos revelam exatamente essa dinâmica colaborativa, em que o processo de revisão e publicação de textos como *Dinamene* (1926) envolvia sugestões atentas que poderiam influenciar significativamente o resultado final.

De forma semelhante, Robert Darnton (2010) em *A Questão dos Livros: Passado, Presente e Futuro* analisa como as redes intelectuais ajudaram a moldar o fluxo de impressos e as práticas de leitura. Para Darnton (2010), os livros não são apenas produtos culturais, mas também objetos de interação social que circulam entre diferentes contextos e públicos. As cartas de Peixoto com Campos, ao mencionar panfletos como *A Mãe de Todos os Vícios*, ilustram como ideias e sensibilidades literárias viajavam entre Brasil e Portugal, influenciando a produção intelectual em ambos os países. Essa circulação de materiais impressos criava um ambiente propício para a influência recíproca entre os dois polos literários, um processo facilitado pelas redes epistolares.

Além disso, a análise das correspondências entre Peixoto e seus interlocutores revela os bastidores da vida intelectual no contexto luso-brasileiro. Para Chartier (2017), o livro não é apenas o resultado das palavras do autor, mas o produto de uma série de decisões editoriais, e as cartas nos permitem acessar essas decisões. Por exemplo, quando Agostinho de Campos sugere que Peixoto leia seus panfletos ou ajusta aspectos da obra *Paladinos da Linguagem*, ele está participando ativamente de um processo de cocriação, que exemplifica a complexidade do trabalho editorial da época. “P.S. gostaria que me dissesse se não lhe faz sua impressão o prefácio de “Paladinos” III. E recebeu Eça de Queiroz I?” (Campos, 1923).

Outro aspecto crucial levantado por Darnton (2010) em suas análises é a questão da recepção do texto. O impacto de um livro não termina com sua publicação; ele continua a ser moldado pelas interpretações dos leitores e críticos. As cartas, nesse sentido, são também uma maneira de acessar como obras literárias eram lidas, comentadas e reformuladas por aqueles que as recebiam, permitindo uma visão mais ampla sobre a recepção cultural de obras como as de Afrânio Peixoto tanto no Brasil quanto em Portugal.

Portanto, ao observar as cartas de Peixoto em diálogo com as ideias de Chartier (2017) e Darnton (2010), podemos compreender melhor como o processo de criação literária é coletivo e dinâmico, envolvendo não apenas o autor, mas uma série de outros agentes, como editores e críticos, que influenciam diretamente o resultado final. Essas correspondências revelam os bastidores das decisões que moldaram o universo dos impressos, ao mesmo tempo em que destacam a importância da circulação transatlântica de ideias entre Brasil e Portugal, consolidando um mercado editorial luso-brasileiro que era profundamente interdependente.

A correspondência entre Peixoto e Agostinho de Campos revela, ainda, a circulação de livros e ideias entre Brasil e Portugal. A troca de exemplares, como o envio de *Dinamene* por Peixoto e os volumes de *Camões Lírico* por Campos, evidencia um circuito de leitura que atravessava o Atlântico. Esse intercâmbio permitia que autores brasileiros

fossem conhecidos em Portugal e vice-versa, ampliando o impacto cultural de suas obras e fortalecendo o diálogo literário entre as duas nações. As cartas, nesse sentido, funcionavam como facilitadoras desse processo, permitindo que obras circulassem, fossem discutidas e influenciassem novos projetos.

Por fim, as missivas mostram um aspecto mais pessoal e íntimo da vida intelectual. Campos, ao desejar melhoras para o filho de Peixoto ou ao compartilhar seus próprios desafios pessoais, humaniza essa correspondência, tornando-a um testemunho não apenas da vida literária, mas também das relações pessoais que orbitavam em torno do fazer intelectual. Isso não só aprofunda o entendimento sobre as condições em que essas obras foram criadas, mas também evidencia a rede de apoio e a solidariedade que permeavam as relações entre escritores e intelectuais.

Essas cartas, assim, oferecem um rico material para o estudo dos bastidores da produção intelectual, revelando os desafios, as colaborações e as complexas redes que sustentavam o mundo das letras. Elas também mostram como o papel do editor e do crítico ia muito além da função técnica, participando ativamente no desenvolvimento e no refinamento da obra literária.

3.2.3 As cartas de Fidelino de Figueiredo

As cartas entre Fidelino de Figueiredo e Afrânio Peixoto constituem um acervo intelectual valioso que revela não apenas o intercâmbio de ideias entre dois grandes intelectuais luso-brasileiros, mas também os bastidores da formação de suas reflexões e contribuições literárias. O Quadro 04 lista as cartas trocadas com suas respectivas datas e uma breve descrição dos principais temas abordados em cada uma.

Quadro 04 – Cartas de Fidelino de Figueiredo

DATA DA CARTA	EVENTOS/AÇÕES
09/05/1920	Agradece o romance <i>Uma mulher como as outras</i> .
06/05/1927	Acusa recebimento da obra <i>Ramo de Louro</i> .
28/09/1927	Solicita lista de obras da historiografia brasileira.
16/05/1928	Acusa recebimento do cartão enviado por Júlio Afrânio Peixoto.
21/05/1928	Informa que comunicou ao reitor, por meio de Luiz Beamejo, o conteúdo da última carta de Afrânio e um extrato da ata da sessão.
08/12/1928	Tece comentários sobre as viagens de Afrânio Peixoto à Europa.
07/10/1931	Elogia o escritor Alceu de Amoroso Lima, faz comentários críticos e agradecendo os livros recebidos.
31/12/1931	Anuncia que o livro <i>As duas Espanhas</i> estava terminado.
28/09/1932	Solicita publicação de ensaio sobre cinema no “Jornal” e remetendo dados sobre <i>As duas Espanhas</i> .

01/04/1935	Envia um exemplar <i>Pyrene</i> incluindo comentários, participando da publicação do ensaio <i>O dever dos intelectuais</i> e solicitando conseguir que a Academia enviasse regularmente, a sua revista.
02/07/1942	Pergunta à Afrânio Peixoto se ele ainda se lembra dele.
25/07/1942	Agradece as notas sobre Vianna de Lima enviadas por Júlio Afrânio Peixoto.
02/02/1943	Agradece notícias da fundação Camões.
18/06/1943	Informa sobre o Instituto de Estudos Portugueses.
05/07/1943	Comenta que tem a Faculdade como editora.
10/12	Acusa recebimento das revistas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas correspondências evidenciam a importância das redes de intelectuais e destacam o papel mediador desempenhado por figuras como Fidelino de Figueiredo e Afrânio Peixoto no campo literário e cultural de seu tempo. Ao incorporar as ideias de Michel Foucault (2000) sobre a autoria e o debate proposto por Reinaldo Marques (2006) acerca dos acervos de escritores, amplia-se a compreensão desse diálogo, situando-o em uma reflexão mais abrangente sobre o papel dos acervos na reconstrução crítica da história literária.

Esses acervos, portanto, não apenas preservam a memória individual dos escritores, mas também funcionam como ferramentas fundamentais para a análise das dinâmicas culturais e intelectuais de uma época, permitindo revisitar os debates, as conexões e as influências que moldaram o pensamento literário.

Foucault (2000), em seu ensaio “O que é um Autor?”, sugere que a autoria não deve ser entendida como uma identidade fixa, mas como uma função discursiva que organiza, limita e controla a circulação de textos dentro de um sistema de saberes. A função-autor, nesse sentido, estabelece limites para a interpretação das obras e atribui significados específicos que são negociados dentro de um campo social. No caso de Fidelino e Afrânio, suas correspondências revelam as dinâmicas que ocorriam nos bastidores de suas produções intelectuais, lançando luz sobre como essas figuras negociavam suas identidades autorais dentro do sistema literário.

As cartas, ao revelarem suas estratégias de publicação e sua preocupação com a recepção de suas obras, mostram como ambos estavam conscientes de seu papel como autores e de como suas produções literárias seriam lidas e interpretadas no Brasil e em Portugal. “Tenho no prelo, por conta da Academia, o ensaio histórico ‘As duas Hespanhas’ e a nova edição da ‘Épica portuguesa no século XVI’, com aumentos de algum interesse” (Figueiredo, 1931).

A função-autor também se manifesta no modo como Fidelino, por exemplo, busca controlar a circulação de suas ideias ao enviar suas obras a Afrânio e pedir a publicação de seus ensaios em jornais cariocas. Fidelino não só escreve, mas administra o impacto de sua

escrita, mostrando uma preocupação ativa com a recepção de suas obras no sistema literário brasileiro. Da mesma forma, Afrânio, ao responder às solicitações e ao participar ativamente desse diálogo, contribui para a construção do capital simbólico de Fidelino no Brasil, consolidando-o como uma figura de autoridade no campo intelectual luso-brasileiro.

Como não quero cobrar nada, apenas me contentando com divulgar as minhas ideias e fazer-me lembrado dos amigos do Brasil, talvez a minha abusiva comissão se aligere um pouco. Quererá V. fazer o favor de mandar publicar no “Jornal” esse ensaio sobre o cinema? Muito obrigado. Havendo dificuldade, podia devolver-me o original? (Figueiredo, 1932).

Essas dinâmicas são fundamentais para compreender como os intelectuais atuam como mediadores culturais, o que é particularmente relevante quando pensamos na função que acervos literários desempenham na história. Reinaldo Marques (2006), em suas reflexões sobre os acervos de escritores, argumenta que esses documentos oferecem uma “leitura a contrapelo da história”, permitindo acessar aspectos da produção intelectual que não estão visíveis nas obras publicadas. As cartas entre Fidelino e Afrânio são um exemplo claro disso, pois revelam discussões, trocas e decisões que permanecem ocultas nas páginas dos livros finalizados, mas que são essenciais para entender o contexto de sua criação.

Os acervos, como sugere Marques (2006), não são apenas registros passivos, mas ativos, pois convidam o leitor a reinterpretar o percurso intelectual dos autores a partir de uma perspectiva mais ampla e crítica. No caso de Afrânio Peixoto, o acervo que inclui as cartas de Fidelino de Figueiredo expõe as articulações por trás da formação intelectual de Afrânio, revelando não apenas suas preocupações com a literatura, mas também suas estratégias de atuação no campo literário. Ao receber obras e reflexões de Fidelino, Afrânio não só absorvia influências, mas participava ativamente da construção de uma rede intelectual que transcende o Brasil, inserindo-o em um diálogo internacional.

Essa leitura “a contrapelo” proposta por Marques (2006) permite que vejamos como os acervos literários revelam não apenas o que foi dito ou publicado, mas também o que ficou nos bastidores: as hesitações, os pedidos de orientação, as dúvidas e as negociações. Ao ler as cartas de Fidelino, vemos como Afrânio foi uma peça fundamental na mediação das ideias que atravessavam o Atlântico, não apenas passivamente recebendo-as, mas também moldando-as e adaptando-as ao contexto brasileiro. Isso reforça a ideia de que os acervos literários permitem uma compreensão mais profunda dos processos de formação intelectual dos autores, algo que nem sempre é perceptível nos textos literários que chegaram ao público.

As cartas mencionam, por exemplo, o envio de *As Duas Espanhas* e de *Épica Portuguesa no Século XVI* por Fidelino a Afrânio, não apenas como presentes ou como divulgação, mas com pedidos de publicação, crítica e interação. “Mandei-lhe o ensaio sobre ‘As duas Hespanhas’ e V. nunca me disse que lhe tinha parecido aquilo” (Figueiredo, 1932). Esses movimentos mostram que a produção literária não ocorre isoladamente, mas dentro de um complexo sistema literário, onde a circulação e a crítica desempenham papéis centrais na definição do valor simbólico das obras. Como sugere Pierre Bourdieu (1996), o campo literário é um espaço de disputas simbólicas, onde os autores negociam suas posições e capitais culturais. As correspondências revelam justamente essa negociação e a importância das redes de sociabilidade literária para a consagração dos autores.

Terminado o livro sobre ‘As duas Hespanhas’, venho, dar e pedir notícias aos amigos espalhados pelo mundo, cada um sofrendo as agruras da sua ‘Phobolandia’ particular. Como não tenho livro para lhe enviar e o correio não pode levar o bolo rei ritual, mando-lhe prosa. Vae com esta o original de ‘Uma viagem é Phobolandia’, pequena sátira intencionada. Se lhe achar algum interesse agradecer-lhe-ei que o faça publicar nalgum magazine carioca. Há quantos anos que nada publico no Rio! Desde que o ‘Jornal mudou de rumo’ (Figueiredo, 1931).

A leitura das cartas e o exame dos acervos literários não apenas mostram como Fidelino e Afrânio colaboraram intelectualmente, mas também oferecem uma visão crítica sobre o papel dos intelectuais na construção de uma historiografia literária que conecta Brasil e Portugal. Essa historiografia, como se vê nas discussões sobre as obras de Fidelino, especialmente suas reflexões sobre as culturas ibéricas, é uma tentativa de compreender os processos culturais em curso nos dois países e de estabelecer pontes entre suas tradições literárias.

Não sei a que frase se possa referir o seu correspondente de São Paulo, a respeito, de Castro Alves publicada no ‘Jornal do Brasil’. Será a umas linhas, realmente semelhantes, a pag. 123 das Notas para um Idearium Português? Tem esse livro e a sua continuação. Motivos de novo estilo? Estes formam o tomo 1º. da Biblioteca de Ensaio. Os tomos seguintes tratarão da Bohemia, da Hespanha, do México e dos Estados Unidos, países por onde vagamundeei durante os últimos anos. É claro que não são livros de viagem; são ensaios de interpretação dos typismos desses povos e das lições, que podem dar á minha gente –bem pouco amiga hoje de receber lições... (Figueiredo, 1931).

Ao trazer as cartas de Fidelino para o centro da análise, percebemos como os acervos literários oferecem um contraponto à história oficial, revelando as estratégias e as

complexidades por trás da construção de uma identidade literária e cultural transatlântica. Os diálogos entre Fidelino e Afrânio, mediados por essas cartas, revelam não apenas o conteúdo de suas reflexões, mas as condições de produção dessas ideias, algo que se torna visível quando analisamos as trocas de correspondência como parte de um arquivo intelectual mais amplo.

Portanto, ao incluir as discussões teóricas de Foucault (2000) sobre autoria e as reflexões de Reinaldo Marques (2006) sobre os acervos de escritores, o diálogo entre Fidelino de Figueiredo e Afrânio Peixoto adquire novos significados. Não estamos apenas diante de uma troca de ideias, mas de um processo de construção e negociação de identidades autorais, onde o sistema literário, as redes de circulação de obras e a função-autor desempenham papéis centrais. As cartas, enquanto parte de um acervo literário, revelam os bastidores da formação intelectual e literária desses dois autores e, ao mesmo tempo, nos convidam a repensar a história literária de maneira crítica e multifacetada, considerando as tensões e articulações que operam nas margens do campo literário oficial.

3.2.4 As cartas de José Maria Rodrigues

As cartas enviadas por José Maria Rodrigues a Afrânio Peixoto tratam das seguintes temáticas:

Quadro 05 – Cartas de José Maria Rodrigues

DATA DA CARTA	EVENTOS/AÇÕES
09/01/1919	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, agradecendo e comentando a obra <i>Poeira da Estrada</i> .
18/03/1925	Informa sobre carta inédita de Camões adquirida em Londres, cujos dados se ajustavam com outra publicada por Xavier da Cunha.
02/07/1925	Fala sobre a obra <i>Dinamene</i> e a interpretação dos <i>Lusíadas</i> .
28/02/1928	Agradece Afrânio Peixoto pelo postal que ele enviou e comunica que esta lhe enviando as primícias de Imagem da nova edição dos <i>Lusíadas</i> e comenta que ele e Lopes (Afonso Lopes Vieira) têm a certeza de que Afrânio Peixoto as acolherá com bons olhos.
17/03/1930	Informa sobre a cadeira Estudos Camonianos que segundo sua opinião, baixou de categoria.
16/06/1930	Agradece o livro <i>Tristão e Iseu</i> e faz vários comentários sobre diversos vultos da literatura brasileira.
14/11/1930	Menciona que leu na Academia o trabalho de AP e informa seu retorno a Cadeira de Estudos Camonianos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse conjunto epistolar destaca a relevância de Afrânio em campos como os estudos camonianos, sua contribuição para o cenário literário luso-brasileiro e o papel central das

cartas como um meio eficaz de divulgação de obras, construção de identidade intelectual e fortalecimento de laços entre escritores e críticos. “Brevemente terá V. Ex^a ocasião de ler na Lusitania uma carta inédita de Camões, há pouco adquirida em Londres. Curiosíssima, combinada sobretudo com outra que em tempo publicou o Xavier da Cunha” (Rodrigues 1923).

Entre as obras mencionadas nas cartas, *Poeira da Estrada* (1920), uma coletânea de crônicas e ensaios de Afrânio Peixoto, ocupa um lugar especial. Rodrigues agradece e comenta essa obra, que reflete o olhar sensível de Afrânio sobre a vida e a cultura, com uma prosa fluida e reflexiva. Ao elogiar a obra, Rodrigues não apenas expressa sua apreciação pelo estilo de Peixoto, mas também demonstra como essa produção ecoava no cenário literário português. Esse diálogo ajuda a consolidar a reputação de Afrânio como um intelectual que transita entre o Brasil e Portugal, sendo reconhecido em ambos os lados do Atlântico.

Outro trabalho central discutido nas missivas é o livro *Dinamene* (1926). Rodrigues demonstra o impacto desse trabalho, sugerindo que Peixoto foi fundamental no campo dos estudos camonianos. “Muito obrigado pela ‘Dinamene’. Só a folhee, mas vou lê-la logo que possa. Direi depois a minha impressão” (Rodrigues 1925). Rodrigues, ao receber *Dinamene*, promete dar sua impressão crítica e enfatiza a importância do livro, revelando como o estudo camoniano de Afrânio reverberava no meio intelectual português. Esse reconhecimento reafirma a relevância de Afrânio na construção de uma ponte entre o Brasil e Portugal no que tange à interpretação e preservação da obra camoniana.

A peça de teatro *Tristão e Iseu* (1926) também aparece nas cartas. Publicada por Afrânio, a obra explora o romance medieval de Tristão e Isolda, reimaginando essa história de amor trágico e sacrifício. José Maria Rodrigues comenta com entusiasmo o recebimento dessa peça, demonstrando o quanto a produção literária de Peixoto circulava entre os intelectuais portugueses e era bem recebida nos círculos literários de Portugal. “Por intermédio do nosso comum amigo, Dr. Lopes Vieira, recebi o exemplar de ‘Tristão e Iseu’” (Rodrigues 1930).

Tive a satisfação de ler ontem na Academia o trabalho de V. Ex.^a. Foi magnífica a impressão que produziu. Mando o ‘século e Notícias’. Insuportáveis às gralhas do primeiro. Já entreguei o manuscrito à comissão do ‘Boletim’. Farei a revisão das provas. Notavelmente V. Ex.^a deseja separata. Quantos exemplares? Voltei a chegar à cadeira de Estudos Camonianos. Espero fazer mais tarde a história do triste e sintomático incidente. Agora um pedido de desculpa e uma explicação. Recebi em tempo competente o exemplar do ‘Tristão e Iseu’. Como não tinha tempo, na ocasião, para o ler, deixei para as férias grandes em prazer mental. Mas ao partir para o Minho, esqueceu-me o livro e depois que vim ainda não tive coragem de abrir. Falo hei logo que posso. (Rodrigues 1930)

Outro aspecto crucial mencionado nas correspondências é a Cadeira de Estudos Camonianos, fundada por Afrânio Peixoto em 1925 na Universidade de Lisboa. Esta cadeira foi um marco importante para os estudos sobre Camões, institucionalizando a pesquisa e o ensino sobre o poeta em um dos centros mais importantes de saber literário. Afrânio, que foi o primeiro ocupante desta cadeira, se consolidou como uma referência nos estudos camonianos. José Maria Rodrigues, em diversas cartas, menciona sua participação nas atividades da Cadeira e destaca a importância dessa iniciativa para o avanço do campo. A iniciativa Afrânio Peixoto para a criação da Cadeira de Estudos Camonianos não só assegurou sua posição de destaque no campo literário português, mas também contribuiu significativamente para seu prestígio e reconhecimento como intelectual luso-brasileiro.

Além disso, as cartas indicam um envolvimento ativo de Afrânio na organização e crítica de textos camonianos, o que é visível na correspondência sobre a carta inédita de Camões adquirida em Londres. Rodrigues informa Peixoto sobre a descoberta dessa carta, ligando-a a outro documento publicado anteriormente por Xavier da Cunha. Essas discussões mostram como Afrânio estava intimamente ligado às descobertas e aos debates em torno da obra de Camões, reforçando sua posição como um dos maiores especialistas no poeta em sua época.

A troca de cartas entre Rodrigues e Peixoto também pode ser analisada à luz das ideias de Jacques Derrida, especialmente em seu livro *Mal de Arquivo*. Derrida (2001) explora como o arquivo – nesse caso, o conjunto de correspondências – não apenas preserva a memória, mas também exerce uma função de poder. Ao registrar as interações e trocas entre intelectuais, o arquivo cria uma narrativa que legitima a influência e o prestígio daqueles que nele estão inseridos. As cartas de Afrânio Peixoto e José Maria Rodrigues funcionam como um “arquivo vivo”, pois não só preservam a memória das interações intelectuais entre esses dois eruditos, mas também documentam como Peixoto foi se afirmando como uma autoridade nos estudos camonianos e na literatura luso-brasileira.

Derrida (2001) argumenta que o arquivo é sempre marcado pelo desejo e pelo controle: ele decide o que será lembrado e o que será esquecido. As cartas entre Rodrigues e Peixoto evidenciam essa dinâmica de poder e legitimação. Ao trocarem ideias sobre literatura, Camões e suas respectivas obras, ambos intelectuais participam de um processo de validação mútua que é essencial para a manutenção de suas posições no campo literário. Esse arquivo epistolar não apenas documenta o passado, mas constrói a história literária de uma maneira que privilegia as figuras centrais do campo, como Afrânio Peixoto. O prestígio que Peixoto

adquire em Portugal não é apenas resultado de sua produção literária, mas também do papel ativo que ele desempenha na construção de sua própria identidade intelectual através dessas correspondências.

As cartas funcionam, assim, como um meio de divulgação e recepção das obras de Afrânio. Ao enviar seus livros a José Maria Rodrigues, Afrânio não só compartilhava suas criações, mas também assegurava que elas fossem lidas, criticadas e discutidas por um dos maiores eruditos portugueses da época. Esse movimento estratégico de envio de obras e solicitação de *feedback* fazia parte de um processo de circulação e consagração dentro do campo literário. As respostas de Rodrigues, por sua vez, garantiam a Peixoto o reconhecimento necessário para se estabelecer como uma figura de prestígio em Portugal. Esse processo de validação mútua, como sugere Derrida (2001), é central para a função do arquivo, pois ele não apenas registra as interações, mas também as organiza de maneira a promover certos discursos e posições.

Portanto, ao analisar as cartas de José Maria Rodrigues a Afrânio Peixoto, é possível compreender como essas trocas epistolares contribuíram para consolidar o prestígio de Peixoto no cenário intelectual português. Suas obras, como *Dinamene*, *Tristão e Iseu* e *Poeira da Estrada*, não apenas circulavam entre os principais intelectuais de Portugal, mas também eram discutidas e criticadas em correspondências que reforçavam sua importância no campo literário. Além disso, a criação da Cadeira de Estudos Camonianos na Universidade de Lisboa e o envolvimento de Peixoto nas discussões sobre a obra de Camões solidificaram seu papel como uma figura central nos estudos literários luso-brasileiros. Essas cartas, ao serem preservadas como parte de um arquivo, revelam o poder de Afrânio em construir e sustentar sua identidade intelectual, consolidando sua reputação tanto no Brasil quanto em Portugal. As cartas trocadas entre José Maria Rodrigues e Afrânio Peixoto revelam um intercâmbio intelectual profundo, que não apenas ilumina aspectos centrais da produção literária e acadêmica de ambos, mas também explica o crescente prestígio de Afrânio Peixoto em Portugal.

3.2.5 As cartas de Manoel de Sousa Pinto

Nas missivas de Manoel de Sousa Pinto, os temas abordados são bastante semelhantes, tratando de literatura, saudações, notícias acadêmicas e agradecimentos a AP. Em suas cartas, destaca-se uma enviada a Júlio Afrânio Peixoto, na qual ele envia os exemplares

comemorativos da inauguração da Cadeira de Estudos Camonianos, elogia o livro *Uma Mulher como as Outras* e agradece pela remessa. Em outra, ele expressa saudações, lamentando não ter podido visitá-lo a bordo, e envia recortes de jornais portugueses sobre o assunto. Também há uma carta em que tece comentários sobre o romance *Sinhazinha*, agradecendo por ter incluído um estudo seu na publicação sobre Botelho de Oliveira.

Manoel de Sousa Pinto também agradece e elogia *Tristão e Iseu*, e expressa gratidão pelas palavras de louvor ao seu trabalho na Academia Brasileira de Letras. Em outras missivas, lamenta sua situação como professor na Universidade, comenta sobre sua atuação acadêmica e solicita *Missangas*, além de enviar informações sobre suas atividades universitárias. Mostra-se ainda admirado por ter recebido três obras no mesmo ano e pede intervenção em relação à sua delicada situação como professor de “Estudos Brasileiros”. Também agradece a dedicatória de seu estudo sobre Camões e o Brasil e reflete sobre a honra de ver seu nome associado a um trabalho de tão alta significação. O Quadro 06 apresenta as cartas trocadas, com as respectivas datas e uma breve descrição dos principais temas abordados em cada uma.

Quadro 06 – Cartas de Manoel de Sousa Pinto

DATA DA CARTA	EVENTOS/AÇÕES
1932	Deseja boas festas a Afrânio Peixoto, e faz comentários sobre os Ensaios camonianos e Camões e o Brasil.
09/11/1927	Comunica que está enviando dois exemplares comemorativos da inauguração da Cadeira de Estudos Camonianos.
04/04/1928	Comenta elogiosamente o livro <i>Uma Mulher como as outras</i> e agradece a remessa.
16/10/1928	Lamenta não poder abraçá-lo quando de passagem por Lisboa e envia recortes de jornais portugueses relativos ao assunto.
17/04/1929	Apresenta saudações e explica não ter sido possível visitá-lo a bordo.
29/04/1929	Tece comentários sobre o romance <i>Sinhazinha</i> e agradece por ter incluído um estudo seu, na publicação sobre Botelho de Oliveira.
24/07/1930	Agradece pela obra de AP <i>Tristão e Iseu</i> .
08/07/1931	Acusa recebimento de cartão enviado por Afrânio Peixoto e comenta que não recebeu o novo livro de AP <i>Missangas</i> e que aguarda recebê-lo junto com <i>Viagem sentimental</i> .
30/07/1931	Agradece pelas obras: <i>Noções de História da Literatura Brasileira</i> , <i>Missangas</i> e <i>Viagem sentimental</i> .
08/08/1931	Comenta sua atuação na Universidade e solicita <i>Missangas</i> .
25/09/1931	Demonstra a sua admiração por receber no mesmo ano três obras e pedindo intervenção quanto a situação delicada como professor de “Estudos Brasileiros”.
06/10/1931	Envia informações sobre sua atividade na Universidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em uma de suas cartas, Manoel de Sousa Pinto acusa o recebimento da obra *Uma mulher como as outras*, de AP, e menciona que, em breve, dará sua opinião ao público. No

entanto, ainda não sabe exatamente onde o fará, já que, segundo ele, a situação das publicações em Lisboa não era das melhores, revistas e jornais atravessavam dificuldades. Apesar disso, garante que não deixará de apresentar ao público, por meio do novo e simpático volume, a última heroína de AP, Helena, natural de Bagé. Comenta ainda os rumores que circulavam em Lisboa de que Peixoto em breve honraria a cidade com sua presença e sua palavra. Pelo entusiasmo com que a notícia se espalhou, Manoel pôde avaliar a importância que essa visita teria quando finalmente se concretizasse.

É sempre festa para mim um novo livro seu. Uma mulher como as outras chegou ontem, afetuosamente endereçada por sua mão. (...) Direi depois a minha opinião ao público, ainda não sei bem onde, porque isto por cá anda pouco bem quanto a revistas e jornais. Mas não deixarei de apresentar, com o novo e simpático volume, a sua última heroína, Helena, Bagéense. Correu aqui, não sei com que fundamento, que viria brevemente honrar Lisboa com a sua presença e a sua palavra, imagine quem? O meu mui caro, o nosso querido, Afrânio Peixoto. Pelo interesse com que a boa-nova se espalhou, medi a importância que a sensacional visita terá, quando realizada (Pinto, 1928).

Em seguida, Manoel de Sousa Pinto informa que ainda não recebeu nenhum exemplar da Revista da Academia naquele ano e questiona se a publicação estaria em atraso: “Ainda não recebi nenhum número da Revista da Academia deste ano. Está atrasada?” (Pinto, 1928).

Sinházinha, felicissimamente, não se perdeu no caminho. Tenho-a aqui junto de mim, muito estimada. Belo livro de fatalidade emoção, prolongando admiravelmente a série das suas novelas rústicas. Curioso, o facto de o romance ter saído do entrecho do Barralho! Já anunciei sinhazinha aos meus alunos, e hei de ocupar-me dela com demora num volume que preparei dos Autores Brasileiros. (Pinto, 1929)

Nessa carta, Manoel de Sousa Pinto informa que recebeu o exemplar da obra *Sinhazinha*, de AP. Em seguida, tece um elogio à narrativa, descrevendo-a como um “belo livro de fatalidade e emoção, prolongando admiravelmente a série das suas novelas rústicas”. Acrescenta ainda que já apresentou *Sinhazinha* a seus alunos e que pretende dedicar-lhe uma análise mais aprofundada em um volume que está preparando sobre Autores Brasileiros.

Muito obrigado pela oferta do Tristão e Iseu, bom livro que o conselho de Gide o levou a pôr em português. Em tendo férias, hei de saborear a versão, por certo excelente. Muito obrigado também pelo exagerado louvor com que apresentou à Academia os meus dois trabalhos. As suas palavras, autorizadas, são sempre precioso estímulo para a minha tarefa. Imagine que, quando as proferiu, veio um telegrama da Americana dando a notícia, mas dizendo que o meu caro Amigo me tinha criticado severamente. Felizmente

que a Agência de cá, tendo estranhado o facto, me comunicou o telegrama antes de o dar aos Jornais. Garanti que havia erro da transmissão: não porque eu não seja susceptível de crítica, mas pela sua infinita amabilidade a meu respeito, e ainda pelo facto de nos Romancistas Brasileiros haver, como não pode deixar de ser, o seu nome. De modo que o telegrama saiu bem. Imagine! Terminei há dias, com bons resultados, os exames do meu curso. Devo agora ir a Coimbra fazer 2 conferências brasileiras: uma delas sobre Gonçalves Dias, para divulgar a primeira poesia do grande maranhense, que não é conhecida. Peço-lhe o favor de dizer ao nosso bom amigo Fernando Nery que não recebi nenhum volume do Gregório de Matos. Só tenho o da Lírica, saído há bastante tempo (Pinto, 1930).

Nessa missiva, Manoel de Sousa Pinto agradece a AP pela oferta da obra *Tristão e Iseu*, à qual dirige elogios, destacando ainda que o conselho de Gide foi responsável por levar o livro à língua portuguesa. Também expressa gratidão pelo generoso elogio com que Afrânio Peixoto apresentou seus dois trabalhos à Academia, afirmando considerar tais palavras um valioso estímulo para sua trajetória intelectual.

Ele comenta um erro ocorrido na transmissão de um telegrama, mas ressalta que conseguiu identificar a falha antes que a informação fosse divulgada pelos jornais. Em seguida, informa que concluiu, com bons resultados, os exames de seu curso e que, em breve, deverá ir a Coimbra para realizar duas conferências sobre temas brasileiros, uma delas dedicada a Gonçalves Dias, com o objetivo de divulgar seus primeiros poemas, ainda pouco conhecidos.

Aproveita para solicitar a AP que informe ao amigo em comum, Fernando Nery, que não recebeu nenhum exemplar da obra sobre Gregório de Matos, exceto o volume da Lírica, publicado há bastante tempo. Por fim, manifesta entusiasmo ao comentar que, num só dia, recebeu quatro obras de Afrânio Peixoto, todas publicadas em 1931, *Missangas*, *Viagem Sentimental*, *Marta e Maria* e *Noções de História da Literatura Brasileira*, além de dois valiosos volumes das Cartas Jesuíticas, também daquele ano.

Quatro novidades do mesmo autor, e todas de 1931, é coisa que poucos se gabarão, como eu, de receber no mesmo dia, ou de poder mandar, como o meu infatigável amigo. *Missangas*, *Viagem sentimental*, *Marta e Maria* com seu Post-scriptum viram juntar-se às recentes *Noções de História da Lit. Brasileira* e aos dois bons volumes de *Cartas Jesuíticas*, também deste ano (Pinto 1931)

Manoel de Sousa Pinto observa ainda que AP não comentou nada a respeito da subvenção referente à sua cadeira, provavelmente referindo-se à sua posição na Academia Brasileira de Letras. Relata que, até aquele momento, a Academia não havia efetuado nenhum repasse naquele ano e manifesta surpresa diante da ausência de qualquer explicação oficial,

afirmando não acreditar que a subvenção tenha sido suspensa sem aviso. Comenta, em tom ponderado, que o Governo havia adotado medida semelhante, mas “sem demasiada hostilidade”. Supõe, por fim, que a situação se deva a dificuldades na liberação e na transferência dos recursos.

Ainda nada me disse sobre a subvenção à minha Cadeira sua protegida. Da Academia ainda não veio nenhuma prestação este ano. Não creio que a tenham suspenso sem dizer nada, e depois de o Governo fazer o mesmo sem demasiada hostilidade, que nada me autoriza a suspeitar suponho que seja por dificuldades de saída e transferência do dinheiro (Pinto, 1931).

Em outra missiva, Manoel de Sousa Pinto informa ter recebido e agradece o segundo exemplar de *Missangas*, obra que considerou interessante. Comunica ainda que também recebeu o volume referente à Álvares de Azevedo, destinado à bibliografia. Na mesma carta, registra o recebimento da primeira prestação da subvenção da Academia, motivo pelo qual declara que AP está dispensado de intervir junto à instituição, como havia solicitado anteriormente.

Manoel comenta ainda sobre o andamento de seu curso e menciona o anúncio feito por Fernando Nery acerca do envio de uma obra de Euclides da Cunha que, até o momento, não havia chegado às suas mãos. Informa também, que ainda não recebeu os números de julho e agosto da Revista da Academia, publicações que, segundo ele, são “sempre bem-vindas”.

Veio um segundo exemplar de *Missangas* – livro interessante – e veio o Álvares de Azevedo da Bibliografia. Muito obrigado. Veio também a primeira prestação da subvenção da Academia. Fica, portanto, dispensado de intervir, como lhe pedia na minha última carta. Lá para 17 começo o meu novo curso, o oitavo! O Fernando Nery anunciou-me a remessa do Euclides da Cunha, mas não chegou cá. O que também recebi ultimamente foram os números de Julho e Agosto da Revista da Academia. sempre bem-vindos (Pinto, 1931).

Na carta datada de dezembro de 1932, Manoel de Sousa Pinto envia a AP votos de boas festas e um feliz ano novo, acompanhados de sinceros agradecimentos, nos quais expressa profunda gratidão pela amizade e consideração recebidas. Manifesta especial apreço pela publicação dos *Ensaio Camonianos*, destacando a dedicatória do belo estudo Camões e o Brasil, realizado por AP, e declara sua alegria e honra em ter seu nome associado a uma obra de tamanha relevância.

Reflete sobre a importância da reunião dos estudos camonianos conduzidos por Afrânio Peixoto, e afirma que o livro deve “ficar marcado para sempre pelo muito que diz e

representa quanto às relações literárias de Portugal e Brasil”. Com isso, ressalta não apenas a relevância do trabalho para o campo da literatura, mas também seu papel como ponte cultural entre os dois países, destacando a contribuição significativa da obra para o fortalecimento dos laços literários luso-brasileiros.

As missivas trocadas entre Afrânio Peixoto (AP) e diversos intelectuais portugueses revelam uma intensa e significativa circulação de obras e ideias entre Brasil e Portugal. Esses correspondentes, além de receberem as publicações de AP, também lhe enviavam seus próprios trabalhos, promovendo uma troca intelectual que transcendia fronteiras geográficas. Afonso Lopes Vieira, por exemplo, enviou a AP *A Mãe de Todos os Vícios*; Agostinho de Campos, *Camões Lírico*; e Fidelino de Figueiredo comentou a respeito de *As Duas Espanhas*, enviou um exemplar de *Pyrene* e participou da publicação do ensaio *O dever dos intelectuais*.

Essa rede de trocas possibilitava não apenas o compartilhamento de ideias e leituras, mas também a propagação das obras entre os dois países. Por meio de AP, muitas dessas produções portuguesas chegaram ao público brasileiro, da mesma forma que os livros do escritor baiano alcançaram leitores em Portugal, onde foram bem recebidos e frequentemente comentados. Essa circulação evidencia uma ponte literária entre os dois contextos culturais, fortalecida pelo intercâmbio epistolar e pelo gesto simbólico de presentear livros, prática comum entre intelectuais da época.

Ao analisarmos as missivas trocadas entre Afrânio Peixoto (AP) e os intelectuais portugueses Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Fidelino de Figueiredo e Manoel de Sousa Pinto, é possível identificar uma rica circulação de ideias e obras entre Brasil e Portugal, refletindo aspectos centrais da história dos livros e dos impressos. Roger Chartier e Robert Darnton destacam que os livros não são meramente objetos físicos, mas participantes ativos de processos sociais, culturais e políticos. Assim, as obras de AP, como *Dinamene*, *Paladinos da Linguagem*, *Uma mulher como as outras*, *Fruta do Mato*, *Poeira da Estrada*, *Tristão e Iseu* e *Sinhazinha*, ao serem enviadas, lidas e criticadas favoravelmente em Portugal, demonstram como o livro pode funcionar como um mediador cultural entre diferentes contextos.

Portanto, essa rede de correspondência e trocas literárias evidencia um fenômeno relevante: a construção de um espaço intelectual transatlântico, no qual autores brasileiros e portugueses colaboravam, refletiam e se influenciavam mutuamente. Através dessas práticas, contribuíram para a consolidação de um diálogo cultural profundo entre Brasil e Portugal no início do século XX, com o livro funcionando como um elo dinâmico e simbólico entre as duas margens do Atlântico.

Figura 03 – Recorte de Jornal.



Foto: Acervo Pessoal do Afrânio Peixoto.

A circulação dessas obras insere-se no que Pierre Bourdieu (1996) chama de “campo literário”, um campo de forças e disputas onde a legitimidade das obras e dos autores é negociada. AP, ao criar a Cadeira de Estudos Camonianos em Portugal, consolida-se não apenas como escritor, mas também como uma figura intelectual múltipla — um conceito discutido por Evelina Hoisel (2006) —, que atua como mediador entre culturas, estudiosos e tradições literárias. Sua profunda identificação com a cultura europeia e, ao mesmo tempo, sua identidade como brasileiro reforçam a noção de um intelectual que transita entre diferentes mundos, contribuindo para o diálogo entre Brasil e Portugal.

A figura do intelectual múltiplo surge no contexto cultural brasileiro na segunda metade do século XX. No entanto, sua emergência já se indicava desde o começo do século XX, com os pioneiros da modernidade, representados pelo “poeta-crítico”, um termo utilizado por Paul Valéry (1991 *apud* Hoisel, 2015) para descrever o escritor criativo, romancista e/ou poeta, que também desempenha funções teóricas e críticas. Nesse contexto, na segunda metade do século XX, no Brasil, o conceito de intelectual múltiplo se expandiu para incluir novas atividades além das desempenhadas pelos poetas-críticos, como o ensino superior, especialmente no contexto da expansão e formalização dos cursos de pós-graduação nas universidades.

Dessa forma, é importante destacar que a literatura pode funcionar como um elo articulador das ações e demais atividades do titular, posicionando-o no campo do que Evelina Hoisel (2012, 2019 *apud* Mota, 2021) denomina “intelectual múltiplo”. Segundo a autora, essa figura já começava a se delinear no início do século XX, com os chamados poetas-críticos, escritores que, além de se dedicarem à criação literária como romancistas ou poetas, também atuavam no campo da teoria e da crítica literária. Esses autores ampliavam sua atuação cultural ao assumir funções de teóricos, críticos e historiadores da literatura.

Hoisel (2012 *apud* Mota 2021) afirma que as universidades, como espaços de produção e disseminação do conhecimento, passaram a acolher intelectuais responsáveis pela formação de muitos profissionais da área de Letras. Embora a abordagem acadêmica e o projeto intelectual de cada um desses indivíduos variem amplamente, com alguns alcançando repercussões nacionais e internacionais e outros mais localizados, o que une suas trajetórias é a construção de uma rede de produções escritas (ficção, teoria, crítica e docência), por meio da qual esses intelectuais se definem, abordando questões teóricas e pedagógicas que desafiam fronteiras e saberes estabelecidos, e criando uma interação entre biografia, ficção e teoria.

O intelectual múltiplo se forma no domínio da linguagem, seja no campo poético, seja no âmbito do discurso pedagógico, proferido pelo professor, ou ainda nas esferas teórica e crítica. Em consonância com Evelina Hoisel (p. 83, 2015), “[...] a expressão intelectual múltiplo define a diversidade de lugares de produção de discursos (ou de escritas), onde este sujeito se inscreve e se produz”.

Segundo Mota (2021), escritores podem expandir o perfil do “intelectual múltiplo” proposto por Hoisel (2012) ao incluir atividades diretamente relacionadas à prática literária, como jornalismo, produção cultural e tradução, exemplificado pelo caso de Ildásio Tavares. Afrânio Peixoto também ilustra com clareza a noção de “intelectual múltiplo” formulada por Evelina Hoisel — alguém cuja atuação se estende por diversas áreas do saber e da cultura, exercendo o papel de mediador entre diferentes campos do conhecimento e tradições literárias. Sua obra literária é ampla e diversa, englobando romances, ensaios, críticas e biografias. Como ensaísta, dedicou-se a figuras centrais da literatura lusófona, como Luís de Camões, Castro Alves e Euclides da Cunha, revelando um interesse constante por integrar distintas perspectivas e saberes. A interdisciplinaridade de sua abordagem expressa um esforço contínuo de articulação entre múltiplas tradições intelectuais. Nesse contexto, Afrânio Peixoto se destaca como um elo significativo na construção de um diálogo entre saberes,

contribuindo de forma marcante para o enriquecimento do cenário cultural e literário brasileiro.

O trabalho de Donald McKenzie (2018) sobre a sociologia dos textos também se mostra relevante para essa análise. Ele destaca que os textos não existem isoladamente, mas em contextos sociais e materiais específicos que influenciam sua produção, circulação e recepção. No caso de AP, suas obras foram lidas em Portugal, comentadas em cartas por seus interlocutores, como Afonso Lopes Vieira e Agostinho de Campos, e enviadas de volta ao Brasil, evidenciando a propagação e recepção de ideias literárias entre os dois países. Esse processo de troca é um exemplo claro de como os textos se movimentam em circuitos transnacionais, gerando novos significados conforme circulam.

Portanto, ao examinar a correspondência e a circulação das obras de AP entre esses cinco intelectuais portugueses percebemos como suas produções literárias foram apreciadas e discutidas. A troca de livros e ideias entre Brasil e Portugal não só reforçou a relação entre os dois países, mas também possibilitou que a obra de um escritor baiano fosse amplamente divulgada e lida em Portugal. Esse intercâmbio intelectual, como mostram os exemplos de Afonso Lopes Vieira enviando *A Mãe de todos os Vícios* para AP e Agostinho de Campos enviando *Camões Lírico*, revela um diálogo profundo entre os dois contextos literários, ampliando o alcance das obras tanto de AP quanto dos escritores portugueses no Brasil.

4 DOSSIÊ DAS CARTAS

O dossiê de gênese de acordo com Biasi (2010) é o conjunto de material de documentos e manuscritos ligados à gênese de um texto que se está estudando. Ainda de acordo com Biasi (2010), o dossiê genético não deve ser entendido apenas como um dado bruto, mas sim como o produto de um trabalho inicial. Sua forma e conteúdo variam de acordo com os propósitos específicos da pesquisa que o utiliza. Esse conjunto é formado por diversos “arquivos”, geralmente preservados por instituições públicas ou privadas voltadas à conservação de patrimônio. Ele pode incluir documentos diretamente relacionados à criação da obra, como manuscritos autógrafos do autor, cadernos, anotações, esboços de textos inéditos ou não realizados, correspondências, planos de escrita, versões preliminares e provas corrigidas. Além disso, o dossiê pode ser complementado por materiais que, embora não estejam ligados diretamente ao processo criativo, são relevantes para a análise, como cartas recebidas, livros da biblioteca pessoal do autor, contratos editoriais, registros oficiais, testamentos, arquivos familiares, além de registros visuais, sonoros ou audiovisuais que tenham sido coletados ou produzidos pelo próprio autor.

No acervo, as pastas organizam documentos que compartilham um mesmo tema, evento ou acontecimento. Esses conjuntos documentais podem ser compreendidos, segundo a terminologia arquivística, como dossiês. Na prática filológica, Barreiros (2013) define o dossiê como um conjunto de documentos presentes no acervo que se relacionam a um tema específico e são organizados pelo filólogo com vistas à edição-interpretação do texto. Essa concepção amplia o entendimento do dossiê genético, pois não se limita aos documentos de gênese textual. Ainda segundo o autor, não há limites para a espécie documental que pode ser inserida no dossiê, o que evidencia a diversidade de materiais que podem compor esse conjunto, incluindo correspondências, recortes de jornais, fotografias, manuscritos e outros registros vinculados ao objeto de estudo.

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 136, *apud* De Mello, 2023), o dossiê é definido como um “conjunto de documentos de proveniências diversas, reunidos artificialmente, com o objetivo de informar, e agrupados por assunto”. De modo semelhante, Camargo *et al.* (2010, p. 32, *apud* De Mello, 2023) consideram o dossiê uma “unidade documental em que se reúnem informalmente documentos de natureza diversa, para uma finalidade específica”. O *Dicionário do Arquivo Nacional* (2005, p. 80, *apud* Silva, 2023, p. 133), por sua vez, define o dossiê como um “conjunto de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto), que constitui uma unidade de arquivamento”.

Essas definições indicam que o dossiê não se restringe ao acondicionamento físico de documentos, mas refere-se à constituição de conjuntos organizados com base em uma lógica funcional ou temática, seja por seus produtores, seja por pesquisadores. Quando estruturados em torno de um evento, obra ou tema específico, esses conjuntos assumem o estatuto de construções intelectuais, refletindo uma intencionalidade na seleção e organização dos documentos.

Conforme Barreiros (2013), o dossiê é também compreendido como uma construção do pesquisador, que seleciona, organiza e interpreta documentos com base em suas inter-relações, a fim de evidenciar os modos de produção, circulação e recepção de textos, muitas vezes registrados nos arquivos pessoais. Nesse sentido, os conjuntos documentais originalmente estruturados pelos autores ou titulares de arquivos são identificados pelo filólogo como dossiês e passam a constituir base essencial para a elaboração de edições críticas.

A forma como os documentos são guardados reflete tanto a personalidade de seu produtor quanto sua necessidade de acesso à informação. Essa lógica, por vezes, não é imediatamente compreendida pelos profissionais encarregados do tratamento do acervo. Em geral, os arquivos pessoais chegam às instituições sem uma organização sistemática. São encaminhados por herdeiros, familiares ou, eventualmente, pelo próprio autor, muitas vezes acondicionados de forma aleatória, em caixas e envelopes, sem critérios arquivísticos.

Foi o que ocorreu com o acervo de Afrânio Peixoto: ao ser transferido da Casa de Cultura e Memorial Afrânio Peixoto para a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), já havia sofrido interferências que comprometeram sua ordenação original. A tentativa de restabelecer uma ordem primitiva, muitas vezes inexistente ou apagada, pode se revelar arbitrária. Diante disso, o trabalho do arquivista consiste em propor um quadro de arranjo coerente, tomando como base os dossiês identificáveis e preservando sua estrutura interna.

Ainda que o acervo não apresente uma organização global, é possível identificar núcleos organizados pelo próprio autor, considerados dossiês originais. Estes devem ser respeitados e servir de referência para a organização dos demais documentos. Para a classificação da correspondência, recomenda-se a organização por grupos temáticos — como familiar, científico ou profissional — e, dentro desses, por ordem alfabética ou cronológica. Assim, a constituição de dossiês se torna o eixo estruturante da organização de arquivos pessoais, realizada pelo arquivista e, sempre que possível, em consonância com a lógica do produtor.

No caso do acervo de Afrânio Peixoto, a manipulação por terceiros alterou agrupamentos documentais previamente existentes. Além disso, o acondicionamento físico nem sempre reflete a lógica dos eventos ou atividades documentadas. Por isso, é fundamental que os instrumentos de busca estejam bem estruturados, de modo a permitir a reunião e contextualização das informações. A ordenação lógica, nesse sentido, é mais relevante do que a disposição física. A recomendação, portanto, é que se preserve, sempre que possível, os dossiês originais como ponto de partida para a organização do acervo.

No âmbito da edição crítica, o dossiê assume papel fundamental ao fornecer subsídios para a análise do texto em relação a outros documentos e à sua gênese. Como observa Barreiros (2013), a análise dos textos presentes no acervo deve considerar as conexões entre os diferentes documentos e os manuscritos ainda em elaboração, formando, assim, um dossiê genético.

A constituição dos dossiês possui natureza provisória, uma vez que está sujeita à constante ampliação a partir da incorporação de novos documentos, resultado do caráter dinâmico da pesquisa em acervos. Em muitos casos, os temas presentes nos documentos se inter-relacionam, e é por meio da prática filológica que novas conexões emergem, possibilitando tanto a reorganização de dossiês existentes quanto a criação de novos conjuntos documentais.

Nesse contexto, Barreiros (2013) observa que a prática filológica está longe de ser uma atividade técnica ou mecânica. Caso diferentes filólogos trabalhem com o mesmo conjunto documental, suas edições nunca serão idênticas. Isso se deve ao fato de que a edição filológica é, essencialmente, uma atividade intelectual e interpretativa, que exige leitura atenta de fragmentos textuais e análise crítica dos materiais. Trata-se, portanto, de um exercício de leitura que ultrapassa a transcrição (que também é uma atividade de interpretação e decifração) ou ordenação dos documentos.

Assim, a atuação do filólogo nos acervos assume um papel central, pois não se limita à conservação ou organização física dos documentos. A prioridade recai sobre a compreensão dos conteúdos e dos paratextos, bem como sobre as relações rizomáticas estabelecidas entre os diferentes elementos do acervo. A edição, nesse sentido, não é neutra nem automatizada; ela emerge como um gesto interpretativo comprometido com a historicidade e complexidade do material.

Ainda segundo Barreiros (2013), a escolha de um determinado texto pelo editor, em detrimento de outros disponíveis no acervo, constitui uma ação carregada de significados. Ao selecionar e dar visibilidade a documentos até então silenciados ou esquecidos, o editor ativa

um processo de resignificação que interfere diretamente nas estruturas de poder simbólico. Esse ato de curadoria e intervenção consolida o editor não apenas como agente técnico, mas como sujeito-autor — alguém que produz sentido a partir das escolhas editoriais que realiza, ao organizar, transcrever e interpretar os documentos editados.

Quadro 07 – Dossiê das cartas de cinco escritores portugueses para Afrânio Peixoto

REMETENTES:	56 CARTAS:
Afonso Lopes Vieira	14
Agostinho de Campos	7
Fidelino de Figueiredo	16
José Maria Rodrigues	7
Manoel de Sousa Pinto	12
CONTEXTO:	CARTAS:
Literatura	38
Acadêmico	2
Política	1
Familiar	2
Literatura e Orçamento	1
Agradecimento e Assunto Pessoal	2
Agradecimento e Literatura	4
Cadeira Estudos Camonianos	1
Felicitações e literatura	1
Notícias	1
Saudações	2
Literatura e acadêmico	1
Local:	Cartas:
Lisboa	33
Não consta.	6
São Pedro de Moel	1
Largo da Rosa	1
Porto	2
Avenida Palace	2
São Paulo	6
Madrid	4
Rio de Janeiro	1

Quadro 08 – Dossiê das cartas de Afonso Lopes Vieira para Afrânio Peixoto

LOCALIZAÇÃO NO ACERVO	CONTEÚDO	RESUMO	DATA	LOCAL	DESCRIÇÃO
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código: não possui código.	Literatura - parabeniza, justifica ausência, comenta sobre amigo, pede que Afrânio lhe telefone.	Parabeniza AP por suas lições.	Sem data	Avenida Palace.	Texto manuscrito com tinta preta, 02 fólio.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código:	Acadêmico – proposta de jantar, encontro	Propõe um jantar “astrológico e camoniano”;	Sem data	Não consta.	Texto manuscrito com tinta

CCAP 6.2657/70	pede que Afrânio telefone para lhe responder.	solicita resposta via telefone.			preta, 02 fólio.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código: CCAP 6.2658/70	Saudações – deseja boas-vindas a chegada de Afrânio em Portugal, pede que Afrânio diga pelo telefone quando e que horas vão se encontrar.	Afonso deseja boas vindas a AP, dizendo: “Seja bem-vindo, Afrânio, à sua terra!” e pergunta quando vão se encontrar e pede para AP avisar por telefone às 15 horas.	Sem data	Lisboa	Papel liso, em dobradura, timbre do Palace Hotel, texto manuscrito com tinta preta, 01 fólio
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código: CCAP 6.2659/70	Acadêmico - institucional (informa o horário que vão ao instituto).	Informa a data e horário para ir com AP ao Instituto da Academia.	Sem data	Lisboa	Papel liso, em dobradura, timbre do Palace Hotel, texto manuscrito com tinta preta, 01 fólio.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código: CCAP 6.2660/70	Política - encontro com Condessa, cultural (teatro),	Informa dia, horário e local para ele e AP se encontrarem com a “Senhora Condessa” e convida AP para assistir a um teatro, à noite.	Sem data	Lisboa	Papel liso com timbre de AVIZ HOTEL, texto manuscrito com tinta preta, 02 fólios.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código: CCAP 6.2661/70	Familiar - planos para o próximo verão, desejo de boa viagem, oferta, presentes.	Deseja boa viagem a AP e expressa desejo de logo se encontrar com ele e sua esposa no próximo verão.	Sem data	Não consta.	Carta com texto manuscrito com tinta preta 01 fólio.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Código: CCAP 6.2656/70	Literatura - envio, recebimento e política.	Fala que tem agora um novo portador para enviar “a nova demanda do Graal”.	28/03	Avenida Palace	Texto manuscrito escrito apenas no anverso, com tinta preta, 01 fólio.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.19 Códigos: 1736/95 CCAP 6.1726/70	Literatura - envio, recebimento, agradecimento, elogio, questões políticas.	Informa que recebeu a obra <i>História do Brasil</i> de AP.	22/06	Não consta.	Texto manuscrito, 01 fólio.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>136/76</u>	Literatura e Orçamento - literatura, edição, livro	Carta sobre o preço e impressão da obra, <i>Dinamene</i> .	14/05/1926	Não consta.	Texto escrito apenas no anverso de cada fólio,

103 CCAP 6.133/90.1 CCAP 6.133/90.2 JAP-1.4 136	<i>Dinamene</i> , opinião, sugestões e valor.				com tinta azul, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>141/76</u> 106 CCAP 6.137/90 JAP-1.4 – 141	Literatura - envio de <i>Dinamene</i> , revisão e explicações sobre a edição (quantidade de exemplares, qual livraria deve depositar a edição e explicação sobre as provas).	Nessa carta avisa que esta enviando as provas da obra <i>Dinamene</i> .	16/10/1926	Lisboa	Texto escrito no anverso, com tinta azul, 1 fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>142/76</u> 107 CCAP 6.138/90 JAP-1.4 142	Literatura - publicação da edição de <i>Dinamene</i> , recebimento da carta de Afrânio e agradecimento.	Carta sobre detalhes da impressão da obra <i>Dinamene</i> .	03/11/1926	Não consta	Texto escrito no anverso, com tinta azul, 1 fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>287/76</u> 145 CCAP 6.2657/70 JAP-1.4 287 -	Agradecimento e Assunto Pessoal- comenta não ter visto Afrânio, desejo boa saúde para o seu filho, saudação aos amigos do Brasil que fez durante sua passagem ao Brasil, faz vários agradecimentos para Afrânio Peixoto.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, lamentando não tê-lo encontrado e citando nomes de vários brasileiros que facilitaram sua missão quando esteve no Brasil.	17/10/1928	São Pedro de Moel	Texto escrito no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>315/76</u> 204 CCAP 6.263/90 JAP-1.4 – 315	Literatura - recebimento da obra <i>Dinamene</i> e publicação.	Carta acusando o recebimento da obra <i>Dinamene</i> e comentando significado de determinados termos literários.	31/05/1929	Não consta	Texto escrito no recto e no verso, com tinta azul, 1 fl.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.14 Códigos: 814/76 CCAP 6.878/70	Literatura - envio de peça, política, evento, participação de Afrânio e convite.	Comunica que vai enviar a peça de AP em maio se possível for.	28/02/1940	Largo da Rosa	Texto manuscrito com tinta azul, 01 fólio.

Quadro 09 – Dossiê das cartas de Agostinho de Campos para Afrânio Peixoto

LOCALIZAÇÃO NO ACERVO	CONTEÚDO	RESUMO	DATA	LOCAL	DESCRIÇÃO
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>109/76</u> 79 CCAP 6.101/90.1 CCAP 6.101/90.2 JAP-1.3 - 109	Literatura - recebimento, extravio, envio de exemplar, (<i>Paladinos</i>), envio de <i>A Mãe de Todos os Vícios</i> , panfletos, comentários sobre as obras de Afrânio, pede opinião de Afrânio sobre <i>Paladinos</i> .	Agradecimentos pelos boletins da Academia Brasileira de Letras; elogiando o terceiro volume de <i>Paladinos da Linguagem</i> e enviando <i>A Mãe de todos os Vícios</i> , panfletos políticos; menção à leitura de <i>Bugrinha</i> e expectativas por novos trabalhos de Afrânio Peixoto.	09/03/1923	Lisboa	Texto escrito no anverso e no verso de ambas as folhas, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>198/76</u> 157 CCAP 6186/90 JAP-1.4 – 198	Familiar - felicitações pelo restabelecimento do filho de Afrânio, notícias sobre sua filha, desabafo de voto de desgosto porque Afrânio não passou em Portugal na sua volta para o Brasil.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, desejando o pronto restabelecimento do seu filho Juca.	17/10/1928	Porto	Texto escrito no recto e no verso de cada fôlio, com tinta preta, 1 fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>312/76</u> 225 CCAP 6259/90 JAP-1.4 – 312	Literatura - recebimento de cartão e artigo, votos de saúde para família de Afrânio.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, acusando recebimento cartão acompanhando um artigo publicado no Fígaro.	08/05/1929	Lisboa	Carta em um papel dobrado ao meio, escrita apenas em um lado na vertical, com tinta preta, 1 fl. Dupla
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>332/76</u> 207 CCAP 6.286/90 JAP-1.4 332 -	Agradecimento e Literatura - agradece pela carta que Afrânio enviou, acusa recebimento de <i>Camões Lírico</i> , agradece por <i>Dinamene</i> , comentários, notícias, parabeniza Afrânio pelo restabelecimento do Juca.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto agradecendo o exemplar recebido de <i>Dinamene</i> e enviando o quarto volume de <i>Camões Lírico</i> e ainda outros comentários.	14/12/1929	Lisboa	Carta em um papel dobrado ao meio, escrita nas quatro partes na vertical, com tinta preta, 2 fls.

Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.6 Códigos: <u>631/76</u> 370 CCAP 6.713/70	Agradecimento e Assunto Pessoal - problemas de saúde e cumprimentos aos amigos.	Carta explicando que por questões de saúde ele não pode ir ver o Afrânio Peixoto e o Pedro Calmon para agradecer pela vista e seus belos e doces presentes.	09/12/1937	Lisboa	Texto escrito no anverso, com tinta preta, 1fl.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.12 e pasta de cartas incompletas. Códigos em apenas um fólio: <u>670/76</u> 610 CCAP 6.750/70	Literatura - comentário sobre as obras de Afrânio e sobre a Cadeira de Estudos Camonianos.	Tece comentários sobre as obras de Afrânio Peixoto, <i>Bugrinha</i> , e <i>Maria Bonita</i> , e sobre a Cadeira de Estudos Camonianos em Lisboa	16/08/1938	Porto	Texto manuscrito com tinta preta, 2fls.
Gaveta 3 B-2 Pasta: 1.14 Códigos: <u>833/76</u> 791 CCAP 6.907/70	Literatura - recebimento, agradecimento, felicitações, e notícias.	Acusa o recebimento de <i>História do Brasil</i> de Afrânio Peixoto e agradece e fala que não vai deixar de referir sobre essa obra, seja no Comercio do Porto ou em outra oportunidade. Fala também sobre o pintor Ricardo Bensaúde, quem ira entregar a carta, e solicita que Afrânio Peixoto dê a ele um pouco de sua atenção e influência.	23/07/1940	Lisboa	Carta em duas folhas de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, 2fl.

Quadro 10 – Dossiê das cartas de Fidelino de Figueiredo para Afrânio Peixoto

LOCALIZAÇÃO NO ACERVO	CONTEÚDO	RESUMO	DATA	LOCAL	DESCRIÇÃO
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.6 Códigos: <u>948/76</u> 912 CCAP 6.1069/70	Literatura - agradecimento, gratidão intelectual, cobrança afetuosa, e reafirmação da amizade.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, acusando recebimento das revistas.	10/12	São Paulo	Carta manuscrita no recto. 1fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.1 Códigos: <u>70/76</u>	Literatura - agradecimento por envio de obras,	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, agradecendo o romance <i>Uma</i>	09/05/1920	Madrid	Carta manuscrita no recto e no verso. 1fl.

54 CCAP 6.79/90 JAP-1.2 – 70	dificuldade de tempo / excesso de trabalho, participação da esposa na leitura, troca intelectual e correspondência literária, crítica às comunicações postais, amizade e consideração pessoal.	<i>mulher como as outras.</i>			
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>134/76</u> 116 CCAP 6.231/90	Literatura - agradecimento e impressões sobre obras, recebimento, elogio ao sucesso de Afrânio, desejos de felicidade.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, acusando recebimento da obra <i>Ramo de Louro</i> .	06/05/1927	Madrid	Carta manuscrita no recto e no verso. 1fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>173/76</u> 132 CCAP 6.159/90.1 CCAP 6.159/90.2 JAP-1.4 – 173	Literatura - troca intelectual e literária, vida intelectual sob regimes autoritários, pedido de colaboração intelectual, valorização da amizade e fidelidade, incertezas e desejo de estabilidade.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, solicitando lista de obras da historiografia brasileira.	28/09/1927	Lisboa	Carta manuscrita no recto e no verso. 2 fls.
Gaveta 3C Pasta: plastificador vermelho Códigos: CCAP 6.2823.1 CCAP 6.2823.2	Literatura - referência a obras e troca intelectual, reconhecimento acadêmico, proposta de criação de um patronato internacional, curso de férias e integração do Brasil, listagem de nomes para o patronato, amizade e considerações pessoais.	Carta acusando recebimento do cartão enviado por Júlio Afrânio Peixoto.	16/05/1928	Madrid	Carta em uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, 2fls

Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>283/76</u> 141 CCAP 6.214/90	Literatura - intermediação acadêmica, atuação cultural, e intelectual, redes de intelectuais, convite e expectativa de visita, amizade e admiração.	Informa que comunicou ao reitor, por meio de Luiz Beamejo, o conteúdo da última carta de Afrânio e um extrato da ata da sessão.	21/05/1928	Madrid	Carta manuscrita no recto e no verso. 1fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.9 Códigos: CCAP 6.2689/70	Literatura - humor e afeto pessoal, relato de viagens e reflexão política, produção intelectual em curso, troca literária e crítica recíproca, orgulho lusitano.	Tece comentários sobre as viagens de Afrânio Peixoto à Europa.	08/12/1928	Lisboa	Carta com papel em dobradura; texto manuscrito em colunas; 01 fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>366/76</u> 289 CCAP 6.373/70 JAP-1.5 – 366	Literatura- agradecimento e avaliação crítica de obra de Afrânio, publicações próprias e projetos editoriais, trajetória internacional e atuação acadêmica, discussão sobre intertextualidade / suposta cópia, relações intelectuais com o Brasil, afeição pessoal e identidade lusófona.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, elogiando o escritor Alceu de Amoroso Lima fazendo comentários críticos e agradecendo os livros recebidos.	07/10/1931	Lisboa	Carta em dobradura; texto datiloscrito em colunas; 01 fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>372/76</u> 276 CCAP 6.381/90 JAP-1.5 – 372	Literatura - produção literária e proposta de publicação, crítica política e metáforas culturais, humor e metáfora da juventude, saudações e votos de ano novo, amizade, admiração e vínculo literário.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, anunciando que o livro <i>As duas Espanhas</i> estava terminado.	31/12/1931	Lisboa	Carta em dobradura; texto datiloscrito em colunas, 02 fls.

Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>278/76</u> 314 CCAP 6.390/90 JAP-1.5 – 278	Literatura- persistência literária, reflexão sobre cultura moderna (ensaio sobre o cinema), desejo de diálogo literário, preocupação com o momento político brasileiro, sentimento de isolamento e silêncio, relações pessoais e saúde.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, solicitando publicação de ensaio sobre cinema no “Jornal” e remetendo dados sobre <i>As duas Espanhas</i> .	28/09/1932	Lisboa	Carta com papel em dobradura; texto datiloscrito em colunas; assinatura e observação manuscritos; 01 fl.
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.5 Códigos: <u>334/76</u> 397 CCAP 6.501/90 JAP-1.5 – 334	Literatura - interesse pela história brasileira e a pesquisa acadêmica, problemas com a comunicação entre Brasil e Portugal, publicação de trabalhos acadêmicos, reflexões sobre a desconexão com o Brasil, solicitação de apoio à academia brasileira, amizade duradoura com Afrânio.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, enviando um exemplar <i>Pyrene</i> incluindo comentários, participando da publicação do ensaio <i>O dever dos intelectuais</i> e solicitando conseguir que a Academia enviasse regularmente, a sua revista.	01/04/1935	Lisboa	Carta datilografada com observação manuscrita. 1 fl.
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.16 Códigos: <u>966/76</u> 930 CCAP6.1052/70	Literatura - apreciação pela obra de Afrânio Peixoto, publicações e reflexões pessoais, saudade da companhia de Afrânio e planos para visitas, reflexões sobre o passado e o futuro.	Carta perguntando à Afrânio Peixoto se ele ainda se lembra dele.	02/07/1942	São Paulo	Carta com texto manuscrito no recto e no verso; 01 fl.
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.16 Códigos: <u>968/76</u> 932 CCAP 6.1054/70	Literatura - referência ao trabalho sobre Vianna de Lima, busca por informações sobre o autor e sua obra, crítica ao clima de São	Carta agradecendo as notas sobre Vianna de Lima enviadas por Júlio Afrânio Peixoto.	25/07/1942	São Paulo	Carta com texto datiloscrito e assinatura manuscrita; 01 fl.

	Paulo, amizade e a troca afetiva entre os dois intelectuais.				
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.16 Códigos: 2107/95 CCAP 6.2112/70	Literatura - fundação camões e a solicitação de informações, reimpressão de uma comédia de Torres Naharro, saudações afetivas e espirituosas.	Carta agradecendo notícias da fundação Camões.	02/02/1943	São Paulo	Carta com texto datiloscrito e assinatura manuscrita; 01 fl.
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.16 Códigos: <u>1010/76</u> 974 CCAP 6.1112.1/70 CCAP 6.1112.2/70	Literatura - Instituto de Estudos Portugueses e a colaboração de Fidelino, dificuldades pessoais e de trabalho, esforços literários e conferências, reflexões sobre a reedição dos estudos camonianos, agradecimentos e humildade.	Nessa carta ele fala sobre o Instituto de Estudos Portugueses.	18/06/1943	São Paulo	Carta com texto manuscrito no recto e no verso; 02 fl.
Gaveta 3B-2 Pasta: 1.16 Códigos: <u>1.013/76</u> 977 CCAP 6.1114/70	Literatura - dificuldades para colaborar nos estudos camonianos, publicação do estudo sobre a épica portuguesa, discurso proferido no Theatro Municipal, saudações e amizade.	Nessa carta ele comenta que tem a Faculdade como editora.	05/07/1943	São Paulo	Carta com texto manuscrito no recto e no verso; 01 fl.

Quadro 11 – Dossiê das cartas de José Maria Rodrigues para Afrânio Peixoto

LOCALIZAÇÃO NO ACERVO	CONTEÚDO	RESUMO	DATA	LOCAL	DESCRIÇÃO
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.1 Códigos: <u>64/76</u> 51 CCAP 6.64/90 JAP-1.2 – 64	Agradecimento e Literatura - acusa recebimento da obra de Afrânio e faz comentários positivos sobre a obra.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, agradecendo e comentando a obra <i>Poeira da Estrada</i> .	09/01/1919	Rio de Janeiro	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte no anverso, com tinta preta, 1 fl.

Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>123/76</u> 93 CCAP 6.116/90 JAP-1.3 – 123	Literatura - recebimento de revista, agradecimento à Afrânio, comentários sobre Camões, notícias sobre a carta inédita de Camões.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, sobre carta inédita de Camões adquirida em Londres, cujos dados se ajustavam com outra publicada por Xavier da Cunha.	18/03/1925	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas quatro partes na vertical, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>127/76</u> 97 CCAP 6.120/90 JAP-1.3 137 -	Literatura - comentários sobre as obras de Afrânio, notícias, agradecimento pelo recebimento de <i>Dinamene</i> .	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, sobre a obra <i>Dinamene</i> e a interpretação dos <i>Lusíadas</i> .	02/07/1925	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas três partes na vertical, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3C Pasta: plastificador vermelho Código: CCAP 6.2885	Agradecimento e Literatura - agradece pelo postal, envio de primícias de imagem da nova edição dos lusíadas.	Agradece Afrânio Peixoto pelo postal que ele enviou e comunica que esta lhe enviando as primícias de imagem da nova edição dos Lusíadas e comenta que ele e Lopes (Afonso Lopes Vieira) têm a certeza de que Afrânio Peixoto as acolherá com bons olhos.	28/02/1928	Lisboa	Carta em uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>224/76</u> 258 CCAP 6.297/90 JAP-1.4 224	Cadeira Estudos Camonianos- notícias, informações, comentários, opinião sobre a cadeira de estudos Camonianos e sobre a Faculdade de Lisboa.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, sobre a cadeira Estudos Camonianos que segundo sua opinião, baixou de categoria	17/03/1930	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas quatro partes na vertical, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: JAP-1.4 239	Literatura - acusa recebimento de <i>Tristão e Iseu</i> , comentários, informações e edição.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, agradecendo o livro <i>Tristão e Iseu</i> e fazendo vários comentários sobre diversos vultos da literatura brasileira.	16/06/1930	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas três partes na vertical, com tinta preta, 2 fls.

Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>260/76</u> 230 CCAP 6.342/90 JAP-1.4 260	Literatura - leitura do trabalho do Afrânio envio do século de notícias, informações acadêmicas, recebimento, justificativa.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, mencionando leitura, na Academia, do trabalho de AP e informando seu retorno a Cadeira de Estudos Camonianos.	14/11/1930	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes no recto e no verso na vertical, com tinta preta, 2 fls.
--	---	---	------------	--------	---

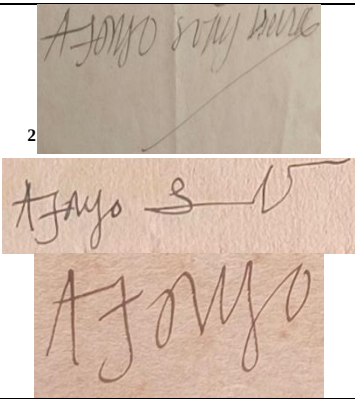
Quadro 12 – Dossiê das cartas de Manoel de Sousa Pinto para Afrânio Peixoto

LOCALIZAÇÃO NO ACERVO	CONTEÚDO	RESUMO	DATA	LOCAL	DESCRIÇÃO
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.2 Códigos: <u>175/76</u> 120 CCAP 6.156/90 JAP-1.4 – 175	Literatura - envio, homenagem, e explicação.	Nessa carta ele comunica que está enviando dois exemplares comemorativos da inauguração da Cadeira de Estudos Camonianos.	09/11/1927	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 1 fl. Dupla
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>154/76</u> 159 CCAP 6.222/90 JAP-1.4 154	Literatura - recebimento, agradecimento, comenta que dará a sua opinião depois, apresentará a obra de Afrânio, notícias e perguntas.	Comenta elogiosamente o livro <i>Uma Mulher como as outras</i> e agradece a remessa.	04/04/1928	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte na vertical no recto, com tinta preta, 1 fl.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>286/76</u> 144 CCAP 6.187/90 JAP-1.4 286	Notícias - recebimento de carta, lamenta por não ter visto Afrânio, justificativa, comentário, envio e familiar.	Nesta missiva ele esta lamentando não poder abraça-lo quando de passagem por Lisboa e enviando recortes de jornais portugueses relativos ao assunto.	16/10/1928	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte na vertical no recto, com tinta preta, 1 fl. dupla.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>155/76</u> 163 CCAP 6.253/90 JAP-1.4 155	Saudações - explicação, comentários, saudação, deseja boa viagem para Afrânio.	Carta apresentando saudações e explica não ter sido possível visita-lo a bordo.	17/04/1929	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte na vertical no recto, com tinta preta, 1 fl. dupla.

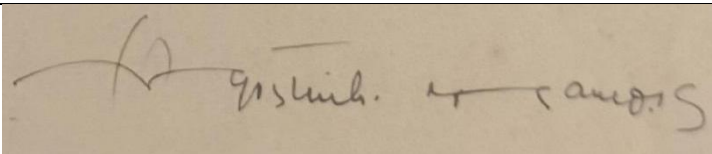
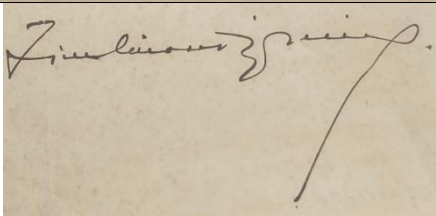
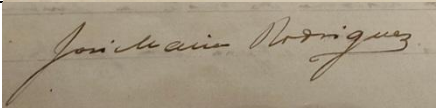
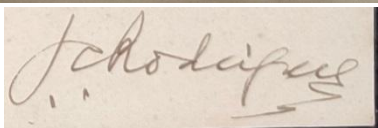
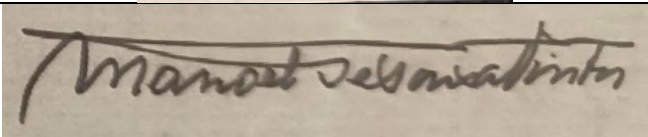
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.3 Códigos: <u>310/76</u> 223 CCAP 6.256/90 JAP-1.4 310 -	Literatura - recebimento, comentários, opinião, divulgação da obra, agradecimento, justificativa do porquê não viu Afrânio.	Carta tecendo comentários sobre o romance <i>Sinhazinha</i> e agradecendo por ter incluído um estudo seu, na publicação sobre Botelho de Oliveira.	29/04/1929	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 1 fl. dupla.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>247/76</u> 244 CCAP 6.319/90	Agradecimento e literatura - recebimento, agradecimento, comentários, notícias, explicação e acadêmico.	Carta a Júlio Afrânio Peixoto, agradecendo pela obra de AP <i>Tristão e Iseu</i> .	24/07/1930	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.9 Códigos: 2012/35 CCAP 6.2040/70	Literatura - recebimento de cartas, informa que não recebeu o livro, acadêmico, informações de não recebimento.	Acusa recebimento de cartão enviado por Afrânio Peixoto e comenta que não recebeu o novo livro de AP <i>Missangas</i> e que aguarda recebê- lo junto com <i>Viagem sentimental</i> .	08/07/1931	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>360/76</u> 283 CCAP 6.366/70 JAP-1.5 360 -	Literatura - recebimento do novo volume de Afrânio, felicitações, comentários, notícias e financeiro.	Agradece pelas obras: <i>Noções de História da Literatura Brasileira, Missangas e Viagem sentimental</i> .	30/07/1931	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>361/76</u> 284 CCAP 6.367/70 JAP-1.5 361	Literatura e Acadêmico - recebimento do volume, das cartas avulsas, felicitações e agradecimento.	Nessa missiva, Manoel esta comentando sua atuação na Universidade e solicitando <i>Missangas</i> .	08/08/1931	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.

Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>216/76</u> 294 CCAP 6.371/70 JAP-1.5 216	Literatura - recebimento das obras de Afrânio, agradecimento, elogios, informações, política e pagamento.	Carta demonstrando a sua admiração por receber no mesmo ano três obras e pedindo intervenção quanto a situação delicada como professor de <i>Estudos Brasileiros</i> .	25/09/1931	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em três partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>365/76</u> 288 CCAP 6.372/70 JAP-1.5 365	Literatura e Acadêmico - recebimento de livros, agradecimento, pagamento, comentário e notícias.	Carta enviando informações sobre sua atividade na Universidade.	06/10/1931	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.
Gaveta 3B-1 Pasta: 1.4 Códigos: <u>271/76</u> 307 CCAP 6.384/90	Felicitações e literatura - deseja boas festas, agradecimento, publicação de Ensaio Camonianos, comentários, opinião, parabeniza Afrânio e faz elogios à Afrânio.	Carta desejando boas festas a Afrânio Peixoto, e faz comentários sobre os <i>Ensaio camonianos</i> e Camões e o Brasil.	1932, Natal	Lisboa	Carta em uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, 2 fls.

Quadro 13 – Assinaturas dos remetentes

Afonso Lopes Vieira	
---------------------	--

²Foram identificadas três assinaturas diferentes nas cartas de Afonso Lopes Vieira, em três cartas ele assinou o nome completo, em seis cartas apenas Afonso e em cinco cartas, assinou o primeiro nome e abreviou o sobrenome, esse fenômeno acontece com o passar do tempo.

Agostinho de Campos	
Fidelino de Figueiredo	
José Maria Rodrigues	 3 
Manoel de Sousa Pinto	

³Foram identificadas duas assinaturas diferentes nas cartas de José Maria Rodrigues, na carta datada de 1919, ele assina o seu nome abreviando o José Maria ficando: JMRodrigues, nas demais ele assinou o nome completo, esse fenômeno acontece com o passar do tempo.

5 EDIÇÃO DAS CARTAS

Apresentamos três modalidades de edição: uma edição fac-similar, uma transcrição genética organizada de forma justalinear e uma edição interpretativa. Cada uma dessas abordagens foi desenvolvida para atender a diferentes perspectivas de leitura e análise, oferecendo ao leitor tanto o acesso direto ao documento original quanto uma compreensão mais aprofundada e fluida de seu conteúdo.

Na edição fac-similar, disponibilizamos ao leitor a reprodução fotográfica do documento original, permitindo uma apreciação visual da materialidade do manuscrito, como sua caligrafia, marcas de uso e outras características físicas que enriquecem a experiência de leitura. Já na transcrição genética, o texto é apresentado de forma linearizada, organizado em sequência e sem reproduzir a disposição topográfica original do manuscrito. Esse formato registra o movimento da escrita por meio de operadores genéticos, evidenciando rasuras, cancelamentos, acréscimos e outras intervenções, possibilitando acompanhar as transformações do texto ao longo de sua elaboração.

A edição fac-similar e a transcrição genética são apresentadas de forma justalinear: cada página combina, à esquerda, o fac-símile do documento original, e, à direita, a transcrição genética linearizada. Essa disposição facilita uma leitura comparativa e detalhada, atendendo tanto aos especialistas quanto ao público em geral que busca maior proximidade com os manuscritos.

Com o objetivo de oferecer uma leitura mais fluida, também apresentamos uma edição interpretativa. Nesse formato, o texto é reorganizado para facilitar sua compreensão, acompanhado de notas explicativas que contextualizam informações relevantes, como referências históricas, literárias e culturais. Dessa forma, a edição está estruturada em duas subseções principais: a primeira reúne o fac-símile e a transcrição genética linearizada; a segunda apresenta a edição interpretativa, enriquecida com notas que ampliam o entendimento do conteúdo.

As cartas foram organizadas por remetente, seguindo uma ordem cronológica, para garantir uma visão coerente da evolução das trocas epistolares. No caso de cartas que não possuem data, foi realizada uma análise de conteúdo para estimar uma datação aproximada, sempre que possível. Quando essa datação não pôde ser determinada, as cartas foram agrupadas no início da organização e classificadas como “sem data”. Esse processo visa preservar tanto a integridade do acervo quanto a acessibilidade do material ao leitor.

Quadro 14 – Ordenação das cartas

REMETENTE	PERÍODO	QUANTIDADE
Fidelino de Figueiredo	1920 a 1943	16
Agostinho de Campos	1923 a 1940	7
José Maria Rodrigues	1925 a 1930	7
Afonso Lopes Vieira	1926 a 1940	14
Manoel de Sousa Pinto	1927 a 1931	12

Fonte: Elaborado pela autora.

5.1 A EDIÇÃO FAC-SIMILAR E A TRANSCRIÇÃO GENÉTICA LINEARIZADA

A edição fac-similar consiste na reprodução mecânica do documento original, buscando proporcionar ao leitor uma experiência de leitura que se aproxime ao máximo do manuscrito original. Com o intuito de enriquecer essa experiência, incluímos uma descrição detalhada do documento, com informações sobre suas dimensões, tipo e cor do papel, marca d'água, timbres, selos, brasões e características da mancha escrita, como a tinta utilizada e o tipo de letra.

A transcrição genética linearizada registra o movimento da escrita, documentando acréscimos, emendas, correções, cancelamentos e rasuras por meio de operadores genéticos. Assim, o texto é organizado em uma sequência contínua, sem reproduzir a topografia original do manuscrito. Esse procedimento não apenas facilita uma leitura mais acessível e sistemática, mas também possibilita acompanhar o processo criativo em sua dinâmica, revelando as transformações do texto ao longo de sua elaboração. Ao acomodar o conteúdo de forma linearizada, a transcrição genética facilita a leitura do texto, oferecendo uma visão clara das etapas de sua elaboração. Além disso, contribui para o estudo da gênese textual.

A transcrição seguirá os seguintes critérios:

- a) as linhas serão numeradas a cada cinco, para facilitar a referência;
- b) os textos serão transcritos utilizando a fonte Times New Roman, padrão Word, tamanho 9, com alinhamento justificado;
- c) a numeração do fôlio será indicada antes do início da transcrição de cada página, seguida da letra *r* para indicar o reto da folha e da letra *v* para indicar o verso;
- d) a ortografia e a pontuação seguirão rigorosamente o original, respeitando suas peculiaridades;
- e) a transcrição será topográfica: o texto será reproduzido no exato local que ocupa na mancha gráfica do documento, excetuando-se os casos de inserções entrelinhas, que serão transcritas na sequência do texto e sinalizadas com operadores genéticos;

f) as abreviaturas serão desenvolvidas, apresentadas em *itálico* para indicar a intervenção editorial;

g) palavras grafadas de forma unida no original, mas que correspondem a unidades lexicais distintas, serão separadas na transcrição.

Para a transcrição dos textos das cartas, adotamos como referência os operadores genéticos utilizados na edição das obras de Eulálio Motta (Barreiros, 2013; 2015).

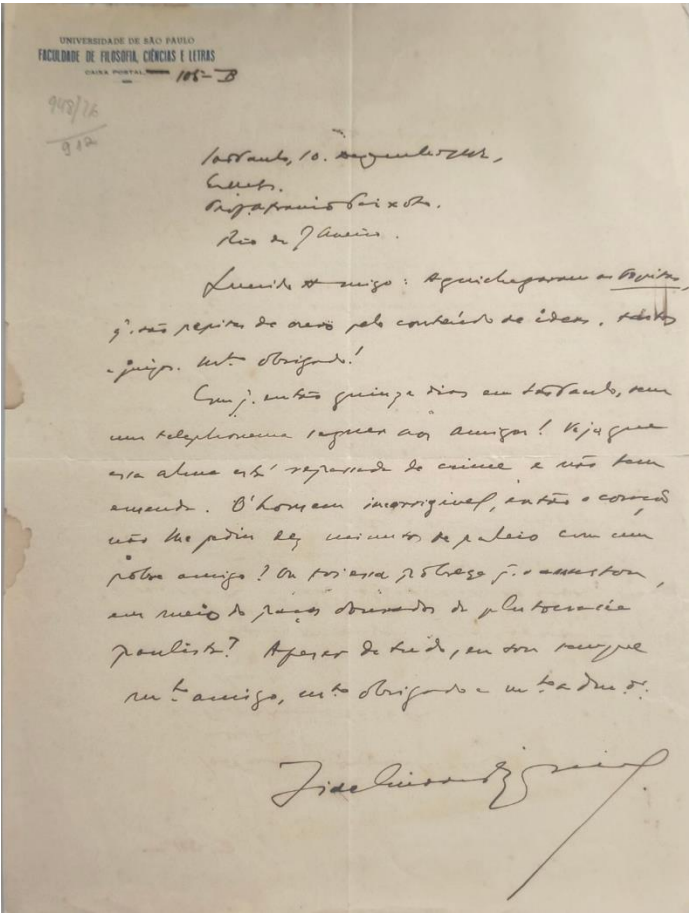
Chave de leitura dos operadores: o símbolo { } ocorre em contexto de cancelamento, apagamento por borracha ou segmento ilegível; o símbolo [] ocorre em contexto de acréscimo, numeração da página e rubrica do escrevente; o símbolo / \ ocorre em contexto de substituição. O símbolo † é utilizado para representar segmento ilegível; os símbolos ↑ ↓ ← → são utilizados para representar a localização do acréscimo ou substituição na página; o símbolo > é utilizado para representar o ato de substituir por sobreposição (unidade lexical ou frase escrita por cima de outra).

1. [P] Numeração da página que consta escrita no documento;
2. { } seguimento riscado, cancelado;
3. {†} seguimento ilegível;
4. {{†}} seguimento ilegível cancelado, riscado;
5. {†}/> \ substituição por sobreposição de segmento ilegível por outro legível na relação: {ilegível}/>legível\;
6. [] desenvolver a rubricas;
7. [↑] acréscimo na entrelinha superior;
8. [↓] acréscimo na entrelinha inferior;
9. [→] acréscimo na margem direita;
10. [←] acréscimo na margem esquerda;
11. **[(f. ou p., L) ... (f. ou p., L)]**, sendo **apresentado em negrito**, para parte do texto localizada em outro fólio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fólio ou da página aparece entre parênteses, seguido de L que referenciará a linha na qual esse apêndice se encontra;
12. / * / leitura conjecturada.

5.1.2 Edição fac-similar das cartas de Fidelino de Figueiredo

Carta de 10 de dezembro {}{}⁴:

f.1r



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL, 105 – B
948/76
912
São Paulo 10. Dezembro {}},
Excelentíssimo Senhor.
Professor afranio Peixoto.
Rio de Janeiro.

- 10 Querido Amigo: Aqui chegaram as Revistas,
que são pepitas de ouro pelo conteúdo de ideias. Todas
a {}. muito Obrigado!
- 15 Em que então quinze dias em São Paulo, sem
um telephonema seguer aos amigos! Veja que
essa alma está repassada de crime e não tem
emenda. O'Homem incorrigível, então o coração
não lhe pediu dez minutos de paleio com um
pobre amigo? As {} pobreza que o assustou,
em meio do {} observados de que burocracia
20 paulista? Apesar de tudo, eu sou sempre
muito amigo, muito obrigado e muito admirador:

[Fidelino de Figueiredo]

⁴ O documento é composto por uma folha de papel, escrita apenas no recto, com tinta preta, e medindo 210 × 290 mm. A folha apresenta um timbre da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. A data registrada é 10 de dezembro {}. Possui marca d'água. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 09 de maio de 1920⁵:

70/76
54

Madrid, 9. Maio. 1920

Fuero de Afranio:

Muito lhe agradeço o envio do romance novo,
Uma mulher como as outras e da repa-
 rata do Camões humorista. Eu estou
 aborrido de trabalhos e por isso apenas
 pude olhar os trabalhos que tem a bondade
 de me remetter. Minha Mulher é que já
 vae adiantada na leitura do roman-
 ce e que me tran smittiu excelentes
 impressões. A seu tempo lhe escreve-

f.1r

70/76
54

Madrid, 9. Maio. 1920

Querido Afranio:

Muito lhe agradeço o envio do romance novo,
Uma mulher como as outras e da repa-
 rata do Camões humorista. Eu estou
 aborrido de trabalho e por isso apenas
 pude olhar os trabalhos que tem a bondade
 de me remetter. Minha Mulher é que já
 vae adiantada na leitura do roman-
 ce e que me tran smittiu excelentes
 impressões. A seu tempo lhe escreve-

⁵ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 230 × 170 mm. No verso consta o nome de Fidelino escrito a lápis. A data registrada é 09 de maio de 1920. Possui marca d'água. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

rei a respeito.
Mande-lhe Camoës, Edição {},
Tempo e Literatura {}, discurso na
Universidade, e Bajo Las Cenizas
del tédio. Chegou cá essa metra-
lha toda?
O meio é muito infiel, porq. Portugal,
Hespanha e Brasil são invenções na
demaie das comunicações pos-
taes. Mande-lhe a sua agora, saudades ao
Alceu e para você um abraço do {} amigo
e admirador [Fidelino de Figueiredo].
CCAP
6.79/90

Fidelino Figueiredo

15

20

rei a respeito.

Mandei-lhe Camoës, Edição {},
{} {} Literatura de {}, discurso na
Universidade, e Bajo Las Cenizas
del tédio. Chegou cá essa metra-
lha toda?

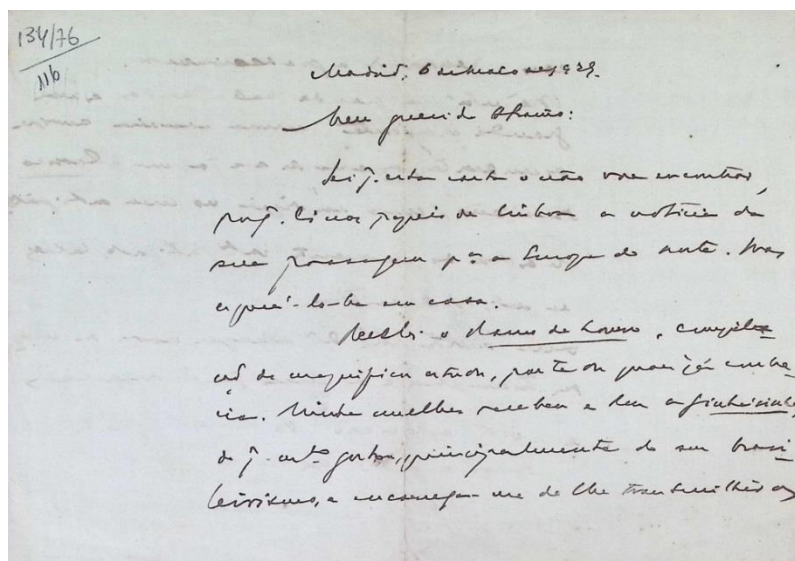
O meio é muito infiel porque Portugal
Hespanha e Brasil são invenções na
demaie das comunicações pos-
taes. {} a sua agora, saudades ao
Alceu e para você um abraço do {} amigo
e admirador [Fidelino de Figueiredo].

CCAP

6.79/90

Carta de 06 de maio de 1927⁶:

f.1r



134/76

116

Madrid, 6 de maio de 1927.

Meu querido Afranio:

- 5 Sei que esta carta o não vai encontrar porque li nos papeis de Lisboa a noticia da sua passagem pela Europa do norte. Mas esperá-lo-ha em casa.
- 10 Recebi o Ramo de Louro, compilação de magnifico estudo, parte de {} já conhecida. Minha mulher recebeu e leu a Sinhazinha de que muito gostou, principalmente do seu brasileiro, a encarga-me de lhe transferi-lhes as

⁶ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 230 × 170 mm. A data registrada é 06 de maio de 1927. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

seus penhorados agradecimentos.
 Você está em grande trabalho e em
 grande viagem, uma viagem sempre
 ascendente, apesar de ser já um clássico
 brasileiro, e ao mesmo tempo muito
 do outro de momento muito fatigado, talvez
 de um lado crítico...
 Que a vida lhe dê sempre e mais
 em triunfo e as mais gratas surpresas
 e o coto affectuoso do seu muito Grato
 amigo e adorador ex corde:
 F. de Figueiredo

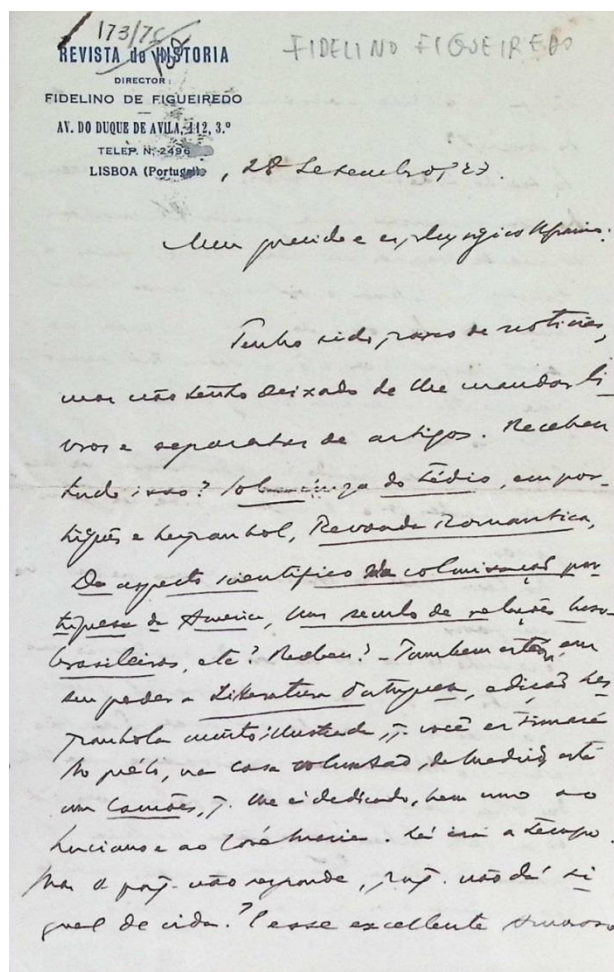
CCAP
6.231/90

- seus penhorados agradecimentos.
- 15 {+} está em grande trabalhos e em grande viajante, uma {+} sempre ascendente, apesar de ser já um {+} brasileiro, como eu diria no meu artiguio. Eu estou de {+} muito fatigado, talvez
- 20 ao {+}, idade critica ... Que a vida lhe dê sempre {+} e mais- {+} {+} e as mais gratas surpresas é o coto affectuoso do seu muito Grato amigo e admirador ex corde:
- 25 [Fidelino de Figueiredo]

CCAP
6.231/90

Carta de 28 de setembro de 1927⁷:

f.1r



173/76

132

REVISTA de HISTORIA FIDELINO FIGUEIREDO
DIRECTOR:

- 5 FIDELINO DE FIGUEIREDO
AVENIDA. DO DUQUE DE A VILA, 112, 3.º
TELEP. N : 2496
LISBOA, (Portugal) , 28 setembro 1927.

Meu querido e {†} Afrânio:

- 10 Tenho tido pouco de noticias,
mas não tenho deixado de lhe mandar li-
vros e separador de artigos. Recebeu
tudo isso? Sob a Cinza do Tédio, em por-
tuguês e Espanhol, Revoada Romantica,
15 Do aspecto scientifico da Colonisação portu-
guesa da America, Um seculo de relações luso-
brasileiras, etc? Recebeu? - Também estará em
seu poder - a Literatura Portuguesa, edição hes-
panhola muito illustrada que você estimará
20 {†} prélo, na casa {†}, de Madrid, está
em Camões, que lhe é dedicado, bem como ao
Luciano e ao José Maria. Já era a tempo
pra o proque não responde, porque não dá i-
gual de ida? Esse excelente Amoroso

⁷ O documento é composto por duas folhas de papel, escritas no anverso e no verso de cada uma, com tinta preta, e medindo 140 × 220 mm. Ambas as folhas apresentam um timbre da REVISTA DE HISTORIA DIRECTOR: FIDELINO DE FIGUEIREDO AV. DO DUQUE DE A VILA, 112, 3.º TELEP. N : 2496 LISBOA, (Portugal). A data registrada é 28 de setembro de 1927. Na margem superior esquerda da primeira folha e no verso de ambas, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Lima, o crítico mais sincero e mais recto do Brasil?

Eu tenho tido muita coisa. Tive um ataque do comunista, uma grande homenagem, espécie de exaltação em vida, viagens várias a França e Inglaterra; envolveram o meu nome em um ridículo golpe de Estado, fizeram-me graves perseguições, etc. - mas a tudo resisti uma recta consciência e a grande fé no trabalho bemdito.

Uma coisa esperando: a "dictadora", me deixará partir para o estrangeiro, onde eu quero fixar.

Ao lado, preciso Afranio, eu quero pedir-lhe um favor.

Necessito de um pôr ao pé do moderno movimento historiográfico do Brasil, principalmente dos séculos coloniais. Então queria que o Afranio me organizasse uma lista das obras mais importantes ou pela investigação ou pela crítica sobre essa matéria. O Afranio incluiria também a mais considerada / *cumpren/ dias escolares do ensino secundário

CCAP
6.159/90.1

25 Lima, o crítico mais sincero e mais recto do Brasil?

Eu tenho tido / *derepente varias/. Tive um {}-do comunista, uma grande homenagem, espécie de {} em vida, viagens varias a

30 França a Inglaterra; ou volveram o meu nome um ridículo golpe {}, fizeram-me graves perseguições, entre outras coisas. - mas a tudo resisti uma recta consciência e que a grande fé no trabalho bemdito.

35 / *Lhe/ agora, esperando que a / * "dictadora" / me deixará partir para o estrangeiro, onde eu quero fixar.

{ } { }, querido Afranio, eu quero pedir-lhe um favor.

40 Necessito de me pôr ao pé do Madaseco Nascimento historiographico do Brasil principalmente dos seculos coloniaes. E então queria que o Afranio me organizasse uma lista das obras mais importantes ou pela investiga-

45 ção ou pela critica sobre essa materia. O Afranio incluiria tambem a mais considerada / *cumpren/ dias escolares do ensino secundário

CCAP
6.159/90.1

REVISTA de HISTORIA

DIRECTOR:

FIDELINO DE FIGUEIREDO

AV. DO DUQUE DE AVILA, 112, 3.º

TELEP. N. 2496

LISBOA (Portugal)

dario e superior. Depois ajuda-me a obter todo esse precioso material de maneira seguinte: sendo de autores amigos insinua-lhes q.º enviar a arte longinqua critico lusitano, em troca de trabalhos meus, prompto pagamento em {†}; não o sendo, mas tendo preços acessiveis encarga o Limeira S. Leite, n. de Tobias Armesto, de me fazer a remessa por me-nota; sendo duas coras, avisa-me previamente para eu das {†} mas possibilidades. E se você quizer mandar tambem os seus ultimos trabalhos, pondo em primeiro lugar os romances, se os {†}, dá {†} de que a sua bondade tem crescido e que a sua amizade tem resistido ao tempo. E aqui tem, tambem de Deus. Mesmo fôra de Portugal q. eu esteja, esta direcção e sempre tão. E eu avisarei de

50 REVISTA de HISTORIA

DIRECTOR:

FIDELINO DE FIGUEIREDO

AVENIDA. DO DUQUE DE A VILA, 112, 3.º

TELEP. N : 2496

55 LISBOA, (Portugal)

dario e superior. Depois ajuda-me a obter todo esse precioso material de maneira seguinte: sendo de autores amigos insinua-lhes que os enviecer a arte {†} critico Lusitano, em troca de trabalhos meus, prompto pagamento em {†}; não o sendo, mas tendo preços acessiveis encarga o Limeira S. Leite, n. de Tobias Armesto, de me fazer a remessa por me-nota; sendo duas coras, avisa-me previamente para eu das {†} mas possibilidades. E se você quizer mandar tambem os seus ultimos trabalhos, pondo em primeiro lugar os romances, se os {†}, dá {†} de que a sua bondade tem crescido e que a sua amizade tem resistido ao tempo. E aqui tem, tambem de Deus. Mesmo fôra de Portugal que eu esteja, esta direcção e sempre tão. E eu avisarei do

60 no, em troca de trabalhos meus, prompto pagamento em {†}; não o sendo, mas tendo preços acessiveis encarga o Limeira S. Leite, n. de Tobias Armesto, de me fazer a remessa por me-nota; sendo duas coras,

65 avisa-me previamente para eu das {†} mas possibilidades. E se você quizer mandar tambem os seus ultimos trabalhos, pondo em primeiro lugar os romances, se os {†}, dá {†} de que a sua bondade tem crescido

70 e que a sua amizade tem resistido ao tempo. E aqui tem, tambem de Deus. Mesmo fôra de Portugal que eu esteja, esta direcção e sempre tão. E eu avisarei do

f.2v

meu paradeiro extra - muros.

Agradeço-lhe que tome esta fastidiosa
comunição à boa parte a T. se lembra
sempre de mim, roba sempre e me
faz lembrar de sua espera, e por isso
e mais.

Para v. um valente abraço à antiga
portuguesa (de Portugal antigo e T.
principalmente me atrai) de sempre
me to am. e me to grato ex corde:

2 milins antiprevid.

P. S. Espero que tenho recebido cartas, em T. de grade-
ria a seu magnífico e todo camoneano, de
pela por intermédio do editor.

F. F.

CCAP
6.159/90.2

meu paradeiro extra - muros.

75 Agradeço-lhe que tome esta fastidiosa
comunição à boa parte e que se lembre
sempre de mim, sobre {†} e me
faça lembrado de sua espera, agora beijo
a mão.

80 Para você um valente abraço á antiga
portuguesa (de Portugal {{†}} antigo é que
principalmente me {†}) de sempre
muito amigo e muito grato ex Corde:

[Fidelino de Figueiredo].

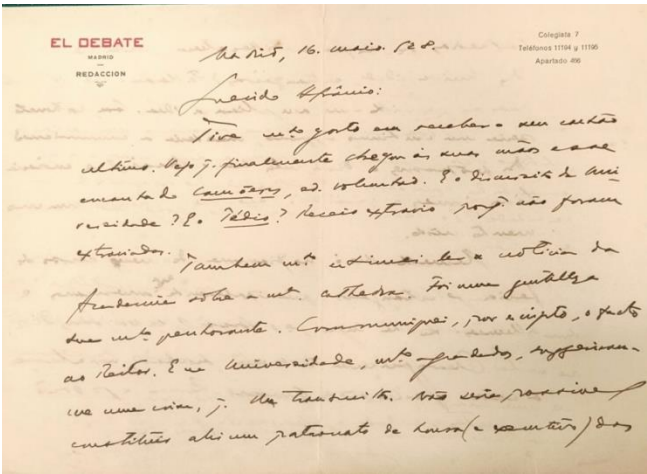
85 Post-Scriptum Espero que tenho recebido cartas, em que
lhe agrade-
cia tem amplificar estudos camoneanos, che-
gada por intermédio do editor.

Fidelino. Figueiredo.

CCAP
6.159/90.2

85

Carta de 16 de maio de 1928⁸:



f.1r

EL DEBATE
MADRID
REDACCION

Madrid, 16. maio. 928.

Colegiata 7
Teléfonos 11194 y 11195
Apartado 466

Querido Afrânio:

- 5 Tive muito gosto em receber o seu cartão
último. Vejo que finalmente chegou às suas mãos esse
encantado Camões, edição {†}. E o discursito de ami-
rosidade? E o Tédio? Receio extravio porque não foram
extraviados.
- 10 Também muito estimei ler a notícia da
Academia sobre a sua catedra. Foi uma gentileza
sua muito penhorante. Comuniquei, por e ipto, o facto
ao Reitor. E a Universidade, muito agradados, {†}-
{†} uma coisa, que lhe transmitto. Não seria possível
- 15 constituir ali um patronato de Sousa (a {†}) das

⁸ O documento é composto por duas folhas de papel, uma foi escrita no recto e no verso e a outra apenas no anverso, com tinta preta, e medindo 170 × 230 mm. Ambas as folhas apresentam um timbre do EL DEBATE MADRID REDACCION. A data registrada é 16 de maio de 1928. Na margem superior esquerda da primeira folha e no verso de ambas, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Catedras de lingua e litteratura portugueza
 das universidades estrangeiras? Falharam-me já desta,
 mas eu permitto - me ampliar a idéa. Com rathoeta
 seria em continuo appoio, mas teria a communicação
 do professor e discípulo com o Brasil e enviaria
 livros, jornaes e revistas. Faço-lhe, pois, um mo-
 mento nisto.
 Remeto-lhe o programma do meu curso de
 facia p. estrangeiros, principalmente ^{de} americanos e
 allemães. Lá ha lugar p. o Brasil, ce va muy dia.
 Cumprimento a sua senhora, um abraço
 a essa ^{amora} ~~amora~~ ^{amora} Lima e p. você
 muitas Saudades e abraços do grato amigo e admirador.
 J. F. de Figueiredo

CCAP

6.2823.1

Catedras de língua e literatura portuguesa

das universidades estrangeiras? Falharam-me já desta,

20 {†} ou permita-me ampliar a idéa. Comportamento

seria em continuo appoio, mau teria a comunicação

do professor e discípulo com o Brasil e enviaria

livros, jornaes e revistas. Faço-lhe que pense um mo-
mento nisto.

25 Remeto-lhe o programma do meu curso de

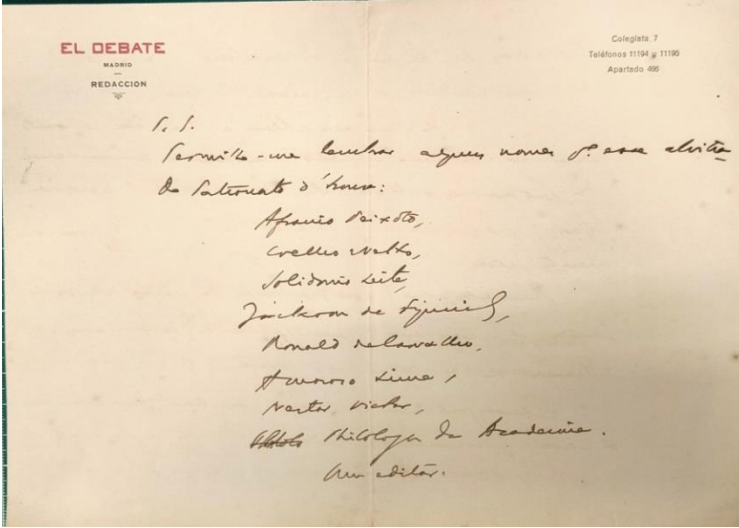
ferias que estrangeiros, principalmente norte-americanos e
alemães. Lá ha lugar para o Brasil, çejá dois dias.

Cumprimento a sua senhora, um abraço

a essa silênção do Amoroso Lima e que você

30 muitas Saudades e abraços do grato amigo e admirador.

[Fidelino de Figueiredo].



f. 2r

EL DEBATE
MADRID
REDACCION

Colegiata 7
Teléfonos 11194 y 11195
Apartado 466

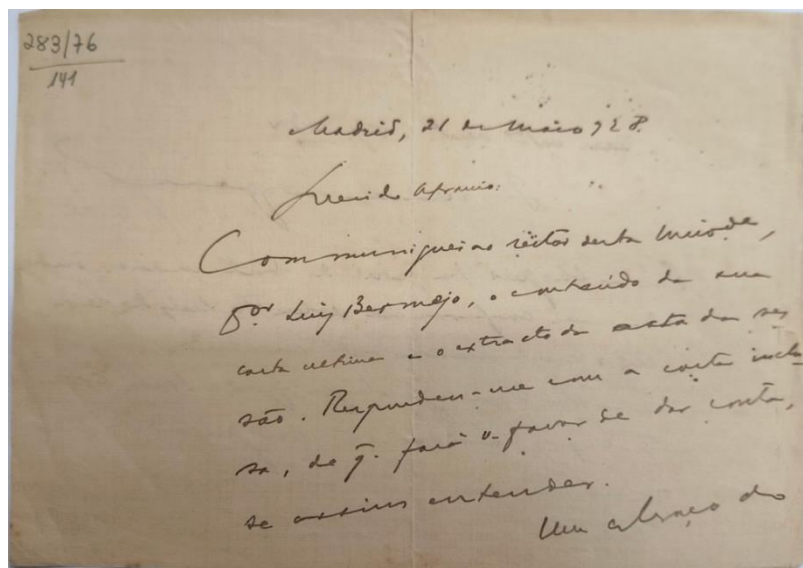
Post-Scriptum

35 Permita-me lembrar alguns nomes para essa aleitrodo Patronato o honra:
Afranio Peixoto,
Coelho Nelto,
Solidonio Leite,

40 Jackson de Figueiredo,
Ronald de Carvalho,
Amoroso Lima,
Nestor Victor,

45 {Phlolo}Philologa da Academia.
Um editor.

Carta de 21 de maio de 1928⁹:



f.1r

283/76

141

Madrid, 21 de Maio 1928.

Querido Afranio:

- 5 Communiquei ao reitor desta unidade, por Luiz Beamejo, o conteúdo da sua carta última e o extracto da acta da sessão. Respondeu-me com a carta inclusa, de que fará o favor de dar conta,
- 10 se assim entender.

Um abraço do

⁹ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 230 × 170 mm. A data registrada é 21 de maio de 1928. Possui marca d'água. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

seu muito amigo e {†} admirador
[Fidelino de Figueiredo]

15 Post-Scriptum - cheguei ha pouco de Salamanca, onde
dei uma conferencia sobre Frei Luiz de Leòn,
cujo centenario está correndo.
- No domingo chega aqui o Sousa Costa,
que eu fiz convidar. E você quando? {†}
que no próximo anno escolar pense
nisso?

20

Fidelino. Figueiredo.

CCAP
6.214/90

Seu muito amigo e {†} admirador
Fidelino de Figueiredo
P.S. - Cheguei ha pouco de Salamanca, onde
dei uma conferencia sobre Frei Luiz de Leòn,
cujo centenario está correndo.
- No domingo chega aqui o Sousa Costa,
que eu fiz convidar. E você quando? {†}
que no próximo anno escolar pense
nisso?
F. F.

Carta de 08 de dezembro de 1928¹⁰:

f.1r

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Lisbôa, 8 de dezembro de 1928.

Querido e {†} Afranio:

Está decifrado o enigma das suas viagens à Europa. Você vinha entender-se secretamente com algum ladrão da {†} da {†}-{†}, parente do meu Wilpert, que o rejuvenesceu. E o que muchíio do seu magnifico retrato, que tive o grande prazer de achar aqui, ao regresso duma grande viagem.

Muito obrigado e muitos parabens!

FIDELINO DE FIGUEIREDO
Lisbôa, 8 dezembro 928.

Querido e {†} Afranio:

- Está decifrado o enigma das suas viagens à Europa. Você vinha entender-se secretamente com algum ladrão da {†} da {†}-{†}, parente do meu Wilpert, que o rejuvenesceu. E o que muchíio do seu magnifico retrato, que tive o grande prazer de achar aqui, ao regresso duma grande viagem.
- Muito obrigado e Muitos . parabens!

¹⁰ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas quatro partes, com tinta preta, e medindo 260 × 180 mm. No recto na margem superior consta o nome de Fidelino escrito a lápis. A data registrada é 08 de dezembro de 1928. Possui marca d'água. Na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1r

Os "dictadores" deixaram-me entrar {} velho, mas como já senti isso indícios de intoxicação do ambiente político, falei em setembro {}-{}. Andei pela Alemanha e Tchecoslovachia todo o tempo, até de dias. Aprendi alguma coisa. - Tenho no prélo coisas varias, que lá irão vá-lo com muita saudade e abraços:
 a) Idearium Português;
 b) Crítica do exílio;
 c) Oliveira Martins;

- 20 Os "dictadores" deixaram-me entrar {} velho, mas como já senti isso indícios de intoxicação do ambiente político, falei em setembro {}-{}-{}. Andei pela Alemanha e Tchecoslovachia todo o tempo, até de dias. Aprendi alguma coisa.
- 25 - Tenho no prélo coisas varias, que lá irão vá-lo com muitas. saudade e abraços:
- 30 a) Idearium Português;
 b) Crítica do exílio;
 c) Oliveira Martins;

f.1v

d) Litt. Classica, nova edição.
 As 3 primeiras {} estão
 já publicadas fará de sata-
 sol.
 35 - Li tudo que Você me man-
 dou bem como minha mulher.
 Sobre a Mulher como as
outras fiz seu artigo El
Lepuano novelista, que de-
 certo lhe chegar em {}-
 40 {} português. Devo pro-
 cessar novo exemplar?
 Quero que lhe envie um reto-
 cado para o publicar {}?
 45 Mande.

f.1v

Meu grande, valente,
lusitanissimo abraço do
seu muito amigo e admirador

[Fidelino de Figueiredo]

50

CCAP
6.2689/70

Meu grande, valente,
lusitanissimo abraço do
seu muito amigo e admirador

Fidelino de Figueiredo

CCAP
6.2689/70

Carta de 7 de Outubro de 1931¹¹:

366/76
289

Lisboa, 7 de Outubro de 1931.

Exmo. Sr. Dr. Afranio Peixoto,

Rio de Janeiro

Querido e admirado amigo:

Regressando a casa, tive o gosto de achar o seu cartão de 18 do passado, que me deu noticias suas e que acolytou o seu manual de historia da litteratura brasileira. Por tudo muito obrigado. O livrinho tem uma composição muito pessoal e consegue alliar um grande interesse critico, pelas introduções a cada capitulo, a uma grande utilidade pratica, pelos paragraphos biographicos e bibliographicos. Já nestes pude achar varios amigos queridos, Oliveira Lima, Jackson, Solidonio, etc.

f.1r

366/76

289

Lisboa, 7 de Outubro de 1931.

Excelentíssimo Senhor Doutor Afranio Peixoto,

Rio de Janeiro

Querido e admirado amigo:

Regressando a casa, tive o gosto de achar o seu cartão de 18 do passado, que me deu noticias suas e que acolytou o seu manual de historia da litteratura brasileira. Por tudo muito obrigado. O livrinho tem uma composição muito pessoal e consegue alliar um grande interesse critico, pelas introduções a cada capitulo, a uma grande utilidade pratica, pelos paragraphos biographicos e bibliographicos. Já nestes pude achar varios amigos queridos, Oliveira Lima, Jackson, Solidonio, etc.

¹¹ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio e datiloscrita nas quatro partes, com tinta roxa, e medindo 260 × 170 mm. No recto consta o nome de Fidelino na margem superior e algumas anotações na margem inferior, manuscritos e no verso também constam palavras e acentuações de algumas palavras feitas a lápis. A data registrada é 07 de outubro de 1931. Possui marca d'agua. Na margem superior esquerda e na margem inferior no recto, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

Tambem lhe agradeço as boas palavras com que
acompanhou a entrega á Academia de minha Epi-
ca portuguesa no seculo XVI. Penso fazer este
anno uma nova edição portuguesa e então lhe
mandarei o seu exemplar, onde achará augmentos.
-Não sei a que phrase se possa referir o seu
correspondente de São Paulo, a respeito, publica-
cada no "Jornal do Brasil". Será a umas linhas,
realmente semelhantes, a pag. 123 das Notas pa-
ra um Idearium Português? Tem esse livro e a
sua continuação, Motivos de novo estylo? Estes
formam o tomo 1º. da Bibliotheca de Ensaaios.
Os tomos seguintes tratarão da Bohemia, da Hes-
panha, do Mexico e dos Estados Unidos, paizes

- 20 Também lhe agradeço as boas palavras com que
acompanhou a entrega á Academia de minha Epi-
ca portuguesa no seculo XVI. Penso fazer este
anno uma nova edição portuguesa e então lhe
mandarei o seu exemplar, onde achará aumentos.
-Não sei a que phrase se possa referir o seu
25 correspondente de São Paulo, a respeito, [↑de Castro Alves] publi-
cada no "Jornal do Brasil". Será a umas linhas,
realmente semelhantes, a pagina 123 das Notas pa-
ra um Idearium Português? Tem esse livro e a
sua continuação. Motivos de novo estylo? Estes
30 formam o tomo 1º. da Bibliotheca de Ensaaios.
Os tomos seguintes tratarão da Bohemia, da Hes-
panha, do Mexico e dos Estados Unidos, paizes

f.1v

por onde vagamundeei durante os ultimos annos.
 É claro que não são livros de viagem; são en-
 saios de interpretação dos typismos desses
 povos e das lições, que podem dar á minha gente
 —bem pouco amiga hoje de receber lições...
 Cheguei em Agosto da America do Norte, onde pas-
 sei o anno lectivo de 1930-1931, e tenciono de-
 morar-me em casa até Janeiro, mês em que parti-
 rei para a Universidade de Bruxellas. Na Ameri-
 ca estive a convite das Universidades da Ca-
 lifornia, Columbia e Mexico a prégar o evange-
 lho lusitano e hespanhol.
 E aqui tem, meu caro Afranio, um feixe de noti-
 cias a meu respeito. Dê-me agora as suas. Não o
 esqueço nunca e accuso-me um pouco de ter des-

por onde vagamundeei durante os ultimos annos.

- 35 É claro que não são livros de viagem; são en-
 saios de interpretação dos typismos desses
 povos e das lições, que podem dar á minha gente
 —bem pouco amiga hoje de receber lições...
 Cheguei em Agosto da America do Norte, onde pas-
 sei o anno lectivo de 1930-1931, e tenciono de-
 40 morar-me em casa até Janeiro, mês em que parti-
 rei para a Universidade de Bruxellas. Na Ameri-
 ca estive a convite das Universidades da Ca-
 lifornia, Columbia e Mexico a prégar o evange-
 lho lusitano e hespanhol.
 45 E aqui tem, meu caro Afranio, um feixe de noti-
 cias a meu respeito. Dê-me agora as suas. Não o
 esqueço nunca e accuso-me um pouco de ter des-

f.1r

Fidelino Figueiredo

curado nos ultimos annos as minhas amizades
brasileiras. Com o Amoroso Lima tenho tido al-
guma correspondencia. É tambem um nobre espiri-
to, avido de cultura com de agua uma esponja
secca. Entre as gentes modernas do Brasil quem
faz critica como elle?

Meus respeitos a sua Esposa e para v., joven
Afranio, um fraternal abraço do amigo e firme
admirador—firme como o Pão de Assucar,

Fidelino Figueiredo

Regrasam afinal os
Motivos. Quer o Idearium?

CCAP
6.373/70

Fidelino Figueiredo

- 50 curado nos ultimos annos as minhas amizades
brasileiras. Com o Amoroso Lima tenho tido al-
guma correspondencia. É tambem um nobre espiri-
to, avido de cultura com de agua uma esponja
secca. Entre as gentes modernas do Brasil quem
faz critica como elle?
- 55 Meus respeitos a sua Esposa e para você, joven
Afranio, um fraternal abraço do amigo e firme
admirador - firme como o Pão de Assucar,

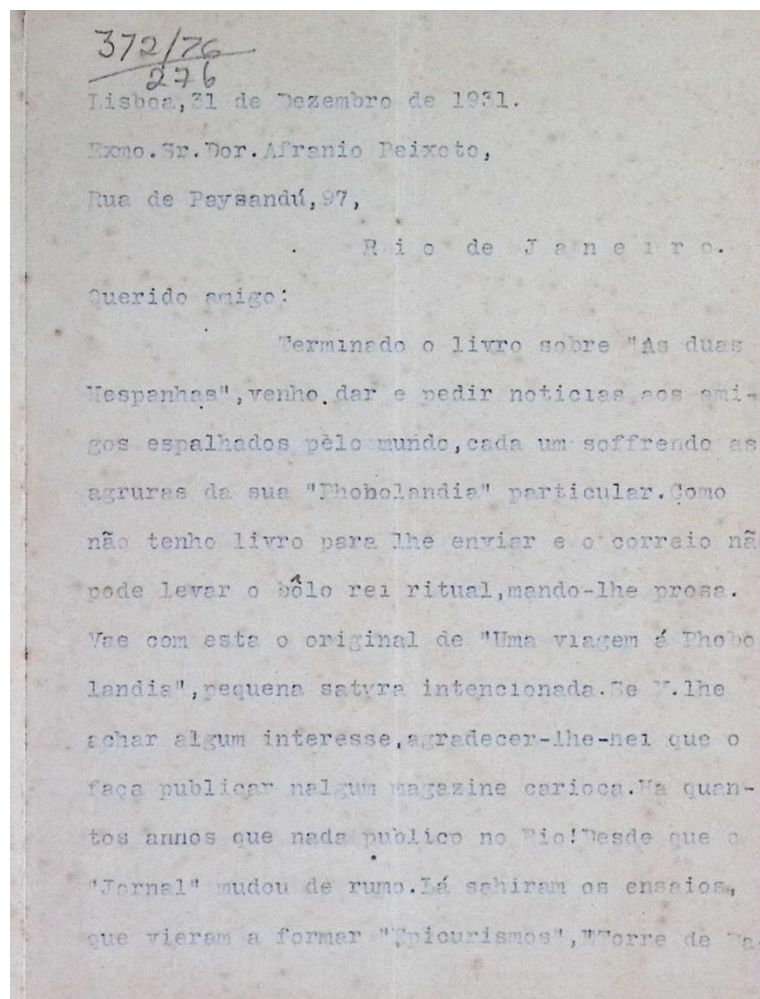
[Fidelino de Figueiredo]

[↓Seguiram afinal os
Motivos. Quer o Idearium?]

60 CCAP
6.373/70

Carta 31 de Dezembro de 1931¹²:

f.1r



372/76

276

Lisboa, 31 de Dezembro de 1931.

5 Excelentíssimo Senhor Doutor Afranio Peixoto,
Rua de Paysandú, 97,

Rio de Janeiro.

Querido amigo:

Terminado o livro sobre "As duas
Hespanhas", venho, dar e pedir noticias aos ami-
10 gos espalhados pelo mundo, cada um soffrendo as
agruras da sua "Phobolandia" particular. Como
não tenho livro para lhe enviar e o correio não
pode levar o bôlo rei ritual, mando-lhe prosa.
Vae com esta o original de "Uma viagem á Phobo-
15 Landia", pequena satyra intencionada. Se você lhe
achar algum interesse agradecer-lhe-hei que o
faça publicar nalgum magazine carioca. Ha quan-
tos annos que nada publico no Rio! Desde que o
"Jornal" mudou de rumo. Lá sahiam os ensaios,
20 que vieram a formar "Epicurismos", "Torre de Ba-

¹² O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio e datiloscrita em três partes, com tinta azul, e medindo 260 × 170 mm. No verso consta o nome de Fidelino e um P.S. manuscritos. A data registrada é 31 de dezembro de 1931. Na margem superior esquerda e na margem inferior no recto, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

bel" e "Sob a Cinza do tédio". Este já não é uma
 serie de ensaios, tem veleidades de ser livro.
 Acaba de sair mais uma linda edição delle na
 Italia.

Tenho no prelo, por conta da Academia, o ensaio
 historico "As duas Hespanhas" e a nova edição
 da "Epica portuguesa no seculo XVI", com augmen-
 tos de algum interesse. Lá irá tudo.

Seu Afranio: ha algum tempo, o menino veio á Eu-
 ropa beber da agua de Juventa, coisa que vocês,
 com todo esse espirito moderno, ainda não fize-
 ram brøtar da terra brasileira. E mandou-me um
 retrato escandalosamente moço, feito depois de
 beber da agua maravilhosa. Pois eu envelheço sor-
 ridentemente, não fui a Juventa e ainda tenho co-
 ragem de me mostrar aos amigos e não só aos ami-
 gos... Ahi vae a mascara do homem, que esteve a

bel" e "Sob a Cinza do tédio". Este já não é uma
 serie de ensaios, tem valleidades de ser livro.
 Acaba de sair mais uma linda edição delle na
 Italia.

- 25 Tenho no prelo, por conta da Academia, o ensaio
 historico "As duas Hespanhas" e a nova edição
 da "Epica portuguesa no seculo XVI", com aumen-
 tos de algum interesse. Lá irá tudo.
- 30 Seu Afranio: ha algum tempo, o menino veio á Eu-
 ropa beber da agua de Juventa, coisa que vocês,
 com todo esse espirito moderno, ainda não fize-
 ram brøtar da terra brasileira. E mandou-me um
 retrato escandalosamente moço, feito depois de
 beber da agua maravilhosa. Pois eu envelheço sor-
 ridentemente, não fui a Juventa e ainda, tenho co-
 ragem de me mostrar aos amigos e não só aos ami-
 gos... Ahi vae a mascara do homem, que esteve a

f.1v

ponto de morrer de tédio.

Quando esta ahi chegar já o illustre Anno novo
terá dado as suas primeiras provas, mas ainda se-
rá tempo de alguma coisa esperar delle. Espera-
rei, pois, e desejarei que elle venha cheio de
boas surpresas para v., para sua Esposa, cuja
mão beijo, para a prole, para a litteratura bras-
leira e para esse encantado Brasil!

Um abraço do velho amigo, admirador e irmão "in
litteris":

Fidelino de Figueiredo

Fidelino de Figueiredo,

Av. Duque d'Avila, 117, Lisboa.

P.S. —

1.º Que escreve você a *Chalmeau*?

2.º Noticia de Amoroso Lima?

3.º Se a *Phobolandia* {†}, poderei ter
alguns exemplares?

ponto de morrer de tédio.

Quando esta ahi chegar já o illustre Anno novo
terá dado as suas primeiras provas, mas ainda se-
rá tempo de alguma coisa esperar dele. Espera-
rei, pois, e desejarei que elle venha cheio de
boas surpresas para você, para sua Esposa, cuja
mão beijo, para a prole, para a litteratura bras-
leira e para esse encantado Brasil!

Um abraço do velho amigo, admirador e irmão "in
litteris":

[Fidelino de Figueiredo]

Fidelino de Figueiredo,

Avenida. Duque d'Avila, 117, Lisboa.

[←Post-Scriptum —

1º que escreve você a {†}?

2º Noticia do Amoroso Lima?

3º Se a *Phobolandia* {†}, poderei ter

alguns exemplares?]

Carta de 28 de Setembro de 1932¹³:

f.1r

Lisboa, 28 de Setembro de 1932,

Exm^o.Sr.Dr.Afranio Peixoto,

Rua de Paysandú, 97,

Rio de Janeiro.

278/76
314

Querido amigo:

Não ha tendencia mais enraizada
no caracter do homem que o abuso, no sentido de
uso repetido. Elle confunde-se com o habito, com
o egoismo, com o menor esforço, com a preguiça,
etc. Aqui está por que eu novamente lhe mando
prosa para que a sua bondade faça della o que
entender. Como não quero cobrar nada, apenas me
contentando com divulgar as minhas ideas e fa-
zer-me lembrado dos amigos do Brasil, talvez a
minha abusiva commissão se aligeire um pouco.
Quererá V. fazer o favor de mandar publicar no
"Jornal" esse ensaio sobre o cinema? Muito obri-

Lisboa, 28 de Setembro de 1932,
Excelentíssimo Senhor Doutor Afranio Peixoto,
Rua de Paysandú, 97,

278/76 Rio de Janeiro.

5 314

Querido amigo:

10 Não ha tendencia mais enraizada
no caracter do homem que o abuso, no sentido de
uso repetido. Elle confunde-se com o habito, com
o egoismo, com o menor esforço, com a preguiça,
{†}/etc\.. Aqui está por que eu novamente lhe mando
prosa para que a sua bondade faça della o que
entender. Como não quero cobrar nada, apenas me
contentando com divulgar as minhas ideas e fa-
15 zer-me lembrado dos amigos do Brasil, talvez a
minha abusiva commissão se aligeire um pouco.
Quererá Você fazer o favor de mandar publicar no
"Jornal" esse ensaio sobre o cinema? Muito obri-

¹³ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio e datiloscrita em três partes, com tinta roxa, e medindo 260 × 170 mm. No verso consta o nome de Fidelino e algumas anotações manuscritas. A data registrada é 28 de setembro de 1932. Na margem superior esquerda e na margem inferior no recto, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

gado. *Havendo dificuldade, podia devolver-me o original?*
 Quero também notícias suas. Que faz? As dissensões civis deixam-no em paz, como eu vivamente espero e desejo? A sua penna dorme desalentada ou corre sobre o papel a expressar emoções novas do escriptor em pleno auge? Quando teremos romance novo da vida brasileira e dos problemas da post-guerra?

Mandei-lhe o ensaio sobre "As duas Hespanhas" e V. nunca me disse que lhe tinha parecido aquillo. Homem de Deus, se nós, archaica gente da penna, que ainda crê o pensamento uma actividade util, não formamos uma maçonaria internacional de apoio mutuo, que será de nós?

Do pateo lusitano nada direi, porque aqui não se passa nada. Apenas se ouvem os toques

gado. [→Havendo difficuldade, podia devolver-me o original?]

Quero também notícias suas. Que faz? As dissensões civis deixam-no em paz, como eu vivamente espero e desejo? A sua penna dorme desalentada ou corre sobre o papel a expressar emoções novas do escriptor em pleno auge? Quando teremos romance novo da vida brasileira e dos problemas da post-guerra?

Mandei-lhe o ensaio sobre "As duas Hespanhas" e Você nunca me disse que lhe tinha parecido aquillo. Homem de Deus, se nós, archaica gente de penna, que ainda crê o pensamento uma actividade util, não formamos uma maçonaria internacional de apoio mutuo, que será de nós?

Do pateo lusitano nada direi, porque aqui não se passa nada. Apenas se ouvem os toques

f.1v

do rancho para uns e do silencio para outros.
Eu sou dos ultimos.

Muitas saudades e um abraço
fraternal do velho amigo e sempre firme admira-
rador:

Fidelino de Figueiredo
Fidelino de Figueiredo.

Saio de viagem, mas este endereço é sempre o
melhor.

*Esse admirável Alceu deixou os
amigos pela ordem? Mas isso é
desordem?*

do rancho para uns e do silencio para outros.
Eu sou dos ultimos.

40 Muitas saudades e um abraço
fraternal do velho amigo e sempre firme admira-
rador:

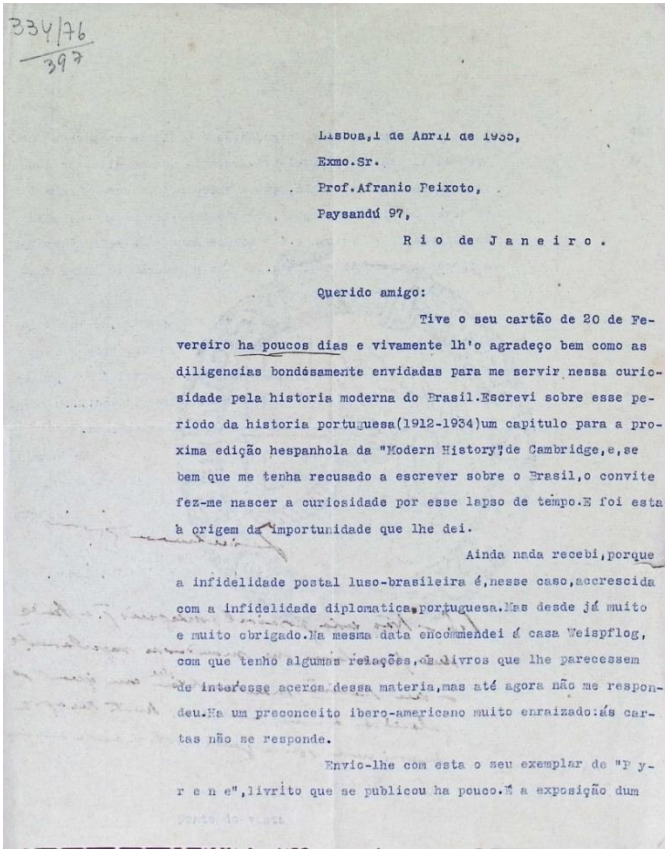
[Fidelino de Figueiredo]
Fidelino de Figueiredo.

45 Saio de viagem, mas este endereço é sempre o
melhor.

[←Esse admirável Alceu deixou os
amigos pela ordem? Mas isso é
desordem?]

Carta de 1 de Abril de 1935¹⁴:

f.1r



334/76
397

5

Lisboa, 1 de Abril de 1935,
Excelentíssimo Senhor
Professor Afranio Peixoto,
Paysandú 97,

Rio de Janeiro.

Querido amigo:

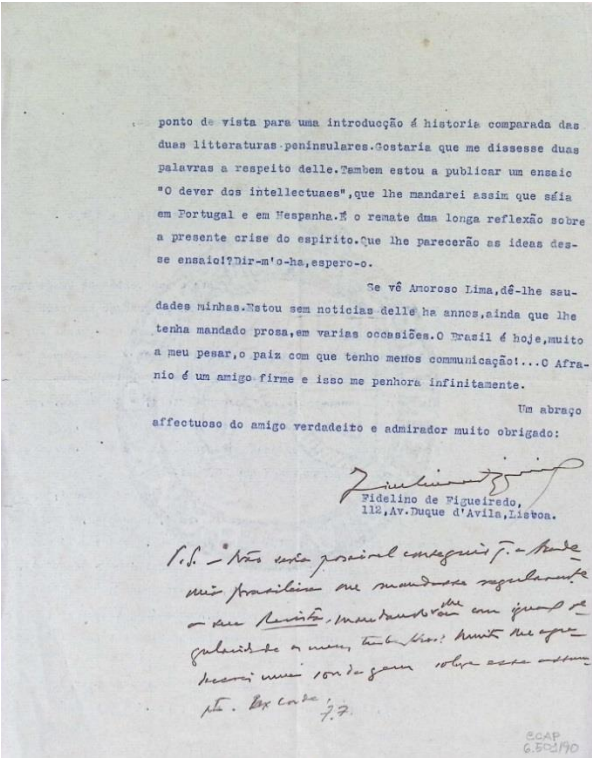
10 Tive o seu cartão de 20 de Fe-
vereiro ha poucos dias e vivamente lh'o agradeço bem como as
diligencias bondosamente envidadas para me servir nessa curio-
sidade pela historia moderna do Brasil. Escrevi sobre esse pe-
riodo da historia portuguesa (1912-1934) um capitulo para a pro-
xima edição hespanhola da "Modern History" de Cambridge, e, se
bem que me tenha recusado a escrever sobre o Brasil, o convite
15 fez-me nascer a curiosidade por esse lapso de tempo. E foi esta
à origem da importunidade que lhe dei.

20 Ainda nada recebi, porque
a infidelidade postal luso-brasileira é, nesse caso, acrescida
com a infidelidade diplomatica portuguesa. Mas desde já muito
e muito obrigado. Na mesma data encommendei á casa Weispflog,
com que tenho algumas relações, os livros que lhe parecessem
de interesse acerca dessa materia, mas até agora não me respon-
deu. Ha um preconceito ibero-americano muito enraizado: ás car-
tas não se responde.

25 Envio-lhe com esta o seu exemplar de "P y-
r e n e", livrito que se publicou ha pouco. É exposição dum

¹⁴ O documento é composto por uma folha de papel, datiloscrita no recto e no verso, com tinta azul, e medindo 220 × 280 mm. Possui marca d'água. No verso consta o nome de Fidelino e um P.S. manuscritos. A data registrada é 01 de abril de 1935. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v



30

35

40

45

50

ponto de vista para uma introdução á historia comparada das duas litteraturas peninsulares. Gostaria que me dissesse duas palavras a respeito delle. Tambem estou a publicar um ensaio "O dever dos intellectuaes", que lhe mandarei assim que saia em Portugal e em Hespanha. É o remate duma longa reflexão sobre a presente crise do espirito. Que lhe parecerão as ideas desse ensaio!? Dir-m'o-ha, espero-o.

Se vê Amoroso Lima, dê-lhe saudades minhas. Estou sem noticias delle ha annos, ainda que lhe tenha mandado prosa, em varias occasiões. O Brasil é hoje, muito a meu pesar, o paiz com que tenho menos communição!...O Afranio é um amigo firme e isso me penhora infinitamente.

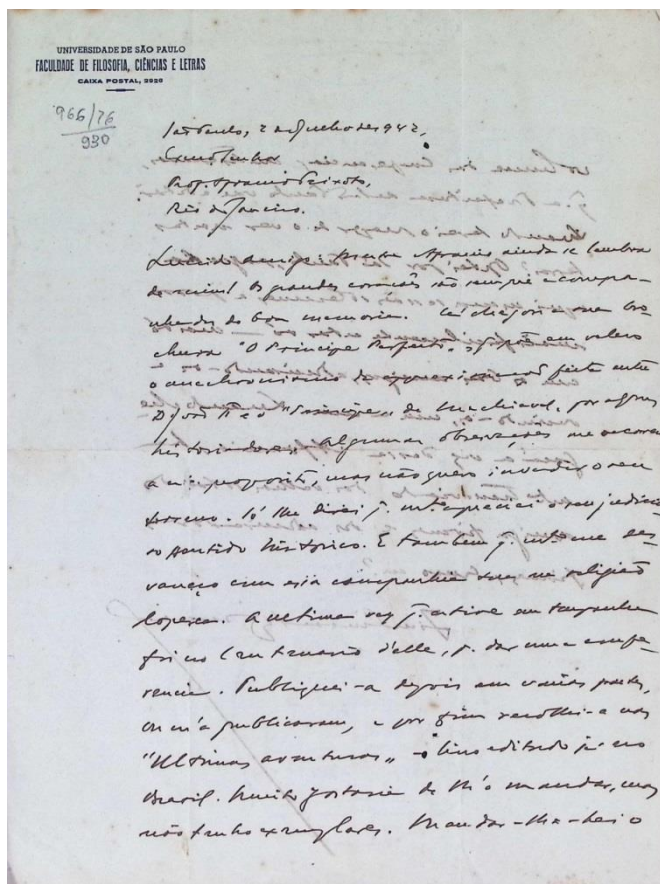
Um abraço
affectuoso do amigo verdadeiro e admirador muito obrigado:
[Fidelino de Figueiredo]
Fidelino de Figueiredo,
112, Avenida. Duque d'Avila, Lisboa.

Post-Scriptum – Não seria possivel conseguir que a Academia Brasileira me mandasse regularmente a sua Revista, mandando-lhe a com igual regularidade a meus trabalhos? Muito lhe agradeceria uma sondagem sobre esse assumcto. Ex Corde.
Fidelino. Figueiredo.

CCAP
6.501/90

Carta de 2 de julho de 1942¹⁵:

f.1r



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL, 2020

966/76

930

São Paulo, 2 de julho de 1942,

Excelentíssimo Senhor

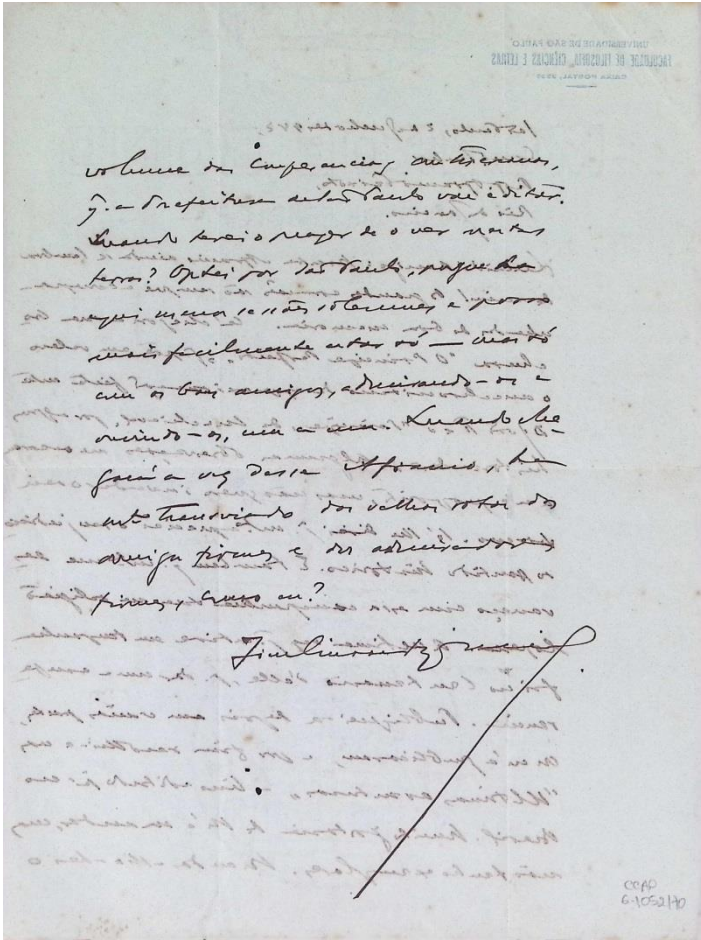
Professor Afranio Peixoto,

Rio de Janeiro.

- 5 Querido amigo: mestre Afranio ainda se lembra de mim! Os grandes corações são sempre acompanhados de boa {†}. Já chegou a sua brochura "O Príncipe Perfeito" que põe em relevo o {†} da aproximação feita entre
- 10 Dom João II e o "Príncipe" de / *medieval/ por alguns historiadores. Algumas observações me decorreu a {†} proposito, mas não quero invadir o seu terreno. Só lhe direi *que muito* apreciei o seu sedicioso {†} historico. E também *que muito* me des-
- 15 vaneço com essa companhia sua na religião {†}. A ultima vez que a tive em Hespanha foi no {†} {†} d'elle, que dar uma conferencia. Publiquei-a depois em varias partes, {†} {†} á publicaram, e por fim recolhi-a nas
- 20 "Ultimas aventuras" - Livro editado já no Brasil. Muito gostaria de {†} mandar, mas não tenho exemplares. Mandar-lhe-hei o

¹⁵ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 210 × 280 mm. A folha apresenta um timbre da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. Possui marca d'agua. A data registrada é 02 de julho de 1942. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

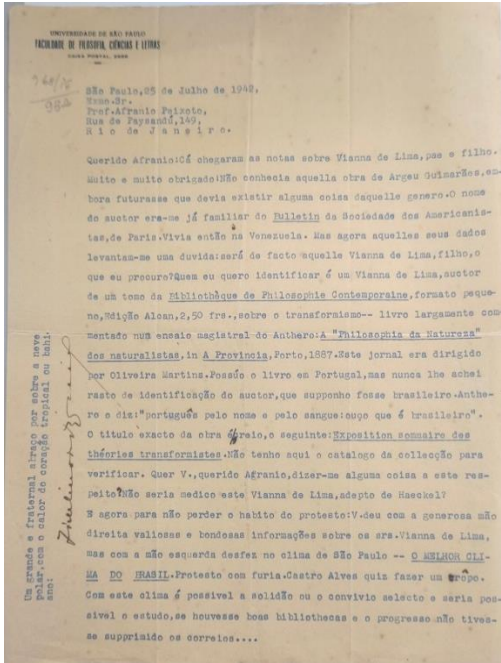


volume das conferências {†},
que a Prefeitura de São Paulo vae editar.
30 Quando terei o prazer de o ver nestas
terras? Aportei por São Paulo, pague {†}
aqui menor sessões {†} e posso
mais facilmente estar só - mas só
com os bons amigos, admirando-as e
35 {†}- {†}, {†} a {†}. Quando che-
gará a vez dessa Afranio, de
muito transviado das velhas rotas dos
Amigos firmes e dos admiradores
firmes, como eu?

[Fidelino de Figueiredo]

CCAP
6.1052/70

Carta de 25 de Julho de 1942¹⁶:



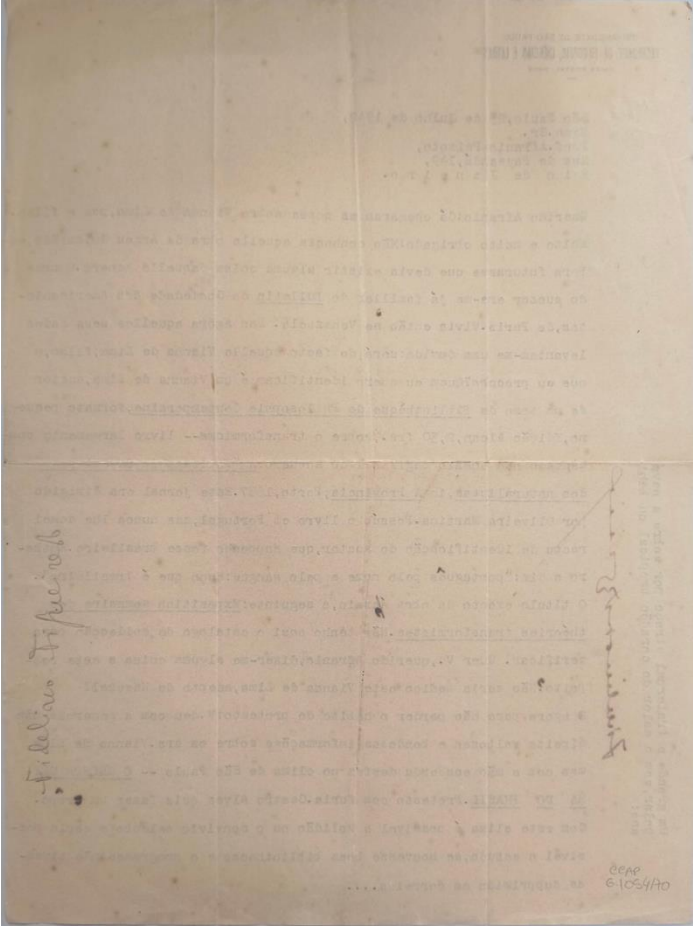
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL 2020
968/76 São Paulo, 25 de Julho de 1942,
932 Excelentíssimo Senhor
Professor Afranio Peixoto,
Rua de Paysandú, 149,
Rio de Janeiro.

Querido Afranio: Cá chegaram as notas sobre Vianna de Lima, pae e filho. Muito e muito obrigado! Não conhecia aquella obra de Argeu Guimarães, embora futurasse que devia existir alguma coisa daquelle genero. O nome do auctor era-me já familiar do Bulletin da Sociedade dos Americanistas, de Paris. Vivia então na Venezuela. Mas agora aquelles seus dados levantam-me uma duvida: será de facto aquella Vianna de Lima, filho, o que eu procuro? Quem eu quero identificar é um Vianna de Lima, auctor de um tomo da Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, formato pequeno, Edição Alcan, 2,50 francos., sobre o transformismo-- livro largamente commentado num ensaio magistral do Anthero: A "Philosophia da Natureza" dos naturalistas, in A Provincia, Porto, 1887. Este jornal era dirigido por Oliveira Martins. Possuo o livro em Portugal, mas nunca lhe achei rasto de identificação do auctor, que supponho fosse brasileiro. Anthero o diz: "português pelo nome e pelo sangue: ouço que é brasileiro". O titulo exacto da obra é/creio, o seguinte: Exposition sommaire des théories transformistes. Não tenho aqui o catalogo da collecção para verificar. Quer Você, querido Afranio, dizer-me alguma coisa a este respeito? Não seria medico este Vianna de Lima, adepto de Haeckel? E agora para não perder o habito do protesto: Você deu com a generosa mão direita valiosas e bondosas informações sobre os senhores Vianna de Lima, mas com a mão esquerda desfez no clima de São Paulo -- O MELHOR CLIMA DO BRASIL. Protesto com furia. Castro Alves quiz fazer um trôpo. Com este clima é possível a solidão ou o convívio selecto e seria possível o estudo, se houvesse boas bibliothecas e o progresso não tivesse suprimido os correios....

Um grande e fraternal abraço por sobre a neve
nolar. com o calor do coração tronical ou bahi.
ano: [Fidelino de Figueiredo]

¹⁶ O documento é composto por uma folha de papel, datiloscrita apenas no recto, com tinta azul, e medindo 210 × 280 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta um timbre da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. Na lateral no recto e no verso consta o nome de Fidelino manuscrito. A data registrada é 25 de julho de 1942. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

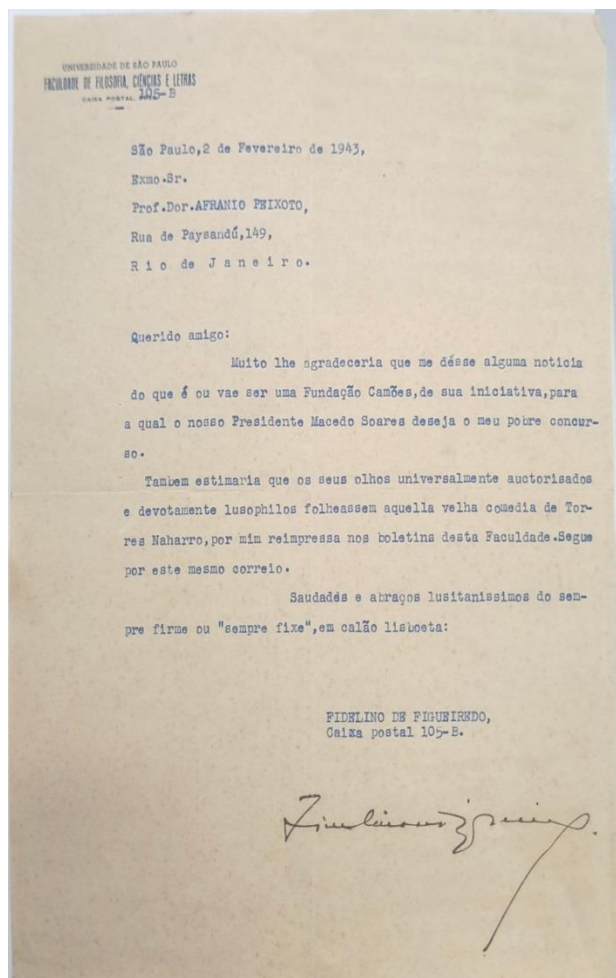


Fidelino Figueiredo

CCAP
6.1054/70

Carta de 2 de Fevereiro de 1943¹⁷:

f.1r



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL. 2020 105-B

- 5 São Paulo, 2 de Fevereiro de 1943,
Excelentíssimo Senhor
Professor Doutor AFRANIO PEIXOTO,
Rua de Paysandú, 149,
Rio de Janeiro.
- 10 Querido amigo: Muito lhe agradeceria que me desse alguma notícia
do que é ou vai ser uma Fundação Camões, de sua iniciativa, para
a qual o nosso Presidente Macedo Soares deseja o meu pobre concur-
so.
- 15 Também estimaria que os seus olhos universalmente auctorisados
e devotamente lusophilos folhassem aquella velha comedia de Tor-
res Naharro, por mim reimpressa nos boletins desta Faculdade. Segue
por este mesmo correio.
- 20 Saudades e abraços lusitanissimos do sem-
pre firme ou "sempre fixe", em calão lisboeta:
- FIDELINO DE FIGUEIREDO,
Caixa postal 105-B.

[Fidelino de Figueiredo].

¹⁷ O documento é composto por uma folha de papel, datiloscrita apenas no recto, com tinta azul, e medindo 210 × 280 mm. Possui marca d'agua. A folha apresenta um timbre da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. A data registrada é 02 de fevereiro de 1943. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior na esquerda e na direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 18 de junho de 1943¹⁸:

f.1r

1010/76
974

São Paulo, 18 de junho de 1943,
Excmo. Senhor
Prof. Afrânio Peixoto,
Rio de Janeiro.

Querido amigo: Consegue-me uma pre-
siação, certamente sua, de presidente do Instituto de
Estudos Portugueses - bem oportuna, porque o Brasil está
em perigo de oposição {†} a si mesmo.
Sem convite para {†} nas atividades do novo
teatro penhora-me e honra-me. Muito obrigado! Lhe
poderei eu esperar na forma que esse propõe? Res-
pondo com a sinceridade que devo a Camões, a
Afrânio e à minha consciência literária.
As / *minhas/ ideias sobre Camões, os publicados são de
1916-1917. {†} muito de ser {†}, pude
{†} a erudição penhorias quiz {†} o meu
espírito. Até mesmo para a {†} {†}
{†} publicada aqui, já tenho elementos
novos. Mas ino à -me impossível fazê-lo agora,
por falta de forças, do tempo e da documentação.
Para passar ao papel ideias, que me {†} no
espírito, tive de suspender a colaboração {†}
fico, cancelhos {†} e declinos convites,
em {†} {†} de desagradar a peso aos ami-
gos. Mas consegui emcluir, de {†}, o estudo
sobre A {†} pela exposição. Está o pre / *posleria/

- 5 Querido amigo: {†}-me pela ini-
ciativa, conhecendo sua, da fundação desse Instituto de
Estudos Portugueses - bem oportuna, porque o Brasil está
em perigo de oposição {†} a si mesmo.
- 10 Sem convite para {†} nas atividades do novo
teatro penhora-me e honra-me. Muito obrigado! Lhe
poderei eu esperar na forma que esse propõe? Res-
pondo com a sinceridade que devo a Camões, a
Afrânio e à minha consciência literária.
- 15 As / *minhas/ ideias sobre Camões, os publicados são de
1916-1917. {†} muito de ser {†}, pude
{†} a erudição penhorias quiz {†} o meu
espírito. Até mesmo para a {†} {†}
{†} publicada aqui, já tenho elementos
novos. Mas ino à -me impossível fazê-lo agora,
- 20 por falta de forças, do tempo e da documentação.
Para passar ao papel ideias, que me {†} no
espírito, tive de suspender a colaboração {†}
fico, cancelhos {†} e declinos convites,
em {†} {†} de desagradar a peso aos ami-
- 25 gos. Mas consegui emcluir, de {†}, o estudo
sobre A {†} pela exposição. Está o pre / *posleria/

¹⁸ O documento é composto por duas folhas de papel, escritas apenas no anverso de cada uma, com tinta preta, e medindo 200 × 270 mm. Ambas as folhas apresentam marcas de corrosão impedindo a leitura de algumas palavras e frases. A data registrada é 18 de junho de 1943. Na margem superior esquerda da primeira folha e no verso de ambas, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

de uma 3 ou 4 conferencias. Também é "Camões
português" - porque o autor é português e elabora
ali a suas experiencias portuguesas. É inédito,
actual, autentica marca Fidelino de Figueiredo 1973 - pobre,
mas autentica.

Pequenas dificuldades, por haverem a pensar,
mas os amigos, por serem muito simpáticos
provavel que o Instituto se interesse
pelo trabalho, não obstante elle ser um
meio pequeno de trabalho de intelligencia por-
tuguesa - é a reedição de estudos camo-
neanos.

Peço-lhe que me desculpe este escrúpulo -
brigado a uma coisa sempre gratissima
amigo, português sempre fiel a sua
fiel amizade a um livro a si mesmo
gentil. Ex corde:

Fidelino de Figueiredo

Lhe mando 3 ou 4 conferencias. Também é "Camões
português" - porque o autor é português e elabora
alli a tudo experiencias portuguesas. É inédito,
actual, autentica marca Fidelino de Figueiredo 1973 - pobre,

mar ou autuistica.

Pequenas dificuldades, pre {} a sanar,
irão as {}, porque não {}

provavel que o Instituto se interesse
pelo trabalho, não obstante {} ser muito
mais representativo da intelligencia por-
tuguesa que a reedição dos estudos camo-
neanos.

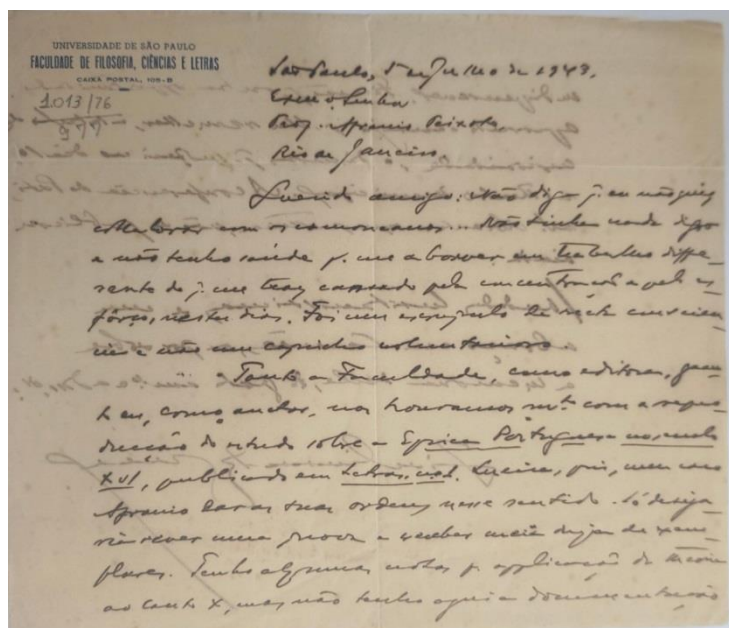
Peço-lhe que me desculpe este escrúpulo {}-

{} a me {} sempre gratissimo
amigo, português muito grato á sua
fiel amizade a minha tem e a minha
gente Ex Corde:

[Fidelino de Figueiredo]

Carta de 5 de julho de 1943¹⁹:

f.1r



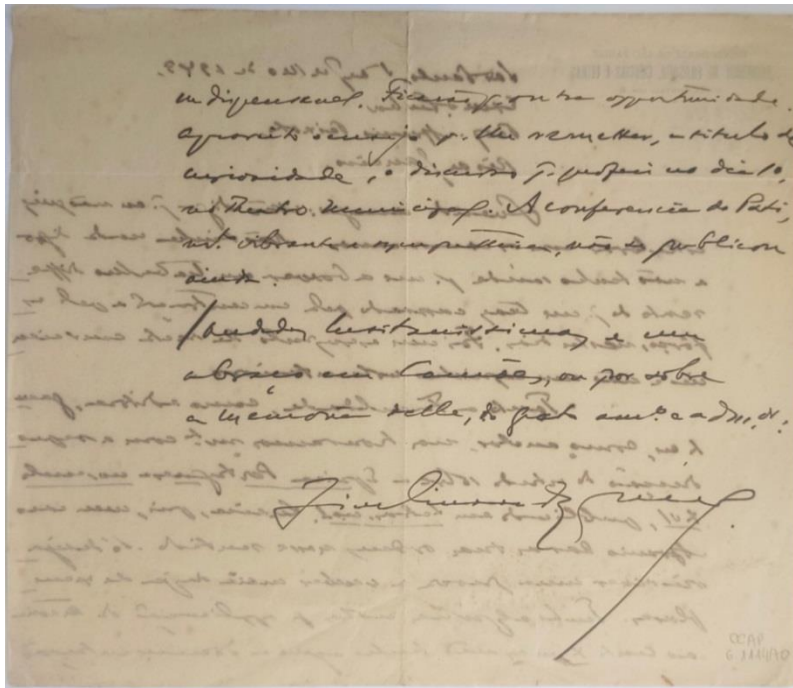
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL, 105-B
1.013/76

5 977

São Paulo, 5 de julho de 1943,
Excelentíssimo Senhor
Professor Afranio Peixoto,
Rio de Janeiro.

- 10 Querido Amigo: não diga *que* eu não quis colaborar com os camoneanos... Não tinha nada digo e não tenho saúde *que* me absorver em trabalho diferente do *que* me traz cansado pela concentração e pelo esforço, nestes dias. Foi cem escrupulo de {†} consciência e não com capricho voluntarioso.
- 15 Tanto a Faculdade, como editora, grande em, como auctor, nos honramos *muito* com a reprodução do estudo sobre a Epica Portuguesa no século XVI, publicado em Letras, número 1 Queira pois, meu caro
- 20 Afranio dar as suas ordens nesse sentido só desejará rever sua prosa e receber meia duzia de exemplares. Tenho algumas cedas *para* applicação de {†} ao canto x, mas não tenho aqui a documentação

¹⁹ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 220 × 190 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta um timbre da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. A data registrada é 05 de julho de 1943. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



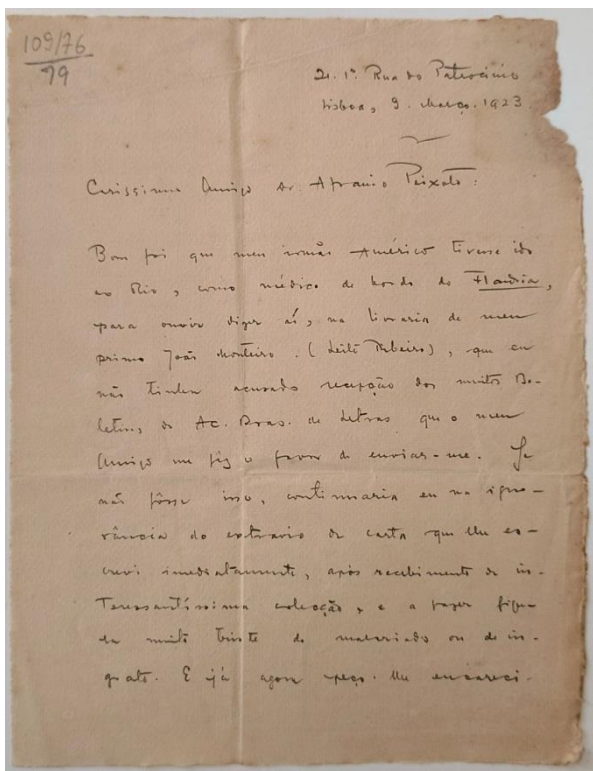
- f.1v
em diferencial. Ficarão para outra oportunidade.
- 25 Aproveito o ensejo para lhe remeter, a titulo de curiosidade, o discurso que proferi no dia 10, no Theatro Municipal. A conferência do Pati, muito lisboenta e {†}, não se publicou ainda.
- 30 Saudades lusitanissicas e um abraço em Camões ou por sobre a memoria dele, do grato amigo e admirador:

[Fidelino de Figueiredo]

- 35 CCAP
6.1114/70

5.1.3 Edição fac-similar das cartas de Agostinho de Campos

Carta de 09 de março de 1923²⁰:



f.1r

109/76
79

21. 1º. Rua do Patrocínio
Lisboa, 9. Março. 1923.

Caríssimo amigo Doutor Afrânio Peixoto:

- 5 Bom foi que meu irmão Américo tivesse ido ao Rio, como médico de bordo do Flandia, para ouvir dizer aí, na livraria de meu primo João Monteiro. (Leite Ribeiro), que eu não tinha acusado recepção dos muitos Bo-
- 10 letins da *Academia Brasileira de Letras* que o meu amigo me fez o favor de enviar-me. Se não fôsse isso, continuaria eu na igno-
- 15 rância do extravio da carta que lhe escrevi imediatamente, após recebimento de in-teressantíssima coleção, e a fazer fique eu muito triste de mal visto ou de in-grato. E já agora peço lhe encareci-

²⁰ O documento é composto por duas folhas de papel, escritas no anverso e no verso de ambas, com tinta preta, e medindo 170 × 230 mm. Ambas as folhas apresentam as pontas rasgadas, entretanto não interferem no texto e na margem superior esquerda contém parte de uma marca d'água. A data registrada é 09 de março de 1923. Na margem superior esquerda da primeira folha e no verso de ambas na margem inferior direita, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

AGOSTINHO DE CAMPOS
 O momento que logo que eu esteja ou pa-
 reça estar em falta de qualquer remessa
 ou resposta, me escreva um postal a de-
 nunciar o facto e a perguntar-me se a
 culpa é minha ou do correio. Eu res-
 ponderei com sinceridade, acusando-me
 ou desculpando-me. Desta vez, felizmen-
 te, posso bem com a culpa, à face de Deus
 e dos homens, tanto mais q. não só lhe
 escrevi por aquela época uma longa car-
 ta, como de certo lha mandei registar, o
 que por precaução sempre faço. Não posso
 averiguá-lo já documentalmete, porque
 da vez de um mês escrevi muitos re-
 cibos de registos q. aqui tinha acumulados
 e q. já me não pareciam necessários.
 Pôsto isto, renovo os meus agradeci-
 mentos pela coleção dos Boletins, que
 muitíssimo me interessaram e interessam
 CCAP
 6101/90.1

20

25

30

35

 AGOSTINHO DE
CAMPOS

damente que logo que eu esteja ou pa-
 reça estar em falta de qualquer remessa
 ou resposta, me escreva um postal a de-
 nunciar o facto e a perguntar-me se a
 culpa é minha ou do correio. Eu res-
 ponderei com sinceridade, acusando-me
 ou desculpando-me. Desta vez, felizmen-
 te, posso bem com a culpa, à face de Deus
 e dos homens, tanto envio que não só lhe
 escrevi por aquela época uma longa car-
 ta, como de-certo lha mandei registrar, o
 que por precaução sempre faço. Não posso
 averiguá-lo já documentalmete, porque
 ha cerca de um mês depois muitos re-
 cibos de registos que aqui tenho acumulados
 e que já me não pareciam necessários.
 Pôsto isto, renovo os meus agradeci-
 mentos pela coleção dos Boletins, que
 muitíssimo me interessaram e interessam

CCAP

6.101/90.1

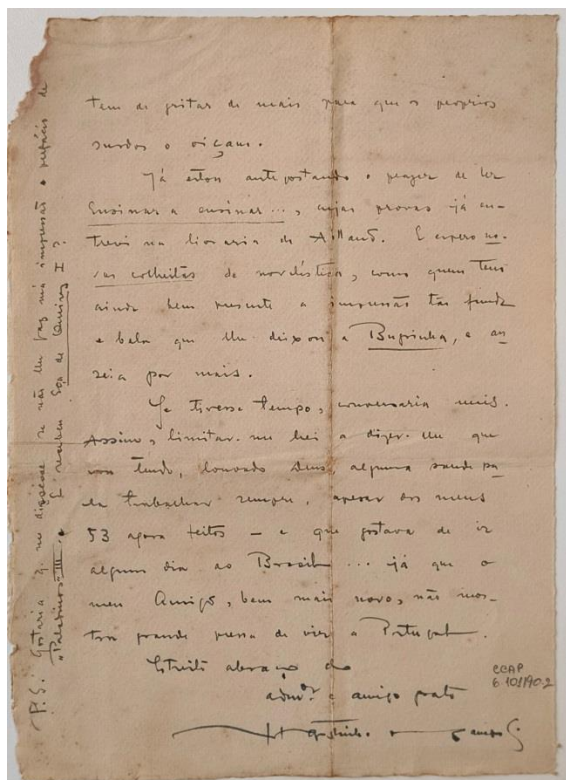
2
 e em alguns dos quais por sinal colhi
 boa matéria para o 3º vol. de Paladinos
 da Linguagem, que acaba de sair. Mando-
 -lhe, além do meu exemplar, mais um
 para o sr. Austregésilo, outro pr. o sr. Ma-
 galhães de Azevedo, outro pr. o sr. Mário
 de Alencar, outro pr. o sr. Martins Fontes,
 todos paladinados neste volume, e cujas
 moradas aporô. Desculpe-me de o fa-
 zer assim intermediário, e se algum
 estiver longe, peço-lhe q. deite fora o
 respectivo volume e me diga simples-
 mente qual é o seu endereço, para eu
 daqui enviar outro.

Mando-lhe também A mãe de
Todos os Vícios, série de panfletos politico-
 pedagogicos. Se tiver porhorra de lê-los,
 dê o devido desconto aos exageros de quem

(2L)[P]

- 40 e em alguns dos quais por sinal colhi
 boa matéria para o 3º volume de Paladinos
 da Linguagem, que acaba de sair. Mando
 -lhe, além do meu exemplar, mais um
 para o Doutor Austregésilo, outro para o senhor Ma-
 galhães de Azevedo, outro para o senhor Mário
 45 de Alencar, outro para o senhor Martins Fontes,
 Todos paladinados neste volume, e cujas
 moradas aporô. Desculpe-me de o fa-
 zer assim intermediário, e se algum
 50 estiver longe, peço-lhe que deite fora o
 respectivo volume e me dizer simples-
 mente qual é o seu endereço, para eu
 daqui enviar outro.

- Mando-lhe também A mãe de
 55 Todos os Vícios, série de panfletos politico-
 pedagogicos. Se tiver porhorra de lê-los,
 dê o devido desconto aos exageros de quem



60
65
70
75

Post-Scriptum gostaria que me dissesse se não lhe faz má impressão o prefácio de "Paladinos" III. E recebu Eça de Queiroz I?

(3L)[P]

Tem de gritar de mais para que os próprios surdos o ouçam.

Já estou ante gostando o prazer de ler Ensinar a ensinar..., cujas provas já em-Trevi na livraria de Aillaud. E espero novas colheitas de novelística, como quem Tem ainda bem presente a impressão tão firmada e bela que lhe deixou a Bugrinha, e an-seia por mais.

Se tivesse tempo, conversaria mais.

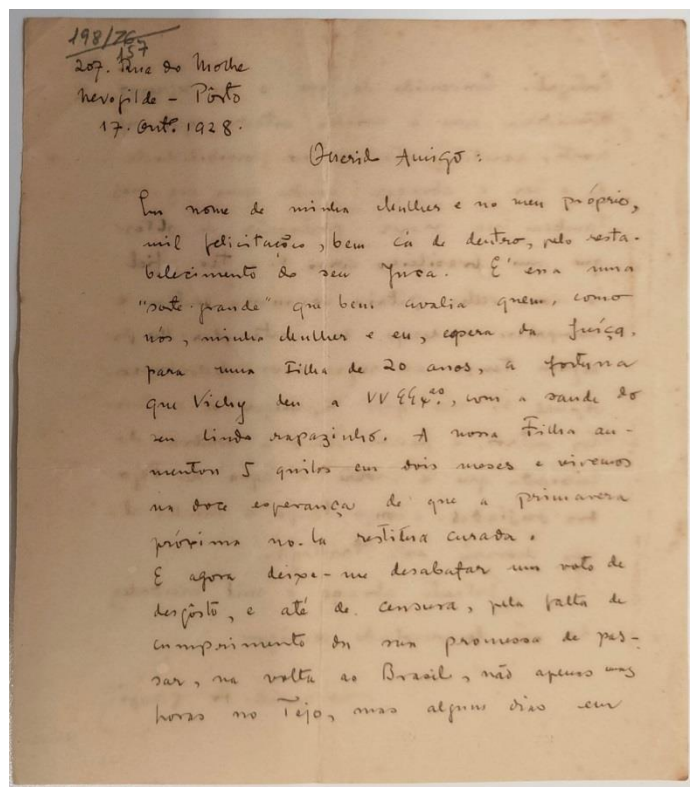
Assim, limitar-me hei a dizer-lhe que vou tendo, louvado Deus, alguma saúde para trabalhar sempre, apesar dos meus 53 agora feitos – e que gostava de ir algum dia ao Brasil... já que o meu Amigo, bem mais novo, não mostra quando pensa de vir a Portugal.

Estreito abraço do

CCAP
6.101/90.2

Admirador e amigo grato
Agostinho de Campos

Carta de 17 de outubro de 1928²¹:



f.1r

198/76

157

207. Rua do Mothe

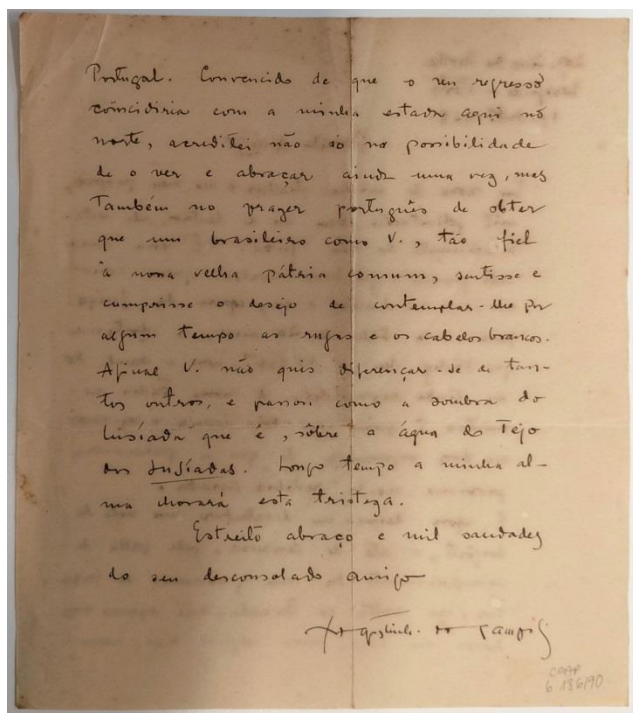
hevofilme - Pôrto

5 17. Outubro 1928.

Querido Amigo:

- Em nome de minha Mulher e no meu próprio, mil felicitações, bem cá de dentro, pelo restabelecimento de seu Juca. É essa uma
- 10 "sorte grande" que bem avalia quem, como nós, minha Mulher e eu, espera da Suíça, para uma filha de 20 anos, a fortuna que Vichy deu a Vossas Excelencias, com a saúde do seu lindo repazinho. A nossa filha aumentou 5 quilos em dois meses e vivemos
- 15 na doce esperança de que a primavera próxima no-la restitua curada. E agora deixo-me desabafar um voto de desgosto, e até de censura, pela falta de cumprimento da sua promessa de passar, na volta ao Brasil, não apenas umas horas no Tejo, mas alguns dias em
- 20

²¹ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso de cada uma, com tinta preta, e medindo 180 x 210 mm. A data registrada é 17 de outubro de 1928. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



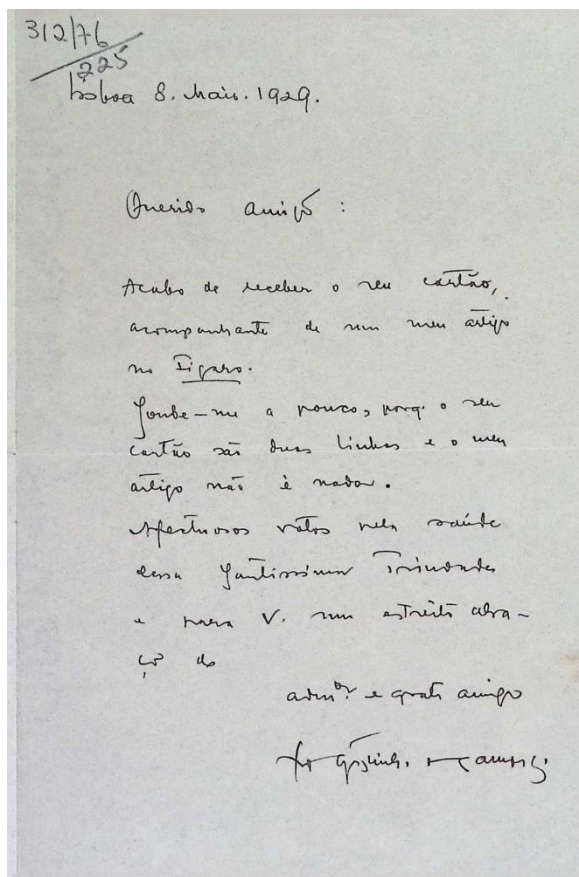
f.1v

Portugal. Convencido de que o seu regresso
coincidiria com a minha estada aqui no
norte, acreditei não só na possibilidade
de o ver e abraçar ainda uma vez, mas
Também no prazer português de obter
que um brasileiro como V., tão fiel
à nossa velha Pátria comum, sentisse e
cumprisse o desejo de contemplar-lhe por
algum tempo as regras e os cabelos brancos.
Final *Você* não quis diferenciar-se de tan-
tos outros, e passou, como sombra do
Lusiáda que é, sobre a água do Tejo
dos Lusiádas. Longo tempo a minha al-
ma chorará esta tristeza.
Estreito abraço e mil saudades
do seu desconsolado amigo.

Agostinho de Campos

CCAP
6186/90.

Carta de 08 de maio de 1929²²:



f.1r

312/76

225

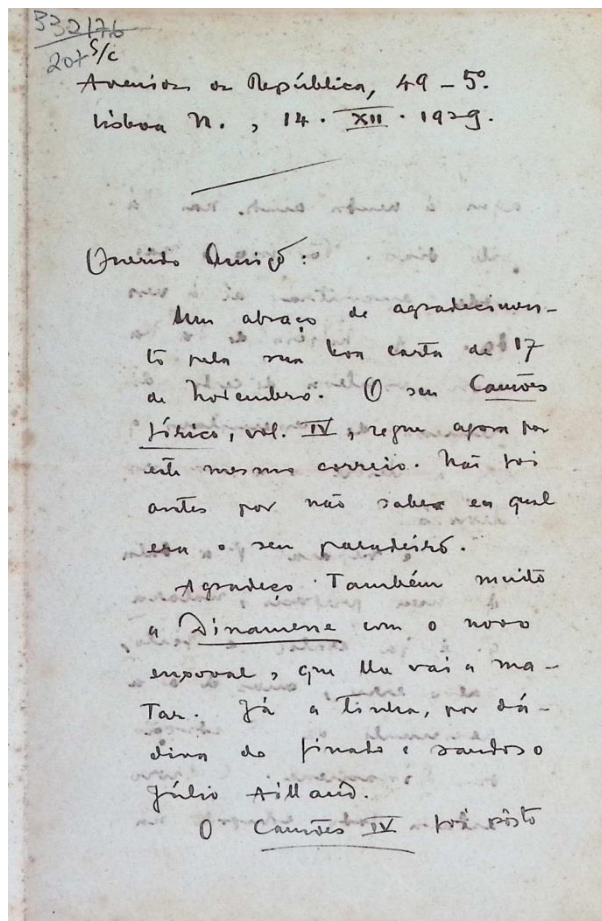
Lisboa 8. Maio. 1929.

Querido amigo:

- 5 Acabo de receber o seu cartão, acompanhante de um meu artigo no Figaro. Soube-me a pouco, porque o seu cartão são duas linhas e o meu artigo não é nada.
- 10 Afectuosos votos pela saúde dessa Santíssima Trindade e para *Você* um estreito abraço do
- 15 admirador e grato amigo
Agostinho de Campos

²² O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em um lado na vertical, com tinta preta, e medindo 270 × 210 mm. A data registrada é 08 de maio de 1929. Possui marca d'água "GRAHAMS BONO REGISTERED". Na margem superior esquerda e no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 14 de dezembro de 1929²³:



f.1r

332/76

207 s/c

Avenida da República, 4 a - 5°.

Lisboa número , 14. XII. 1929.

5 Querido amigo:

Um abraço de agradecimen-
to pela sua boa carta de 17
de novembro. O seu Camões
Lirico, volume. IV chegou agora por
este mesmo correio. Não foi
antes por não saber em qual
era o seu paradeiro.

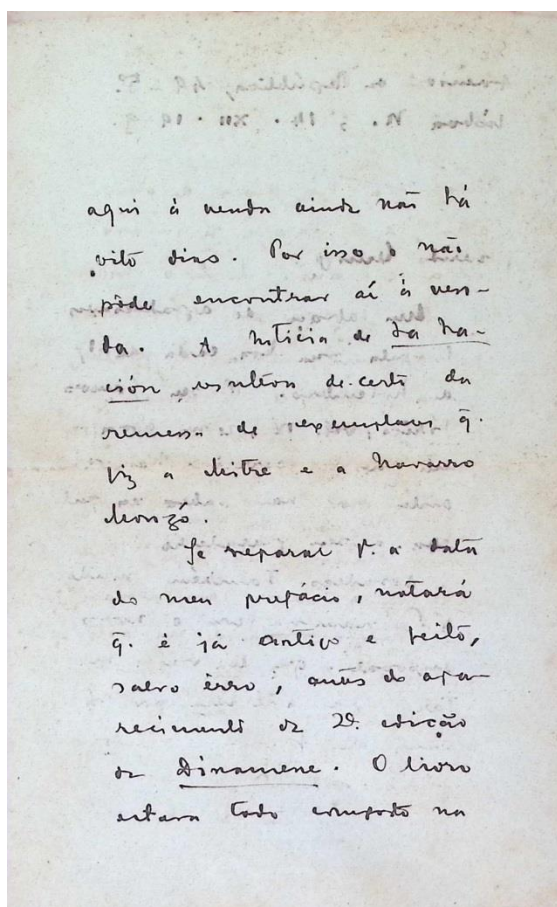
10

Agradeço também muito
a Dinamene com o novo
enxoval, que lhe vai a ma-
tar. Já tinha por dá-
diva do finado e saudoso
Júlio Aillaud.

15

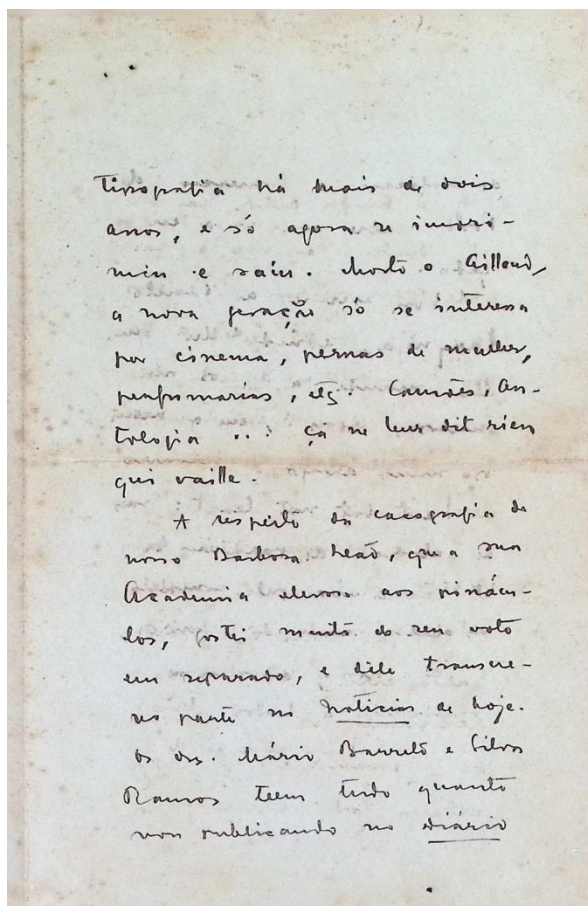
O Camões IV foi posto

²³ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas quatro partes na vertical, com tinta preta, e medindo 270 × 220 mm. A data registrada é 14 de dezembro de 1929. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



f.1v

- 20 aqui à venda ainda não há
vite dias. Por isso o não
pôde encontrar aí à ven-
da. A notícia de La Na-
ción esultou de certa da
- 25 remessa de exemplares que
fiz a ilustre e a honroso
Monzó.
- 30 Se reparar Você a data
do meu prefácio, notará
que é já antigo e feito,
salvo erro, antes do agra-
decimento da 2ª edição
de Dinamene. O livro
estava todo composto na



f.1v

- 35 tipografia há mais de dois
anos, e só agora se impri-
miu e saiu. Morto o Aillaud,
a nova geração só se interessa
40 por cinema, pernas de mulher,
perfumarias, etc. Camões, an-
tologia... ça ne leur dit rien
qui vaille.
A respeito da cacografia do
nosso Barbosa Leão, que a sua
45 Academia elevou aos pinacu-
los, gostei muito do seu voto
em separado, e dêle transcre-
vo parte no notícias de hoje.
Os doutores Mário Barreto e Silva
50 Ramos tem tudo quanto
vou publicando no Diário

de notícias e comércio do
 Porto sobre esse curso engra-
 çado. Vou escrever ao Bento
 Carqueja, pedindo-lhe que
 lhe mande a Você os nú-
 meros, 4 ou 5, em que veem
 os meus artigos.
 Last bat not least: gran-
 de abraço de parabéns a
 Vossas Excelências ambos pelo completo
 restabelecimento de Juca
 e as nossas afectivas
 saudações a todos três.
 Estreito abraço do
 admirador e muito amigo
 Agostinho de Campos

CCAP
 6.286/90

f.1r

de notícias e comércio do
 Porto sobre esse curso engra-
 çado.

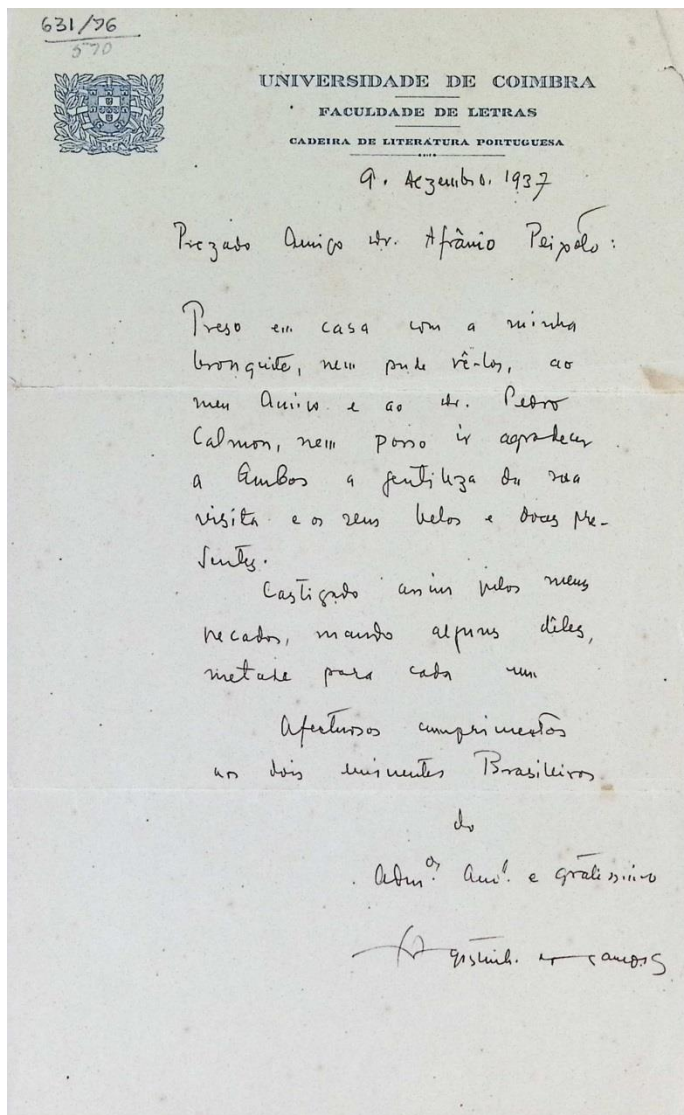
- 55 Vou escrever ao Bento
 Carqueja, pedindo-lhe que
 lhe mande a Você os nú-
 meros, 4 ou 5, em que veem
 os meus artigos.
- 60 Last Bat not least: gran-
 de abraço de parabéns a
 Vossas Excelências ambos pelo completo
 restabelecimento de Juca
 e as nossas afectivas
- 65 saudações a todos três.

Estreito abraço do
 admirador e muito amigo
 Agostinho de Campos

CCAP
 6.286/90

Carta de 09 de dezembro de 1937²⁴:

f. 1r



631/76

370

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

5 CADEIRA DE LITERATURA PORTUGUESA

9. Dezembro. 1937

Prezado amido Doutor Afrânio Peixoto:

Preso em casa com a minha

bronquite, nem pude vê-los, ao

10 Meu amigo e ao Doutor Pedro
Calmon, nem posso ir agradecer
a ambos a gentileza da sua
visita e os seus belos e doces pre-
sentes.

15 Castigado assim pelos meus
pecados, mando alguns dêles,
metade para cada um
Afetuosos cumprimentos
aos eminentes Brasileiros

20 do
admirador amigo e gratíssimo
Agostinho de Campos

²⁴ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no anverso, com tinta preta, e medindo 160 × 260 mm. A folha apresenta um timbre da UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS CADEIRA DE LITERATURA PORTUGUESA. A data registrada é 09 de dezembro de 1937. Na margem superior esquerda e no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 16 de agosto de 1938²⁵:

f.1r

670/76
610
Pôrto
16. VIII. 38.

Querido e ilustre Afrânio,

Aqui estou por uns dias enquanto não volto a Lisboa lá para 30, a fim de encerrar com uma conferência o curso de férias da minha Faculdade. Tenho estado muito ocupado com exames, Licenciaturas, curso de férias no Monte Estoril. Por isso lhe não escrevi há mais tempo, como devia, para lhe agradecer dois novos e grandes favores que lhe devo, a juntar a tantos: as benévolas e expressivas referências aos meus trabalhos, na sessão da A. B. L., de 17 de junho último, e a oferta deste lindíssimo livro de Viagens na sua Terra, lindíssimo em todo o sentido, lindíssimo pela inspiração e pela intenção, obra prima Tanto da inteligência como do sentimento. E minha Mulher lhe agradece também, muito lisonjeada, a parte que

670/76
610
Pôrto
16. VIII. 38

5 Querido e ilustre Afrânio,

Aqui estou por uns dias enquanto não volto a Lisboa lá para 30, afim de encerrar com uma conferência o curso de férias da minha Faculdade. Tenho estado muito ocupado com exames, Licenciaturas, curso de férias no Monte Estoril. Por isso lhe não escrevi há mais tempo, como devia, para lhe agradecer dois novos e grandes favores que lhe devo, a juntar a tantos: as benévolas e expressivas referências aos meus Trabalhos, na sessão da Academia Brasileira Letras., de 7 de junho último, e a oferta dêste Lindíssimo livro da Viagens na sua Terra, lindíssimo em todo o sentido, lindíssimo pela inspiração e pela intenção, obra prima Tanto da inteligência como do sentimento. E minha Mulher lhe agradece Também, muito lisonjeada, a parte que

10

15

20

25

²⁵ O documento é composto por duas folhas de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 140 × 220 mm. A data registrada é 16 de agosto de 1938. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior esquerda no verso da primeira folha, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística, já a segunda folha foi encontrada em uma pasta identificada como *cartas incompletas*, sendo assim na segunda folha consta um numero 2 escrito na margem superior e não há um código anotado na mesma.

f.1v

receber da sua amável dedicatória,
e como eu lhe envia, e à digna
Senhora de Afrânio Peixoto, afectuosos
cumprimentos.

Recebi também as suas várias re-
mesas de publicações referentes à cria-
ção da Cadeira de Estudos Camonia-
nos e as duas cartas, a Hernâni
Cidade e a mim, sobre o mesmo assun-
to. Não falei nem falo do caso, nem
àquela pessoa, nem a ninguém, guar-
dei para mim e em mim guardado
fica para a seu tempo e em todo
o tempo (do que vida ou morte me
concederem) publicar de algum modo
segundo o meu justo desejo e legí-
timo orgulho de criador de uma
grande coisa, entre outras coisas gran-
des (e maiores) que V. tem feito
e ficaram feitas para sempre. Ao
contrário do que leio na sua
carta, as palavras também são
actos, quando proliferam em
beleza e arte definitiva. Ou te-
nho eu de lembrar a Afrânio

CCAP
6.750/70

- 30 recebeu da sua amável dedicatória,
e como eu lhe envia, e à digna
Senhora de Afrânio Peixoto, afetuosos
cumprimentos.
Recebi também as suas várias re-
mesas de publicações referentes à cria-
ção da Cadeira de Estudos Camonia-
nos e as duas cartas, a Hernâni
35 Cidade e a mim, sobre o mesmo assun-
to. Não falei nem falo do caso, nem
àquele colega, nem a ninguém, guar-
dei para mim e em mim guardado
fica para a seu tempo e em todo
40 o tempo (do que vida ou morte me
concederem) fortificar de algum modo
segundo o seu justo desejo e legí-
timo orgulho de criador de uma
grande coisa, entre outras coisas gran-
des (e maiores) que Você tem feito
45 e ficaram feitas para sempre. Ao
contrário do que leio na sua
carta, as palavras também são
actos, quando proliferam em
50 beleza e arte definitiva. Ou; te-
nho eu de lembrar a Afrânio

CCAP
6.750/70

f.2r
(2L) [P]

2

Peixoto quem é o autor de Bugrinha, e Maria Bonita, e de tantas páginas q. honram e honrarão por todo o tempo a nossa Língua e Pátria espiritual comum de dois?

Nunca deixei um instante de pensar, desde que se anunciou a fundação da Cadeira de Estudos Camonianos em Lisboa, que o Afrânio é o autêntico Pai do novo Estudo, raro e tão raro em terras nossas, que é virgem e só, no seu gênero. Isso mesmo não posso exprimir e sei que exprimi com o que disse, nem me travaou língua ou pênas certo instinto lírico da necessidade que há, em País sem vasta iniciativa particular para coisas do ensino, da educação, das Letras ou das Ciências, de pôr alto e bom som diante da consciência dos ricos - homens de hoje o exemplo de benevolências da espécie da do Zeferino de Oliveira. A vaidade do dinheiro é a mais vã, de-certo; mas, por isso mesmo,

- Peixoto quem é o autor de Bugrinha, e Maria Bonita, e de tantas páginas que honram e honrarão para todo o sempre a nossa Língua e Pátria espiritual comum de dois?
- Nunca deixei um instante de pensar, desde que se anunciou a fundação da Cadeira de Estudos Camonianos em Lisboa, que o Afrânio é o autêntico Pai do novo Estudo, raro e tão raro em terras nossas, que é virgem e só, no seu gênero. Isso mesmo pois exprimir e sei que exprimi com o que disse, nem me travou língua ou pênas certo instinto lírico da necessidade que há, em País sem vasta iniciativa particular para coisas do ensino, da educação, das Letras ou das Ciências, de pôr alto e bom som diante da consciência dos ricos - homens de hoje o exemplo de benevolências da espécie da do Zeferino de Oliveira. A vaidade do dinheiro é a mais vã, de-certo; mas, por isso mesmo,

f.2v

temos de lisonjeá-la algum pouco,
a ver se a respectiva materialidade se desentranha em frutos de espírito. Mas esta "política" não prevalece à verdade essencial, que está no espírito de todos, sejam quais forem fórmulas que aquela imponha ou aconselhe: Sem Afrânio Peixoto não haveria Estudos Camonianos em Lisboa.

grande abraço do
seu r. ant. admir. e seg. b.

Agostinho de Campos

AGOSTINHO DE CAMPOS

80 Temos de lisonjeá-la algum pouco,
a ver se a respectiva materialidade se desentranha em frutos de espírito. Mas esta "política" não prevalece à verdade essencial, que está no espírito de todos, sejam quais forem fórmulas que aquela imponha ou
85 aconselhe: Sem Afrânio Peixoto não haveria Estudos Camonianos em Lisboa.

90 grande abraço do
seu / *respeitoso / amigo admirador. {†}

Agostinho de Campos.

AGOSTINHO DE CAMPOS

Carta de 23 de julho de 1940²⁶:

f.1r

833/76
S/C 791
Lisboa
23.VII.1940

Querido Amigo:

Lida pelo Dr. i Gustavo Ramos ouvi bastante bem pela T.S.F. na abrunhosa, onde estava convalescente, a sua esplêndida palestra sobre a Língua. Pouco antes recebera dos Lelos - a sua História do Brasil, que muito lhe agradeço e pela qual o felicito de todo o coração. Não deixarei de me referir a ela, ou no Comercio do Porto, ou nalgum dos meus próximos falamentos sem fio.

Tenho tido muita pena de o não ver por aqui nesta ocasião. Estou certo de que o seu coração havia de pulsar mais apressado, nas celebrações de Guimarães e que a Exposição do Mundo Português, em Belém, onde há concepções

833/76

791

S/C

Lisboa

5 23.VII. 1940

Querido Amigo:

Lida pelo Doutor Gustavo Ramos ouvi Bastante bem pela T.S.F. na abrunhosa Onde estava convalescente, a sua esplêndida palestra sobre a Língua. Pouco antes recebera dos Lelos - a sua História do Brasil, que muito lhe agradeço e pela qual a felicito de todo o coração. Não deixarei de me referir a ela, ou no Comercio do Porto, ou nalgum dos meus próximos falamentos sem fio.

Tenho tido muita pena de o não ver por aqui nesta ocasião. Estou certo de que o seu coração havia de pulsar mais apressado nas celebrações de Guimarães e que a Exposição do Mundo Português, em Belém, onde há concepções

²⁶ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 140 × 220 mm. A data registrada é 23 de julho de 1940. Possui parte de uma marca d'água no meio da folha. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior esquerda no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

e realizações magníficas havia
de merecer o seu aplauso.

Esta carta ver-de-á en-
tregue pelo meu jovem velho
Amigo Prof. Ricardo Bensaúde,
pintor dos mais talentosos e
mais sérios das novas gera-
ções; e cujas obras, que, em
pequeníssima parte, vão ser ex-
postas aí no Rio, falarão
por si e por ele.

Tenho muito prazer em
apresentar-lhe este artista
e muito empenho em obter
para ele o grande bene-
fício de um pouco da sua
atenção e influência

Saudades e abraços
do seu r. ant. adm. esp.
Agostinho de Campos

CCAP
6.907/70

25 e realizações magníficas havia
de merecer o seu aplauso.

Esta carta ser-lhe - á en-
tregue pelo meu jovem velho
Amigo Professor Ricardo Bensaúde,
30 pintor dos mais talentosos e
mais sérios das novas gera-
ções; e cujas obras, que, em
pouquíssima parte, vão ser ex-
postas aí no Rio, falarão
35 por si e por ele.

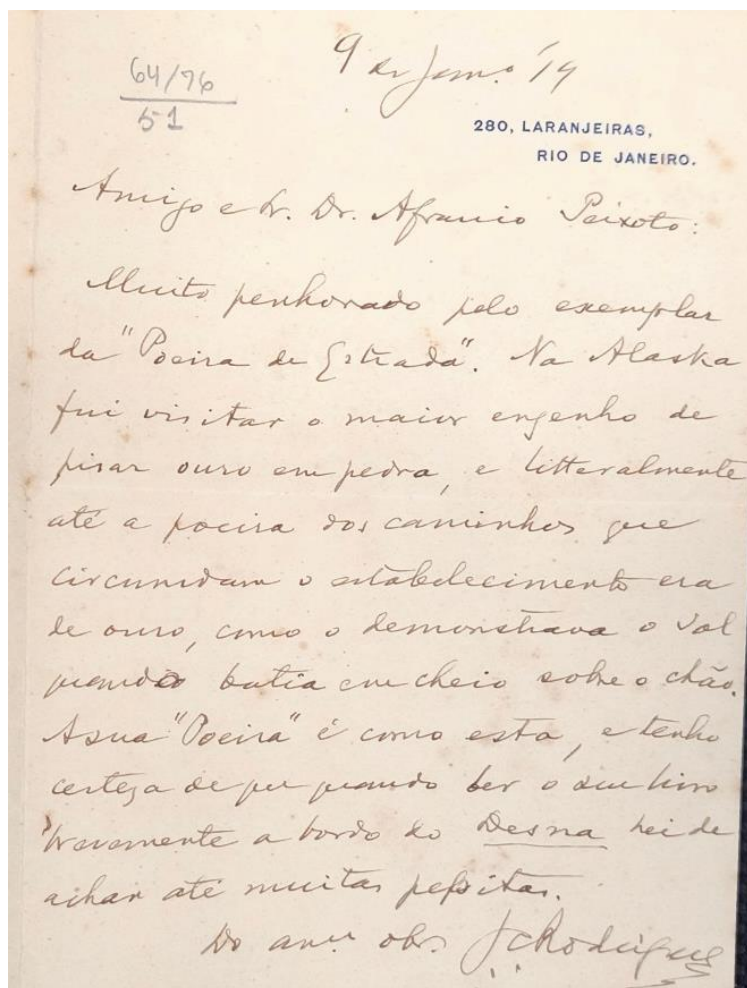
Tenho muito prazer em
apresentar-lhe este artista
e muito empenho em obter
para ele o grande bene-
fício de um pouco da sua
40 atenção e influência

Saudades e abraços
do seu / *respeitoso / amigo admirador {†}.
Agostinho de Campos

CCAP

6.907/70

5.1.4 Edição fac-similar das cartas de José Maria Rodrigues

Carta de 9 janeiro 1919²⁷:

f.1r

9 de janeiro 19

64/76

51

280, LARANJEIRAS,
RIO DE JANEIRO.

Amigo e Senhor Doutor Afrânio Peixoto:

- 5 Muito penhorado pelo exemplar da "Poeira de Estrada". Na Alaska fui visitar o maior engenho de tirar ouro em pedra, e Litteralmente até a poeira dos caminhos que
- 10 circundam o estabelecimento era de ouro, como o demonstrava o Sol quando batia em cheio sobre o chão. A sua "Poeira" é como esta, e tenho certeza de que quando ler o seu livro
- 15 novamente a bordo do Desna hei de achar até muitas pepitas.

Do amigo Obrigado [José Rodrigues]

CCAP

6.64/90

²⁷ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte no averso, com tinta preta, e medindo 280 × 190 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta um timbre de um endereço 280, LARANJEIRAS, RIO DE JANEIRO. A assinatura de José Maria Rodrigues está diferente das demais cartas, está abreviada. A data registrada é 09 de janeiro de 1919. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 18 de março de 1925²⁸:

f.1r

123/76
93^{mo}
Lisboa 18-3-1925
Excl. br. e meu prezadíssimo amigo

Recebi a "Revista" e li com todo
o interesse, como é ai supri o discurso
de Vossa Excelência Muito obrigado pelas referências.
Pouco a pouco se ha de ir apesando a
verdade sobre os amores do Poeta. No
"Diario de Lisboa" número 866 (4- 2- 92 4) es-
creveu a Excelência Dona Carolina Michaëlis: "(Camões)
foi um verdadeiro apaixonado. E sem-
pre apaixonado! Desde a cabeça de {†}
{†} e serve de Coimbra, pela alma gentil
de / *Natucia/, as capas ardentes de Bar-
bara e de Dinamene; a nobreza de Dona Fran-
cisca de Aragão, e a excelsa Infanta Dona

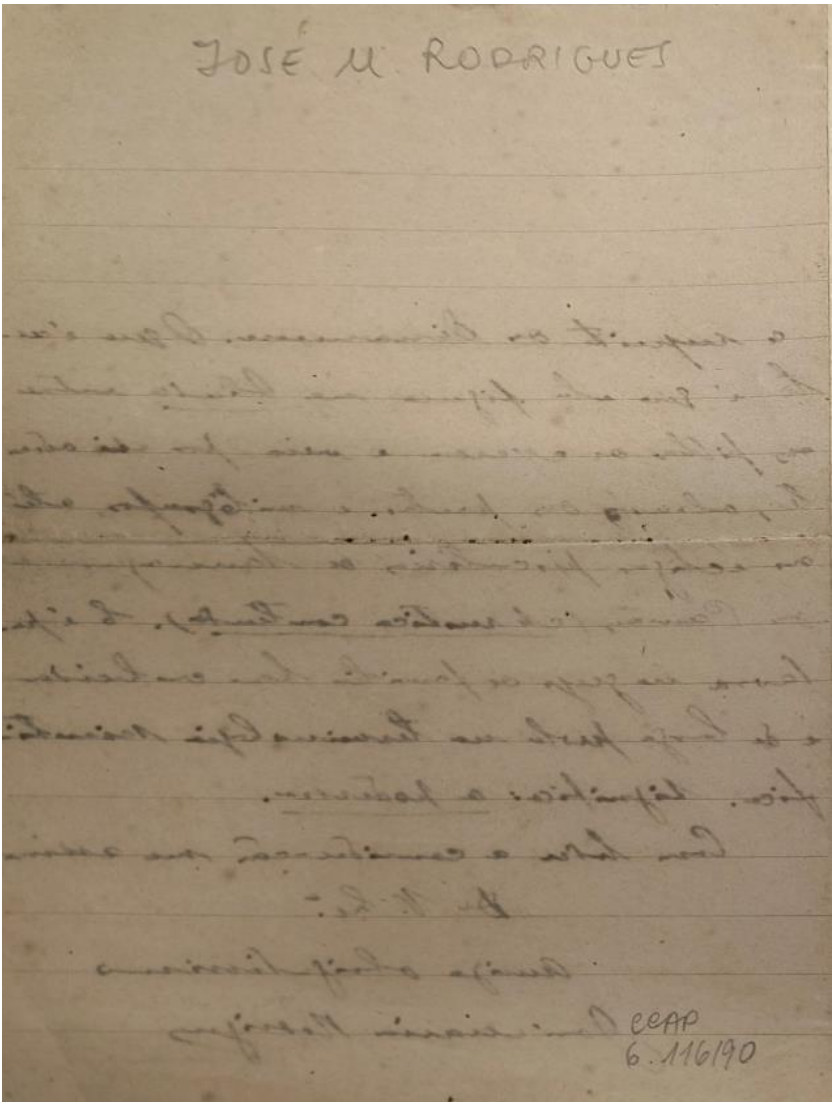
Lisboa 18-3-925-

123/76

93 Excelentíssimo senhor e meu prezadíssimo amigo

Recebi a "Revista" e li com todo
o interesse, como é ai supri o discurso
de Vossa Excelência Muito obrigado pelas referências.
Pouco a pouco se ha de ir apesando a
verdade sobre os amores do Poeta. No
"Diario de Lisboa" número 866 (4- 2- 92 4) es-
creveu a Excelência Dona Carolina Michaëlis: "(Camões)
foi um verdadeiro apaixonado. E sem-
pre apaixonado! Desde a cabeça de {†}
{†} e serve de Coimbra, pela alma gentil
de / *Natucia/, as capas ardentes de Bar-
bara e de Dinamene; a nobreza de Dona Fran-
cisca de Aragão, e a excelsa Infanta Dona

²⁸ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas quatro partes na vertical, com tinta preta, e medindo 260 × 180 mm. A folha apresenta um timbre A data registrada é 18 de março de 1925. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



f.1r

JOSÉ MARIA RODRIGUES

CCAP
6.116/90

f. 1v

Maria, que platonicamente, mas "de
 profundis" amava".
 Daqui tem de sair a /*Natucia/ a ago-
 ra entraria a Antônia Bras, se não
 fosse uma desaforada inquilina
 do alcance, a que o Poeta pôs o nome
 do Mal cajinhado. Brevemente terá
 Vossa Excelência ocasião de ler na Lusitania uma
 carta inédita de Camões, há pouco ad-
 quirida em Londres. Curiosíssima,
 combinada sobretudo com outra que
 em tempo publicou o Xavier da Cunha.
 Não sei o que a língua chinesa dará

Maria, que platonicamente, nas "de
profundis" amava".

- Daqui tem de sair a /*Natucia/ a ago-
 ra entraria a Antônia Bras, se não
 fosse uma desaforada inquilina
 do alcance, a que o Poeta pôs o nome
 do Mal cajinhado. Brevemente terá
 Vossa Excelência ocasião de ler na Lusitania uma
 carta inédita de Camões, há pouco ad-
 quirida em Londres. Curiosíssima,
 combinada sobretudo com outra que
 em tempo publicou o Xavier da Cunha.
 Não sei o que a língua chinesa dará

a respeito da Dinamene. O que é certo é que ela figura na Iliada entre as filhas de Nereu e meio por si adeante, através dos poetas e mitógrafos, até as éclogas piscetórias de {†} e de Camões (A rustica contenda). É palavra no grego de família bem conhecida e de larga prole na terminologia reintificadora. significa: a poderosa.

Com toda a consideração me assino
De V. he.^a

Amigo obrigatíssimo
José Maria Rodrigues

30 a respeito da Dinamene. O que é certo é que ela figura na Iliada entre as filhas de Nereu e meio por si adeante, através dos poetas e mitógrafos, até as éclogas piscetórias de {†} e de Camões (A rustica contenda). É palavra no grego de família bem conhecida e de larga prole na terminologia reintificadora. significa: a poderosa.

35 Com toda a consideração me assino
40 De Vossa Excelência
Amigo obrigadíssimo
José Maria Rodrigues

Carta de 02 de julho de 1925²⁹:

f.1r

127/76
97
Lisboa, 2-7-925
Meu Ex^{mo} Amigo

Estudei novamente o art. 132
do C. III e estou de acordo com a in-
terpretação de V. Ex^a. O que me tirou to-
das as dúvidas a respeito da significação
da palavra "obras" foi o lugar paralelo
da egloga 2^a, v. 305. Também aqui ela
aparece ligada ao nome verbal "sus-
tentador", e também aqui a melhor
interpretação é a que V. Ex^a lhe dá nos
Lusíadas. Até agora eu supunha-a em-
pregada genericamente, mas os "olhos" e
os "cabelos", especificados nos dois tercetos
anteriores, mostram que "obras" tam-

127/76 Lisboa, 2-7-925

97

Meu Excelentíssimo Amigo

- Estudei novamente o artigo 132
do código 111 e estou de acordo com a in-
terpretação de Vossa Excelência o que me tiram to-
das as dúvidas a respeito da significação
da palavra "obras" foi o lugar paralelo
da egloga 2^a, volume. 305. Também aqui ela
aparece ligada ao nome verbal "sus-
tentador", e também a melhor
interpretação é a que Vossa Excelência lhe dá nos
Lusíadas. Até agora eu supunha-a em-
pregada genericamente, mas os "olho" e
os "cabelos", especificados nos dois tercetos
anteriores, mostram que "obras" tam-

²⁹ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas três partes na vertical, com tinta preta, e medindo 260 × 180 mm. A data registrada é 02 de julho de 1925. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

bém deve ter significação restrita. Está
 muito bem e só pode ser a de "peitos".
 A dificuldade resultante da junção
 de "espadas" com "brancas flores", como
 complemento do mesmo verbo, e a
 que provém da impossibilidade de ba-
 nhar as "brancas flores" no "co" pa-
 rece-me se podem resolver repetindo
 mentalmente o particípio "banhando",
 para assim o desligar de "espadas" e do
 "co".
 Aceite V. Ex. os meus sinceros cum-
 primentos, pois fica assim replicada,

bém deve ter significação restrita. Está
 muito bem e só pode ser a de "peitos".
 A dificuldade resultante da junção
 de "espadas" com "brancas flores" como
 complemento do mesmo verbo, e a
 que provém da impossibilidade de ba-
 nhar as "brancas flores" no / *"verbo"/ pa-
 rece-me se podem resolver repetindo
 mentalmente o particípio "banhando",
 Para assim o desligar de "espadas" e do
 / *"verbo" /.

Aceite Vossa Excelência os meus sinceros cum-
 primentos, pois fica assim replicada,

f.1v

sem alterar o texto, uma estância di-
fícil dos Lusiadas. Ocupar-me hei do
assunto no número camoniano do
"Buletim da Academia".

Muito obrigado pela "Dinamene". Só
a folhee, mas vou lê-la logo que
possa. Direi depois a minha impres-
são.

Com a maior consideração me assino

De V. lre

Amigo obrigadíssimo

José Maria Rodrigues

30 sem alterar o texto, uma estância di-
fícil dos Lusiadas. Ocupar-me hei do
assunto no número camoniano do
"Buletim ou Academia".

35 Muito obrigado pela "Dinamene". Só
a folhee, mas vou lê-la logo que
possa. Direi depois a minha impres-
são.

Com a maior consideração me assino

40

De Vossa Excelência
Amigo obrigadíssimo
José Maria Rodrigues

Carta de 28 de fevereiro de 1928³⁰:



f. 1r

Dêste lado e no verso a correspondência

Endereço

Excelentíssimo Senhor Doutor Afrânio Pei-

Carrêas

xoto, Doutor Professor e Acadê-

E & R

Mico

97 Paisandú

Rio de Janeiro

³⁰ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 140 × 90 mm. A folha apresenta um brasão não identificado, alguns selos e uma anotação feita no recto com lápis azul. A data registrada é 28 de fevereiro de 1928. Na margem superior esquerda da primeira folha e no verso de ambas, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f. 1v

Lisboa 28-2-928
 (Rua Rosa Araújo, 12, s/c)
 Meu ilustre e prezado Amigo.
 Muito obrigado pelo postal de 28-1-928. Nesta
 data são enviadas a V. Ex. as primícias da
 tiragem da nova edição dos Lusíadas. O Lopes
 Vieira e eu temos a certeza de que o nosso
 comum amigo as acolherá com bons olhos e
 verá nelas um indício da nossa muita
 estima e convicção.
 Amigo obrigadíssimo
 José Maria Rodrigues

Lisboa 28-2-928

(Rua Rosa Araújo, 12, s/c)

Meu ilustre prezado amigo.

Muito obrigado pelo postal de 28-1-928. Nesta
 5 data são enviadas a vossa excelência as primícias de
 Imagem da nova edição dos Lusíadas. O Lopes
 Vieira e eu temos a certeza de que o nosso
 comum amigo as acolherá com bons olhos e
 verá nelas um indício de nossa muita
 10 estima e convicção.

Amigo obrigadíssimo

José Maria Rodrigues

CCAP

6.2825

Carta de 17 de março de 1930³¹:

Lisboa, 17-3-930

Meu prezadíssimo amigo

224/76
258

Muito obrigado pelo propósito
em que está a intervir no caso
da Cadeira de Estudos Camonianos.
Bairada esta da categoria que
tinha no quadro da Faculdade de
Letras, com o fundamento de já
atingir o limite da idade, que não
permite o exercício de funções pú-
blicas, não hesitei um momento
em apresentar a minha fiação
ao Conselho da Faculdade, para
que aquela cadeira voltasse a

f.1r

Lisboa, 17-3-930
Meu prezadíssimo amigo

224/76
258

- 5 Muito obrigado pelo propósito
em que está ao intecair no caso
da Cadeira de Estudos Camonianos.
Bairada esta da categoria que
10 tinha no quadro da Faculdade da
Letras, com o fundamento de já
atingir o limite da idade, que não
permite o exercício de funções pú-
blicas, não hesitei um momento
em apresentar a minha fiação
15 ao Caminho da Faculdade, para
que aquela cadeira voltasse a

³¹ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas quatro partes na vertical, com tinta preta, e medindo 260 × 180 mm. A data registrada é 17 de março de 1930. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

ser obrigatória para os alunos
 que se destinam ao magistério da
 língua e literatura portuguesas.
 Acuso estar convencido se
 trata de uma arbitriedade mi-
 nisterial, pois nem fui nomeado
 nem era pago pelo governo.
 Escuso dizer-lhe que deixo com
 pena a regência da cadeira, pena
 que é agravada com a mágua
 de apesar dos meus retirados
 esforços, não ter podido conseguir

ser obrigatória para os alunos
 que se destinam ao magistério da
 língua e literatura portuguesas.

20 Acuso estar convencido se
 trata de uma arbitriedade mi-
 nisterial, pois nem fui nomeado
 nem era pago pelo governo.

25 Escuso dizer-lhe que deixo com
 pena a regência da cadeira, pena
 que é agravada com a mágua
 de apesar dos meus retirados
 esforços, não ter podido conseguir

f.1v

se desse ao Dr. Afrânio Peixoto a
 Grã Cruz de Santiago. Por várias
 vezes me fizeram a promessa for-
 mal de que iam conceder-lhe,
 mas ou o ministro saía ou
 surgiam outras dificuldades, que
 quero supor não eram inventadas.
 Uma vergonha! Para o governo
 e malgrado Zeferino de Oliveira
 estava reservada a Grã Cruz da Or-
 dem de Instrução e Remanescente,
 mas esperava-se pela de Santia-

- se desse ao Doutor Afrânio Peixoto a
- 30 Grã Cruz de Santiago. Por várias
 vezes me fizeram a promessa for-
 mal de que iam conceder-lhe,
 mas ou o ministro saía ou
 surgiam outras dificuldades, que
- 35 quero supor não eram inventadas.
 Uma vergonha! Para o governo
 e malgrado Zeferino de Oliveira
 estava reservada a Grã Cruz da Or-
 dem de Instrução e Remanescente,
- 40 mas esperava-se pela de Santia-

f.1r

p. não seia conferido na mesma
 ocasião, que nunca chegou!
 Desculpe-me este desabafo.
 Espero ter ocasião de ir a sua ca-
 sa no próximo domingo.
 Peço os meus respeitos para a Senhora
 Dona Helena e com toda a estima
 e consideração me assino

 Amigo obrigadíssimo

 José Maria Rodrigues

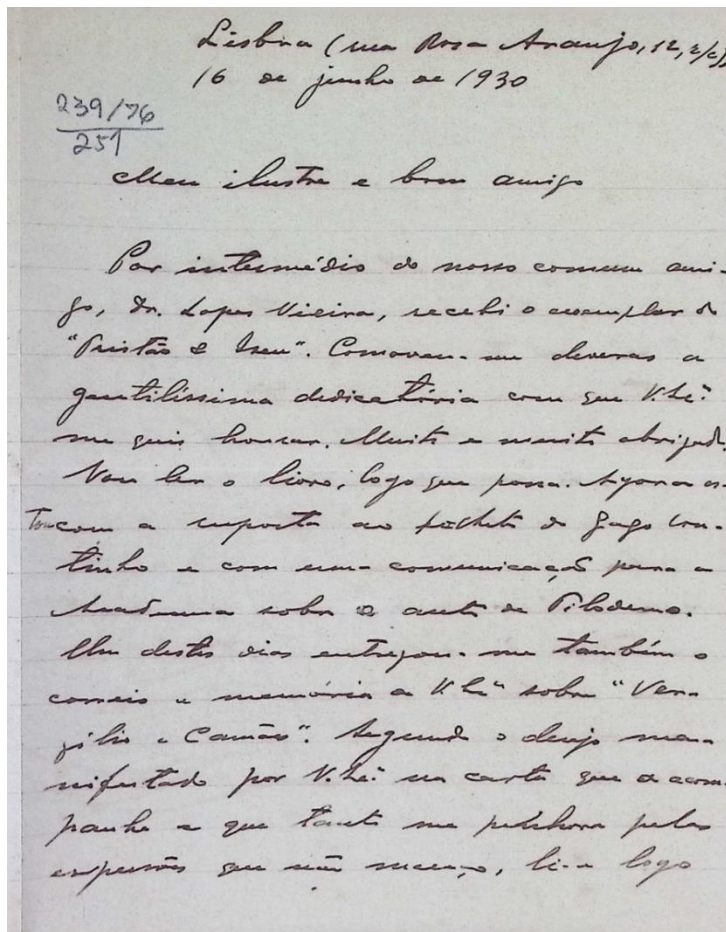
 CCAP
 6.297/90

go para serem conferidas na mesma
 ocasião, que nunca chegou!
 Desculpe-me este desabafo.
 Espero ter ocasião de ir a sua ca-
 sa no próximo domingo.
 Peço os meus respeitos para a Senhora
 Dona Helena e com toda a estima
 e consideração me assino

Amigo obrigadíssimo

José Maria Rodrigues

CCAP
6.297/90

Carta de 16 de junho de 1930³²:

f.1r

Lisboa (rua Rosa Araujo, 12, s/c).
16 de junho de 1930

239/76

251

5

Meu illustre e bom amigo

10

Por intermédio do nosso comum amigo, Doutor Lopes Vieira, recebi o exemplar de "Tristão e Iseu". Comoveu-me deveras a gentilíssima dedicatória com que Vossa Excelência me quis honrar. Muito e muito obrigado. Vou ler o livro, logo que poder. Agora es-

15

[Tou]com a resposta ao bilhete do Jorge Coutinho e com uma _ comunicação para a Academia sobre o autor de Filodemo.

20

Um destes dias entregou-me também o correio e memória a Vossa Excelência sobre "Vergílio e Camões". Segundo o desejo manifestado por Vossa Excelência na carta que a acompanha a que tanto sua {†} pelas expressões que não mereço, li-a logo

³² O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita nas três partes na vertical, com tinta preta, e medindo 310 × 200 mm. A data registrada é 16 de junho de 1930. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

logo de uma anoutada. Muito bom. De
 um assunto por sua natureza pecado, fez
 V. Ex. um trabalho que se percorre com
 interesse sempre crescente, renovado pelas
 engenhosas observações e pelos confrontos
 que vão surgindo entre as obras primas
 dos dois altíssimos poetas. Já conversei
 sobre o assunto com o Dr. Júlio Dantas.
 Na próxima sessão será o manuscrito
 entregue à Academia e esta natural-
 mente resolverá que eu o leia quando
 recommencarmos os trabalhos acadêmicos,
 no fim das próximas férias grandes, se-
 guindo-se a publicação no "Buletim", com
 as separatas de costume. A respeito

logo de uma anoutada. Muito bom. De
 um assunto por sua natureza pecado, fez
 Vossa Excelência um trabalho que se percorre com
 interesse sempre crescente, renovado pelas
 engenhosas observações e pelos confrontos
 que vão surgindo entre as obras primas
 dos dois altíssimos poetas. Já conversei
 sobre o assunto com o Doutor Júlio Dantas.
 Na próxima sessão será o manuscrito
 entregue à Academia e esta natural-
 mente resolverá que eu o leia quando
 recommencarmos os trabalhos acadêmicos,
 no fim das próximas férias grandes, se-
 guindo-se a publicação no "Buletim", com
 as separatas de costume. A respeito

f.1v

de "alegumodo", há muito que mudei de
opinião. Na edição nacional, por ora, escrevi
a p. CXI: "Medo do desbarato, misturado
com a alegria causada pelo aspecto aguerrido
dos Portuguezes". Por, porém e para evitar muitos,
me autoriza a eliminar a meia dúzia
de palavras sem a p. 15 de ms. e refazer
a sua nome.

O Dr. Lopes e eu estamos resolvidos
a emprender uma edição crítica das "Romans"
e dos autos e cartas de Camões. Começaremos
pelas redondilhas. Deus nos ajude.

Permita-me lhe enviar um abraço muito
apertado o

Amigo obrigadíssimo
José Maria Rodrigues

de "alegumodo", há muito que mudei de
opinião. Na edição nacional, por ora, escrevi.
a para CXI: "Medo do desbarato, misturado
com a alegria causada pelo aspecto aguerrido
dos Portuguezes : Peço, por isso e para evitar muitos,
me autoriza a eliminar a meia dúzia
as palavras que a para / E' do mas se refassa.
ao meu nome.

O Doutor Lopes Vieira e eu estamos resolvidos
a emprender uma edição crítica das "Romans"
e dos autores e cartas de Camões. Começaremos
pelas redondilhas. Deus nos ajude.
Permita-me lhe enviar um abraço muito
apertado o

amigo obrigadíssimo
José Maria Rodrigues

Carta de 14 de novembro de 1930³³:

Le.^a 14-11-1930
 Rua Rosa Araújo, 12, 4/c
 Meu ilustre e prezadíssimo amigo

 260/76
 230
 Tive a satisfação de ler ontem
 na Academia o trabalho de V. Ex.
 Foi magnífica a impressão que pro-
 duziu. Mando o "século e Notícias".
 Insuportáveis as gralhas do primeiro.
 Já entreguei o manuscrito à comis-
 são do "Buletin". Farei a revisão
 das provas. Notavelmente Vossa Excelência
 deseja separata. Quantos exemplares?
 Voltei a pegar a cadeira de Estudos
 Camonianos. Espero fazer mais tarde
 a história do triste e sintomático in-
 cidente. Agora um pedido de descul-

f.1r

Lesboa 14-11-1930
 Rua Rosa Araújo, 12, s/c
 Meu ilustre prezadíssimo amigo

260/76
 230

- 5 Tive a satisfação de ler ontem na Academia o trabalho de Vossa Excelência. Foi magnífica a impressão que produziu. Mando o "século e Notícias".
- 10 Insuportáveis as gralhas do primeiro. Já entreguei o manuscrito à comissão do "Buletin". Farei a revisão das provas. Notavelmente Vossa Excelência deseja separata. Quantos exemplares?
- 15 Voltei a chegar a cadeira de Estudos Camonianos. Espero fazer mais tarde a história do triste e sintomático incidente. Agora um pedido de descul-

³³ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes no recto e no verso na vertical, com tinta preta, e medindo 260 × 180 mm. A data registrada é 14 de novembro de 1930. Na margem superior esquerda da primeira parte e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

pa e uma explicação. Recebi em
 tempo competente o exemplar do "Tris-
 tão e Iseu". Como não tinha tempo,
 na ocasião, para o ler, deixei pa-
 ra as férias grandes em prazer men-
 tal. Mas ao partir para o Minho,
 esqueceu-me o livro e depois que vim
 ainda não tive coragem de abrir. Fa-lo hei
 logo que posso.
 Um abraço do
 Amigo obrigadíssimo
 José Maria Rodrigues

20 pa e uma explicação. Recebi em
 tempo competente o exemplar do "Tris-
 tão e Iseu". Como não tinha tempo,
 na ocasião, para o ler, deixei pa-
 ra as férias grandes em prazer men-
 tal. Mas ao partir para o Minho,
 25 esqueceu-me o livro e depois que vim
 ainda não tive coragem de abrir. Fa-lo hei
 logo que posso.

Um abraço do

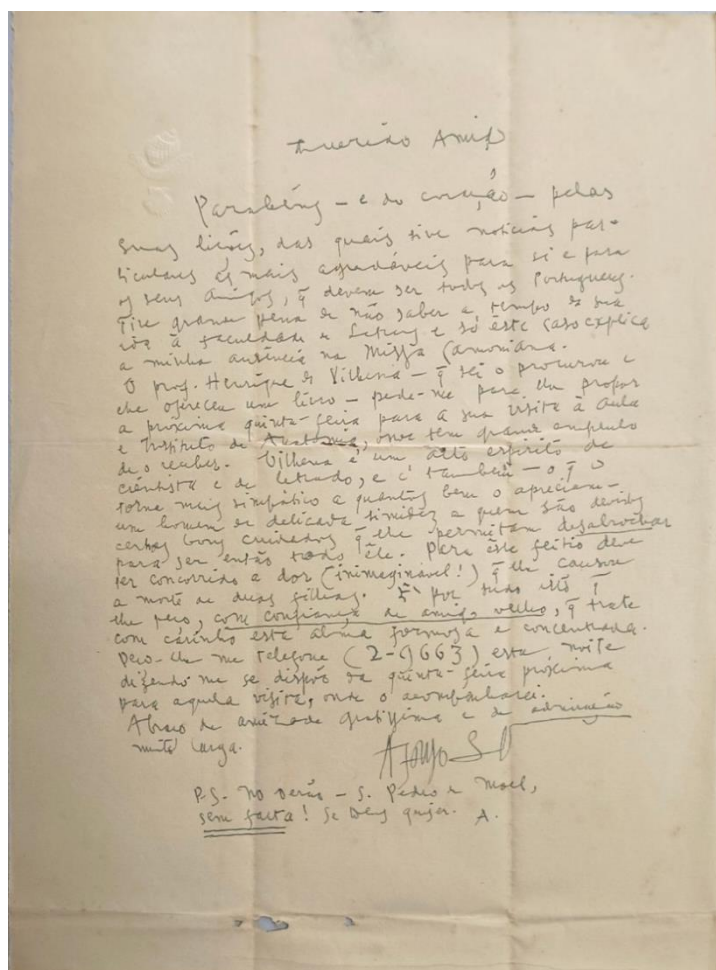
Amigo obrigadíssimo

30 José Maria Rodrigues

5.1.5 Edição fac-similar das cartas de Afonso Lopes Vieira

Carta sem data³⁴ 01

f.1r



Querido Amigo

Parabéns – e do coração – pelas

suas lições, das quais tive notícias par-

ticulares as mais agradáveis para si e para

os seus amigos, *que* devem ser todos os Portugueses.

Tive grande pena de não saber a tempo da sua

ida à faculdade de Letras e só este caso explica

a minha ausência na missa Camoniana.

O professor Henrique de Vilhena – *que* sei o procurou e

lhe ofereceu um livro – pede-me para lhe propor

a próxima quinta-feira para a sua visita à aula

e Instituto de Austomia, onde tem grande empenho

de o receber. Vilhena é um alto espírito de

cientista e de letrado, e é também – o *que* o

torna mais simbólico a quantos bem o apreciam –

um homem de delicada timidez a quem são devidas

certos bons cuidados que lhe permitam desabrochar

para ser então todo êle. Para êsse feito deve

ter concorrido a dor (inimaginável!) *que* lhe causoua morte de duas filhas. É por tudo isto *que*lhe peço, com confiança de amigo velho, *que* trate

com carinho esta alma formosa e concentrada.

Peço-lhe me Telefone (2-9663) esta noite

dizendo-me se dispôr da quinta-feira próxima

para aquela visita, onde o acompanharei.

Abraço de amizade gratíssima e de admiração

muito larga.

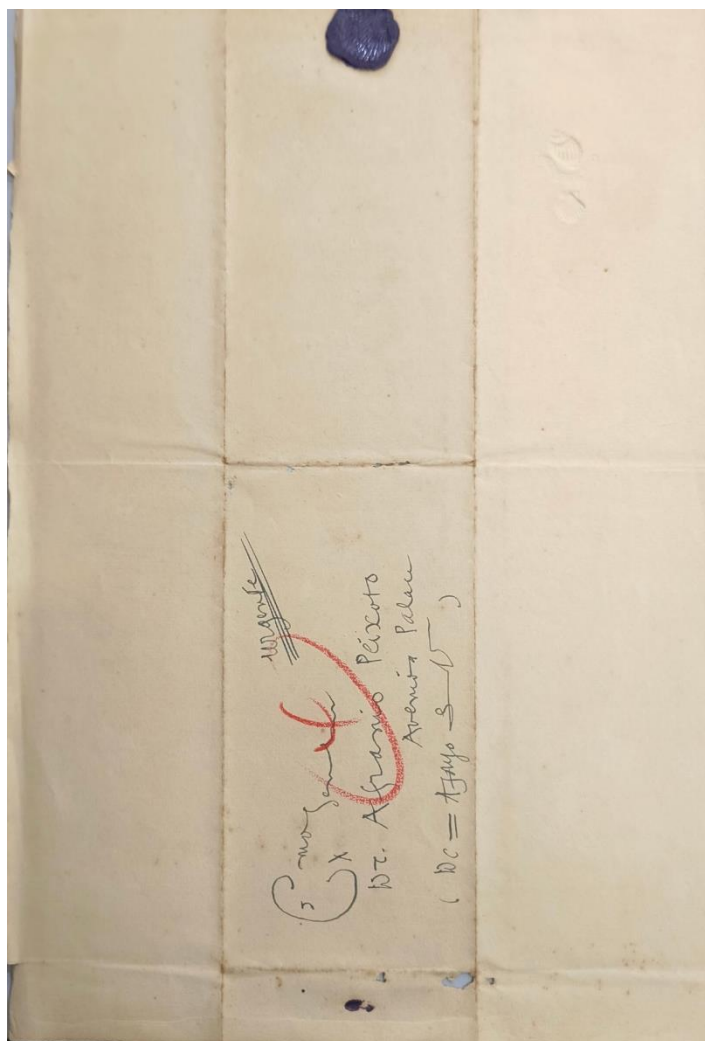
[Afonso Lopes Vieira]

Post-Scriptum no verão - São Pedro de Moel,

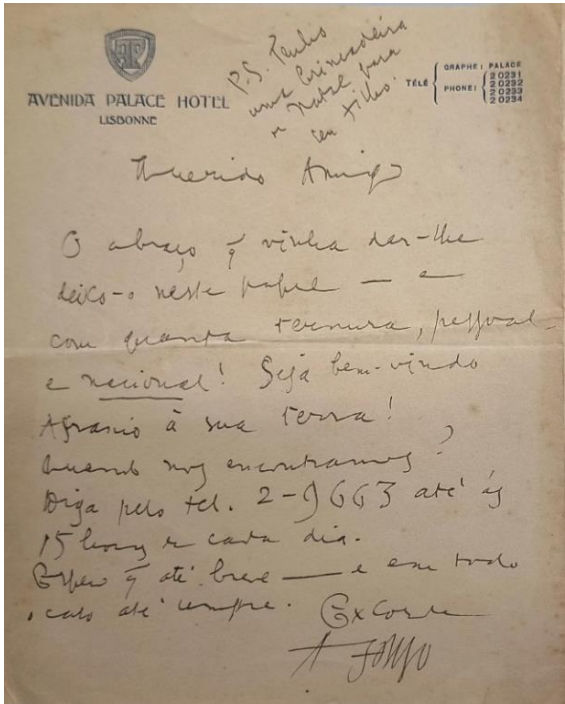
sem falta! Se Deus quiser. Afonso.

³⁴ O documento é composto por uma folha de papel, escrita na frente e no verso, com tinta preta, e medindo 310 × 190 mm. A folha apresenta um brasão não identificado e marca d'água (PRADO). Há marcas de destaque em lápis vermelho no verso. Não possui data registrada.

f.1v



Urgente
Excelentíssimo Senhor
Doutor Afranio Peixoto
Avenida Palace
Doutor = [Afonso Lopes Vieira],



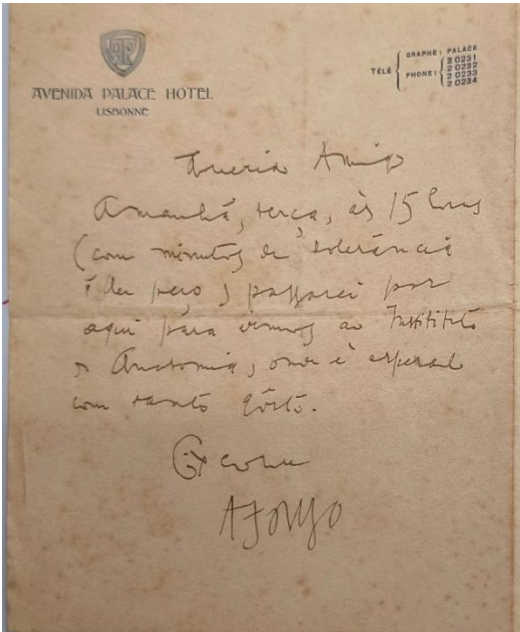
AVENIDA PALACE HOTEL
LISBONNE

[↑ Post-Scriptum Tenho
uma brincadeira
de Natal para
seu filho.]

f.1r
GRAPHE: PALACE
20231
PHONE: 20232
20233
20234

5 Querido Amigo
O abraço que vinha dar-lhe
deixo-o neste papel – e
com quanta ternura, pessoal
e nacional! Seja bem-vindo
10 Afranio à sua terra!
Quando nos encontramos?
Diga pelo Telefone 2-9663 até às
15 15 horas de cada dia.
Espero que até breve – e em todo
o caso até sempre.
Ex Corde
Afonso

³⁵ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em um lado da folha com tinta preta, e medindo 300 × 190 mm. A folha apresenta um timbre da AVENIDA PALACE HOTEL LISBONNE e marca d'água (ORIGINAL EXTRA STRONG CPG). Não possui data registrada. Na margem superior esquerda da folha no recto, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



AVENIDA PALACE HOTEL
LISBONNE

TÉLÉ

GRAPHE: PALACE
PHONE: 2 0231
2 0232
2 0233
2 0234

f.1r

5 Querido Amigo
Amanhã, terça, às 15 horas
(com minutos de tolerância
que lhe peço) passarei por
aqui para irmos ao Instituto
10 da Academia onde é especial
com tanto gosto.
Ex Corde
Afonso

³⁶ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em um lado da folha com tinta preta, e medindo 300 × 190 mm. A folha apresenta um timbre da AVENIDA PALACE HOTEL LISBONNE e marca d'agua. Não possui data registrada. Na margem superior esquerda da folha no recto, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta sem data³⁷ 04:

f.1r



AVIZ HOTEL
AVENIDA FONTES
LISBOA PORTUGAL

Querido Amigo
A Senhora Condessa
de Sabugosa receber-nos à
amanhã às 4 da tarde,
pelo q' lhe peço q' esteja às
3 1/2 na Tabacaria Mónaco
(Rossio Ocidental, junto à
sucursal do Século).
Para eu ficar tranquilo peço
me telefone amanhã por volta
do meio dia (tel. 2-9663).
Abraço de velha e sempre
grata amizade

Afonso

P.S. na outra pagina

AVIZ HOTEL
AVENIDA FONTES
LISBOA PORTUGAL

- Querido Amigo
- 5 A Senhora Condessa
de Sabugosa receber-nos à
amanhã às 4 da tarde,
pelo que lhe peço que esteja às
3 1/2 na Tabacaria Mónaco
- 10 (Rossio Ocidental, junto à
sucursal do Século).
Para eu ficar tranquilo peço
me Telefone amanhã por volta
do meio dia (tel. 2 - 9663).
- 15 Abraço de velha e sempre
grata amizade

Afonso

[↓Post-Scriptum na outra pagina]

³⁷ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 140 × 210 mm. A folha apresenta um brasão com um timbre da AVIZ HOTEL AVENIDA FONTES LISBOA PORTUGAL e no meio da folha parte de uma marca d'agua. Não consta data registrada. Na margem superior direita no verso da folha, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

CCAP
6.2660/70

HOTEL S. V. A.
AVENIDA RÓDAS
125000 PORTUGAL

Se tiver livre esta
noite venha ao Teatro
nacional assistir à opera
q' as listas fazei de um
bello retrato de Augusto Rosa.
Telefone-me para eu saber
se quer ir e combinarmos
o encontro com o {}
{}.

Afonso

f.1v

CCAP
6.2660/70

20

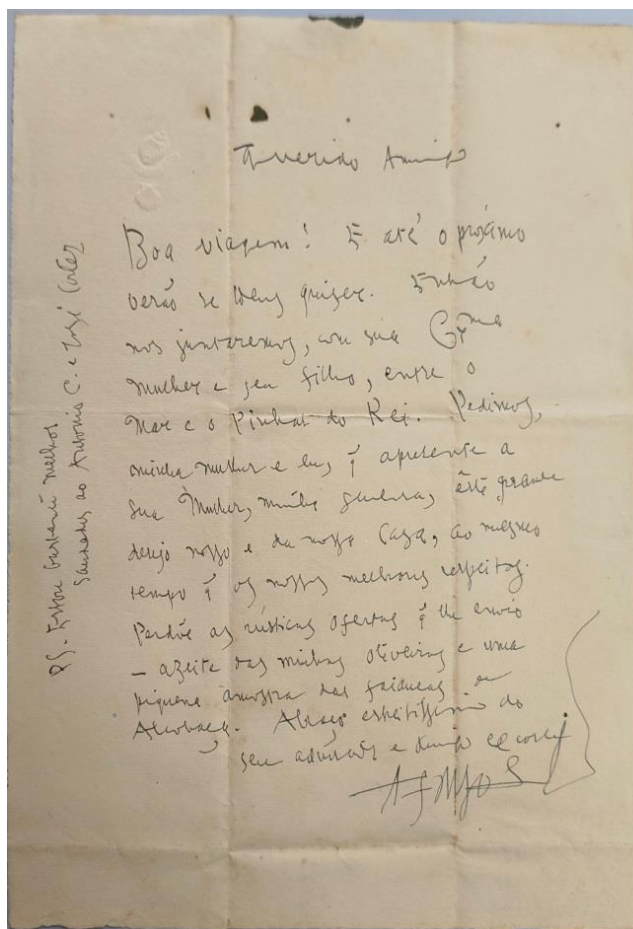
Se tiver livre esta
noite venha ao Teatro
nacional assistir à opera
que ao Estado faço de um
bello retrato do Augusto Rosa.
Telefone-me para eu Saber
Se quer ir e combinarmos
o encontro com o {}
{}

25

30

Afonso

f.1r



Post-Scriptum Estou (+) melhor

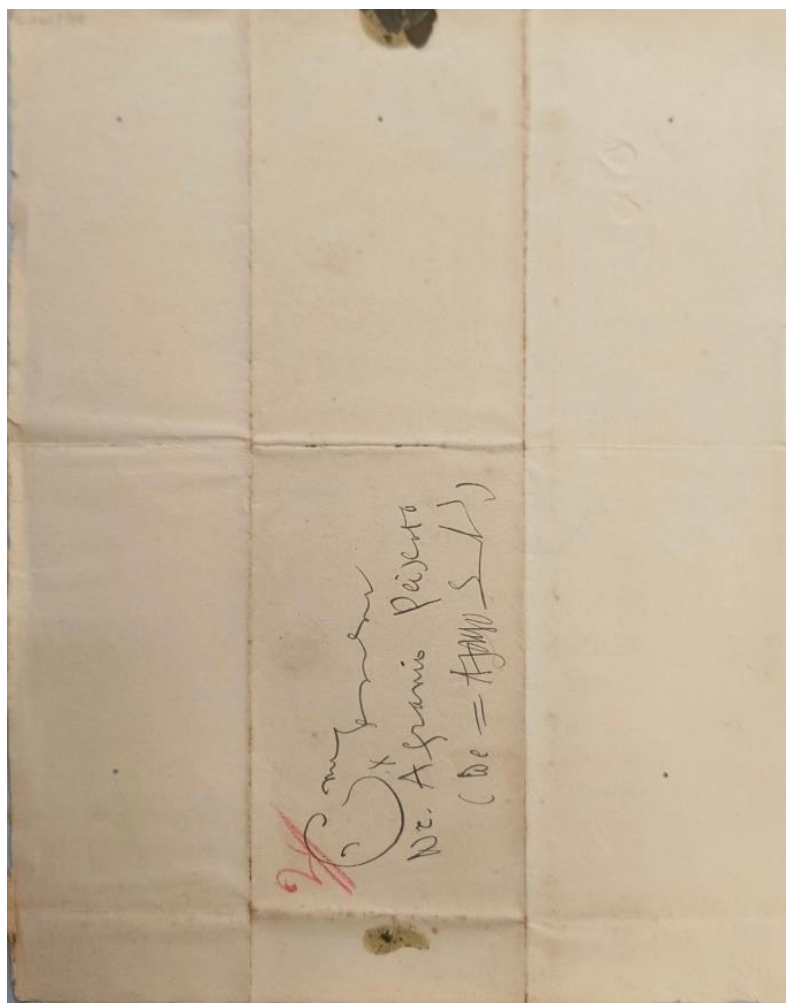
Sauidades ao Antonio / *Carnaxide/, e Isi Carter

Querido Amigo

Boa viagem! E até o próximo
verão se Deus quiser. Então
nos juntaremos, com sua Excelentíssima
Mulher e seu filho, entre o
Mar e o Pinhal do Rei. Pedimos,
minha mulher e eu, que apresente a
Sua Mulher, minha Senhora, este grande
desejo nosso e da nossa casa, ao mesmo
tempo que as nossas melhores saudações.
Perdão as rústicas ofertas que lhe envio
- azeite das minhas oliveiras e uma
pequena amostra das faianças de
Alcobaça. Abraço espreitissimo do
Seu admirador e amigo Ex Corde
[Afonso Lopes Vieira]

³⁸ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 230 × 300 mm. A folha apresenta um brasão não identificado e marca d'água (PRADO). Não consta data registrada. Na margem superior esquerda no verso da folha há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v



2
Excelentíssimo Senhor
Doutor Afranio Peixoto
(Doutor = [Afonso Lopes Vieira])

Carta sem data³⁹ 06:

f.1r

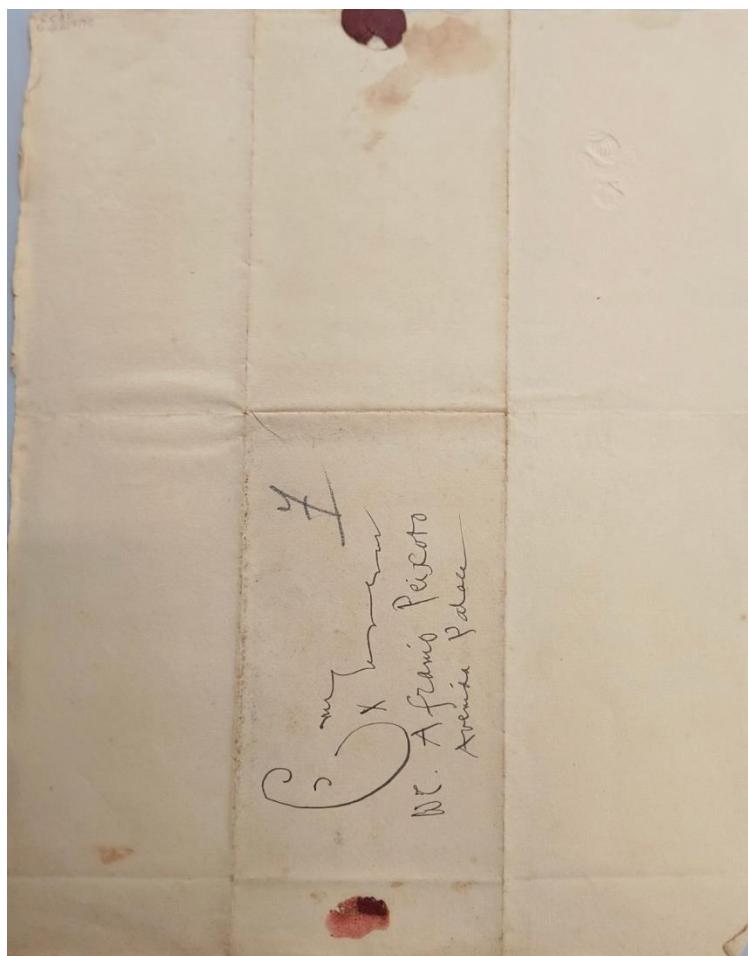
Querido Amigo
 Proponho 2ª feira
 para o jantar Astrológico
 e Camoniano. Peço, pelo
 tel. — hoje ainda — resposta.
 Grande abraço e sempre
 grata amizade e alta
 admiração.
 Ex Corde
 Afonso
 Tel. 2-9663

Querido Amigo
 Proponho 2ª feira
 para o jantar Astrológico
 e Camoniano. Peço, pelo
 5 telefone — hoje ainda — resposta.
 Grande abraço de sempre
 grata amizade e alta
 admiração.
 10 Ex Corde
 Afonso
 Telefone 2.9663

³⁹ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 230 × 300 mm. A folha apresenta um brasão não identificado e marca d'agua (PRADO). Não consta data registrada. Na margem superior esquerda no verso da folha, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

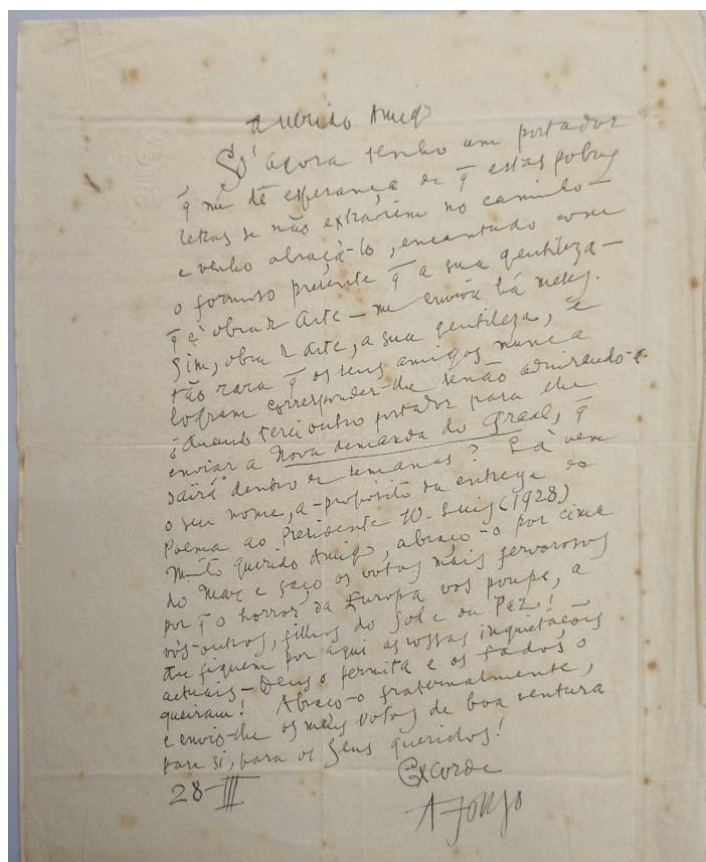
CCAP
6.2667/70



7
Excelentíssimo Senhor
Doutor Afranio Peixoto
Avenida Palace

Carta de 28 de março⁴⁰:

f.1r



Querido Amigo

Só agora tenho um portador

que me dê esperança de que estas pobres
letras se não extraviem no caminho

5 e venho abraça-lo, encantado com
o formoso presente que a sua gentileza –
que é obra de Arte – me enviou há meses.
Sim, obra de arte, a sua gentileza, e
tão rara que os seus amigos nunca
10 logram corresponder-lhe senão admirando-a.
que Quando terei outro portador para lhe
enviar a Nova demanda do Graal, que
sairá dentro de semanas? Lá com
o seu nome, a-proposito da entrega da

15 Poema ao Presidente Washington Luis (1928).
Muito querido Amigo, abraço -o por cima
do mar e faço os votos mais fervorosos
por que o horror da Europa vos poupe, a
nos outros, filhos do Sol e da Paz!

20 Que fiquem por aqui as nossas inquietações
actuais -Deus o permita e os fados o
queiram! Abraço-o fraternalmente,
e envio-lhe os meus votos de boa ventura
para si, para os seus queridos!

28- III

Ex Corde
Afonso

⁴⁰ O documento é composto por uma folha de papel, escrita apenas no anverso, com tinta preta, e medindo 220 × 290 mm. A folha apresenta um brasão não identificado marca d'água (AEROMAH SPECIAL). A data registrada é 28 de março, não consta o ano. Na margem superior direita no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 22 de junho⁴¹:

f.1r

22-VI
Vésperas de partida para o Mar

Querido Afranio

Aproveito uma portadora amiga (que recomendo ao Antnio Carnaxide, lembrando-lhe que lhe recomende a si) para lhe enviar este livro, que tem pelo menos um verso belo – o da capa.

Recebi a sua História do Brasil, que vou levar para São Pedro, e é, pelo que já li, o mais decisivo, alto e formoso documento do seu Amor por Portugal. É o mais belo ex-voto dos Centenários!

Aqui o abraço junto ao coração para lhe agradecer as palavras encantadoras que me mandou a propósito da Paixão de Pedro o Cru. A sua amizade é tão generosa que a gente desiste de alguma vez lhe poder mostrar como lhe é grato.

No horror dos dias que passam, no temor dos que podem vir, todos os Partequery conscientes sofrem as mais graves horas de vida. – Por cima do Mar abraço-o com fidelíssima amizade, desejando vê-lo entre nós para alegria nossa. Nossos melhores cumprimentos a sua Excelentíssima Mulher. Votos do coração pela sua boa fortuna e a dos Seus queridos!

Afonso

P.S. foi em 1646 ficasse para mais tarde!

22-VI

[↑Vésperas de partida para o Mar]

5

Querido Afranio
Aproveito uma portadora
amiga (que recomendo ao

10

Antonio Carnaxide, lembrando-lhe
que lhe recomende a si) para lhe
enviar este livro, que tem pelo menos
um verso belo – o da capa.

15

Recebi a sua História do Brasil, que
vou levar para São Pedro, e é, pelo que
já li, o mais decisivo, alto e formoso
documento do seu Amor por Portugal.
É o mais belo ex-voto dos Centenários!

20

Aqui o abraço junto ao coração para
lhe agradecer as palavras encantadoras

25

que me mandou a propósito da Paixão de
Pedro o Cru. A sua amizade é tão
generosa que a gente desiste de alguma
vez lhe poder mostrar como lhe é grato.

30

No horror dos dias que passam, no
temor dos que podem vir, todos os Parte-
query conscientes sofrem as mais graves
horas de vida. – Por cima do mar
abraço-o com fidelíssima amizade, dese-
jando vê-lo entre nós para alegria
nossa. Nossos melhores cumprimentos a sua
Excelentíssima Mulher. Votos do coração pela
sua boa fortuna e a dos Seus
queridos!

Afonso

⁴¹ O documento é composto por uma folha de papel, escrita apenas no anverso, com tinta preta, e medindo 160 × 250 mm. A folha apresenta um brasão não identificado. A data registrada é 22 de junho, não consta o ano. Na margem inferior no verso há dois códigos catalográficos anotados a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 14 de maio de 1926⁴²:

f.1r

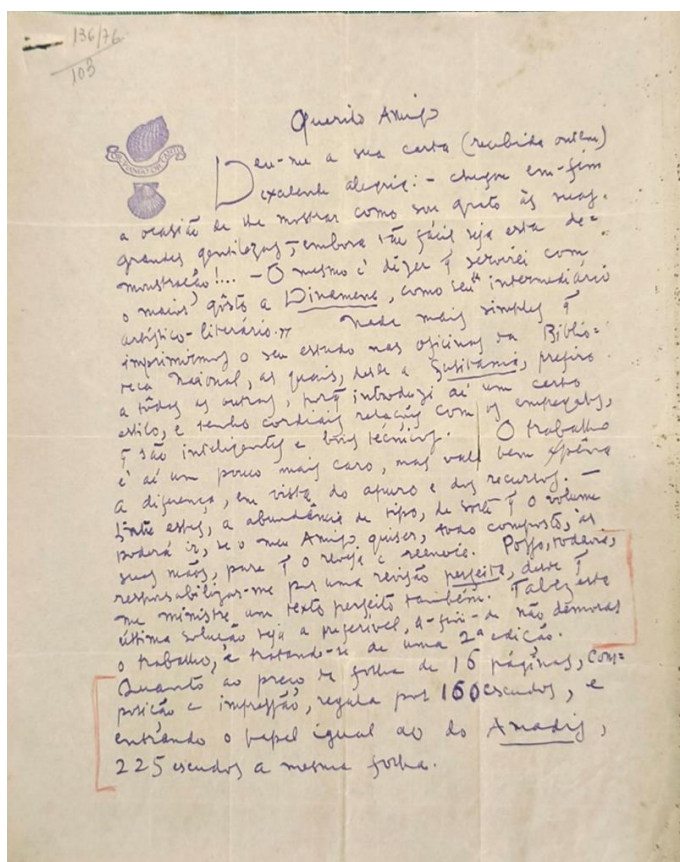
136/76

103

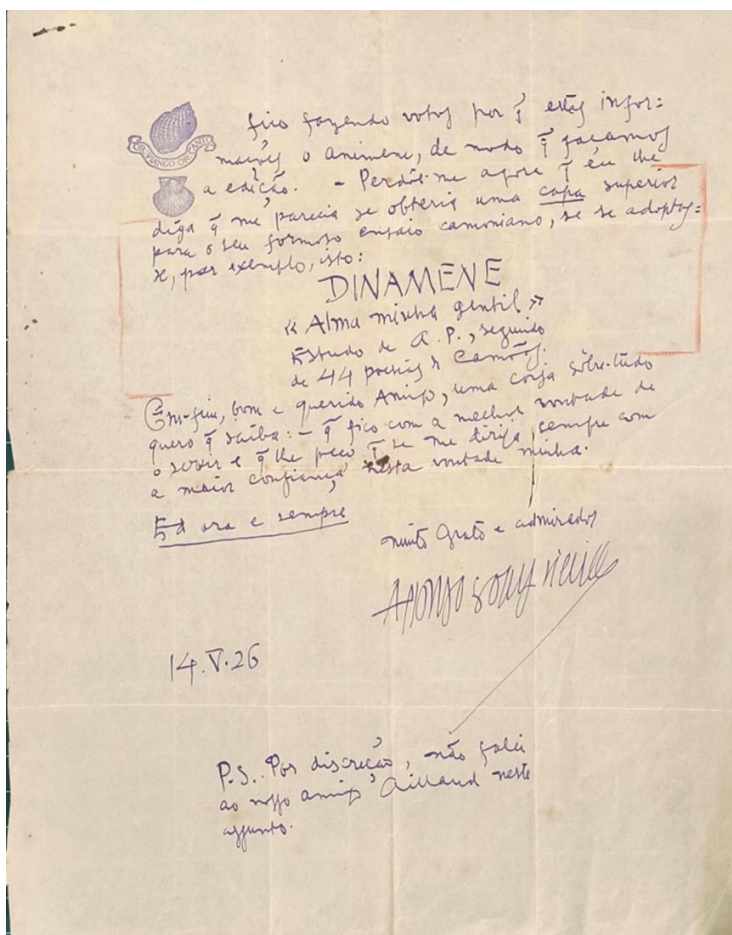
Querido Amigo

Deu-me a sua carta (recebida ontem)

- 5 excelente alegria: - chega em-fim a ocasião de lhe mostrar como sou grato às suas grandes gentilezas - , embora tão fácil seja esta demonstração!... - O mesmo é dizer *que* servirei com o maior gosto a Dinamene, como seu "intermediário artístico - literário." Nada mais simples *que*
- 10 imprimirmos o seu estudo nas oficinas da Biblioteca Nacional, as quais, desde a Lusitania, prefiro a todas as outras, porque introduzi aí um certo estilo, e tenho cordiais relações com os empregados,
- 15 *que* são inteligentes e bons técnicos. O trabalho é aí um pouco mais caro, mas vale bem a pena a diferença, em vista do apuro e dos recursos. - Entre esses, a abundância de tipo, de sorte *que* o volume poderá ir, se o meu Amigo quiser, todo composto, às
- 20 suas mãos, para *que* o reveja e reenvie. Posso, todavia, responsabilizar-me por uma revisão perfeita, desde *que* me ministre um texto perfeito também. Talvez esta última solução seja a preferível, a-fim-de não demorar o trabalho, e tratando-se de uma 2ª edição.
- 25 Quanto ao preço da folha de 16 páginas, composição e impressão, regula por 160 escudos, e entrando o papel igual ao do Amadis, 225 escudos a mesma folha.



⁴² O documento é composto por duas folhas de papel, escritas apenas no anverso de cada uma, com tinta azul, e medindo 270 x 220 mm. Ambas as folhas apresentam um brasão não identificado. Há marcas de destaque em lápis vermelho na mancha escrita, entre as linhas 18 e 28 da primeira folha e entre as linhas 3 e 10 da segunda. A data registrada é 14 de maio de 1926. Na margem superior esquerda da primeira folha e no verso de ambas, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



- 5 fico fazendo votos para que estas infor-
 mações o animem, de modo que façamos
 a edição. - Perdôe-me agora que eu lhe
 diga que me parecia se obteria uma capa superior
 para o seu formoso ensaio camoniano, se se adaptas-
 se, por exemplo, isto:

DINAMENE

<< Alma minha gentil>>

Estudo de Afrânio. Peixoto., seguido

- 10 de 44 poesias de Camões.

Em-fim, bom e querido Amigo, uma coisa sôbre-tudo
 quero que saiba: - que fico com a melhor vontade de
 o servir e que lhe peço que se me dirija sempre com
 a maior confiança nesta vontade minha.

- 15 Et ora e sempre.

Muito grato e admirador.

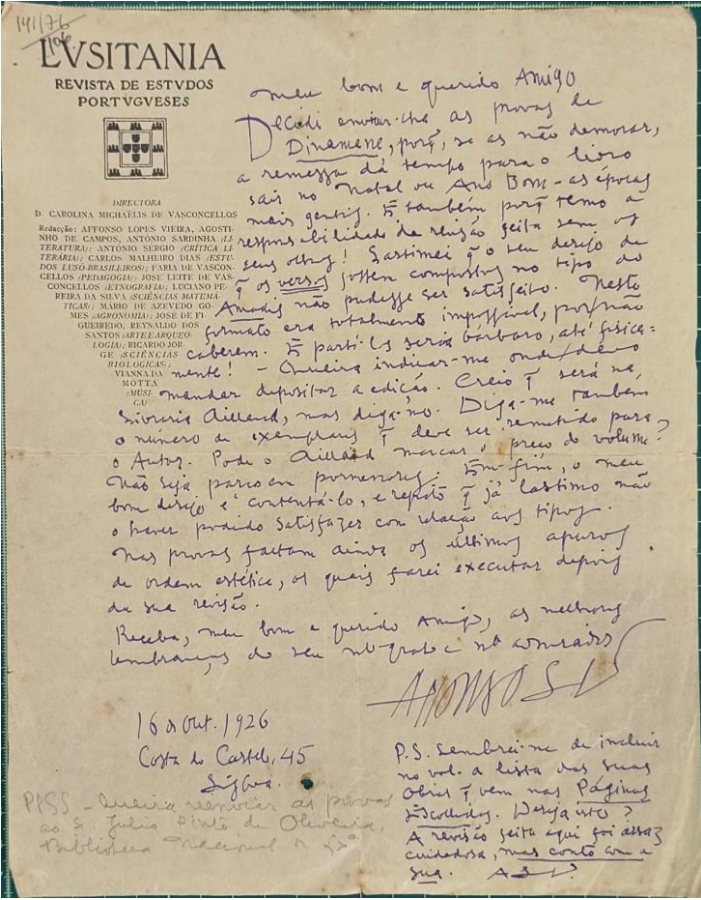
Afonso Lopes Vieira

14.V.26

- 20 [←Post-Scriptum. Por discricão, não falei
 ao nosso amigo Aillaud neste
 assunto.]

Carta de 16 de outubro de 1926⁴³:

f.1r



141/76

106 LVSITANIA

REVISTA DE ESTVDOS Meu bom e querido Amigo
PORTVOGVESES

5 Decidi enviar-lhe as provas de
Dinamene, porque, se as não demorar,
a remessa dá tempo para o livro
sair no natal ou Ano Bom - as épocas
mais gentis. E também porque temo a
10 responsabilidade da revisão feita sem os
seus olhos! Lastimei *que* o seu desejo de
que os versos fossem compostos no tipo do
Amadis não podesse ser satisfeito. Neste
formato era totalmente impossível, por/não
15 caberem. E parti-los seria bárbaro, até física-
mente! - Queira indicar-me onde/devo
mandar depositar a edição. Creio *que* será na
livraria Aillaud, mas diga-me. Diga-me também
o número de exemplares *que* deve ser remetido para
20 o Autor. Pode o Aillaud marcar o preço do volume?
Não seja parco em pormenores. Em- fim, o meu
bom desejo é contentá-lo, e repito *que* já lastimo não
o haver podido Satisfazer com relação aos tipos.
Nas provas faltam ainda os últimos apuros
25 de ordem estética, os quais farei executar depois
de sua revisão.

Receba, meu bom e querido Amigo, as melhores
lembranças do seu *muito* grande *muito* admirador

[Afonso Lopes Vieira]

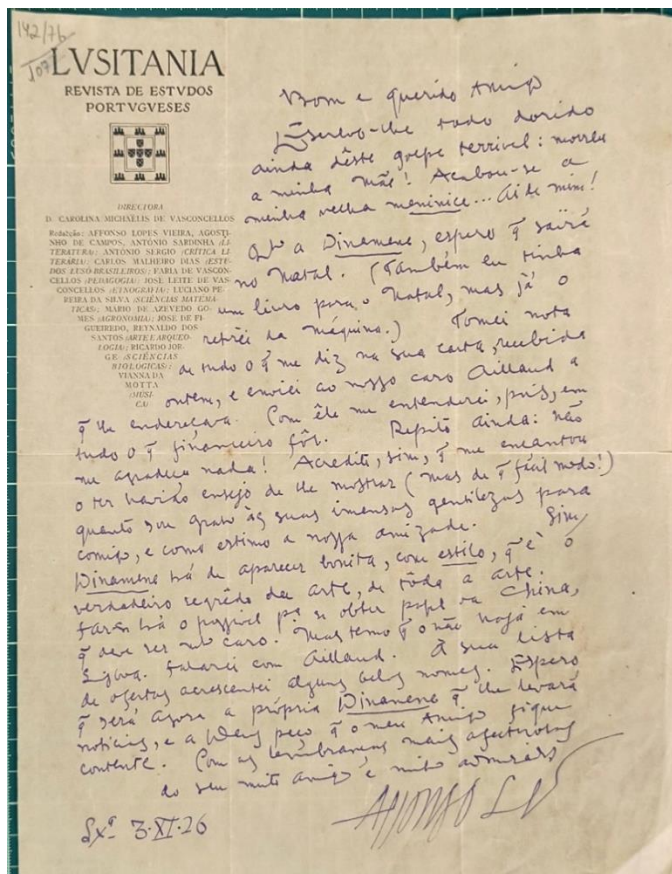
30 16 de Outubro 1926
Costa do Castel, 45
Lisboa
[↓PPSS - Queira reenviar as provas
ao Senhor. Julio Pinto de Oliveira,
35 Biblioteca Nacional de Excelência]

Post-Scriptum Lembrei-me de incluir
no volume, a lista das suas
obras *que* bem nas Páginas
Escolhidas. Deseja isto?
A revisão feita aqui foi assaz
cuidadosa, mas conto com a
sua. Afonso Lopes Vieira.

⁴³ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no anverso, com tinta azul, e medindo 210 × 280 mm. A folha apresenta um brasão e um timbre da LVSITANIA REVISTA DE ESTVDOS PORTVOGVESES. Na margem inferior contam um P.S. escrito com tinta azul e outro P.P.S.S. escrito a lápis. A data registrada é 16 de outubro de 1926. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior do verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 03 de novembro de 1926⁴⁴:

f.1r



142/76

107 LVSITANIA

REVISTA DE ESTVDOS Bom e querido Amigo

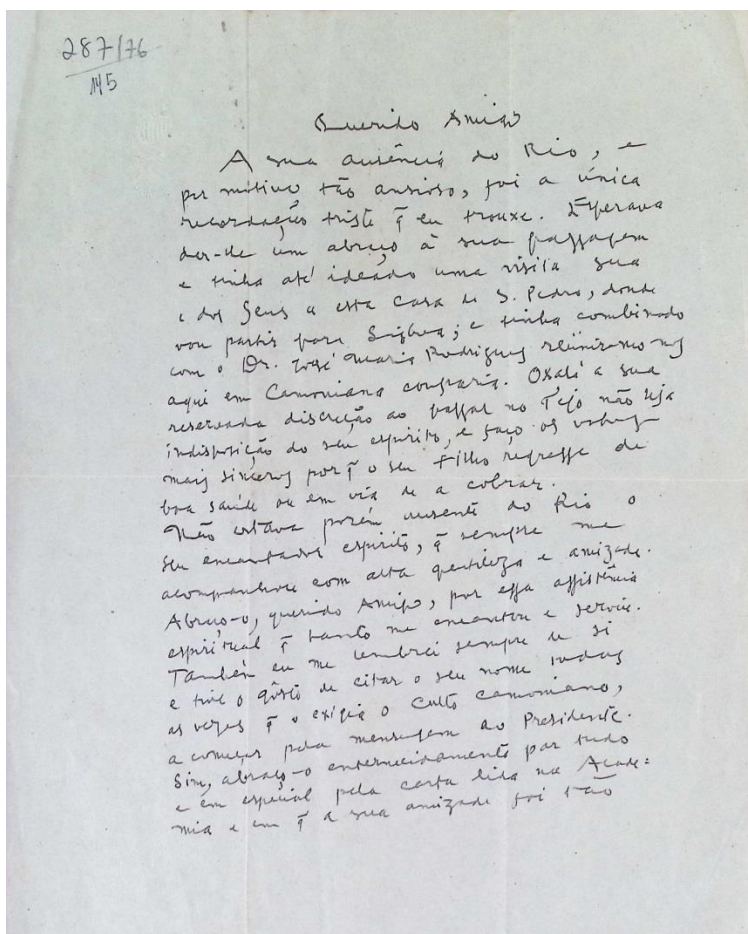
PORTVGVESES

- 5 Escrevo-lhe todo doido
ainda dêste golpe terrível: morreu
a minha mãe! Acabou-se a
minha melhor meninice... Ai de mim!
Quanto a Dinamene, espero que sairá
no Natal. (Também eu tinha
um livro para o Natal, mas já o
retirei da máquina.) Tomei nota
de tudo o que me diz na sua carta, recebida
ontem, e enviei ao nosso caro Aillaud a
15 que lhe endereçava. Com êle me entenderei, pois, em
tudo o que financeiro fôr. Repito ainda: não
me agradeça nada! Acredite, sim, que me encantou
o ter havido ensejo de lhe mostrar (mas de que fácil modo!)
quanto sou grato às suas imensas gentilezas para
20 comigo, e como estimo a nossa amizade. Sim/
Dinamene há de aparecer bonita, com estilo, que é o
verdadeiro segredo da arte, de toda a arte.
farça há o possível para se obter papel da China,
que deve ser muito caro. Mas temo que o não haja em
25 Lisboa falarei com Aillaud. À sua lista
de asertos acrescentei alguns belos nomes. Espero
que será agora a própria Dinamene que lhe levará
notícias, e a Deus peço que o meu Amigo fique
contente. Com as lembranças mais afetuosas
do seu muito amigo e muito admirador
30 Excelência_ 3.XI.26 [Afonso Lopes Vieira]

⁴⁴ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no anverso, com tinta azul, e medindo 220 × 270 mm. A folha apresenta um brasão e um timbre da LVSITANIA REVISTA DE ESTVDOS PORTVOGVESES. Na margem inferior contam um P.S. escrito com tinta azul e outro P.P.S.S. escrito a lápis. A data registrada é 03 de novembro de 1926. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior do verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 17 de outubro de 1928⁴⁵:

f.1r



287/76

145

Querido Amigo

- A sua ausência do Rio, e
- 5 por motivo tão ansioso, foi a única
 recordação triste *que* eu trouxe. Esperava
 dar-lhe um abraço á sua passagem
 e tinha até ideado uma visita sua
 e dos Seus a esta casa de São Pedro, donde
- 10 vou partir para Lisboa; e tinha combinado
 com o Doutor José Maria Rodrigues reunirmo-nos
 aqui em Camoniana confraria. Oxalá a sua
 reservada discrição ao passar no Tejo não veja
 mais sinceros por *que* o seu filho regresse de
- 15 boa saúde ou em via de a cobrar.
 Não estava porém ausente do Rio o
 Seu encantador espirito, *que* sempre me
 acompanhou com alta gentileza e amizade.
 Abraço-o, querido Amigo, por essa assistência
- 20 espiritual *que* tanto me encantou e serviu.
 Também eu me lembrei sempre de si
 e tive o gôsto de citar o seu nome todas
 as vezes *que* o exigia o Culto Camoniano,
 a começar pela mensagem ao Presidente.
- 25 Sim, abraço-o encarecidamente por tudo
 e em especial pela carta lida na Acade-
 mia e em *que* a sua amizade foi tão

⁴⁵ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 220 × 270 mm. A folha apresenta um brasão não identificado. A data registrada é 17 de outubro de 1928. Na margem superior esquerda da folha, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

admiravelmente generosa. — Claro
 que tive de sacrificar o meu gosto pessoal
 de muito demorar no Brasil aos meus deveres
 de embaixador de Camões. Desempenhava
 a missão, julguei e ainda julgo que o perfeito
 era partir. Com custo o fiz e com a esperança e
 o desejo de voltar, não fui quando. Mas a emoção
 tão grande e nova que recebi ao encontrar-me com
 a Alma brasileira, nunca a poderei esquecer.
 Entre os Amigos excelentes que ai conheci desejo
 citar o Ataulpho de Paiva, a quem peço dê um
 abraço meu. A gentileza deste Amigo é uma
 obra de arte, e a ele fiquei devendo em boa
 parte o êxito da minha missão. Peço-lhe apresente
 também a Coelho Netto as minhas lembranças de
 camarada e amigo muito grato. Cito estes dois
 por exigência especial do coração, mas teria
 de citar todos os brasileiros que conheci se quisesse
 cumprir o meu dever até o fim.
 Quanto a edição nacional de Os Lusíadas,
 o Doutor José Maria Rodrigues e eu esperamos que lhe agrade.
 Contamos publicar mais tarde uma Selecta
 das Liricas. — Torno a dizer-lhe, querido Amigo,
 quanto que isto me haveria dado a sua visita
 aqui, com uma romagem aos mosteiros e castelos
 desta província que é o coração histórico de Portugal.
 O que posso apenas é abarçá-lo por cima das
 infinitas águas, pondo neste abraço uma
 amizade gratíssima e uma admiração sincera.

J. Pedro de Moel
 17.X.28

Afonso Lopes Vieira

- admiravelmente generosa. — Claro
 que tive de sacrificar o meu gosto pessoal
 de muito demorar no Brasil ao, meus deveres
 de embaixador de Camões. Desempenhava
 a missão, julguei e ainda julgo que o perfeito
 era partir. Com custo o fiz e com a esperança e
 o desejo de voltar, não fui quando. Mas a emoção
 tão grande e nova que recebi ao encontrar-me com
 a Alma brasileira, nunca a poderei esquecer.
 Entre os Amigos excelentes que ai conheci desejo
 citar o Ataulpho de Paiva, a quem peço dê um
 abraço meu. A gentileza deste Amigo é uma
 obra de arte, e a ele fiquei devendo em boa
 parte o êxito da minha missão. Peço-lhe apresente
 também a Coelho Netto as minhas lembranças de
 camarada e amigo muito grato. Cito estes dois
 por exigência especial do coração, mas teria
 de citar todos os brasileiros que conheci se quisesse
 cumprir o meu dever até o fim.

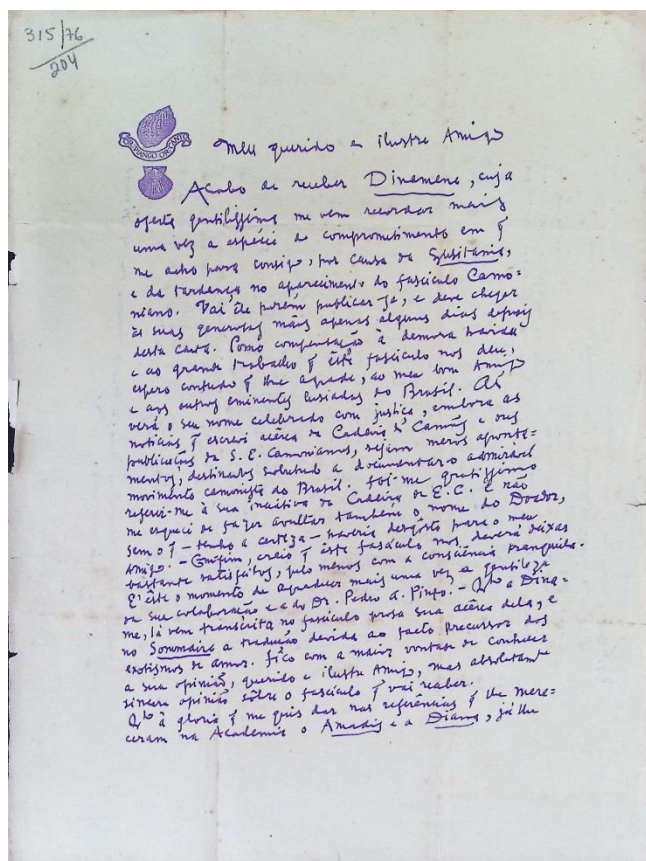
Quanto a edição nacional de Os Lusíadas,
 o Doutor José Maria Rodrigues e eu esperamos que lhe agrade.
 Contamos publicar mais tarde uma Selecta
 das Liricas. — Torno a dizer-lhe, querido Amigo,
 quanto que isto me haveria dado a sua visita
 aqui, com uma romagem aos mosteiros e castelos
 desta província que é o coração histórico de Portugal.
 O que posso apenas é abarçá-lo por cima das
 infinitas águas, pondo neste abraço uma
 amizade gratíssima e uma admiração sincera.

Afonso Lopes Vieira

São Pedro de Moel
 17.X.28

Carta de 31 de maio de 1929⁴⁶:

f.1r



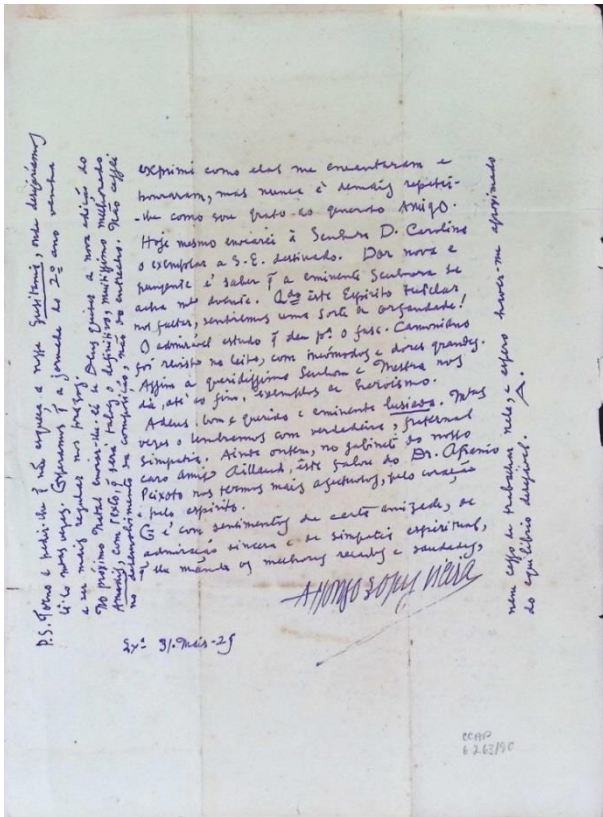
315/76

204

Meu querido e ilustre amigo

- Acabo de receber Dinamene, cuja
- 5 oferta gentilíssima me vem recordar mais uma vez a espécie de comprometimento em que me acho para amigo, por causa da Lusitania e da tardança no aparecimento do fascículo Camoniano. Vai êle porem publicar se, e deve chegar
- 10 às suas generosas mãos apenas alguns dias depois desta carta. Como compensação à demora havida e ao grande trabalho que êste fascículo nos deu, espero contudo que lhe agrade, ao meu bom Amigo e aos outros eminentes lusíadas do Brasil. Aí
- 15 verá o seu nome celebrado com justiça, embora as noticias que escrevi acêrca da Cadeira de Camões e as publicações da S. E. Camonianos sejam meros agravate-mentos, destinados sobretudo a documentar o admirável movimento comunista do Brasil. Foi-me gravíssimo
- 20 referir-me à sua inuitiva Cadeira de Estudos Camonianos e não me esqueci de fazer avultar também o nome do Doador, Sem o que – tenho a certeza – haveria desgãsto para o meu Amigo. Enfim, creio que êste fascículo nos deverá deixar bastante satisfeitos, pelo menos com a consciência tranquila.
- 25 E' êste o momento de agradecer mais uma vez a gentileza da sua colaboração e a do Doutor Pedro A. Pinto – Quanto a Diname, já vem transcrito no fascículo prosa sua acêrca dela, e no Sonemaire a tradução devida ao facto precursor das exosismos de amor. Fico com a maior vontade de conhecer a sua opinião, querido e ilustre Amigo, mas absolutamte sincera opinião sôbre o fascículo que vai receber.
- 30 Quanto à gloria que me quis dar nas referências que lhe mereceram na Academia o Amadis e a Diana, já lhe

⁴⁶ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto e no verso, com tinta azul, e medindo 230 × 310 mm. Ambas as folhas apresentam um brasão não identificado. A data registrada é 31 de maio de 1929. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior direita no verso de ambas, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.



Post-Scriptum Torno a pedir-lhe que não esqueça a nossa Lusitania, onde deviríamos lê-lo muitas vezes. Esperamos que a jornada do 2º ano venha a ser mais regular nos prazos.

No próximo Natal enviar-lhe-ei se Deus quiser a nova edição do Amadis, com texto, que será talvez o definitivo, muitíssimo melhorado no desenvolvimento da composição, não do entrecho. Não cessei

- 35 exprimi como elas me encantaram e marcaram, mas nunca é demais repetir-lhe como sou grato ao generoso Amigo. Hoje mesmo enviarei à Senhora Dona Carolina o exemplar S. E. destinado. Dor nova e pungente é saber que a eminente Senhora se acha muito doente. Quando êste Espirito {†} nos faltar, sentiremos uma Sorte a orfandade! foi revisto no leito, com incômodos e dores grandes. Assim a queridíssima Senhora e Mestra nos dà, até o fim, exemplos de heroísmo.
- 45 Adeus, bom e querido e eminente lusiada. Meus versos o lembramos com verdadeira, fraternal Simpatia. Ainda ontem, no gabinete do nosso caro amigo Aillaud êste falou do Doutor Afranio Peixoto nos termos mais affectuosos, pelo coração e pelo espirito.
- 50 E é com sentimentos de certa amizade, de admiração sincera e de simpatia espiritual, que lhe mando os melhores recados e saudades,
- Afonso Lopes Vieira
- 55 Excelência 31. Maio - 29

nem cesso de trabalhar nele, e espero haver-me aproximado do equilíbrio desejável. Afonso.

Carta de 28 de fevereiro de 1940⁴⁷:

f.1r

Largo da Rosa, 28 II. - 1940

814/76

Querido Amigo – Nunca o esqueço, nunca o esquecemos. Eu estive à espera de ter coisas positivas para lhe contar. E como

- 5 das conspirações de amizade feitas com a Amélia já resultou uma certeza, pelo menos, digo-lha. - A sua peça irá em qual= quer caso, com ou sem subsídio - em Maio se possível fôr. Não foram pois enviadas as duas cartas, uma das quais traria até talvez inconvenientes se fôsse entregue (J.D.) como há
- 10 a peça oficial (Vila Viçosa) seria pouco diplomático parlar= mentar com o campo naturalmente pouco propício a 1640.

Mas o ministro da E.N. portou-se muito bem consigo sob Todos os aspectos, até mandando conservar o seu título, que os oficiais gostariam de mudar. Eu não farei o acto de

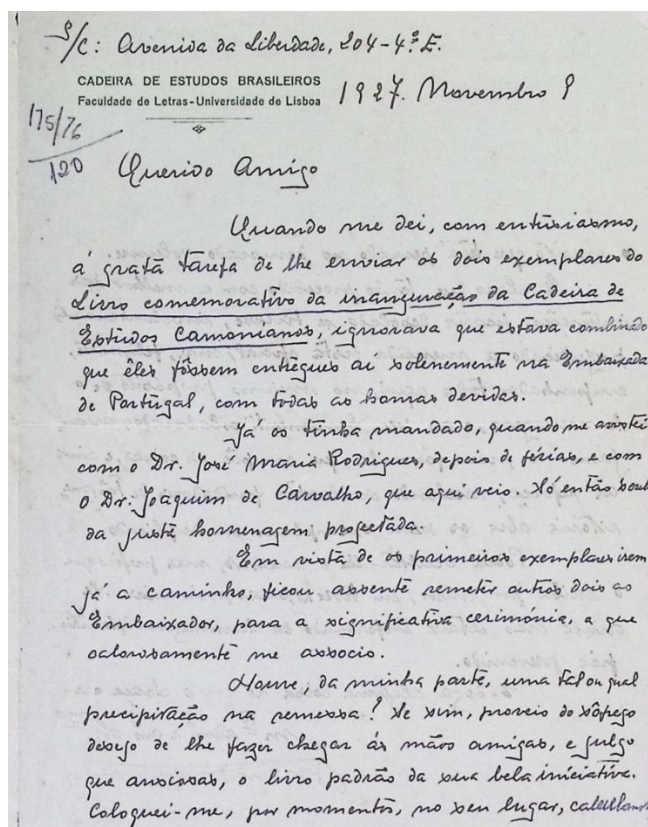
- 15 que Você falava tão gentilmente, mas estou pronto a ser o prólogo da noite, com algumas palavras bem sentidas. O outro - e imenso - desejo nosso é que o govêrno Português pratique o elementar acto de patriotismo de o convidar a assistir aos centenários. Deseja-se que o convite seja
- 20 feito pela Universidade de Lisboa (melhor que pela Academia ou pelo Ministério dos Estrangeiros. Suponho que isto se conseguirá sem mais dificuldades que as que os Estados poem em quanto fazem. O Doutor Horácio Menano (cunhado de Amélia) é o nosso melhor agente para este
- 25 designio. Querido amigo, repito que nunca o esqueço, nunca o esquecemos - por gratidão pessoal e Nacional! Por mim, poète maudit, muito pouco posso fazer, mas nem por isso me anima menos boa vontade. Entretanto, a atmosfera aqui tem-se carregado muito cada vez se carrega mais.
- 30 Mais ceci est une Ante histoire. O que lhe afirmo é que Você está sempre presente entre nós, os seus amigos. E nunca pense que o lembramos menos. Pelo Angola, que partiu hoje, mandei-lhe o que acabo de publicar e oxalá lhe agrade. É um sonho de quatro anos realizado em dois meses de Moel.

- 35 Nossos melhores cumprimentos para sua Excelentíssima Mulher, minha Senhora, com os melhores votos pelos Seus queridos. Et ora e sempre muito admirador, muito agradecido, muito amigo Afonso

Largo da Rosa, 28 II. - 1940
814/76
Querido Amigo - Nunca o esqueço, nunca o esquecemos. Eu estive à espera de ter coisas positivas para lhe contar. E como das conspirações de amizade feitas com a Amélia já resultou uma certeza, pelo menos, digo-lha. - A sua peça irá em qual= quer caso, com ou sem subsídio - em Maio se possível fôr. Não foram pois enviadas as duas cartas, uma das quais traria até talvez inconvenientes se fôsse entregue (J.D.) como há a peça oficial (Vila Viçosa) seria pouco diplomático parlar= mentar com o campo naturalmente pouco propício a 1640. Mas o ministro da E.N. portou-se muito bem consigo sob todos os aspectos, até mandando conservar o seu título, que os oficiais gostariam de mudar. Eu não farei o acto de que V. falava tão gentilmente, mas estou pronto a ser o prólogo da noite, com algumas palavras bem sentidas. O outro - e imenso - desejo nosso é que o govêrno Português pratique o elementar acto de patriotismo de o convidar a assistir aos centenários. Deseja-se que o convite seja feito pela Universidade de Lisboa (melhor que pela Academia ou pelo Ministério dos Estrangeiros. Suponho que isto se conseguirá sem mais dificuldades que as que os Estados poem em quanto fazem. O Dr. Horácio Menano (cunhado de Amélia) é o nosso melhor agente para este designio. Querido amigo, repito que nunca o esqueço, nunca o esquecemos - por gratidão pessoal e Nacional! Por mim, poète maudit, muito pouco posso fazer, mas nem por isso me anima menos boa vontade. Entretanto, a atmosfera aqui tem-se carregado muito cada vez se carrega mais. Mais ceci est une ante histoire. O que lhe afirmo é que V. está sempre presente entre nós, os seus amigos. E nunca pense que o lembramos menos. Pelo Angola, que partiu hoje, mandei-lhe o que acabo de publicar e oxalá lhe agrade. É um sonho de quatro anos realizado em dois meses de Moel. Nossos melhores cumprimentos para sua Excelentíssima Mulher, minha Senhora, com os melhores votos pelos Seus queridos. Et ora e sempre muito admirador, muito agradecido, muito amigo Afonso

⁴⁷ O documento é composto por uma folha de papel, escrita no recto, com tinta azul, e medindo 200 × 260 mm. A data registrada é 28 de fevereiro de 1940. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso da folha, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

5.1.6 Edição fac-similar das cartas de Manoel de Sousa Pinto

Carta de 09 de novembro de 1927⁴⁸:

f.1r

S/C: Avenida da liberdade, 204 - 4º E.

CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS

Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa 1927. Novembro 9

175/76

5 120

Querido amigo

Quando me dei, com entusiasmo, á grata tarefa de lhe enviar os dois exemplares do Livro comemorativo da inauguração da Cadeira de Estudos Camonianos, ignorava que estava combinado que êles fôsem entregues aí solenemente na Embaixada de Portugal, com todas as honras devidas.

10 Já os tinha mandado, quando me avistei com o Doutor José Maria Rodrigues, depois de férias, e com o Doutor Joaquim de Carvalho, que aqui veio. Só então soube da justa homenagem projectada.

15 Em vista de os primeiros exemplares irem já a caminho, ficou assente remeter outros dois ao Embaixador, para a significativa cerimónia, a que calorosamente me associo.

20 Houve, da minha parte, uma tal ou qual precipitação na remessa? Se sim, proveio do sôfrego desejo de lhe fazer chegar às mãos amigas, e julgo que ansiosas, o livro padrão da sua bela iniciativa. Coloquei-me, por momentos, no seu lugar, calculamos

⁴⁸ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 310 × 190 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta um timbre da CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A data registrada é 09 de novembro de 1927. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

o muito que terá pensado no demorado volume.

É claro que, tendo procedido com a melhor das intenções, ficaria desolado se tivesse, involuntariamente, prejudicado a merecida festa oficial; mas, felizmente, empenhados todos, aqui, no mesmo propósito de o homenagear, e ao seu benemérito colaborador, arranjámos a nova fórmula, que compõe as coisas, e ainda as reforça, recebendo os ilustres fundadores de tão meritória obra os seus exemplares em duplicado.

Podia ocultar-lhe o sucedido, mas prefiro que o saiba por mim, em toda as suas minúcias. Se ainda não estava informado da homenagem diplomática, fica prevenido.

E diga alguma coisa ao que abraça e é

Muito admirador e amigo obbrigadíssimo
Manoel de Sousa Pinto

o muito que terá pensado no demorado volume.

É claro que, tendo procedido com a melhor das intenções, ficaria desolado se tivesse, involuntariamente, prejudicado a merecida festa oficial; mas, felizmente, empenhados todos, aqui, no mesmo propósito de o homenagear, e ao seu benemérito colaborador, arranjámos a nova fórmula, que compõe as coisas, e ainda as reforça, recebendo os ilustres fundadores de tão meritória obra os seus exemplares em duplicado.

Podia ocultar-lhe o sucedido, mas prefiro que o saiba por mim, em todas as suas minúcias. Se ainda não estava informado da homenagem diplomática, fica prevenido.

E diga alguma coisa ao que o abraça e é
m.º adm.º e am.º ob.º

Manoel de Sousa Pinto

Carta de 04 de abril de 1928⁴⁹:

S/C: Avenida da Liberdade, 204-4.º E.
 154/76 CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS
 Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa
 1928. Abril 4

Caríssimo Amigo

É sempre festa para mim um novo livro seu. Uma mulher como as outras chegou ontem, afectuosamente endereçada por sua mão. Vou consagrar á sua leitura algumas das melhores horas desta Páscoa. Muito obrigado.

Escrevo-lhe desde já, e jubiloso, para não demorar o agradecimento devido a tão apreciado favor. Direi depois a minha opinião ao público, ainda não sei bem onde, porque isto por cá anda pouco bem quanto a revistas e jornais. Mas não deixarei de apresentar, com o novo e simpático volume, a sua última heroína, Helena, a Bagéense.

Correu aqui, não sei com que fundamento, que viria brevemente honrar Lisboa com a sua presença e a sua palavra, imagine quem? O meu mui caro, o nosso querido, Afranio Peixoto. Pelo interesse com que a boa-nova se espalhou, medi a importância que a sensacional visita terá, quando realizada. De pensar em vir, como andam a dizer, tenho a certeza de que não deixarei de prevenir-me.

Ainda não recebi nenhum número da Revista da Academia deste ano. Está atrasada?

Também ainda espero o subsídio do Governo, que o ano passado veio em Março.

Com os parabéns mais calorosos e muitos agradecimentos, abraça-o o

M.º admirador e am.º af.º
 Manoel de Sousa Pinto

f.1r

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

154/76 CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS

159 Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa 1928. Abril 4

Caríssimo Amigo

- 5 É sempre festa para mim um novo livro seu. Uma mulher como as outras chegou ontem, afectuosamente endereçada por sua mão. Vou consagrar á sua leitura algumas das melhores obras desta Páscoa. Muito obrigado.
- 10 Escrevo-lhe desde já, e jubiloso, para não demorar o agradecimento a tão apreciado favor. Direi depois a minha opinião ao público, ainda não sei bem onde, porque isto por cá anda pouco bem quanto a revistas e jornais. Mas não deixarei de apresentar, com o novo e simpático volume, a sua última heroína, Helena, a Bagéense.
- 15 Correu aqui, não sei com que fundamento, que viria brevemente honrar Lisboa com a sua presença e a sua palavra, imagine quem? O meu mui caro, o nosso querido, Afranio Peixoto. Pelo interesse com que a boa-nova se espalhou, medi a importância que a sensacional visita terá, quando realizada. se pensar em vir, como andam a dizer, tenho a certeza de que não deixarei de prevenir-me.
- 20 Ainda não recebi nenhum número da Revista da Academia deste ano. Está atrasada?
- 25 Também ainda espero o subsídio do Governo, que o ano passado veio em Março.
- Com os parabéns mais calorosos e muitos agradecimentos, abraça-o o
- Muito admirador e amigo obbrigadíssimo
 Manoel de Sousa Pinto

⁴⁹ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte na vertical no recto, com tinta preta, e medindo 290 × 180 mm. A folha apresenta o timbre da CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A data registrada é 04 de abril de 1928. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 16 de outubro de 1928⁵⁰:

f.1r

1928. Outubro 16
S/C Avenida da Liberdade, 204 - 4º E.
286/76
144 Querido amigo

1928. Outubro 16
S/c: Avenida da Liberdade, 204-4º E.
286/76
144

Querido Amigo

Recebida no dia seguinte ao da sua passagem, a sua cartinha de bordo deu-me o prazer de ver que não se esquece de mim, mas causou-me grande arrelia por não ter podido abraçá-lo. Sei como o seu feitio de trabalhador incansável detesta as incômodas deferências oficiais e as importunidades jornalísticas. Se, porém, me tivesse avisado a tempo, eu, embora arriscando-me ao protesto dos outros, teria sabido resistir o seu "incógnito". Fiquei pesaroso por não ter trocado comigo algumas palavras de mata-saudades, naquele lindo domingo em que passou no Tejo.

Como lhe estavam preparadas várias homenagens, houve certa decepção com a notícia que o Diário de Lisboa foi o primeiro a publicar na 2ª feira á noite. Mando-lhe dentro desta, bem como a do Século.

O seu pequeno? Melhorou com a doença? Espero que sim.

Peço-lhe para apresentar os meus respeitos a sua Excelentíssima Espôsa, e, escrevendo à pressa, para o saudar no regresso, só cabe aqui o grande abraço do muito admirador e amigo obbrigadíssimo

Manoel de Sousa Pinto

5 Recebida no dia seguinte ao da sua passagem, a sua cartinha de bordo deu-me o prazer de ver que não se esquece de mim, mas causou-me grande arrelia por não ter podido abraçá-lo. Sei como o seu
10 feitio de trabalhador incansável detesta as incômodas deferências oficiais e as importunidades jornalísticas. se, porém, me tivesse avisado a tempo, eu, embora arriscando-me ao protesto dos outros, teria sabido resistir o seu "incógnito". Fiquei pesaroso por não ter trocado comigo algumas palavras de mata-saudades, naquele lindo domingo em que passou no Tejo.

15 Como lhe estavam preparadas várias homenagens, houve certa decepção com a notícia que o Diário de Lisboa foi o primeiro a publicar na 2ª feira á noite. Mando-lhe dentro desta, bem como a do Século.
20 O seu pequeno? Melhorou com a {+}?

Espero que sim.

Peço-lhe para apresentar os meus respeitos a sua Excelentíssima Espôsa, e, escrevendo à pressa, para o saudar no regresso, só cabe aqui o grande abraço do

25 muito admirador e amigo obbrigadíssimo
Manoel de Sousa Pinto

⁵⁰ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte na vertical no recto, com tinta preta, e medindo 270 × 180 mm. Possui marca d'água. A data registrada é 16 de outubro de 1928. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 17 de abril de 1929⁵¹:

f.1r

1929. Abril 17
 S/c: Avenida da Liberdade, 204-4.º E.
 155/76
 163

Querido Amigo

Disseram-me, da agência, que o Astúrias deve entrar de noite, a hora ainda incerta. Vou logo fazer todo o possível para o ver, mesmo a certa distância, porque não se pode ir a bordo. Não sei, porém, se os meus esforços serão bem sucedidos. Por isso, á cautela, aqui lhe mando as saudações mais cordeais - e as do João Lúcio de Azevedo, que, doente com gripe, me pediu por corepresentar - com um grande abraço de boa-viagem.

Admirador e amigo vly.
 Manoel de Sousa Pinto

1929. Abril 17

S/C: Avenida da Liberdade, 204 - 4º E.

155/76

163

Querido Amigo

5

Disseram-me, da agência, que o Astúrias deve entrar de noite, a hora ainda incerta. Vou logo fazer todo o possível para o ver, mesmo a certa distância, porque não se pode ir a bordo.

10 Não sei, porém, se os meus esforços serão bem sucedidos. Por isso, á cautela, aqui lhe mando as saudações mais cordeais - e as do João Lúcio de Azevedo, que, doente com gripe, me pediu por corepresentar - com um grande abraço de boa-viagem.

15 Admirador e amigo obrigado
 Manoel de Sousa Pinto

⁵¹ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em uma parte na vertical no recto, com tinta preta, e medindo 270 × 180 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta algumas manchas que não interferem no texto. A data registrada é 17 de abril de 1929. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta de 29 de abril de 1929⁵²:

f.1r

1929. Abril 29
 S/C: Avenida da Liberdade, 204-4º E.
 310/76
 223

Querido Amigo

Sinhazinha, felicíssimamente, não se perdeu no caminho. Tenho-a aqui junto de mim, muito estimada. Belo livro de fatalidade e emoção, prolongando admiravelmente a série das suas novelas rústicas. Curioso, o facto de o romance ter saído do entrecho do Barralho! Já anunciei Sinhazinha aos meus alunos, e hei -de ocupar-me dela com demora num volume que preparo sobre Autores Brasileiros. Com sinceros agradecimentos, as minhas calorosas felicitações.

Muito obrigado pela sua carta e pela inclusão do meu estuozinho no volume do Botelho de Oliveira, que aguardo para breve. A notícia do seu próximo aparecimento confirma a continuação dos Clássicos da Academia. Ainda bem! Espero com curiosidade o trabalho de R. Garcia sobre o Bento Teixeira.

Fiz o possível para o ver aqui. Cheguei e avisei o Asturico, mas, como não desembarcou no cais em que eu o esperava, quando cheguei à Embaixada para o abraçar, já de lá tinha saído. Fiquei desapontado. Oxalá que na volta tudo corra melhor.

João Lúcio d'Azevedo vai melhor. Tem um livro a sair, de 500 páginas, a respeito de história económica de Por-

1929. Abril 29

S/C: Avenida da Liberdade, 204- 4º E.

310/76

223

Querido Amigo

Sinhazinha, felicíssimamente, não se perdeu no caminho. Tenho-a aqui junto de mim, muito estimada. Belo livro de fatalidade e emoção, prolongando admiravelmente a série das suas novelas rústicas. Curioso, o facto de o romance ter saído do entrecho do Barralho! Já anunciei Sinhazinha aos meus alunos, e hei -de ocupar-me dela com demora num volume que preparo sobre Autores Brasileiros. Com sinceros agradecimentos, as minhas calorosas felicitações.

Muito obrigado pela sua carta e pela inclusão do meu estuozinho no volume do Botelho de Oliveira, que aguardo para breve. A notícia do seu próximo aparecimento confirma a continuação dos Clássicos da Academia. Ainda bem! Espero com curiosidade o trabalho de R. Garcia sobre o Bento Teixeira.

Fiz o possível para o ver aqui. Cheguei a avisar o Asturico, mas, como não desembarcou no cais em que eu o esperava, quando cheguei à Embaixada para o abraçar, já de lá tinha saído. Fiquei desapontado. Oxalá que na volta tudo corra melhor.

João Lúcio d'Azevedo vai melhor. Tem um livro a sair, de 500 páginas, a respeito de história económica de Por-

⁵² O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 270 × 180 mm. Possui marca d'água. A data registrada é 29 de abril de 1929. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

f.1v

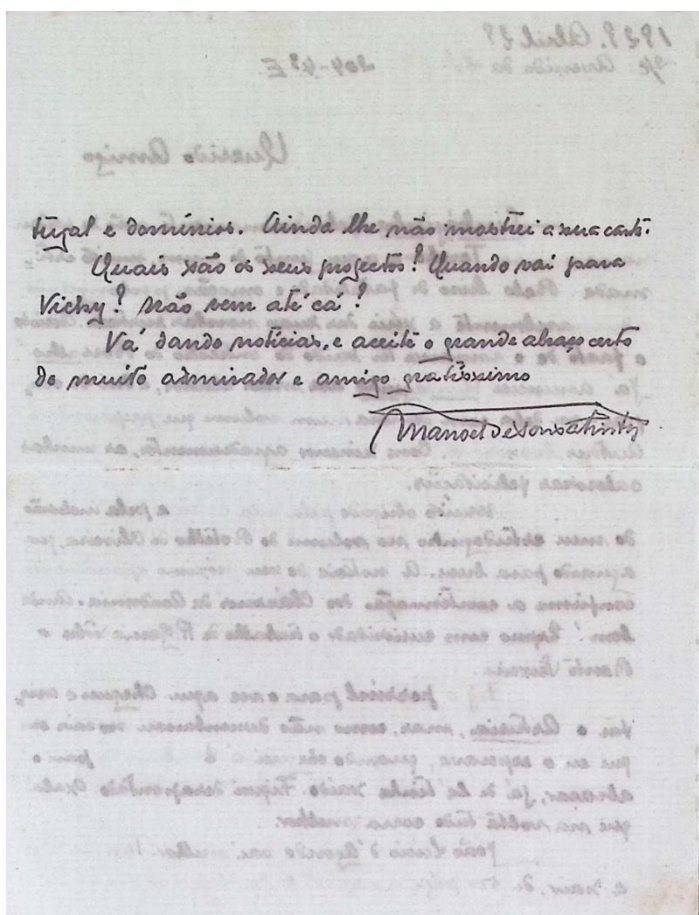
tugal e domínios. Ainda lhe não mostrei a sua carta.

Quais são os seus projectos? Quando vai para

30 Vichy? Não vem até cá?

Vá dando notícias, e aceite o grande abraço certo
do muito admirador e amigo gratíssimo

Manoel de Sousa Pinto



Carta de 24 de julho de 1930⁵³:

f.1r

1930. Julho 24
S/C: Avenida da liberdade, 204- 4.º E.

247/76
244

Querido Amigo

Muito obrigado pela oferta do Tristão e Iseu, bom livro que o conselho de Gide o levou a pôr em português. Em tendo férias, hei-de saborear a versão, por certo excelente.

Muito obrigado também pelo exagerado louvor com que apresentou à Academia os meus dois trabalhos. As suas palavras, autorizadas, são sempre precioso estímulo para a minha tarefa. Imagine que, quando ao proferiu, veio um telegrama da Americana dando a notícia, mas dizendo que o meu caro Amigo me tinha criticado severamente. Felizmente que a Agência de cá, tendo estranhado o facto, me comunicou o telegrama antes de o dar aos jornais. Genanti que havia êsse de transmissões: não porque eu não seja susceptível de crítica, mas pela sua infinita amabilidade

1930. Julho 24

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

247/76

Querido amigo

244

- 5 Muito obrigado pela oferta do Tristão e Iseu, bom livro que o conselho de Gide o levou a pôr em português. Em tendo férias, hei-de saborear a versão, por certo excelente.
- 10 Muito obrigado também pelo exagerado louvor com que apresentou à Academia os meus dois trabalhos. As suas palavras, autorizadas, são sempre precioso estímulo para a minha tarefa. Imagine que, quando ao proferiu, veio um telegrama da Americana dando a notícia, mas dizendo que o meu caro Amigo me tinha criticado severamente. Felizmente que a Agência de cá, tendo estranhado o facto, me comunicou o telegrama antes de o dar aos jornais. Garanti que havia êro da transmissão: não porque eu não seja susceptível de crítica, mas pela sua infinita amabilidade
- 20

⁵³ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 260 × 170 mm. Possui marca d'água. A data registrada é 24 de julho de 1930. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

a meu respeito, e ainda pelo facto de nos Romancistas Brasileiros haver, como não podi deixar de ser, o seu nome. De modo que o telegrama saiu bem. Imagine!

Terminei há dias, com bom resultado, os exames do meu curso. Devo agora ir a Coimbra fazer 2 conferências brasileiras: uma delas sobre Gonçalves Dias, para divulgar a primeira poesia do grande maranhense, que não é conhecida.

Peço-lhe o favor de dizer ao nosso bom amigo Fernando Nery que não recebi nenhum volume do Gregório de Matos. Só tenho o da Lírica, saído há bastante tempo.

Novos agradecimentos e grande abraço

Manoel de Sousa Pinto

a meu respeito, e ainda pelo facto de nos Romancistas Brasileiros haver, como não podi deixar de ser, o seu nome. De modo que o telegrama saiu bem. Imagine!

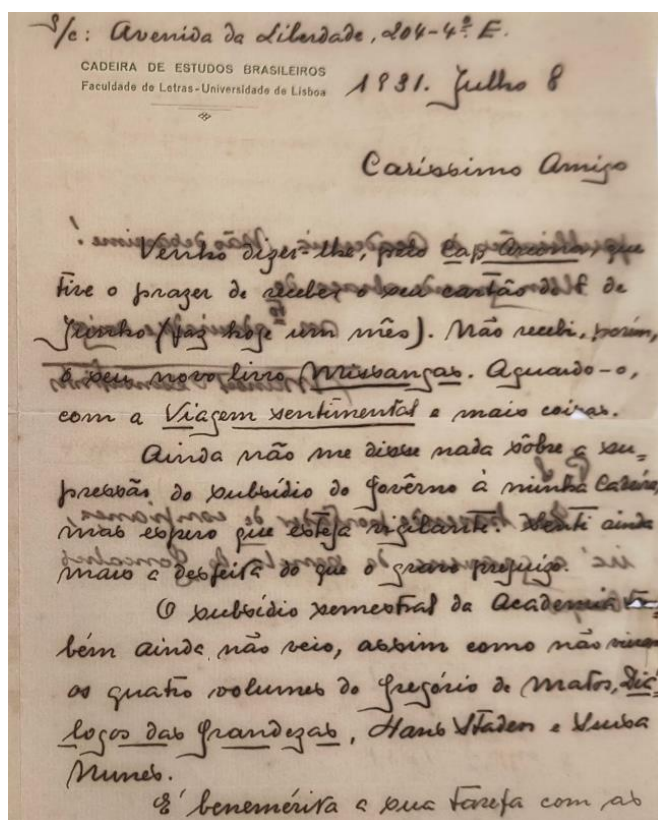
25 Terminei há dias, com bons resultados, os exames do meu curso. Devo agora ir a Coimbra fazer 2 conferências brasileiras: uma delas sobre Gonçalves Dias, para divulgar a primeira poesia

30 Do grande maranhense, que não é conhecida.

Peço-lhe o favor de dizer ao nosso bom amigo Fernando Nery que não recebi nenhum volume do Gregório de Matos. Só tenho o da Lírica, saído há bastante tempo.

35 Novos agradecimentos e grade abraço
do

Manoel de Sousa Pinto

Carta de 08 de julho de 1931⁵⁴:

f.1r

S/C: Avenida da Liberdade, 204- 4º E.
CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS
Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa 1931. Julho 8

Caríssimo Amigo

- 5 Venho dizer-lhe pelo Cap Arcona que
tive o prazer de receber o seu cartão de 8 de
Junho (faz hoje um mês). Não recebi, porém,
o seu novo livro Missangas. Aguardo-o,
com a Viagem sentimental e mais coisas.
- 10 Ainda não me disse nada sobre a su-
pressão do subsídio do Governo à minha Cadeira,
mas espero que esteja vigilante. Senti ainda
mais a desfeita do que o grave prejuízo.
- 15 O subsídio semestral da Academia tam-
bém ainda não veio, assim como não vieram
os quatro volumes do Gregório de Matos, Diá-
logos das grandezas, Hans Staden e Sousa
Nunes.
- É benemerita a sua tarefa com as

⁵⁴ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 290 × 180 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta o timbre da CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A data registrada é 08 de julho de 1931. Na margem inferior no verso na esquerda e na direita, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

1911 Julho 8
 Cópia para o amigo
 publicações da Academia. Não desanime!
 Um grande abraço do
 Muito admirador e amigo
 Manoel de Sousa Pinto
 Em havendo portador de confiança,
 irá a gravura do soneto do Gonçalves
 Crespo.

- 20 publicações da Academia. Não desanime!
Um grande abraço do

Muito admirador e amigo
Manoel de Sousa Pinto

Post-Scriptum

- 25 Em havendo portador de confiança,
irá a gravura do soneto do Gonçalves
Crespo.

Carta de 30 de julho de 1931⁵⁵:

f.1r

1931. Julho 30 360/76
283
S/C: Avenida da Liberdade, 204-4º E.

Caríssimo Amigo

Foi com grande prazer que recebi o seu novo volume, ótимальmente apresentado. Que magnífica é a sua actividade! Pareceram-me muito bem, à primeira vista, as Noções de História da Literatura Brasileira, que hei de percorrer com mais atenção e recomendar aos meus alunos no começo do ano. Parabéns!

Vi que foi propôsto o título de "Afranio Peixoto" para uma série das publicações académicas. Felicitações calorosas.

Também vi um artigo do J. P. sobre as Cartas avulsas dos jesuitas. Espero recebê-las, bem como as outras obras que ainda me faltam: 4 volumes de Gregório de Matos, Diálogos das Grandezas, Hans Staden, Discursos de Sousa Nunes.

Como lhe disse na minha anterior, ainda não recebi o subsídio da Academia relativo ao primeiro semestre d'êste ano. Calculo que o não tenham cortado, como fêz o Itamaraty, sem dizer nada.

1931. Julho 30 360/76

283

S/C: Avenida da Liberdade, 204- 4º E.

Caríssimo Amigo

5 Foi com grande prazer que recebi o seu novo volume, ótимальmente apresentado. Que magnífica é a sua atividade! Pareceram-me muito bem, a primeira vista, as Noções de História da Literatura Brasileira, que hei de percorrer com mais

10 atenção e recomendar aos meus alunos no começo do ano. Parabéns!

Vi que foi propôsto o título de "Afranio Peixoto" para uma série das publicações académicas. Felicitações calorosas.

15 Também vi um artigo do José Rogério sobre as Cartas avulsas dos jesuitas. Espero recebê-las, bem como as outras obras que ainda me faltam: 4 volumes de Gregório de Matos, Diálogos das Grandezas, Hans Staden, Discursos de Sousa Nunes.

20 Como lhe disse na minha anterior, ainda não recebi o subsídio da Academia relativo ao primeiro semestre dêste ano. Calculo que o não tenham cortado como fêz o Itamaraty, sem dizer nada.

⁵⁵ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 260 × 170 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta uma marca d'água. A data registrada é 30 de julho de 1931. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Estou certo de que, pelo menos, o meu caro Afranio protestaria. Devem talvez ser dificuldades de câmbio, mas a verdade é que a minha situação se vai agravando. Digo-lhe aqui em confidência, vindo do abandono moral e material a que o Brasil parece notar-me. Virão melhores tempos?

Confiei á esposa do Dr. Luís Soares, sua vizinha, a gravura do soneto de Gonçalves Crespo. Deve recebê-la, pouco mais ou menos, quando esta lá chegar.

Aguardo Missangas e Viagem Sentimental.

Grande abraço do

admirador e am.^{mo} ob.^{mo}

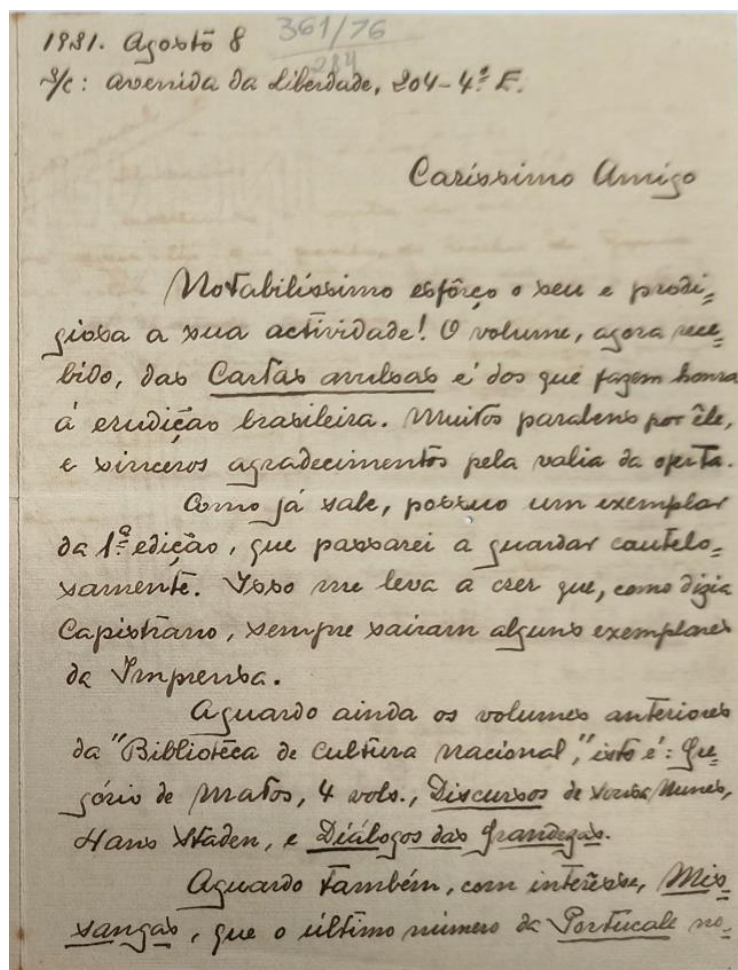
Manoel de Sousa Pinto

CCAP
6.366/70

- 25 Estou certo de que, pelo menos, o meu caro Afranio protestaria. Devem talvez ser dificuldades de câmbio, mas a verdade é que a minha situação se vai agravando. Digo-lhe aqui em confidência, sentido do abandono moral e material a que o Brasil parece notar-me. Virão melhores tempos?
- 30 Confiei á esposa do Doutor Luís Soares, sua vizinha, a gravura do soneto de Gonçalves Crespo. Deve recebê-la, pouco mais ou menos, quando esta lá chegar.

- 35 Aguardo Missangas e Viagem Sentimental.
Grande abraço do
admirador e amigo obrigadíssimo
Manoel de Sousa Pinto

CCAP
6.366/70

Carta de 08 de agosto de 1931⁵⁶:

f.1r

1931. Agosto 8 361/76

284

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E. 284

Caríssimo amigo

- 5 Notabilíssimo esforço o seu e prodigiosa a sua atividade! O volume, agora recebido, das Cartas avulsas é dos que fazem honra á erudição brasileira. Muitos parabens por êle, e sinceros agradecimentos pela valia da oferta.
- 10 Como já sabe, possuo um exemplar Da 1ª edição, que passarei a guardar cautelosamente. Isso me leva a crer que, como dizia Capistrano, sempre saíram alguns exemplares da Imprensa.
- 15 Aguardo ainda os volumes anteriores da "Biblioteca de Cultura Nacional", isto é: Gregório de Matos, 4 volumes., Discursos de Sousa Nunes, Hans Staden, e Diálogos das Grandezas.
- 20 Aguardo também, com interesse, Mis-sangas, que o último número da Portúcale no-

⁵⁶ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 260 × 170 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta uma marca d'água. A data registrada é 08 de agosto de 1931. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

tícia, Viagem sentimental, etc. Sei que
mandar imprimir aqui um outro livro,
Marta e Maria, com seu suplemento. Se
dispuser de um exemplar, muito lho agra-
decerei, para completar a minha coleção.

Vou para a semana a Coimbra fazer,
no Curso de Férias, uma conferência sobre
a Mariliã de Dirceu. É um tributo que pago
todos os anos.

Grande abraço do

m.^{to} admirador e am.^o ob.^o

(Manoel de Sousa Pinto)

CCAP
6367/70

tícia, Viagem sentimental, etc. Sei que
mandar imprimir aqui um outro livro,
Marta e Maria, com seu suplemento. se
dispuser de um exemplar, muito lho agra-
decerei, para completar a minha coleção.

Vou para a semana a Coimbra fazer,
no Curso de Férias, uma conferência sobre
a Mariliã de Dirceu. É um Tributo que pago
todos os anos.

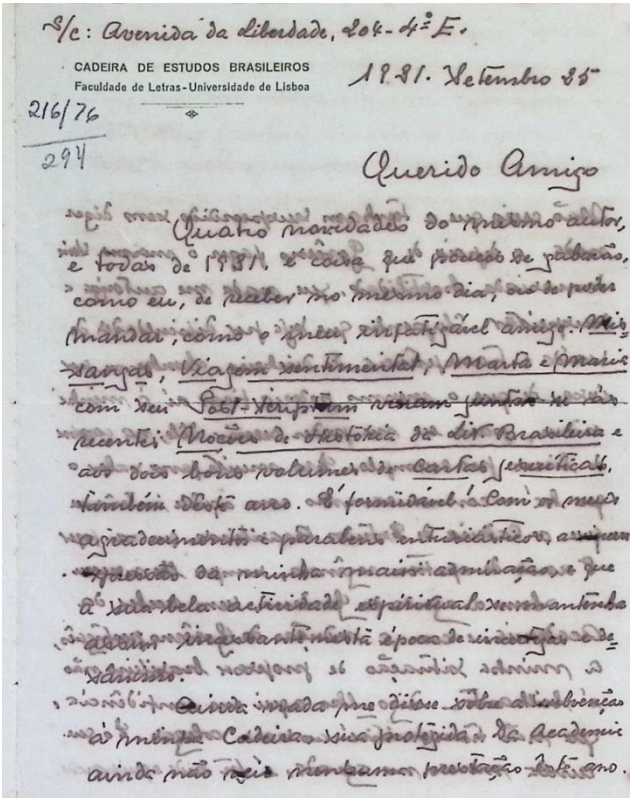
Grande abraço do

Muito admirador e amigo obrigado
Manoel de Sousa Pinto

CCAP
6367/70

Carta de 25 de setembro de 1931⁵⁷:

f.1r



S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.
CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS
Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa 1931. Setembro 25
216/76
294

Querido amigo
Quatro novidades do mesmo autor,
e todas de 1931, é coisa que poucos se gabarão,
como eu, de receber no mesmo dia, ou de poder
mandar, como o meu infatizável amigo. Mis-
sangas, Viagem sentimental, Marta e Maria
com seu Post-scriptum viram juntar-se às
recentes Noções de História da Literatura Brasileira e
aos dois bons volumes de Cartas Jesuíticas,
também dêste ano. É formidável! Com os meus
agradecimentos parabens entusiásticos, a sincera
expressão da minha maior admiração, e que
a sua bela actividade espiritual se mantenha
assim incessante nesta época de incertezas e de-
sânimo.
Ainda nada me disse sôbre a subvenção
à minha Cadeira sua protegida. Da Academia
ainda não veio nenhuma prestação êste ano.

⁵⁷ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em três partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 290 × 180 mm. A folha apresenta o timbre da CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A data registrada é 25 de setembro de 1931. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Não creio que a tenham suspenso sem dizer
 nada, e depois de o Governo fazer o mesmo sem
 demasiada hostilidade, que nada me autoriza a
 suspeitar. Suspendo que seja por dificuldades de
 saída e transferência do dinheiro. Lembra-me, por
 isso, de que o mesmo poderia ficar aí à minha
 ordem, para eu me poder servir d'êlo; na compra
 de livros por exemplo. Era muito favor saber o
 que há e comunicar-mo com aquêlo interesse
 que a Cadeira de Estudos Brasileiros, que vai fazer
 8 anos de efectiva regência, sempre lhe mereceu.
 Sem a ajuda do Governo, sem receber da
 Academia e com a redenção do Governo português,
 a minha situação de professor brasileiro não
 é brilhante _ digo-lho aqui em confidência,
 que não transmitirá aos seus colegas. E o que
 ainda menos me agrada, é ter sido equiparado

- 25 Não creio que a tenham suspenso sem dizer
 nada, e depois de o Governo fazer o mesmo sem
 demasiada hostilidade, que nada me autoriza a
 suspeitar suponho que seja por dificuldades de
 saída e transferência do dinheiro. Lembra-me, por
 30 isso, de que o mesmo poderia ficar aí à minha
 ordem, para eu me poder servir d'êlo; na compra
 de livros por exemplo. Era muito favor saber o
 que há e comunicar-mo com aquêlo interesse
 que a Cadeira de Estudos Brasileiros, que vai fazer
 8 anos de efectiva regência, sempre lhe mereceu.
 35 Sem a ajuda do Governo, sem receber da
 Academia e com a redenção do Governo português,
 a minha situação de professor brasileiro não
 é brilhante _ digo-lho aqui em confidência,
 que não transmitirá aos seus colegas. E o que
 40 ainda menos me agrada, é ter sido equiparado

na penitência ao D Gentil, que é francês, e ao
 Prestes, que é inglês, quanto em bom cidadão
 brasileiro, apesar de não abrangido pelo Código dos
 Interventores...

De novo, como vê, e como sempre, a sua
 amicíssima intervenção se não dispensa.

Muitas saudades e um grande abraço do

M.^o admirador e amigo

Manoel de Sousa Pinto

P.V.

Já recebeu o clichê da gravura do Crêspo?
 Serve?

na penitência ao D Gentil, que é francês, e ao
 {†} que é inglês, quando em seu cidadão
 brasileiro, apesar de não abrangido pelo código dos
 Interventores...

45 De novo, como vê, e como sempre, a sua
 amicíssima intervenção se não dispensa.

Muitas saudades e em grande abraço do
 Muito admirador e amigo
 Manoel de Sousa Pinto

50 Post-Scriptum

Já recebeu o clichê da gravura do Crêspo?
 Serve?

Carta de 06 de outubro de 1931⁵⁸:

f.1r

S/C: Avenida da Liberdade, 204-4º E.
 CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS
 Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa
 1931. Outubro 6
 365/76
 288
 Querido Amigo

Veio um segundo exemplar de Missangas – livro interessante – e veio o Alvares de Azevedo da Bibliografia.
 Muito obrigado.

Veio também a primeira prestação da subvenção da Academia. Fica, portanto, dispensado de intervir, como lhe pedia na minha última carta.

Lá para 17 começo o meu novo curso, o oitavo!

O Fernando Nery anunciou-me a remessa do Euclides da Cunha, mas não chegou cá. O que também recebi ultimamente foram os números de Julho e Agosto

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS

Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa 1931. Outubro 6

365/76

288

Querido amigo

Veio um segundo exemplar de Missangas – livro interessante – e veio o Alvares de Azevedo da Bibliografia.

10 Muito obrigado.

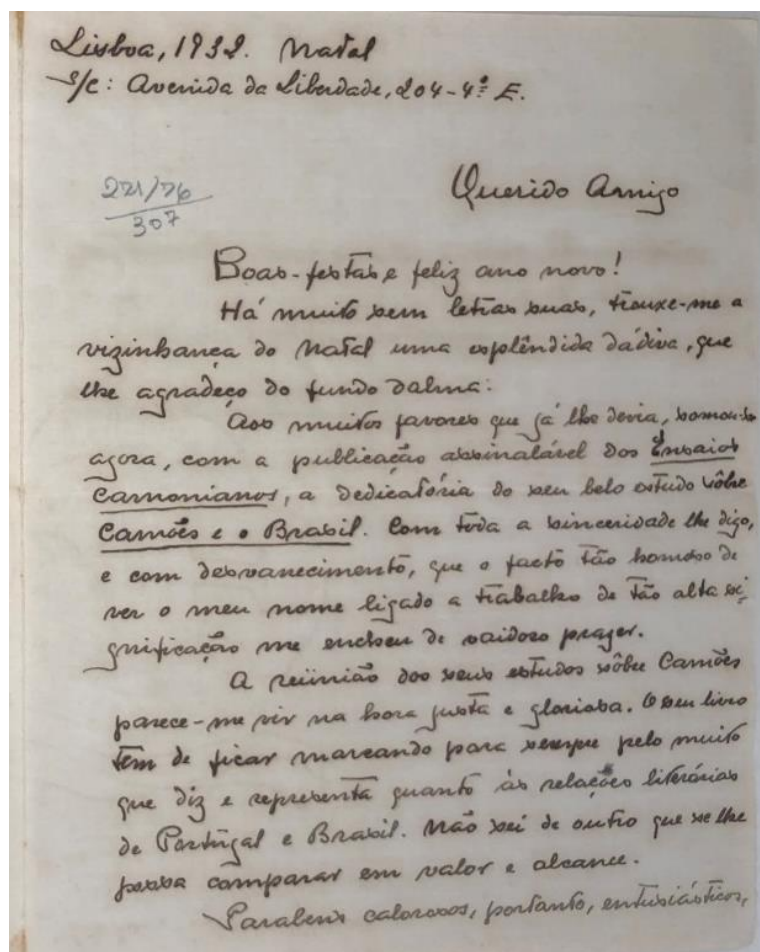
Veio também a primeira prestação da subvenção da Academia. Fica, portanto, dispensado de intervir, como lhe pedia na minha última carta.

15 Lá para 17 começo o meu novo curso, o oitavo!

O Fernando Nery anunciou-me a remessa do Euclides da Cunha, mas não chegou cá. O que também recebi última-

20 mente foram os números de Julho e Agosto

⁵⁸ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita apenas em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 290 × 180 mm. Possui marca d'água. A folha apresenta o timbre da CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A data registrada é 06 de outubro de 1931. Na margem superior esquerda no recto e na margem inferior no verso, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

Carta Natal, 1932⁵⁹:

f.1r

Lisboa, 1932. Natal
S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

271/76
307

Querido amigo

- 5 Boas-festas e feliz ano novo!
Há muito sem letras suas trouxe-me a vizinhança do Natal uma esplêndida dádiva, que lhe agradeço do fundo da alma:
Aos muitos favores que já lhe devia, somou-se
10 agora, com a publicação assinalável dos Ensaio Camonianos, a dedicatória do seu belo estudo sobre Camões e o Brasil. Com toda a sinceridade lhe digo, e com desvanecimento, que o facto tão honroso de ver o meu nome ligado a trabalho de tão alta significação me encheu de vaidoso prazer.
15 A reunião dos seus estudos sobre Camões parece-me vir na hora justa e gloriosa. O seu livro tem de ficar marcado para sempre pelo muito que diz e representa quanto às relações literárias de Portugal e Brasil. Não sei de outro que se lhe possa comparar em valor e alcance.
20 Parabéns calorosos, portanto, entusiásticos,

⁵⁹ O documento é composto por uma folha de papel dobrada ao meio, escrita em duas partes na vertical no recto e no verso, com tinta preta, e medindo 310 × 190 mm. Possui marca d'água. A data registrada é o ano de 1932 acompanhado da palavra "Natal", sendo assim provavelmente dia 25 do mês de dezembro. Na margem superior esquerda e na margem inferior, há um código catalográfico anotado a lápis, indicando o processo de classificação arquivística.

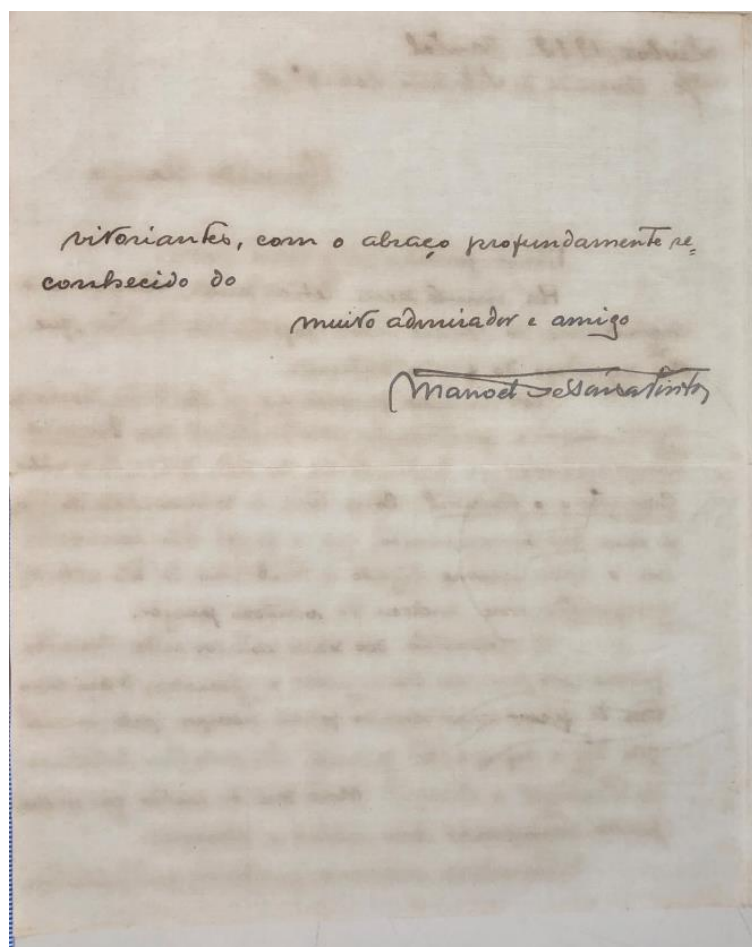
f.1v

vitoriantes, com o abraço profundamente re-
conhecido do

25

muito admirador e amigo

Manoel de Sousa Pinto



5.2 A EDIÇÃO INTERPRETATIVA

A edição interpretativa foi baseada na metodologia adotada na edição da correspondência de Mário de Andrade, conduzida por pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, e na edição da correspondência de Eulálio Motta, realizada pelo grupo responsável pela edição de sua obra na UEFS. Esse modelo editorial possibilita uma leitura do texto, sem as interferências dos operadores genéticos.

Critérios adotados:

- a) o texto foi organizado sem a quebra de linhas;
- b) procedemos à atualização da ortografia conforme a norma vigente;
- c) respeitamos a pontuação original do texto, com a inserção do ponto final apenas nos casos em que este estivesse ausente ao fim dos parágrafos. Quanto ao uso de letra maiúscula após dois-pontos, seguiu-se a norma atual, adotando-se a inicial minúscula, conforme as regras ortográficas vigentes.
- d) desenvolvemos as abreviaturas como em “Exmo., Sr. Dr. V. Ex.^a”
- e) consideramos a última camada de correções, a partir da análise das emendas, rasuras e cancelamentos;
- f) inserimos notas de rodapé de página com as alterações ortográficas feitas pelo editor e informações relevantes para o entendimento do texto.
- g) desenvolvemos as datas (ex: 3.11.1926), quando estas estavam abreviadas. E substituímos também algarismos romanos em datas por algarismos arábicos.
- h) indicamos nas notas de rodapé as leituras conjecturadas.

5.2.1 Edição interpretativa das cartas de Fidelino de Figueiredo

Carta de 10 de dezembro

São Paulo⁶⁰ 10. Dezembro {†},

Excelentíssimo⁶¹ senhor Professor Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro.

Querido Amigo:

Aqui chegaram as Revistas⁶², que são pepitas de ouro⁶³ pelo conteúdo de ideias. Todas a {†}. muito Obrigado!

Em que então quinze dias em São Paulo, sem um telefonema sequer aos amigos! Veja que essa alma está repassada de crime e não tem emenda. O'Homem incorrigível, então o coração não lhe pediu dez minutos de paleio⁶⁴ com um pobre amigo? As {†} pobreza que o assustou, em meio do {†} observados de que burocracia paulista? Apesar de tudo, eu sou sempre muito amigo, muito obrigado e muito admirador:

Fidelino de Figueiredo.

⁶⁰ Alterações ortográficas do editor: Exmosr. > Excelentíssimo senhor; Profafranio > Professor Afrânio; q. > que; ideias > ideias; SãoPaulo > São Paulo; telephonema > telefonema; m. to > muito; adm. or > admirador; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo.

⁶¹ Carta em papel timbrado, consta no cabeçalho as seguintes informações: “UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS CAIXA POSTAL, 105 – B”.

⁶² Revistas da Academia Brasileira de Letras.

⁶³ Metáfora usada para exaltar o valor intelectual das publicações enviadas por Afrânio Peixoto. “Pepitas de ouro” simboliza a preciosidade do conteúdo.

⁶⁴ “Paleio” é uma forma coloquial e antiga de dizer “bate-papo” ou conversa informal.

Carta de 09 de maio de 1920

Madrid.⁶⁵ 9. Maio. 1920⁶⁶

Querido Afrânio:

Muito lhe agradeço o envio do romance novo, *Uma mulher como as outras*⁶⁷ e da reparata do *Camões humorista*⁶⁸. Eu estou aborbadado de trabalho⁶⁹ e por isso apenas pude olhar os trabalhos que tem a bondade de me remeter. Minha Mulher é que já vai adiantada na leitura do romance e que me transmitiu excelentes impressões. A seu tempo lhe escreverei a respeito.

Mandei-lhe *Camões*, Edição {†}, {†} {†} *Literatura* de {†}, discurso na Universidade, e *Bajo Las Cenizas del tédio*⁷⁰. Chegou cá essa metralha toda?

O meio é muito infiel porque Portugal Espanha e Brasil são invenções nas demais das comunicações postais⁷¹. {†} a sua agora, saudades ao Alceu⁷² e para você um abraço do {†} amigo e admirador.

Fidelino de Figueiredo.

⁶⁵ Alterações ortográficas do editor: 920 > 1920; Afranio > Afrânio; Mto > Muito; repa- rata > reparata; q. > que; roman- ce > romance; tran smittiu > transmitiu; Ed. > Edição; Camoes > Camões; escreve-rei > escreverei; metra- lha > metralha; porq. > porque; Hespanha > Espanha; na demae > nas demais; postaes > postais; p. > para; am.º > amigo; ador. > admirador; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo.

⁶⁶ Fidelino residia na Espanha nesse período, atuando como intelectual e professor. A carta é testemunho de seu vínculo com os círculos literários brasileiros, mesmo à distância.

⁶⁷ *Uma mulher como as outras*, romance de Afrânio Peixoto, publicado em 1920. Aborda temas ligados à mulher na sociedade da época, com traços naturalistas e psicológicos.

⁶⁸ Trata-se de um estudo sobre o aspecto cômico na obra de Luís de Camões, o maior poeta português. A separata é uma tiragem especial de um artigo ou capítulo, comum em meios acadêmicos.

⁶⁹ Fidelino se refere a seu envolvimento com suas funções acadêmicas e editoriais. Isso justifica a demora em responder com profundidade aos textos recebidos.

⁷⁰ Em português: “Sob as cinzas do tédio”. Provavelmente um ensaio filosófico ou literário escrito por Fidelino, publicado em espanhol.

⁷¹ Uma crítica espirituosa à ineficiência dos serviços postais entre os três países. Usa a palavra “invenções” para ironizar a precariedade dos meios de comunicação.

⁷² Refere-se provavelmente a Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1893 – Petrópolis, 14 de agosto de 1983) foi um crítico literário, escritor, professor, intelectual e líder católico brasileiro. Eleito em 29 de agosto de 1935, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras.

Carta de 6 de maio de 1927

Madrid.⁷³ 6 de maio de 1927.

Meu querido Afrânio:⁷⁴

Sei que esta carta o não vai encontrar, porque li nos papéis de Lisboa a notícia da sua passagem pela a Europa do norte⁷⁵. Mas esperá-lo-á em casa.

Recebi o *Ramo de Louro*⁷⁶. compilação de magnífico estudo, parte de {†} já conhecia. Minha mulher⁷⁷ recebeu e leu a *Sinhazinha*⁷⁸ de que muito gostou, principalmente do seu brasileirismo, a encarrega-me de lhe transferi-lhes os seus penhorados agradecimentos.

{†} está em grande trabalhos e em grande viajante, uma {†} sempre ascendente, apesar de ser já um {†} brasileiro, como eu diria no meu artigueto. Eu estou de {†} muito. fatigado, talvez ao {†}, idade critica ...

Que a vida lhe dê sempre {†} e mais- {†} {†} e as mais gratas surpresas é o coto afetuoso do seu muito grato amigo e admirador ex corde⁷⁹:

Fidelino de Figueiredo.

⁷³ Alterações ortográficas do editor: Afranio > Afrânio; q. > que; vae > vai; porq. > porque; papeis > papéis; noticia > notícia; p.^a > pela; esperá-lo-há > esperá-lo-á; compila- ção > compilação; magnifico > magnífico; connhe- cia > conhecia; mto. > muito; brasi- leirismo > brasileirismo; encarega-me > encarrega-me; affectuoso > afetuoso; amº. > amigo; ador. > admirador.

⁷⁴ Fidelino vivia em Madri nessa época, envolvido com atividades acadêmicas e literárias. A data coincide com um período em que intelectuais lusófonos buscavam estreitar laços entre os mundos literários ibérico e latino-americano.

⁷⁵ Indica que Afrânio estava em viagem pela Europa, o que era comum entre intelectuais da época, tanto para contatos culturais quanto para conferências ou tratamentos médicos.

⁷⁶ *O Ramo de Louro* (1928): livro de autoria de Afrânio Peixoto.

⁷⁷ Trecho que reforça a dimensão pessoal da carta. A esposa de Fidelino também está inserida nesse círculo de trocas literárias e apreciação estética.

⁷⁸ *Sinhazinha* (1929), romance de Afrânio Peixoto que retrata a sociedade brasileira com forte traço regionalista. Fidelino elogia o “brasileirismo” da obra, termo usado para valorizar elementos da identidade nacional brasileira.

⁷⁹ Expressão latina que significa “de coração”, frequentemente usada em correspondência formal ou literária para assinalar sinceridade e afeto.

Lisboa⁸⁰, (Portugal),⁸¹ 28 setembro 1927.

Meu querido {†} Afrânio:

Tenho tido pouco de notícias, mas não deixado de lhe mandar livros e separador de artigos. Recebeu tudo isso? *Sob a Cinza do Tédio*⁸², em português e Espanhol, *Revoada Romântica*, *Do aspecto científico da Colonização portuguesa da América*⁸³, *Um século de relações luso-brasileiras*⁸⁴, etc.? Recebeu? - Também estará em seu poder - a *Literatura Portuguesa*, edição espanhola⁸⁵ muito ilustrada que você estimará {†} prélo, na casa {†}, de Madrid, está em *Camões*⁸⁶, que lhe é dedicado, bem como ao Luciano e ao José Maria⁸⁷. Já era a tempo pra o porque não responde, porque não dá igual de ida? Esse excelente Amoroso Lima⁸⁸, o crítico mais sincero e mais reto do Brasil?

Eu tenho tido de repente várias⁸⁹. Tive um {†}- do comunista, uma grande homenagem, espécie de {†} em vida, viagens varias a França a Inglaterra; ou volveram o meu nome um ridículo golpe {†}, fizeram-me graves perseguições, etc.- mas a tudo resiste uma reta consciência e que a grande fé no trabalho bem dito.

Lhe⁹⁰ agora, esperando que a “ditadora”⁹¹ me deixara partir para o estrangeiro, onde eu quero fixar.

⁸⁰ Alterações ortográficas do editor: LISBOA > Lisboa; 927 > 1927; li- vros > livros; por- tiguês > português; Romantica > Romântica; científico > científico; Colonisação > Colonização; portu- guesa > portuguesa; America > América; seculo > século; Tambem > Também; hes- panhola > espanhola; ilustrada > ilustrada; q. > que; deMadrid > de Madrid; JoséMaria > José Maria; proq. > porque; porq. i- gual > porque igual; recto > reto; derepente > de repente; varias > várias; especie > espécie; fizéram-me > fizeram-me; recta > reta; consciencia > consciência; bemdito > bem dito; dei- xasse > deixasse; “dictadora” > “ditadora”; dei- xara > deixara; p^a. > para; Afranio > Afrânio; Na- scimento > Nascimento; historiographico > historiográfico; princi- palmente > principalmente; seculos > séculos; cumpren > cumprem; coloniaes > coloniais; investiga- ção > investigação; critica > crítica; materia > matéria; conside- rada > considerada; secun- dario > secundário; se- guinte > seguinte; am.os > amigos; enviecer > enviecer; critico > crítico; Lusita- no > Lusitano; prompto > pronto; pa- gamento > pagamento; acessiveis > acessíveis; préviamente > previamente; p. > para; v. > vossa; quizer > quiser; man- dar > mandar; tambem > também; ultimos > últimos; fôra > fora; direcção > direção; factidiosa > fatidiosa; comuniassão > comunicação; m.to > muito; am.o > amigo; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo; agrade- cia > agradecia; camoneanos > camonianos; P. S. > Post-Scriptum; F. F. > FidelinodeFigueiredo.

⁸¹ Trata-se de papéis timbrados com endereço, sendo assim consta no cabeçalho das duas folhas as seguintes informações: “REVISTA de HISTORIA DIRECTOR: FIDELINO DE FIGUEIREDO AV. DO DUQUE DE A VILA, 112, 3.º TELEP. N : 2496”.

⁸² *Sob a Cinza do Tédio* (1944), romance de Fidelino de Figueiredo.

⁸³ *Do aspecto científico da colonização portuguesa da América*: estudo histórico-analítico.

⁸⁴ *Um século de relações luso-brasileiras: (1825-1925)*, obra de Fidelino de Figueiredo sobre os laços culturais entre Portugal e Brasil.

⁸⁵ *Literatura Portuguesa* (edição espanhola): manual ou estudo panorâmico, ilustrado, voltado ao público hispânico.

⁸⁶ *Estudo sobre Camões*: dedicado a Afrânio Peixoto e outros intelectuais.

⁸⁷ Luciano Pereira da Silva filólogo e camonista e José Maria Rodrigues escritor e bibliófilo brasileiro, ambos envolvidos com a crítica literária e história da literatura.

⁸⁸ Refere-se provavelmente a Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1893 – Petrópolis, 14 de agosto de 1983) foi um crítico literário, escritor, professor, intelectual e líder católico brasileiro. Eleito em 29 de agosto de 1935, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸⁹ Leitura conjecturada: de repente várias.

⁹⁰ Leitura conjecturada: Lhe.

{†} {†}, querido Afrânio, eu quero pedir-lhe um favor.

Necessito de me pôr ao pé do Madaseco Nascimento historiográfico do Brasil principalmente dos séculos coloniais. E então queria que o Afrânio me organizasse uma lista das obras mais importantes ou pela investigação ou pela crítica sobre essa matéria. O Afrânio incluiria também a mais considerada cumprem⁹² dias escolares do ensino secundário e superior. Depois ajuda-me a obter todo esse precioso material de maneira seguinte: sendo de autores amigos insinua-lhes que os enviecer a arte {†} crítico Lusitano, em troca de trabalhos meus, pronto pagamento em {†}; não o sendo, mas tendo preços acessíveis encarrega o Limeira S. Leite, n. de Tobias Armesto, de me fazer a remessa por me- nota; sendo duas coras, avisa-me previamente para eu das {†} mas possibilidades. E se você quiser mandar também os seus últimos trabalhos, pondo em primeiro lugar os romances, se os {†}, dá {†} de que a sua bondade tem crescido e que a sua amizade tem resistido ao tempo. E aqui tem, também de Deus. Mesmo fora de Portugal que eu esteja, esta direção e sempre tão. E eu avisarei do meu paradeiro extra - muros⁹³.

Agradeço-lhe que tome esta fastidiosa comunicação à boa parte e que se lembre sempre de mim, sobre {†}, e me faça lembrado de sua espera, agora beijo a mão⁹⁴.

Para vossa um valente abraço á antiga portuguesa (de Portugal antigo é que principalmente me {†}) de sempre muito amigo e muito grato ex. Corde⁹⁵:

Fidelino de Figueiredo⁹⁶.

Post-Scriptum Espero que tenho recebido cartas, em que lhe agradecia tem amplificar estudos camonianos, chegada por intermédio do editor.

⁹¹ Leitura conjecturada. Provavelmente é uma referência crítica à ditadura militar portuguesa, a Ditadura Nacional (instaurada em 1926), que antecedeu o Estado Novo de Salazar. Fidelino desejava deixar o país.

⁹² Leitura conjecturada: cumprem.

⁹³ “Extra-muros” é uma expressão latina que significa “fora dos muros” ou “fora dos limites”.

⁹⁴ Fórmulas epistolares antigas, carregadas de cortesia, afeto e reverência, típicas da cultura portuguesa tradicional.

⁹⁵ Expressão latina usada para indicar sinceridade profunda: “de coração”.

⁹⁶ Na margem superior no recto da primeira folha consta o nome de “FIDELINO FIGUEIREDO” escrito a lápis.

Carta de 16 de maio de 1928

Madrid, 16. maio. 1928.

Querido⁹⁷ Afrânio:

Tive⁹⁸ muito gosto em receber o seu cartão último. Vejo que finalmente chegou às suas mãos esse encantado *Camões*⁹⁹, edição {†}. E o discursito de amorosidade? E. o *Tédio*? Receio extravio porque não foram extraviados.

Também muito estimei ler a notícia da Academia sobre a sua cátedra¹⁰⁰. Foi uma gentileza sua muito penhorante. Comuniquei, por e ipto, o fato ao Reitor. E a Universidade, muito agradados, {†}- {†} uma coisa, que lhe transmito. Não seria possível constituir ali um patronato de Sousa (a {†}) das Cátedras de língua e literatura portuguesa das universidades estrangeiras? Falharam-me já desta, {†} ou permita-me ampliar a ideia. Comportamento seria em continuo apoio, mau teria a comunicação do professor e discípulo com o Brasil e enviaria livros, jornais e revistas¹⁰¹. Faço-lhe que pense um momento nisto.

Remeto-lhe o programa do meu curso de férias que estrangeiros¹⁰², principalmente norte-americanos e alemães. Lá há lugar para o Brasil, seja dois dias.

Cumprimento a sua senhora, um abraço a essa seleção do Amoroso Lima e que você muitas Saudades e abraços do grato amigo e admirador Fidelino de Figueiredo.

Post-Scriptum

Permita-me lembrar alguns nomes para essa aleitrado Patronato o honra: Afrânio Peixoto, Coelho Neto¹⁰³, Solidônio Leite¹⁰⁴, Jackson de Figueiredo¹⁰⁵, Ronald de Carvalho¹⁰⁶, Amoroso Lima¹⁰⁷, Nestor Victor¹⁰⁸, (palavra riscada) Filóloga da Academia. Um editor¹⁰⁹.

⁹⁷ Alterações ortográficas do editor: 928 > 1928; m.to > muito; q > que; ed. > edição; ami- rossidade > amorosidade; porq. > porque; catedra > cátedra; facto > fato; notícia > notícia; Catedras > Cátedras; idéa > ideia; appoio > apoio; jornaes > jornais; mo- mento > momento; programma > programa; férias > férias; p^a. > para; çēja > seja; m.tas > muitas; am.o > amigo; há > há; ador. > admirador; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo; aleitra- do > aleitrado; P. S. > Post-Scriptum; Afranio > Afrânio; Nelto > Neto; Solidonio > Solidônio; Philologa > Filologia.

⁹⁸ Trata-se papéis timbrados com endereço, sendo assim consta no cabeçalho das duas folhas as seguintes informações: “EL DEBATE Colegiata 7 MADRID Teléfonos 11194 y 11195 REDACCION Apartado 466”.

⁹⁹ Refere-se a um estudo de Fidelino sobre Luís de Camões, maior poeta da língua portuguesa. A edição foi enviada a Afrânio como presente.

¹⁰⁰ Trata-se de reconhecimento público da nomeação ou atuação de Afrânio em cargo docente.

¹⁰¹ A proposta de envio regular de livros, jornais e revistas demonstra o desejo de criar um intercâmbio cultural concreto e contínuo, especialmente em tempos de comunicação difícil e lenta.

¹⁰² Fidelino coordenava cursos de verão voltados a estrangeiros interessados em cultura ibérica. A abertura para o Brasil nesses cursos demonstra seu compromisso com a lusofonia.

¹⁰³ Coelho Neto: foi um escritor, político, e professor brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras.

¹⁰⁴ Solidônio Leite: foi um advogado, filólogo e intelectual brasileiro.

¹⁰⁵ Jackson de Figueiredo: filósofo e ensaísta católico, fundador do Centro Dom Vital.

¹⁰⁶ Ronald de Carvalho: diplomata, poeta e ensaísta modernista.

¹⁰⁷ Tristão de Ataíde: refere-se provavelmente a Alceu Amoroso Lima, crítico literário, escritor, professor, intelectual e líder católico brasileiro.

¹⁰⁸ Nestor Vitor: crítico literário e memorialista.

¹⁰⁹ “Um editor”: sugestão prática para incluir um representante do mundo editorial.

Carta de 21 de Maio 1928

Madrid¹¹⁰, 21 de Maio 1928¹¹¹.

Querido Afrânio:

Comuniquei ao reitor desta unidade, por Luiz Beamejo, o conteúdo da sua carta última e o extrato da ata da sessão. Respondeu-me com a carta inclusa, de que fará o favor se dar conta, se assim entender. Um abraço do seu muito. amigo e {†}. admirador. Fidelino de Figueiredo

Post-Scriptum - cheguei há pouco de Salamanca, onde dei uma conferência sobre Frei Luiz de Leòn¹¹², cujo centenário está correndo. - No domingo chega aqui o Sousa Costa¹¹³, que eu fiz convidar. E você quando? {†} que no próximo ano escolar pense nisso?

Fidelino Figueiredo.

¹¹⁰ Alterações ortográficas do editor: deMaio > de Maio; Afranio > Afrânio; Communiquei > Comuniquei; extracto > extrato; acta > ata; ses- são > sessão; inclu- sa > inclusa; q. > que; mto. Muito; Fr. > Frei; amo. > amigo; ador. > admirador; P. S. > Post-Scriptum; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo; centenario > centenário; anno > ano; F.F. > Fidelino Figueiredo.

¹¹¹ A data foi atualizada de 928 para 1928. Na década de 1920, Fidelino de Figueiredo vivia entre Espanha e Portugal, frequentemente envolvido com universidades, conferências e articulações culturais luso-brasileiras.

¹¹² Frei Luís de León (1527–1591) foi um poeta místico e humanista espanhol da Renascença.

¹¹³ Refere-se provavelme à Alberto de Sousa Costa (Vila Pouca de Aguiar, 10 de Maio de 1879 — Porto, 11 de Janeiro de 1961) foi um escritor português.

Lisboa¹¹⁴, 8 dezembro 1928.

Querido¹¹⁵ e {†} Afrânio:

Está decifrado o enigma das suas viagens à Europa. Você vinha entender-se secretamente com algum ladrão da {†} da {†}- {†}, parente do meu Wilpert¹¹⁶, que o rejuvenesceu¹¹⁷. E o que muchíio do seu magnífico retrato, que tive o grande prazer de achar aqui, ao regresso duma grande viagem. Muito obrigado e Muitos parabéns!

Os “ditadores”¹¹⁸ deixaram-me entrar {†} velho, mas como já sentisse indícios de intoxicação do ambiente político, falei em setembro {†}- {†}. Andei pela Alemanha e Tchecoslováquia todo o tempo, até de dias.

Aprendi alguma coisa. - Tenho no prélo coisas várias, que lá irão vá-lo com muitas. saudade e abraços:

- a) Idearium Português¹¹⁹;
- b) Crítica do exílio¹²⁰;
- c) Oliveira Martins¹²¹;
- d) Literatura Clássica¹²², nova edição.

As 3 primeiras {†} estão já publicadas fará de sata- sol.

– Li tudo que Você me mandou bem como minha mulher. Sobre a *Mulher como as outras*¹²³ fiz seu artigo *El Lepuano novelista*¹²⁴, que de- certo lhe chegar em {†}- {†} português. Devo processar novo exemplar¹²⁵?

Quero que lhe envie um retocado para o publicar {†}? Mande.

Meu grande, valente, lusitaníssimo¹²⁶ abraço do seu muito amigo e admirador.
Fidelino de Figueiredo

¹¹⁴ Alterações ortográficas do editor: Lisbôa > Lisboa; 928 > 1928; Afranio > Afrânio; eni- gma > enigma; Europa > Europa; q. > que; Mto. > Muito; Mtos. > Muitos; magnifico > magnífico; parabens > parabéns; “dictadores” > “ditadores”; into-xicação > intoxicação; polí- tico > político; Alema- nha > Alemanha; varias > várias; mntas. > muitas; Lit^a.Classica > Literatura Clássica; man- dou > mandou; m.^a > minha; Queroq. > Quero que; reto- cado > retocado; p.^a > para; lusitanissimo > lusitaníssimo; m.to > muito; am.o > amigo; ador. > admirador; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo.

¹¹⁵ Na margem superior no recto consta o nome de “FIDELINO DE FIGUEIREDO” escrito a lápis.

¹¹⁶ Provavelmente refere-se a Joseph Wilpert, um padre e arqueólogo alemão, e Gregory Wilpert, um jornalista e acadêmico focado em mídia e política latino-americana.

¹¹⁷ Fidelino comenta um retrato recente que recebeu de Afrânio, brincando com o quanto ele parece rejuvenescido.

¹¹⁸ Referência à instabilidade política em Portugal após o golpe de 1926, que instaurou a Ditadura Nacional e mais tarde o Estado Novo. Fidelino critica o clima político repressivo, justificando suas viagens como forma de distanciamento.

¹¹⁹ Idearium Português: Ensaio sobre a identidade e pensamento nacional português.

¹²⁰ Crítica do Exílio: reflexão sobre a condição do exilado intelectual e o afastamento de sua pátria.

¹²¹ Oliveira Martins: estudo sobre Joaquim Pedro de Oliveira Martins, historiador e pensador português do século XIX.

¹²² Literatura Clássica: nova edição de obra anterior sobre literatura greco-latina ou humanista, com olhar crítico renovado.

¹²³ *Uma mulher como as outras*: romance de Afrânio Peixoto, publicado em 1927, que retrata a condição feminina na sociedade brasileira com nuances psicológicas e sociais.

¹²⁴ *El lepuano novelista*: artigo de Fidelino, escrito em espanhol, que trata da obra de Afrânio.

¹²⁵ “Devo processar novo exemplar?” Fidelino oferece enviar uma versão revisada do artigo, caso Afrânio deseje publicá-lo no Brasil ou em outro periódico.

Carta de 7 de Outubro de 1931

Lisboa, 7 de Outubro de 1931.

Excelentíssimo¹²⁷ Senhor Doutor Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro

Querido e admirado amigo:

Regressando a casa, tive o gosto de achar o seu cartão de 18 do passado, que me deu notícias suas e que acolitou o seu manual de história da literatura brasileira¹²⁸. Por tudo muito obrigado. O livrinho tem uma composição muito pessoal e consegue aliar um grande interesse crítico, pelas introduções a cada capítulo, a uma grande utilidade prática, pelos parágrafos biográficos e bibliográficos. Já nestes pude achar vários amigos queridos, Oliveira Lima, Jackson, Solidônio¹²⁹, etc.

Também lhe agradeço as boas palavras com que acompanhou a entrega á Academia de minha *Épica portuguesa no século XVI*¹³⁰. Penso fazer este ano uma nova edição portuguesa e então lhe mandarei o seu exemplar, onde achará aumentos.

-Não sei a que frase se possa referir o seu correspondente de São Paulo, a respeito, de Castro Alves publicada no "*Jornal do Brasil*". Será a umas linhas, realmente semelhantes, a página 123 das *Notas para um Idearium Português*? Tem esse livro e a sua continuação. *Motivos de novo estilo*? Estes formam o tomo 1º. da *Biblioteca de Ensaios*¹³¹. Os tomos seguintes tratarão da Bohemia, da Espanha, do México e dos Estados Unidos, países por onde vagamundeei durante os últimos anos. É claro que não são livros de viagem; são ensaios de interpretação dos typismos¹³² desses povos e das lições, que podem dar á minha gente –bem pouco amiga hoje de receber lições...

¹²⁶ "Lusitaníssimo abraço" Expressão carinhosa e nacionalista, típica do estilo exaltado de Fidelino. Denota amizade, afeto e identidade cultural partilhada.

¹²⁷ Alterações ortográficas do editor: Exmo.Sr. > Excelentíssimo Senhor; Afranio > Afrânio; ti- ve > tive; gôsto > gosto; pas- sado > passado; notícias > notícias; acolytou > acolitou; historia > história; litteratura > literatura; brasi- leira > brasileira; alli- ar > aliar; critico > crítico; introduc- ções > introduções; capítulo > capítulo; pratica prática; paragraphos > parágrafos; biographicos > biográficos; bi-bliographicos > bibliográficos; varios > vários; ami- gos > amigo; Solidônio > Solidônio; Tambem > Também; Epi- ca > Épica; seculo > século; anno > ano; phrase > frase; publi- cada > publicada; semelhantes > semelhantes; pag. > página; pa- ra > para; estylo > estilo; Bibliotheca > Biblioteca; Hes- panha > Hespanha; Mexico > México; paizes > países; ultimos > últimos; annos > anos; en- saios > ensaios; America > América; pas- sei > passei; anno lectivo > ano letivo; de- morar-me > demorar-me; parti-rei > partirei; Bruxellas > Bruxelas; Ameri-ca > América; Ca- lifornia > Califórnia; prégar > pregar; evange- lho > evangelho; hespanhol > espanhol; noti- cias > notícias; Dême > Dê-me; accuso-me > acuso-me; des- curado > descurado; annos > anos; al- guma > alguma; correspondencia > correspondência; tambem > também; espiri to > espirito; agua > água; secca > seca; elle > ele; v. > você; agua > água; joven > jovem; Assucar > Açúcar.

¹²⁸ Livro didático e de referência, com abordagens críticas, biográficas e bibliográficas sobre autores brasileiros. Fidelino elogia seu formato e valor tanto prático quanto interpretativo.

¹²⁹ Todos intelectuais brasileiros de destaque nas áreas da crítica, história e pensamento católico.

¹³⁰ Estudo sobre o desenvolvimento da poesia épica portuguesa, centrado especialmente em Luís de Camões. A nova edição seria ampliada e enviada a Afrânio.

¹³¹ Coleção de livros de Fidelino que abordam culturas de diferentes países, não como relatos de viagem, mas como ensaios culturais, interpretativos e comparativos. Ele destaca que o Brasil poderia aprender com esses exemplos estrangeiros.

¹³² Termo usado por Fidelino para designar as características típicas ou identitárias dos povos sobre os quais escreve.

Cheguei em Agosto da América do Norte, onde passei o ano letivo de 1930-1931, e tenciono demorar-me em casa até Janeiro, mês em que partirei para a Universidade de Bruxelas. Na América estive a convite das Universidades da Califórnia, Columbia e México a pregar o evangelho lusitano e espanhol¹³³.

E aqui tem, meu caro Afrânio, um feixe de notícias a meu respeito. Dê-me agora as suas. Não o esqueço nunca e acuso-me um pouco de ter descurado nos últimos anos as minhas amizades brasileiras. Com o Amoroso Lima¹³⁴ tenho tido alguma correspondência. É também um nobre espírito, avido de cultura com de água uma esponja seca. Entre as gentes modernas do Brasil quem faz critica como ele?

Meus respeitos a sua Esposa e para você, jovem Afrânio, um fraternal abraço do amigo e firme admirador - firme como o Pão de Açúcar¹³⁵, Fidelino de Figueiredo¹³⁶.

Seguiram afinal os Motivos. Quer o Idearium?

¹³³ Mostra o prestígio internacional de Fidelino, convidado por grandes centros acadêmicos para palestrar e promover a cultura portuguesa e espanhola.

¹³⁴ Um dos maiores críticos literários do Brasil. Fidelino o elogia com entusiasmo, destacando sua sede de cultura e sua singularidade crítica no cenário brasileiro.

¹³⁵ Referência simbólica e afetiva ao famoso ponto turístico do Rio de Janeiro. Fidelino a usa para dizer que sua amizade e admiração por Afrânio são sólidas e inabaláveis.

¹³⁶ No recto na margem superior da última parte da carta consta o nome de “Fidelino Figueiredo” escrito a lápis.

Carta de 31 de Dezembro de 1931

Lisboa¹³⁷, 31 de Dezembro de 1931¹³⁸.

Excelentíssimo Senhor Doutor Afrânio Peixoto, Rua de Paysandú, 97, Rio de Janeiro.

Querido amigo:

Terminado o livro sobre “As duas Hespanhas”, venho, dar e pedir notícias aos amigos espalhados pelo mundo, cada um sofrendo as agruras da sua “Phobolandia”¹³⁹ particular. Como não tenho livro para lhe enviar e o correio não pode levar o bolo rei ritual, mando-lhe prosa. Vai com esta o original de “Uma viagem á PhoboLandia”¹⁴⁰, pequena sátira intencionada. Se lhe achar algum interesse agradecer-lhe-ei que o faça publicar nalgum magazine carioca. Há quantos anos que nada publico no Rio! Desde que o “Jornal”¹⁴¹ mudou de rumo. Lá saíram os ensaios, que vieram a formar “Epicurismos”¹⁴², “Torre de Babel”¹⁴³ e “Sob a Cinza do tédio”¹⁴⁴. Este já não é uma série de ensaios, tem valeidades de ser livro. Acaba de sair mais uma linda edição dele na Itália.

Tenho no prelo, por conta da Academia, o ensaio histórico “As duas Hespanhas”¹⁴⁵ e a nova edição da “Épica portuguesa no século XVI”¹⁴⁶, com aumentos de algum interesse. Lá irá tudo.

Seu Afrânio: ha algum tempo, o menino veio á Europa beber da água de Juventa¹⁴⁷, coisa que vocês, com todo esse espirito moderno, ainda não fizeram brotar da terra brasiliça. E mandou-me um retrato escandalosamente moço, feito depois de beber da água maravilhosa. Pois eu envelheço sorridentemente, não fui a Juventa e ainda, tenho coragem de me mostrar aos amigos e não só aos amigos...Aí vai a mascara do homem, que esteve a ponto de morrer de tédio.

¹³⁷ Alterações ortográficas do editor: Exmo.Sr. > Excelentíssimo Senhor; Dor. > Doutor; Afranio > Afrânio; noticias > notícias; Há > Há; ami- gos > amigos; soffrendo > sofrendo; bôlo > bolo; Vae > Vai; satyra > sátira; tédio > tédio; agua > água; agradecer-the-hel > agradecer-lhe-ei; quan- tos > quantos; annos > anos; sahiram > saíram; sahir > sair; delle > dele; Italia > Itália; historico > histórico; Epica > Épica; seculo > século; aumen- tos > aumentos; Eu- ropa > Europa; agua > água; fize- ram > fizeram; brøtar > brotar; sor- ridentemente > sorridentemente; co- ragem > coragem; ami- gos > amigos; Ahi > Aí; vae > vai; ahi > aí; v. > você; illustre > ilustre; Anno > Ano; se- rá > será; elle > ele; surpresas > surpresas; litteratura > literatura; brasi- leira > brasileira; P. S. > Post-Scriptum; Av. > Avenida; d’Avila > D’Ávila.

¹³⁸ Na década de 1930, Fidelino ainda mantinha vínculos com o Brasil e circulava ativamente pela Europa, escrevendo, lecionando e publicando.

¹³⁹ Termo satírico criado por Fidelino, unindo *Phobos* (medo, em grego) + *landia*, para representar um país fictício marcado por inseguranças, opressão ou medo. Possivelmente uma alegoria crítica da situação política de Portugal ou da Europa entre guerras.

¹⁴⁰ Texto satírico de teor político ou cultural que Fidelino envia a Afrânio com o desejo de vê-lo publicado em alguma revista carioca.

¹⁴¹ Importante periódico carioca fundado por Júlio de Mesquita Filho e depois dirigido por outros nomes. Fidelino lamenta sua mudança de direção ou linha editorial, o que o afastou da publicação.

¹⁴² *Epicurismos*: Ensaios filosófico-literários com tom reflexivo e subjetivo.

¹⁴³ *Torre de Babel*: provável obra sobre a diversidade cultural e o caos comunicativo do mundo moderno.

¹⁴⁴ *Sob a Cinza do Tédio*: Ensaio ou conjunto de reflexões existenciais e críticas, com edição recente na Itália.

¹⁴⁵ *As Duas Espanhas*: Obra histórica e crítica, provavelmente sobre as tensões ideológicas e culturais da Espanha dividida (monarquia vs. república; tradição vs. modernidade).

¹⁴⁶ *A Épica Portuguesa no Século XVI*: reedição de estudo clássico sobre a epopeia portuguesa.

¹⁴⁷ Referência mítica à juventude eterna. Fidelino brinca com a aparência jovem de Afrânio em uma fotografia, em contraste com seu próprio envelhecimento.

Quando esta aí chegar já o ilustre Ano novo terá dado as suas primeiras provas, mas ainda será tempo de alguma coisa esperar dele. Esperarei, pois, e desejarei que ele venha cheio de boas surpresas para você, para sua Esposa, cuja mão beijo, para a prole, para a literatura brasileira e para esse encantado Brasil!

Um abraço do velho amigo, admirador e irmão “in litteris”¹⁴⁸: Fidelino de Figueiredo.

Fidelino de Figueiredo, Avenida Duque d’Ávila, 117, Lisboa.

Post-Scriptum –

1º que escreve você a {†}?

2º Notícia do Amoroso Lima¹⁴⁹?

3º Se a Phobolandia {†}, poderei ter alguns exemplares?

¹⁴⁸ Expressão latina que significa “irmão nas letras”, ou seja, companheiro intelectual, colega nas artes literárias.

¹⁴⁹ Refere-se provavelmente a Alceu Amoroso Lima foi um crítico literário, escritor, professor, intelectual e líder católico brasileiro. Eleito em 29 de agosto de 1935, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras. Fidelino mantém contato frequente com ele e o admira como interlocutor cultural.

Carta de 28 de Setembro de 1932

Lisboa, 28 de Setembro de 1932,

Excelentíssimo Senhor¹⁵⁰ Doutor Afrânio Peixoto, Rua de Paysandú, 97, Rio de Janeiro.

Querido amigo:

Não ha tendência mais enraizada no carácter do homem que o abuso, no sentido de uso repetido. Ele confunde-se com o hábito, com o egoísmo, com o menor esforço, com a preguiça, etc. Aqui estáupor que eu novamente lhe mando prosa para que a sua bondade faça dela o que entender. Como não quero cobrar nada, apenas me contentando com divulgar as minhas ideais e fazer-me lembrado dos amigos do Brasil, talvez a minha abusiva comissão se alieire um pouco. Quererá Você fazer o favor de mandar publicar no “Jornal” esse ensaio sobre o cinema¹⁵¹? Muito obrigado. Havendo dificuldade, podia devolver-me o original?

Quero também notícias suas. Que faz? As dissensões civis deixam-no em paz, como eu vivamente espero e desejo? A sua pena dorme desalentada ou corre sobre o papel a expressar emoções novas do escritor em pleno auge? Quando teremos romance novo da vida brasileira e dos problemas da post-guerra¹⁵²?

Mandei-lhe o ensaio sobre “As duas Hespanhas”¹⁵³ e Você nunca me disse que lhe tinha parecido aquilo. Homem de Deus, se nós, arcaica gente de pena, que ainda crê o pensamento uma atividade útil, não formamos uma maçonaria internacional de apoio mutuo¹⁵⁴, que será de nós?

Do pateo lusitano¹⁵⁵ nada direi, porque aqui não se passa nada. Apenas se ouvem os toques do rancho para uns e do silêncio para outros. Eu sou dos últimos.

Muitas saudades e um abraço fraternal do velho amigo e sempre firme admirador: Fidelino de Figueiredo

Fidelino de Figueiredo.

Saio de viagem, mas este endereço é sempre o melhor.

¹⁵⁰ Alterações ortográficas do editor: Exmo. Sr. > Excelentíssimo Senhor; Dr.Afranio > Doutor Afrânio; tendencia > tendência; noticias > notícias; character > caráter; Elle > Ele; habito > hábito; egoismo > egoísmo; della > dela; ideas > ideias; fa- zer-me > fazer-me; commissão > comissão; V. > Você; obri- gado > obrigado; difficultade > dificuldade; tambem > também; dis- sensões > dissensões; vivamen- te > vivamente; penna > pena; desalenta- da > desalentada; escripto > escritor; tere- mos > termos; pro- blemas > problemas; aquillo > aquilo; ar- chaica > arcaica; pensamen- to > pensamento; actividade > atividade; util > útil; maçona- ria > maçonaria; appoio > apoio; ultimos > últimos; silencio > silêncio; admi- rador > admirador; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo.

¹⁵¹ Fidelino pede para que Afrânio publique no *Jornal*.

¹⁵² Refere-se ao período de pós-guerra.

¹⁵³ *As duas Hespanhas* (1932), obra de Fidelino de Figueiredo.

¹⁵⁴ Fidelino propõe a ideia de uma rede de intelectuais que se ajudassem mutuamente na defesa da cultura e do pensamento livre, algo que remete à ideia de fraternidade intelectual, como se fosse uma “maçonaria” de apoio mútuo. Isso reflete a visão de Fidelino sobre a importância da solidariedade intelectual entre os escritores e pensadores.

¹⁵⁵ Refere-se ao cenário político e cultural de Portugal. A frase sugere uma crítica ao estado de apatia ou de inatividade que predominava na vida pública portuguesa naquele momento.

Esse admirável Alceu¹⁵⁶ deixou os amigos pela ordem? Mas isso é desordem?

¹⁵⁶ Amoroso foi um destacado crítico literário e filósofo brasileiro. Fidelino, ao mencionar que ele “deixou os amigos pela ordem”, pode estar se referindo a mudanças de atitude ou alinhamentos políticos de Alceu, o que é descrito ironicamente como “desordem”. A alusão a Alceu reflete a amizade e o respeito mútuo entre ambos, mas também a complexidade de suas posições.

Carta de 1 de Abril de 1935

Lisboa, 1 de Abril de 1935,

Excelentíssimo¹⁵⁷ Senhor Professor Afrânio Peixoto, Paysandú 97, Rio de Janeiro.

Querido amigo:

Tive o seu cartão de 20 de Fevereiro há poucos dias e vivamente lh'o agradeço bem como as diligências bondosamente envidadas para me servir nessa curiosidade pela história moderna do Brasil. Escrevi sobre esse período da história portuguesa (1912-1934) um capítulo para a próxima edição espanhola da “Modern History”¹⁵⁸, de Cambridge, e, se bem que me tenha recusado a escrever sobre o Brasil, o convite fez-me nascer a curiosidade por esse lapso de tempo. E foi esta à origem da importunidade que lhe dei.

Ainda nada recebi, porque a infidelidade postal luso-brasileira é, nesse caso, acrescida com a infidelidade diplomática portuguesa. Mas desde já muito e muito obrigado. Na mesma data encomendei á casa Weispflog, com que tenho algumas relações os livros que lhe parecessem de interesse acerca dessa matéria, mas até agora não me respondeu. Ha um preconceito ibero-americano muito enraizado: ás cartas não se responde.

Envio-lhe com esta o seu exemplar de “Pyrene”¹⁵⁹, livrito que se publicou há pouco. É exposição dum ponto de vista para uma introdução á história comparada das duas literaturas peninsulares. Gostaria que me dissesse duas palavras a respeito dele. Também estou a publicar um ensaio “O dever dos intelectuais”, que lhe mandarei assim que saia em Portugal e em Espanha. É o remate duma longa reflexão sobre a presente crise do espírito. Que lhe parecerão as ideias desse ensaio!? Dir-m'o-ha, espero-o.

Se vê Amoroso Lima¹⁶⁰, dê-lhe saudades minhas. Estou sem notícias dele ha anos, ainda que lhe tenha mandado prosa, em várias ocasiões. O Brasil é hoje, muito a meu pesar, o país com que tenho menos comunicação!...O Afrânio é um amigo firme e isso me penhora infinitamente.

¹⁵⁷ Alterações ortográficas do editor: Exmo. Sr. > Excelentíssimo Senhor; Prof. > Professor; Afranio > Afrânio; Fe- vereiro > Fevereiro; ha > há; diligencias > diligências; historia > história; curio- sidade > curiosidade; pe- riode > período; capitulo > capítulo; pro- xima > próxima; hespanhola > espanhola; diplomatica > diplomática; encommendei > encomendei; materia > matéria; respon- deu > respondeu; car- tas > cartas; introducção > introdução; litteraturas > literaturas; delle > dele; Tambem > Também; intellectuaes > intelectuais; sáia > saia; Hespanha > Espanha; dma > duma; ideas > ideias; des- se > desse; sau- dades > saudades; annos > anos; varias > várias; occasiões > ocasiões; ha > há; paiz > país; comunicação > comunicação; espirito > espírito; noticias > notícias Afra- nio > Afrânio; affectuoso > afetuoso; verdadeito > verdadeiro; FidelinoFigueiredo > Fidelino Figueiredo; Av. > Avenida; d'Avila > d'Ávila; P. S. > Post-Scriptum; possivel > possível; q > que; Acade- mia > Academia; re- gularidade > regularidade; agra- deceria > agradeceria; assun- cto > assunto; F.F. > Fidelino Figueiredo.

¹⁵⁸ Fidelino menciona sua contribuição para a edição espanhola da *Modern History* de Cambridge, que era uma obra de grande prestígio e um ponto de encontro para historiadores e estudiosos da história moderna. A referência a esse livro indica seu envolvimento com o contexto internacional e a história comparada.

¹⁵⁹ O livro *Pyrene* (1935) de Fidelino de Figueiredo é uma obra que busca estabelecer um ponto de vista para a introdução à história comparada das literaturas peninsulares (portuguesa e espanhola). Isso reflete o seu esforço para conectar a literatura e a cultura ibérica, enfocando a inter-relação entre os dois países.

¹⁶⁰ O crítico literário Alceu Amoroso Lima, conhecido por sua profunda reflexão sobre a literatura brasileira e sua ligação com a cultura portuguesa, era um dos amigos intelectuais de Fidelino. A saudade de Fidelino por Amoroso Lima destaca a importância da amizade intelectual e a frustração com o distanciamento que as correntes políticas e culturais podem causar.

Um abraço afetuoso do amigo verdadeiro e admirador muito obrigado: Fidelino Figueiredo.

Fidelino de Figueiredo, 112, Avenida Duque d'Ávila, Lisboa.

Post-Scriptum – Não seria possível conseguir que a Academia Brasileira¹⁶¹ me mandasse regularmente a sua Revista, mandando-lhe a com igual regularidade a meus trabalhos? Muito lhe agradeceria uma sondagem sobre esse assunto. Ex Corde¹⁶².

Fidelino de Figueiredo.

¹⁶¹ A solicitação de Fidelino para que a Academia Brasileira de Letras lhe enviasse regularmente sua revista e que ele enviaria seus próprios trabalhos em troca indica seu desejo de manter um vínculo constante com a produção intelectual brasileira e de se envolver mais ativamente no cenário literário e acadêmico do Brasil.

¹⁶² Expressão latina que significa “de coração”, frequentemente usada em correspondência formal ou literária para assinalar sinceridade e afeto.

Carta de 2 de julho de 1942

São Paulo¹⁶³, 2 de julho de 1942,

Excelentíssimo¹⁶⁴ Senhor Professor Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro.

Querido amigo:

Mestre Afrânio ainda se lembra de mim! Os grandes corações são sempre acompanhados de boa {†}. Já chegou a sua brochura “O Príncipe Perfeito”¹⁶⁵ que põe em relevo o {†} da aproximação feita entre Dom João II e o “Príncipe” de medieval¹⁶⁶ por alguns historiadores. Algumas observações me decorreu a {†} propósito, mas não quero invadir o seu terreno. Só lhe direi que muito apreciei o seu sedicioso {†} histórico. E também que muito me desvaneço com essa companhia sua na religião {†}. A última vez que a tive em Espanha foi no {†} {†} d’ele, que dar uma conferência. Publiquei-a depois em várias partes, {†} {†} á publicaram, e por fim recolhi-a nas “Últimas aventuras”¹⁶⁷ - Livro editado já no Brasil. Muito gostaria de {†} mandar, mas não tenho exemplares. Mandar-lhe-ei o volume das conferências {†}, que a Prefeitura de São Paulo¹⁶⁸ vai editar. Quando terei o prazer de o ver nestas terras? Aportei por São Paulo, pague {†} aqui menor sessões {†} e posso mais facilmente estar só - mas só com os bons amigos, admirando-as e {†}-{†}, {†} a {†}. Quando chegará a vez dessa Afrânio, de muito transviado das velhas rotas dos amigos firmes e dos admiradores firmes, como eu?

Fidelino de Figueiredo

¹⁶³ Alterações ortográficas do editor: de julho > de julho; Exmo Senhor > Excelentíssimo Senhor; Prof. Afrânio Peixoto > Professor Afrânio Peixoto; D. > Dom; acompanhados > acompanhados; brochura > brochura; q. > que; m.to > muito; sedicioso > sedicioso; historico > histórico; proposito > propósito; desvaneço > desvaneço; ultima > última; Hespanha > Espanha; d’elle > d’ele; conferencia > conferência; varias > várias; Mandar-lhe-hei > Mandar-lhe-ei; vae > vai; sessões > sessões; chegará > chegará; Fidelino de Figueiredo > Fidelino de Figueiredo.

¹⁶⁴ Trata-se de um papel timbrado com endereço, que consta no cabeçalho com as seguintes informações: “UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS CAIXA POSTAL, 2020”.

¹⁶⁵ A obra mencionada, *O Príncipe Perfeito*, é provavelmente uma referência ao estudo de Afrânio Peixoto sobre figuras históricas, como reis e príncipes, focando particularmente em D. João II.

¹⁶⁶ Leitura conjecturada.

¹⁶⁷ *Últimas Aventuras* (1941) é o livro de Fidelino de Figueiredo, no qual ele publicou uma conferência que havia dado. O título sugere uma coletânea de ensaios ou reflexões sobre momentos importantes ou finais de sua carreira intelectual. A edição brasileira desse livro reflete sua ligação com o Brasil e seu desejo de manter uma ponte literária com o país.

¹⁶⁸ Fidelino menciona o volume das conferências que será publicado pela Prefeitura de São Paulo. A Prefeitura de São Paulo, à época, costumava apoiar iniciativas culturais e literárias, e a publicação das conferências indica o valor intelectual da obra de Fidelino.

Carta de 25 de Julho de 1942

São Paulo¹⁶⁹, 25 de Julho de 1942

Excelentíssimo¹⁷⁰ Senhor Professor Afrânio Peixoto, Rua de Paysandú, 149, Rio de Janeiro.

Querido Afrânio:

Cá chegaram as notas sobre Vianna de Lima, pai e filho. Muito e muito obrigado! Não conhecia aquela obra de Argeu Guimarães, embora futurasse que devia existir alguma coisa daquele gênero. O nome do autor era-me já familiar do Boletim da Sociedade dos Americanistas, de Paris. Vivia então na Venezuela. Mas agora aqueles seus dados levantam-me uma dúvida: será de fato aquele Vianna de Lima, filho, o que eu procuro? Quem eu quero identificar é um Vianna de Lima, autor de um tomo da Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, formato pequeno, Edição Alcan, 2,50 francos., sobre o transformismo-- livro largamente comentado num ensaio magistral do Anthero¹⁷¹: A “Philosophia da Natureza” dos naturalistas, in A Província, Porto, 1887. Este jornal era dirigido por Oliveira Martins¹⁷². Possuo o livro em Portugal, mas nunca lhe achei rasto de identificação do autor, que suponho fosse brasileiro. Anthero o diz: “português pelo nome e pelo sangue: ouço que é brasileiro”.

O título exato da obra é/creio, o seguinte: Exposition sommaire des théories transformistes. Não tenho aqui o catalogo da coleção para verificar. Quer Você, querido Afrânio, dizer-me alguma coisa a este respeito? Não seria médico este Vianna de Lima, adepto de Haeckel¹⁷³?

E agora para não perder o habito do protesto: Você deu com a generosa mão direita valiosas e bondosas informações sobre os senhores Vianna de Lima, mas com a mão esquerda desfez no clima de São Paulo -- O MELHOR CLIMA DO BRASIL. Protesto com fúria. Castro Alves quis fazer um tropo.

Com este clima é possível a solidão ou o convívio seletivo e seria possível o estudo, se houvesse boas bibliotecas e o progresso não tivesse suprimido os correios....

¹⁶⁹ Alterações ortográficas do editor: bahi. ano > baiano; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo; Exmo. Sr. > Excelentíssimo Senhor; Prof. > Professor; Afranio> Afrânio; frs. > francos; duvida > dúvida; facto > fato; pae> pai; aquella > aquela; em- bora > embora; daquelle > daquele; genero > gênero; auctor > autor; Bulletin > Boletim; Americanis- tas > Americanistas; aquelles > aqueles; quelle > aquele; peque- no > pequeno; commentado > comentado; Possúo > Possuo; auctor > autor; supponho > suponho; título > título; Anthe- ro > Anthero; exacto > exato; collecção > coleção; res- peito > respeito; srs. > senhores; medico > médico; CLI- MA > CLIMA; furia > fúria; quiz > quis; trôpo > tropo; possivel > possível; convivio > convívio; selecto > seletivo; pos- sivel > possível; bibliothecas > bibliotecas; tives- se > tivesse; supprimido > suprimido.

¹⁷⁰ Trata-se de um papel timbrado com endereço, que consta no cabeçalho com as seguintes informações: “UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS CAIXA POSTAL, 2020”.

¹⁷¹ Anthero de Quental foi um filósofo e poeta português, uma das figuras centrais do movimento filosófico português do século XIX, conhecido por seu envolvimento com o positivismo e a filosofia natural.

¹⁷² Oliveira Martins foi um grande intelectual português e defensor da cultura e educação em Portugal, como mencionado no contexto do jornal *A Província*.

¹⁷³ Ernst Haeckel foi um biólogo alemão que popularizou a teoria do monismo, que integrava o evolucionismo de Darwin com uma visão filosófica da natureza. Fidelino especula que o Vianna de Lima que ele procura possa ter sido influenciado por Haeckel, indicando uma troca de ideias entre a filosofia e a biologia.

Um grande e fraternal abraço por sobre a neve polar, com o calor do coração tropical
ou baiano: Fidelino de Figueiredo¹⁷⁴

¹⁷⁴ No verso da carta consta o nome de “Fidelino Figueiredo” escrito a lápis.

Carta de 2 de Fevereiro de 1943

São Paulo¹⁷⁵, 2 de Fevereiro¹⁷⁶ de 1943,

Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Afrânio Peixoto, Rua de Paysandú, 149, Rio de Janeiro.

Querido amigo:

Muito lhe agradeceria que me desse alguma notícia do que é ou vai ser uma Fundação Camões¹⁷⁷, de sua iniciativa, para a qual o nosso Presidente Macedo Soares deseja o meu pobre concurso.

Também estimaria que os seus olhos universalmente autorizados e devotamente lusófilos folhassem aquela velha comédia de Torres Naharro¹⁷⁸, por mim reimpressa nos boletins desta Faculdade. Segue por este mesmo correio.

Saudades e abraços lusitaníssimos do sempre firme ou “sempre fixe”¹⁷⁹, em calão lisboeta:

FIDELINO DE FIGUEIREDO,
Caixa postal 105-B.

Fidelino Figueiredo.

¹⁷⁵ Alterações ortográficas do editor: Exmo. Sr. > Excelentíssimo Senhor; Prof. Dor. AFRÂNIO PEIXOTO > Professor Doutor Afrânio Peixoto; dêsse > desse; noticia > notícia; vae > vai; concur- so > concurso; Tambem > Também; auctorisados > autorizados; lusophilos > lusófilos; aquella > aquela; comedia > comédia; Tor- res > Torres; lusitanissimos > lusitaníssimos; sem- pre > sempre; FidelinoFigueiredo> Fidelino de Figueiredo.

¹⁷⁶ Trata-se de um papel timbrado com endereço, que consta no cabeçalho com as seguintes informações: “UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIENCIAS E LETRAS CAIXA POSTAL. 2020 105-B”.

¹⁷⁷ A criação da “Fundação Camões” mencionada por Fidelino de Figueiredo provavelmente se refere a um esforço para promover a cultura e a língua portuguesa, um projeto de relevância histórica e cultural. Camões, considerado um dos maiores poetas portugueses, é frequentemente associado à ideia de preservação da herança cultural lusófona.

¹⁷⁸ Torres Naharro foi um dramaturgo espanhol do Renascimento, conhecido por suas comédias, que influenciaram o desenvolvimento do teatro europeu. A referência à “velha comédia” de Torres Naharro sugere uma peça literária de importância histórica, talvez uma obra menos conhecida, mas de relevância acadêmica. Fidelino reimprime essa obra nos boletins da Faculdade, indicando seu interesse em revisitar e dar visibilidade a essa parte do patrimônio cultural ibérico.

¹⁷⁹ O uso da expressão “sempre firme” ou “sempre fixe” no final da carta é uma brincadeira linguística que utiliza calão (expressões informais) de Lisboa, cidade natal de Fidelino. “Fixe” é uma gíria lisboeta que significa “legal” ou “bom”, usada para expressar simpatia e amizade de maneira descontraída.

Carta de 18 de junho de 1943

São Paulo, 18 de junho de 1943,

Excelentíssimo Senhor Professor Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro.

Querido¹⁸⁰ amigo:

{†}-me pela iniciativa, conhecendo sua, da fundação desse Instituto de Estudos Portugueses¹⁸¹ - bem oportuna, porque o Brasil está em perigo de oposição {†} a si mesmo. Sem convite para {†} nas atividades do novo teatro penhora-me e honra-me. Muito obrigado! Lhe poderei eu esperar na forma que esse propõe? Respondo com a sinceridade que devo a Camões¹⁸², a Afrânio e à minha consciência literaria.

As minhas¹⁸³ ideias sobre Camões, as publicadas são de 1916-1917. {†} muito de ser {†}, pude {†} a erudição penhorias, quis {†} o meu espírito. Até mesmo para a {†} {†} {†} publicada aqui, já tenho elementos novos. Mas ino à -me impossível fazê-lo agora, por falta de forças, do tempo e da documentação. Para passar ao papel ideais, que me {†} no espírito, tive de suspender a colaboração {†} fico, concelhos {†} e declinos convites, em {†}{†}de desagradar a peso aos amigos. Mas consegui incluir, de {†}, o estudo sobre A{†} pela exposição. Está o pre posleria¹⁸⁴.

Lhe mando 3 ou 4 conferências. Também é “Camões português” - porque o autor é português e elabora ali a tudo experiências portuguesas. É inédito, atual, autêntica marca Fidelino de Figueiredo 1973 – pobre, mar ou autruística.

Pequenas dificuldades, pre {†} a sanar, irão as {†}, porque não {†} provável que o Instituto se interesse pelo trabalho, não obastante {†} ser muito mais representativo da inteligência portuguesa que a reedição dos estudos camonianos.

Peço-lhe que me desculpe este escrúpulo {†}- {†} a me {†} sempre gratíssimo amigo, português muito grato á sua fiel amizade a minha tem e a minha gente. Ex Corde¹⁸⁵:

Fidelino de Figueiredo.

¹⁸⁰ Alterações ortográficas do editor: Exmo > Excelentíssimo; Prof. > Professor; ini- ciativa > iniciativa; oposição > oposição; ideas > ideias; actividades > atividades; q. > que Res- pondo > Respondo; m^a. > minha; consciencia > consciência; literaria > literária; ideas > ideias; m.to > muito; quiz > quis; ino > indo; colhaboração > colaboração; ami- gos > amigos; emcluir > incluir; português > português; alli > ali; actual > atual; authentica > autêntica; F. de F. > Fidelino de Figueiredo; autruística > altruística; difficuldades > dificuldades; provavel > provável; mto. > muito; por- tuguesa > portuguesa camo- neanos > camonianos; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo.

¹⁸¹ O “Instituto de Estudos Portugueses” uma iniciativa de Afrânio Peixoto para promover o estudo da cultura portuguesa no Brasil, um projeto que Fidelino reconhece como muito necessário no contexto político e cultural da época, especialmente no Brasil, onde ele sente que há uma crise de identidade.

¹⁸² Luís de Camões é um autor central na literatura portuguesa, e Fidelino de Figueiredo demonstra seu profundo envolvimento com o estudo de Camões. A referência a ele na carta indica que o poeta continua sendo uma figura fundamental no pensamento e na obra de Fidelino, além de servir como um ponto de partida para muitos de seus escritos.

¹⁸³ Leitura conjecturada.

¹⁸⁴ Leitura conjecturada.

¹⁸⁵ Expressão latina que significa “de coração”, frequentemente usada em correspondência formal ou literária para assinalar sinceridade e afeto.

Carta de 5 de julho de 1943

São Paulo¹⁸⁶, 5 de julho de 1943,

Excelentíssimo¹⁸⁷ Senhor Professor Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro.

Querido Amigo:

Não diga que eu não quis colaborar com os camonianos¹⁸⁸ ... Não tinha nada digo e não tenho saúde que me absorver em trabalho diferente do que me traz cansado pela concentração e pelo esforço, nestes dias. Foi sem escrúpulo de {†} consciência e não com capricho voluntarioso.

Tanto a Faculdade, como editora, grande em, como autor, nos honramos muito com a reprodução do estudo sobre a *Épica Portuguesa no século XVI*¹⁸⁹, publicado em *Letras, número 1* Queira pois, meu caro Afrânio dar as suas ordens nesse sentido só deseja-rá rever sua prosa e receber meia dúzia de exemplares. Tenho algumas cedas para aplicação de {†} ao canto x, mas não tenho aqui a documentação em diferencial. Ficarão para outra oportunidade. Aproveito o ensejo para lhe remeter, a título de curiosidade, o discurso que proferi no dia 10, no *Theatro Municipal*¹⁹⁰. A conferência do Pati¹⁹¹, muito lisboeta e {†}, não se publicou ainda.

Saudades lusitanissicas¹⁹² e um abraço em Camões ou por sobre a memória dele, do grato amigo e admirador:

Fidelino de Figueiredo

¹⁸⁶ Alterações ortográficas do editor: Exmo. > Excelentíssimo; Prof. > Professor; Afranio > Afrânio; q. > que; quiz > quis; camoneanos > camonianos; diffe- rente > diferente; es- fôrço > esforço; cem > sem; escrupulo > escrúpulo; conscien- cia > consciência; gran- de > grande; auctor > autor; m.to > muito; repro- ducção > reprodução; Epica > Épica; seculo > século; deseja-rá > desejará; exem- plares > exemplares; p. > para; applicação > aplicação; oportunidade > oportunidade; nº > número; titulo > título; Theatro > Teatro; amo. > amigo; admor. > admirador; FidelinodeFigueiredo > Fidelino de Figueiredo.

¹⁸⁷ Trata-se de um papel timbrado com endereço, que consta no cabeçalho com as seguintes informações: “UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS CAIXA POSTAL, 105-B”.

¹⁸⁸ Quando Fidelino menciona “os camonianos”, ele está se referindo a estudiosos, acadêmicos e trabalhos dedicados a Luís de Camões, o maior poeta português. Este termo faz parte do campo intelectual de estudos sobre a literatura portuguesa, um interesse comum entre Fidelino e Afrânio.

¹⁸⁹ Fidelino está falando sobre um trabalho relevante que ele publicou sobre a literatura épica do século XVI, um período importante para a literatura portuguesa, especialmente com a obra “Os Lusíadas”, de Camões. Essa referência indica que Fidelino tem uma abordagem crítica e histórica da literatura portuguesa e de seus principais textos.

¹⁹⁰ Fidelino menciona a conferência que proferiu no Theatro Municipal de São Paulo, o que indica seu papel ativo como intelectual e orador em eventos importantes.

¹⁹¹ A conferência sobre “Pati”, embora o nome não seja claro, parece ser uma reflexão cultural e literária, que ele descreve como sendo “lisboeta”, ou seja, com uma forte referência à cultura portuguesa ou a Lisboa, talvez tratando de temas ou autores relacionados a essa cidade.

¹⁹² A palavra “lusitanísticas” se refere à saudade pela cultura portuguesa, por Portugal, ou pela própria tradição literária e intelectual de Lisboa. O uso da palavra “saudades” é um indicativo de um sentimento nostálgico, muito associado à identidade cultural portuguesa, especialmente entre os intelectuais que mantêm uma ligação com o passado literário e cultural de Portugal.

5.2.2 Edição interpretativa das cartas de Agostinho Campos

Carta de 09 de março de 1923

Rua do Patrocínio, 21. 1º. Lisboa, 9 . Março . 1923.

Caríssimo amigo¹⁹³ Doutor Afrânio Peixoto:

Bom foi que meu irmão Américo tivesse ido ao Rio¹⁹⁴, como médico de bordo do *Flandria*¹⁹⁵, para ouvir dizer aí, na livraria de meu primo João Monteiro. (Leite Ribeiro), que eu não tinha acusado recepção dos muitos Boletins da Academia Brasileira de Letras¹⁹⁶ que o meu amigo me fez o favor de enviar-me. Se não fosse isso, continuaria eu na ignorância do extravio da carta que lhe escrevi imediatamente, após recebimento de interessantíssima coleção, e a fazer fique eu muito triste de mal visto ou de ingrato. E já agora peço lhe encarecidamente que logo que eu esteja ou pareça estar em falta de qualquer remessa ou resposta, me escreva um postal a denunciar o fato e a perguntar-me se a culpa é minha ou do correio. Eu responderei com sinceridade, acusando-me ou desculpando-me. Desta vez, felizmente, posso bem com a culpa, à face de Deus e dos homens, tanto envio que não só lhe escrevi por aquela época uma longa carta, como decerto lhe mandei registrar, o que por precaução sempre faço. Não posso averiguá-lo já documentalmente, porque há cerca de um mês depois muitos recibos de registros que aqui tenho acumulados e que já me não pareciam necessários.

Posto isto, renovo os meus agradecimentos pela coleção dos *Boletins*, que muitíssimo me interessaram e interessam e em alguns dos quais por sinal colhi boa matéria para o 3º volume de *Paladinos da Linguagem*¹⁹⁷, que acaba de sair. Mando-lhe, além do meu exemplar, mais um para o Doutor Austregésilo¹⁹⁸, outro para o Senhor Magalhães de Azeredo¹⁹⁹, outro para o Senhor Mário de Alencar²⁰⁰, outro para o Senhor Martins Fontes²⁰¹, Todos *paladinados*

¹⁹³ Alterações ortográficas do editor: Dr. > Doutor; Carissimo > Caríssimo; Bo-letins > Boletins; Ac. > Academia; Bras. > Brasileira; fêz > fez; fosse > fosse; igno-rância > ignorância; es-crevi > escrevi; in-teressantíssima > interessantíssima; malvisto > mal visto; in-grato > ingrato; encareci-damente > encarecidamente; pa-reça > pareça; de-nunciar > denunciar; facto > fato; res-ponderei > responderei; felizmen-te > felizmente; car-Ta > carta; de-certo > de certo; lha > lhe; re-cibos > recibos; Pôsto > Posto; agradeci-mentos > agradecimentos; materia > matéria; alem > além; há > há; vol. > volume; sr. Ma-galhães > Senhor Magalhães; pr. > para; sr. > Senhor; iporão. > imporão; fa-zer > fazer; q. > que; simples-mente > simplesmente; político-pedagogicos > político-pedagógicos; porhorra > por hora; em-Trevi > entrevi; no-vas > novas; an-seia > anseia; saude > saúde; pa-ra > para; mos-tra > mostra; a > à; P. S. > Post-Scriptum; adm. or > admirador.

¹⁹⁴ Rio de Janeiro;

¹⁹⁵ Navio construído em 1922 por estaleiros ingleses. Escalava em Amsterdam, Boulogne, La Coruña, Vigo, Lisboa, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

¹⁹⁶ A Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma instituição literária e cultural criada em 1897 por importantes nomes da literatura brasileira e tem como objetivo o reconhecimento da língua portuguesa e da literatura nacional.

¹⁹⁷ Livro de Agostinho de Campos publicado em 1922.

¹⁹⁸ Austregésilo de Athayde (Belarmino Maria A. Augusto de A.), professor, jornalista, cronista, ensaísta e orador, nasceu em Caruaru, PE, em 25 de setembro de 1898, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de setembro de 1993;

¹⁹⁹ Carlos Magalhães de Azeredo, jornalista, diplomata, poeta, contista e ensaísta, nasceu no Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1872, e faleceu em Roma, Itália, em 4 de novembro de 1963. Foi um dos dez intelectuais convidados para integrar o quadro dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

²⁰⁰ Mário de Alencar poeta, jornalista, contista e romancista, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de janeiro de 1872, e faleceu na mesma cidade em 8 de dezembro de 1925. Filho do grande romancista José de Alencar. Fez

neste volume, e cujas moradas imporão. Desculpe-me de o fazer assim intermediário, e se algum estiver longe, peço-lhe que deite fora o respectivo volume e me dizer simplesmente qual é o seu endereço, para eu daqui enviar outro.

Mando-lhe também *A mãe de Todos os Vícios*²⁰², série de panfletos político-pedagógicos. Se tiver por hora de lê-los, dê o devido desconto aos exageros de quem tem de gritar de mais para que os próprios surdos o ouçam.

Já estou ante gostando o prazer de ler *Ensinar a ensinar*²⁰³ ..., cujas provas já entrevi na livraria de Aillaud²⁰⁴. E espero novas colheitas da novelística, como quem tem ainda bem presente a impressão tão firmada e bela que lhe deixou a *Bugrinha*²⁰⁵, e anseia por mais.

Se tivesse tempo, conversaria mais. Assim, limitar-me hei a dizer que vou tendo, louvado Deus, alguma saúde para trabalhar sempre, apesar dos meus agora feitos – e que gostava de ir algum dia ao Brasil... já que o meu Amigo, bem mais novo, não mostra quando pensa de vir à Portugal. Estreito abraço do admirador e amigo grato.

Agostinho de Campos²⁰⁶.

Post-Scriptum gostaria que me dissesse se não lhe faz má impressão o prefácio de “*Paladinos*” III²⁰⁷. E recebeu *Eça de Queiroz* I²⁰⁸?

os primeiros estudos no Colégio Pedro II, obtendo o título de Bacharel em Ciências e Letras, e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo.

²⁰¹ José Martins Fontes foi um médico, poeta e tradutor brasileiro.

²⁰² *A mãe de Todos os Vícios*: série de panfletos político-pedagógicos, do escritor Agostinho de Campos, publicado em 1922, com aproximadamente 286 páginas.

²⁰³ Livro *Ensinar a ensinar*: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional de Afrânio Peixoto publicado pela Editora Companhia editora nacional, 1937.

²⁰⁴ Aillaud: importante editora e livraria que atuava em Paris e Lisboa, conhecida por publicar intelectuais lusófonos.

²⁰⁵ *Bugrinha* é o título do romance do escritor brasileiro Afrânio Peixoto, publicado originalmente em 1922, pela editora Castilho, do Rio de Janeiro. Encerra uma trilogia de romances regionalistas do autor, junto a *Maria Bonita* e *Fruta do Mato*.

²⁰⁶ Na primeira folha, no verso, na lateral esquerda, consta o nome de “AGOSTINHO DE CAMPOS”, escrito a lápis.

²⁰⁷ Série completa em 3 volumes. Série integrante da coleção *Antologia Portuguesa*, organizada por Agostinho de Campos.

²⁰⁸ *Antologia Portuguesa* Organizada por Agostinho de Campos, Vol. 1: Seleta para Leitura na Família e na Escola (Classic Reprint).

Carta de 17 de outubro de 1928

Rua do Mothe hevofilde²⁰⁹ – Porto,²¹⁰ 207.

17. Outubro 1928.

Querido Amigo:

Em nome de minha Mulher e no meu próprio, mil felicitações, bem cá de dentro, pelo restabelecimento de seu Juca²¹¹. É essa uma “sorte grande” que bem avalia quem, como nós, minha Mulher e eu, espera da Suíça, para uma Ilha de 20 anos, a fortuna que Vichy deu a Vossas Excelências, com a saúde do seu lindo rapazinho. A nossa Filha aumentou 5 quilos em dois meses e vivemos na doce esperança de que a primavera próxima no- lá restitua curada.

E agora deixe-me desabafar um voto de desgosto, e até de censura, pela falta de cumprimento da sua promessa de passar, na volta ao Brasil, não apenas umas horas no Tejo, mas alguns dias em Portugal. Convencido de que o seu regresso coincidiria com a minha estada aqui no norte, acreditei não só na possibilidade de o ver e abraçar ainda uma vez, mas também no prazer português de obter que um brasileiro como você, tão fiel à nossa velha Pátria comum, sentisse e cumprisse o desejo de contemplar-lhe por algum tempo as regras e os cabelos brancos. Afinal Você não quis diferenciar-se de tantos outros, e passou, como sombra do Lusíada²¹² que é, sobre a água do Tejo dos Lusíadas. Longo tempo a minha alma chorará esta tristeza.

Estreito abraço e mil saudades do seu desconsolado amigo

Agostinho de Campos.

²⁰⁹ Alterações ortográficas do editor: Pôrto > Porto; Out. > Outubro; resta-belecimento > restabelecimento; Saude > Saúde; Repazinho > Rapazinho; au-mentou > aumentou; VVEExas. > Vossas Excelências; no- la > no-lá; v. > você; Desgôsto > Desgosto; pas-sar > passar; tan-tos > tantos; Também > também; Sôbre > Sobre; al-ma > alma.

²¹⁰ O Porto é uma cidade portuguesa e capital da sub-região da Área Metropolitana do Porto e da região Norte, pertencendo ao distrito do Porto.

²¹¹ José Júlio (Juca), filho de Afrânio Peixoto, que faleceu, aos 18 anos, em 1942.

²¹² Lusíada: que ou o que tem origem portuguesa ou lusitana.

Carta de 08 de maio de 1929

Lisboa, 8. Maio. 1929.

Querido amigo²¹³:

Acabo de receber o seu cartão, acompanhante de um meu artigo no *Fígaro*²¹⁴.

Soube-me a pouco, porque o seu cartão são duas linhas e o meu artigo não é nada.

Afetuosos votos pela saúde dessa Santíssima Trindade²¹⁵ e para Você um estreito abraço do admirador e grato amigo Agostinho de Campos.

²¹³ Alterações ortográficas do editor: Figaro > Fígaro; porq. > Porque; Afectuosos > Afetuosos; V. > Você; abraço > abraço; adm.or > Admirador; deCampos > de Campos.

²¹⁴ Figaro, jornal francês fundado em 1826.

²¹⁵ A Trindade é uma doutrina cristã desenvolvida entre os séculos II e IV d.C., que define Deus como três pessoas consubstanciais, expressões ou hipóstases: o Pai, o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo. Agostinho refere-se à família de Afrânio como “Santíssima Trindade”, metáfora que empresta solenidade e afeição ao núcleo familiar. É um gesto de amizade e reverência.

Carta de 14 de dezembro de 1929

s/c Avenida da República, 4a - 5º. Lisboa número , 14.12.1929²¹⁶

Querido amigo²¹⁷:

Um abraço de agradecimento pela sua boa carta de 17 de novembro. O seu *Camões Lírico*²¹⁸, volume IV chegou agora por este mesmo correio. Não foi antes por não saber em qual era o seu paradeiro. Agradeço também muito a *Dinamene*²¹⁹ com o novo enxoval, que lhe vai a matar. Já tinha por dádiva do finado e saudoso Júlio Aillaud²²⁰. O *Camões IV* foi posto aqui à venda ainda não há vinte dias. Por isso o não pôde encontrar aí à venda. A notícia de *La Nación*²²¹ exultou de certa da remessa de exemplares que fiz a ilustre e a honroso Monzó²²².

Se reparar Você a data do meu prefácio, notará que é já antigo e feito, salvo erro, antes do agradecimento da 2ª edição de *Dinamene*. O livro estava todo composto na tipografia a mais de dois anos, e só agora se imprimiu e saiu. Morto o Aillaud, a nova geração só se interessa por cinema, pernas de mulher, perfumarias, etc. Camões, antologia... ça me leur dit rien qui vaille²²³.

A respeito da cacografia²²⁴ do nosso Barbosa Leão²²⁵, que a sua Academia²²⁶ elevou aos pináculos²²⁷, gostei muito do seu voto em separado, e dele transcrevo parte no *notícias* de hoje. Os Doutores Mário Barreto²²⁸ e Silva Ramos²²⁹ tem tudo quanto vou publicando no

²¹⁶ 14. XII. 1929 > 14.12.1929.

²¹⁷ Alterações ortográficas do editor: n. > número; vol. > volume; agradecimen- to > agradecimento; ma-Tar > matar; dá-diva > dádiva; vite > vinte; ven- da > venda; Na- ción > Nación; exultou > exultou; q > que; honroso > honroso; erro > erro; impri- mil > imprimiu; an- tologia > antologia; pinacu-los > pináculos; dêle > dele; V. > Você; transcre- vo > transcrevo; Drs. > Doutores; engra- Çado > engraçado; nú- meros > números; gran- de > grande; VVEExas. > Vossas Excelências; afectivas > afetivas; adm. or > admirador; mto > muito.

²¹⁸ *Camões lírico*: antologia portuguesa / organ. por Agostinho de Campos. - Lisboa : [s.n.], 1923.

²¹⁹ DINAMENE - Alma Minha Gentil, obra de Afrânio Peixoto. Estudo seguido de 44 poesias de Luis de Camões.

²²⁰ O luso-francês Júlio Monteiro Aillaud era dono de uma livraria parisiense e em 1910 adquiriu a sociedade e, juntamente com o luso-brasileiro Francisco Alves, assume a gestão das Livrarias Aillaud & Bertrand e do seu fundo editorial.

²²¹ La Nación é um jornal diário argentino com sede em Buenos Aires.

²²² Quim Monzó (Barcelona, 24 de março de 1952) é um romancista e contista espanhol em língua catalã.

²²³ Expressão que significa: “Isso não lhes diz nada que valha a pena” — ou seja, a nova geração não se interessa por temas clássicos ou elevados como Camões e literatura lírica; preferem distrações mais modernas e superficiais.

²²⁴ Cacografia significa: ortografia incorreta; erro de ortografia; cacografismo. Cacografia é o contrário de ortografia correta — uma forma de escrever incorreta. Agostinho refere-se, ironicamente, a erros ou incorreções cometidos por Barbosa Leão, que teria sido prestigiado pela Academia Brasileira de Letras, mesmo com tais falhas. O “voto em separado” de Afrânio Peixoto é elogiado como posicionamento crítico frente a essa aprovação.

²²⁵ Há dois irmãos: Aristóbulo Barbosa Leão e Kosciuszko Barbosa Leão, porém de acordo com o conteúdo da carta Agostinho de Campos deve estar se referindo à Kosciuszko Barbosa Leão que nasceu em Santa Cruz (ES), a 12 de setembro de 1889 e faleceu em Vitória (ES), a 20 de maio de 1979. Filho de Miguel Barbosa Leão e Ana Barbosa Leão, foi poeta, teatrólogo, jornalista e advogado.

²²⁶ Refere-se à Academia Brasileira de Letras (ABL), uma instituição cultural inaugurada em 20 de julho de 1897 e sediada no Rio de Janeiro, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacional.

²²⁷ Pináculo é o ponto mais alto de um determinado lugar.

²²⁸ Mário Castelo Branco Barreto, um dos maiores nomes da Filologia no Brasil.

*Diário de notícias*²³⁰ e *Comércio do Porto*²³¹ sobre esse curso engraçado. Vou escrever ao Bento Carqueja²³², pedindo-lhe que lhe mande a Você os números, 4 ou 5, em que veem os meus artigos.

Last Bat not least²³³: grande abraço de parabéns a Vossas Excelências ambos pelo completo restabelecimento de Juca²³⁴ e as nossas afetivas saudações a todos três. Estreito braço do admirador e muito amigo Agostinho de Campos.

²²⁹ Silva Ramos (José Júlio da Silva Ramos), nasceu na cidade do Recife, PE, a 6 de março de 1853. Era filho do médico José da Silva Ramos e de Emília Augusto Ramos. Professor, filólogo e poeta, faleceu no Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1930.

²³⁰ O *Diário de Notícias* (DN) é um jornal diário português, sediado em Lisboa.

²³¹ O *Comércio do Porto* foi um jornal português, fundado no Porto em 2 de junho de 1854. Quando se deixou de publicar, em 2005, era o segundo mais antigo jornal português.

²³² Bento de Sousa Carqueja, mais conhecido por Bento Carqueja, foi um empresário, publicista, escritor, naturalista e professor da Universidade do Porto.

²³³ Frase em inglês com significado: por último, mas não menos importante.

²³⁴ José Júlio (Juca), filho de Afrânio Peixoto, que faleceu, aos 18 anos, em 1942.

Carta de 09 de dezembro de 1937

9. Dezembro.1937

Prezado²³⁵ amigo Doutor Afrânio Peixoto:²³⁶

Preso em casa com a minha bronquite²³⁷, nem pude vê-los, ao Meu amigo²³⁸ e ao Doutor Pedro Calmon²³⁹, nem posso ir agradecer a ambos a gentileza da sua visita e os seus belos e doces presentes.

Castigado assim pelos meus pecados, mando alguns deles, metade para cada um. Afetuosos cumprimentos aos eminentes Brasileiros²⁴⁰ do admirador amigo e gratíssimo Agostinho de Campos.

²³⁵ Alterações ortográficas do editor: Dr. > Doutor; pre-sentes > presentes; Afectuosos > Afetuosos; adm.or > admirador; ami.o > amigo; deCampos > de Campos.

²³⁶ Trata-se de um papel timbrado com endereço, que consta no cabeçalho com as seguintes informações: “UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS CADEIRA DE LITERATURA PORTUGUESA”.

²³⁷ Bronquite é uma inflamação dos brônquios, canais que conduzem o ar inalado até os alvéolos pulmonares. O professor Agostinho de Campos lamenta estar adoentado, impedido de sair ou receber visitas durante a passagem dos amigos brasileiros, entre eles Afrânio Peixoto e Pedro Calmon.

²³⁸ Refere-se à Afrânio Peixoto.

²³⁹ Pedro Calmon (P. C. Moniz de Bittencourt), professor, político, historiador, biógrafo, ensaísta e orador, nasceu em Amargosa, BA, em 23 de dezembro de 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de junho de 1985.

²⁴⁰ Expressão de cortesia, reconhecendo o prestígio de Afrânio, Calmon e de outros membros da missão brasileira, provavelmente em visita cultural ou diplomática a Portugal.

 Carta de 16 de agosto de 1938

Porto 16.08.1938²⁴¹

Querido e ilustre Afrânio²⁴²,

Aqui estou por uns dias enquanto não volto a Lisboa lá para 30, afim de encerrar com uma conferência o curso de férias da minha Faculdade. Tenho estado muito ocupado com exames, Licenciaturas, curso de férias no Monte Estoril. Por isso lhe não escrevi há mais tempo, como devia, para lhe agradecer dois novos e grandes favores que lhe devo, a juntar a tantos: as benévolas e expressivas referências aos meus Trabalhos, na sessão da Academia Brasileira Letras, de 7 de junho último, e a oferta deste Lindíssimo livro da *Viagens na sua Terra*²⁴³, lindíssimo em todo o sentido, lindíssimo pela inspiração e pela intenção, obra prima tanto da inteligência como do sentimento. E minha Mulher lhe agradece também, muito lisonjeada, a parte que recebeu da sua amável dedicatória, e como eu lhe envia, e à digna Senhora de Afrânio Peixoto, afetuosos cumprimentos.

Recebi também as suas várias remessas de publicações referentes à criação da *Cadeira de Estudos Camonianos* e as duas cartas, a Hernâni Cidade²⁴⁴ e a mim, sobre o mesmo assunto. Não falei nem falo só caso, nem àquele colega, nem a ninguém, guardei para mim e em mim guardado fica para o seu tempo e em todo o tempo (do que vida ou morte lhe concederam) fortificar de algum modo segundo o seu justo desejo e legítimo orgulho de criador de uma grande coisa, entre outras coisas grandes (e maiores) que Você tem feito e ficaram feitas para sempre. Ao contrário do que leio na sua carta, as palavras também são atos, quando proliferam em beleza e arte definitiva. Ou; tenho eu de lembrar a Afrânio Peixoto quem é o autor de *Bugrinha*²⁴⁵, e *Maria Bonita*²⁴⁶, e de tantas páginas que honram e honrarão para todo o sempre a nossa Língua e Pátria espiritual comum de dois?

Nunca deixei um instante de pensar, desde que se anunciou a fundação da Cadeira de Estudos Camonianos²⁴⁷ em Lisboa, que o Afrânio é o autêntico Pai do novo Estudo, raro e tão raro em terras nossas, que é virgem e só, no seu gênero. Isso mesmo pois exprimir e sei que exprimi com o que disse, nem me travou língua ou pena certo instinto lírico da necessidade que há, em País sem vasta iniciativa particular para coisas do ensino, da educação, das Letras ou das Ciências, de pôr alto e bom som diante da consciência dos ricos - homens de hoje o

²⁴¹ 16 VIII 38 > 16.08.1938.

²⁴² Alterações ortográficas do editor: confe- rência > conferência; ocupa- do > ocupado; Tra- balhos > Trabalhos; A. B. L. > Academia Brasileira Letras; dêste > deste; sen- tido > sentido; Tanto > tanto; Tam- bém > também; re- mesas > remessas; cria-ção > criação; Camonia-nos > Camonianos; sôbre > sobre; assun-to > assunto; guar- dei > guardei; legí- timo > legítimo; gran-des > grandes; actos > atos; te- nho > tenho; q. > que; fun-dação > fundação; vir-gem > virgem; mes-mo > mesmo; expri-mi > exprimi; tra-vou > travou; pêna > pena; consci-ência > consciência; es-pécie > espécie; dê-certo > dê certo; essen-cial > essencial; V. > Você; Pei-xoto > Peixoto; Camo-nianos > Camonianos; r. > respeitoso; amo. > amigo; admo. > admirador.

²⁴³ Um livro de autoria de Afrânio Peixoto (título em alusão à célebre obra de Almeida Garrett), enviado como presente. Agostinho o considera uma obra-prima tanto em conteúdo quanto em forma.

²⁴⁴ Hernâni António Cidade foi um Professor, ensaísta, historiador e crítico literário.

²⁴⁵ *Bugrinha* é o título do romance do escritor brasileiro Afrânio Peixoto, publicado originalmente em 1922, pela editora Castilho, do Rio de Janeiro.

²⁴⁶ *Maria Bonita* (1914) é uma obra de Afrânio Peixoto.

²⁴⁷ A primeira Cadeira de Estudos Camonianos havia sido criada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1924, por sugestão do grande camonista brasileiro, Afrânio Peixoto, e cujo primeiro titular, José Maria Rodrigues, assumiu a sua regência até 1933, quando Hernâni Cidade o sucedeu.

exemplo de benemerências da espécie da do Zeferino de Oliveira²⁴⁸. A vaidade do dinheiro é a mais vã, dê certo; mas, por isso mesmo,

Temos de lisonjeá-la algum pouco, a ver se a respectiva materialidade se desentranha em frutos de espírito. Mas esta “política” não prevalece à verdade essencial, que está no espírito de todos, sejam quais forem fórmulas que aquela imponha ou aconselhe: Sem Afrânio Peixoto não haveria Estudos Camonianos em Lisboa²⁴⁹. grande abraço do seu respeitoso²⁵⁰ amigo. admirador. {†}

Agostinho de Campos.

²⁴⁸ Mecenas ou benemérito citado como exemplo de contribuição financeira para fins educacionais e culturais, usado por Agostinho para argumentar sobre a importância do apoio material à cultura.

²⁴⁹ “Sem Afrânio Peixoto, não haveria Estudos Camonianos em Lisboa”: frase de afirmação categórica, com peso histórico. É o reconhecimento formal de Agostinho do papel essencial e fundador de Afrânio nesse campo.

²⁵⁰ Leitura conjecturada.

Carta de 23 de julho de 1940

S/C Lisboa 23.07.1940²⁵¹

Querido Amigo²⁵²:

Lida pelo Doutor Gustavo Ramos²⁵³ ouvi bastante bem pela T.S.F.²⁵⁴ na Abrunhosa²⁵⁵ onde estava convalescente²⁵⁶, a sua esplêndida palestra sobre a Língua. Pouco antes recebera dos Lelos²⁵⁷ - a Sua *História do Brasil*²⁵⁸, que muito lhe agradeço e pela qual a felicito de todo o coração. Não deixarei de me referir a ela, ou no *Comercio do Porto*²⁵⁹, ou nalgum dos meus próximos falamentos sem fio.

Tenho tido muita pena de o não ver por aqui nesta ocasião. Estou certo de que o seu coração havia de pulsar mais apressado nas celebrações de Guimarães²⁶⁰ e que a Exposição do Mundo Português²⁶¹, em Belém, onde há concepções e realizações magníficas havia de merecer o seu aplauso.

Esta carta ser-lhe - á entregue pelo meu jovem velho Amigo professor Ricardo Bensaúde²⁶², pintor dos mais talentosos e mais sérios das novas gerações; e cujas obras, que, em pouquíssima parte, vão ser expostas aí no Rio²⁶³, falarão por si e por ele.

Tenho muito prazer em apresentar-lhe este artista e muito empenho em obter para ele o grande benefício de um pouco da sua atenção e influência

Saudades e abraços do seu respeitoso²⁶⁴ admirador {†}.

Agostinho de Campos

²⁵¹ 23 .VII. 1940 > 23.07.1940.

²⁵² Alterações ortográficas do editor: Dr. > Doutor; es-plêndida > esplêndida; sôbre > sobre; peta > pela; entregue > entregue; gera- ções > gerações; ex- postas > expostas; Prof. > Professor; Sí > Si; êle > ele; bene- fício > benefício; r. > respeitoso; adm or > admirador; deCampos > de Campos.

²⁵³ Gustavo Ramos foi um filólogo, político e professor universitário, especialista em literatura alemã, disciplina de que foi professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

²⁵⁴ T.S.F. - Rádio de notícias. Sigla para *Telefonia Sem Fio*, designação comum para rádio na época. O autor refere-se a uma palestra de Afrânio Peixoto transmitida por rádio.

²⁵⁵ Pedro Machado Abrunhosa, mais conhecido por Pedro Abrunhosa (Sé, Porto, 20 de Dezembro de 1960), é um cantor e compositor português.

²⁵⁶ Pessoa que, após uma doença ou enfermidade, se encontra num processo gradual de recuperação.

²⁵⁷ A Livraria Lello é uma livraria e editora portuguesa, cuja sede situa-se na cidade do Porto. Refere-se à Livraria Lello & Irmão, do Porto — editora prestigiada que publicou a obra de Afrânio (*História do Brasil*). Era um dos polos editoriais mais importantes de Portugal.

²⁵⁸ *História do Brasil* (1944) obra de Afrânio Peixoto.

²⁵⁹ *Comércio do Porto* foi um jornal português, fundado no Porto em 2 de junho de 1854. Quando se deixou de publicar, em 2005, era o segundo mais antigo jornal português.

²⁶⁰ João Guimarães Rosa foi um poeta, diplomata, romancista, contista e médico brasileiro, considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX e um dos maiores de todos os tempos.

²⁶¹ A Exposição do Mundo Português, aconteceu em 1940 na zona de Belém, em Lisboa, foi uma das maiores exposições organizadas em Portugal. A exposição abriu as portas, em plena segunda guerra mundial, no dia 23 de Julho de 1940 e foi aproveitada pelo regime como um grande espaço de divulgação da história do país e também de propaganda do Estado Novo. Tratou-se de uma mostra com vários espaços dedicados a temas como a história de Portugal, as colónias e a etnografia. Referência às comemorações do centenário da independência de Portugal (1140–1940), centradas em Guimarães — cidade berço da nacionalidade portuguesa.

²⁶² Jovem pintor português, aqui recomendado pessoalmente por Agostinho a Afrânio, em visita ao Brasil.

²⁶³ Rio de Janeiro.

²⁶⁴ Leitura conjecturada.

5.2.3 Edição interpretativa das cartas de José Maria Rodrigues

Carta de 9 janeiro 1919

280, LARANJEIRAS, RIO DE JANEIRO²⁶⁵. 9 janeiro 1919

Amigo Senhor Doutor Afrânio Peixoto²⁶⁶:

Muito penhorado²⁶⁷ pelo exemplar da “Poeira de Estrada”²⁶⁸. Na Alaska²⁶⁹ fui visitar o maior engenho de tirar ouro em pedra, e literalmente até a poeira dos caminhos que circundam o estabelecimento era de ouro, como o demonstrava o Sol quando batia em cheio sobre o chão. A sua “Poeira” é como esta, e tenho certeza de que quando ler o seu livro novamente a bordo do Desna²⁷⁰ hei de achar até muitas pepitas. Do amigo obrigado.

José Maria Rodrigues²⁷¹

²⁶⁵ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho essas informações datiloscritas.

²⁶⁶ Alterações ortográficas do editor: jan.º > janeiro; 19 > 1919; Sr. > Senhor; Dr. > Doutor; Litteralmente > literalmente; Asua > A sua; ami. > amigo; Ob. > obrigado; JRodrigues > José Maria Rodrigues.

²⁶⁷ Muito agradecido, reconhecido.

²⁶⁸ *Poeira da Estrada* livro de crônicas e ensaios de Afrânio Peixoto, publicado em 1918. .

²⁶⁹ O Alasca (em inglês Alaska) é um dos 50 estados dos Estados Unidos e o maior em extensão territorial.

²⁷⁰ Nome de navio, provavelmente uma embarcação de passageiros usada por José Maria Rodrigues em uma de suas viagens.

²⁷¹ Nessa carta o nome de José Maria Rodrigues estava abreviado: JRodrigues.

Carta de 18 de março de 1925

Lisboa . 18-3-1925-

Excelentíssimo senhor e meu prezadíssimo²⁷² amigo²⁷³

Recebi a “Revista”²⁷⁴ e li com todo o interesse, como é ai supri o discurso de Vossa Excelência muito obrigado pelas referências. Pouco a pouco se há de ir apesando a verdade sobre os amores do Poeta. No “Diário de Lisboa”²⁷⁵, número 866 (4- 2- 92 4) escreveu a Excelentíssima Dona Carolina Michaëlis²⁷⁶: “(Camões²⁷⁷) foi um verdadeiro apaixonado. E sempre apaixonado! Desde a cabeça de {†}-{†} e serve de Coimbra²⁷⁸, pela alma gentil de Natúcia²⁷⁹, as capas ardentes de Barbara²⁸⁰ e de *Dinamene*²⁸¹; a nobreza de Dona Francisca de Aragão²⁸², e a excelsa Infanta Dona Maria²⁸³, que platonicamente, nas “de profundir “aviava”.

Daqui tem de sair a Natúcia²⁸⁴ a agora entraria a Antônia Bras, se não fosse uma desaforada inquilina do alcance, a que o Poeta²⁸⁵ pôs o nome do Mal cajinhado. Brevemente terá Vossa Excelência ocasião de ler na Lusitânia²⁸⁶ uma carta inédita²⁸⁷ de Camões, há pouco adquirida em Londres²⁸⁸. Curiosíssima, combinada sobretudo com outra que em tempo publicou o Xavier da Cunha²⁸⁹.

²⁷² Alterações ortográficas do editor: Le.^a > Lisboa; 925 > 1925; Ex.mo > Excelentíssimo; sr. > Senhor; V. Ex.^a > Vossa Excelência; Muito > muito; há > Há; Diario > Diário; nº. > número; es-creveu > Escreveu; Ex.^a > Excelentíssima; sem-pre > Sempre; D. C. > Dona Carolina; Bar-bara > Barbara; D. Fran-cisca > Dona Francisca; D. > Dona; Lusitania > Lusitânia; inquilina > inquilina; ad-quirida > adquirida; cer-to > certo; Iliada > Ilíada; adean-te > adiante; Écligas > Éclogas; Piscetórias > Piscatórias; pa-lavra > palavra; reinti-fica > reintifica.

²⁷³ No recto na margem superior consta o nome de “JOSÉ M RODRIGUES” escrito a lápis.

²⁷⁴ Provavelmente a *Revista da Academia Brasileira de Letras* ou a *Lusitânia*, periódico de estudos portugueses.

²⁷⁵ O Diário de Lisboa, que se publicou entre 1921 e 1990, foi, sem dúvida, um dos jornais de referência do Século XX portugueses.

²⁷⁶ Carolina Wilhelma Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) foi uma renomada crítica literária, escritora, lexicógrafa e professora universitária de origem germano-portuguesa. Destacou-se por ser a primeira mulher a lecionar em uma universidade portuguesa, na Universidade de Coimbra, e uma das primeiras a ingressar na Academia de Ciências de Lisboa. Além de seu trabalho como professora e crítica literária, ela também se destacou como mediadora entre as culturas portuguesa e alemã.

²⁷⁷ Luís Vaz de Camões é um poeta do classicismo português.

²⁷⁸ Cidade portuguesa.

²⁷⁹ Leitura conjecturada.

²⁸⁰ Considerada uma das mulheres de Camões, é também a personagem de um dos poemas do livro *Dinamene*.

²⁸¹ DINAMENE - Alma Minha Gentil, obra de Afrânio Peixoto. Estudo seguido de 44 poesias de Luis de Camões.

²⁸² Francisca de Aragão nasceu aproximadamente 1552, em Portugal, filha de D. Henrique Henriques, 5º Senhor das Alcáçovas e D. Maria de Aragão.

²⁸³ Personagem do poema da obra *Dinamene*.

²⁸⁴ Leitura conjecturada.

²⁸⁵ Luís de Camões, cuja vida amorosa sempre suscitou curiosidade e especulações. A carta trata da identificação e estudo das mulheres que teriam inspirado o poeta.

²⁸⁶ Lusitânia é a designação de uma das três províncias romanas da Península Ibérica, que compreendia também a Tarraconense e a Bética.

²⁸⁷ Referência a um novo documento atribuído ao poeta, adquirido em Londres, o que indica o interesse filológico e documental da época por manuscritos camonianos.

²⁸⁸ Londres, capital da Inglaterra e do Reino Unido.

²⁸⁹ Xavier da Cunha (Évora, 14 de Fevereiro de 1840 — Lisboa, 11 de Janeiro de 1920). Notável bibliófilo e estudioso português publicou importantes obras sobre Camões e a história do livro em Portugal. Foi um médico

Não sei o que a língua chinesa dará a respeito da *Dinamene*. O que é certo é que ela figura na *Ilíada* entre as filhas de Neren e meio por si adiante, através dos poetas e mitógrafos, até as éclogas piscotórias de {†} e de Camões (*A rustica contenda*). E é palavra no grego de família bem conhecida e de larga prole na terminologia retifica. significa: a poderosa.

Com toda a consideração me assino De Vossa Excelência Amigo obrigadíssimo José Maria Rodrigues.

 Carta de 02 de julho de 1925

Lisboa. 2-7-1925

Meu Excelentíssimo Amigo²⁹⁰

Estudei novamente o artigo 132 do código 111 e estou de acordo com a interpretação de Vossa Excelência o que me tiram todas as dúvidas a respeito da significação da palavra “obras” foi o lugar paralelo da égloga 2ª, volume 305. Também aqui ela aparece ligada ao nome verbal “sustentador”, e também a melhor interpretação é a que Vossa Excelência lhe dá nos *Lusíadas*²⁹¹. Até agora eu supunha-a empregada genericamente, mas os “olho” e os “cabelos”, especificados nos dois tercetos anteriores, mostram que “obras” também deve ter significação restrita. Está muito bem e só pode ser a de “peitos”.

A dificuldade resultante da junção de “espadas” com “brancas flores” como complemento do mesmo verbo, e a que provém da impossibilidade de banhar as “brancas flores” no “verbo”,²⁹² parece-me se podem resolver repetindo mentalmente o particípio “banhando”, Para assim o desligar de “espadas” e do “verbo”.²⁹³

Aceite Vossa Excelência os meus sinceros cumprimentos, pois fica assim replicada, sem alterar o texto, uma estância difícil dos *Lusíadas*. Ocupar-me hei do assunto no número camoniano do “Boletim ou Academia”²⁹⁴.

Muito obrigado pela “Dinamene”²⁹⁵. Só a folheei, mas vou lê-la logo que possa. Direi depois a minha impressão.

Com a maior consideração me assino De Vossa Excelência Amigo obrigadíssimo.

José Maria Rodrigues.

²⁹⁰ Alterações ortográficas do editor: Lis.^a > Lisboa; 925 > 1925; Exe.mo > Excelentíssimo; in-terpretação > interpretação; art. > artigo; c. > código; V. Exe.^a > Vossa Excelência; v. > volume; to-das > todas; egloga > égloga; “sus-tentador” > “sustentador”; supunha-a > suponha-a; em-pregada > empregada; geniricamente > genericamente; tam-bém > também; ba-nhar > banhar; pa-rece-me > parece-me; cum-primentos > cumprimentos; di-fícil > difícil; Ocupar-me hei > Ocupar-me-ei; Buletim > Boletim; impres-são > impressão.

²⁹¹ Refere-se ao “Dicionário d'Os Lusíadas de Luis de Camões” do Afrânio Peixoto.

²⁹² Leitura conjecturada.

²⁹³ Leitura conjecturada.

²⁹⁴ Provavelmente refere-se ao *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* ou ao da *Academia Brasileira de Letras*, onde estudos camonianos eram publicados.

²⁹⁵ Obra de Afrânio Peixoto inspirada no amor atribuído a Camões por uma mulher oriental (nomeadamente chinesa ou japonesa), uma figura que se tornou emblemática na mitografia camoniana.

Carta de 28 de fevereiro de 1928

Lisboa 28-2-1928 (Rua Rosa Araújo, 12, s/c) ²⁹⁶

Meu²⁹⁷ ilustre prezado amigo.

Muito obrigado pelo postal de 28-1-1928. Nesta data são enviadas a vossa excelência as primícias de Imagem²⁹⁸ da nova edição dos *Lusíadas*²⁹⁹. O Lopes Vieira³⁰⁰ e eu temos a certeza de que o nosso comum amigo as acolherá com bons olhos e verá nelas um indício de nossa muita estima e convicção. Amigo obrigadíssimo.

José Maria Rodrigues.

²⁹⁶ Alterações ortográficas do editor: 928 > 1928; Dêste > Deste; Sr. > Senhor; Dr. > Doutor; Ex.mo > Excelentíssimo; Pei-xoto > Peixoto; Acadê-mico > Acadêmico; Lis.a > Lisboa; Araujo > Araújo.

²⁹⁷ A carta foi escrita no anverso de um papel cartão e no recto contam as seguintes informações: “Deste lado e no verso a correspondência E & R Mico Carrêas Endereço Excelentíssimo Senhor Doutor Afrânio Peixoto, Dr. Professor e Acadêmico 97 Paissandú Rio de Janeiro”.

²⁹⁸ A expressão “primícias de Imagem” pode também indicar que ele recebeu um exemplar de luxo, ou até mesmo provas visuais de um projeto editorial (como ilustrações ou composições tipográficas) a serem inseridas nessa edição especial.

²⁹⁹ Provavelmente refere-se a uma edição ilustrada ou especialmente diagramada da obra *Os Lusíadas*, em cuja preparação participaram Afonso Lopes Vieira, poeta e editor português e José Maria Rodrigues, filólogo e estudioso de Camões.

³⁰⁰ Afonso Lopes Vieira.

Carta de 17 de março de 1930

Lisboa, 17-3-1930

Meu prezadíssimo amigo³⁰¹

Muito obrigado pelo proposito em que está ao intecair no caso da Cadeira de Estudos Camonianos³⁰². Beirada esta da categoria que tinha no quadro da Faculdade da Letras³⁰³, com o fundamento de já atingi o limite da idade³⁰⁴, que não permite o exercício de funções públicas, não hesitai um momento em apresentar a minha famiação ao Caminho da Faculdade, para que aquela cadeira voltasse a ser obrigatória para os alunos que se destinam ao magistério da língua a literatura portuguesas. Acuso estar convencido se trata de uma arbitrariedade ministerial, pois nem fui nomeado nem era pago pelo governo.

Escuso dizer-lhe que deixo com pena a regência da cadeira, pena que é agravada com a mágoa de apesar dos meus reiterados esforços, não ter podido conseguir se desse ao Doutor Afrânio Peixoto a Grã Cruz de Santiago³⁰⁵. Por várias vezes me fizeram a promessa formal de que iam conceder-lhe, mas ou o ministro saía ou surgiam outras dificuldades, que quero supor não eram inventadas. Uma vergonha! Para o governo e malogrado Zeferino de Oliveira³⁰⁶ estava reservada a Grã Cruz da Ordem de Instrução e Remanescência, mas esperava-se pela de Santiago para serem conferidas na mesma ocasião, que nunca chegou! Desculpe-me este desabafo. Espero ter ocasião de ir a sua casa no próximo domingo.

Peço os meus respeitos para a Senhora Dona Helena e com toda a estima e consideração me assino amigo obrigadíssimo.

José Maria Rodrigues.

³⁰¹ Alterações ortográficas do editor: pú-blicas > públicas; arbitriedada > arbitrariedade; mi-nisterial > ministerial; mágua > mágoa; reitirados > reiterados; Dr. > Doutor; for-mal > formal; Or-dem > Ordem; Remanescência > Reminiscência; Santia-go > Santiago; Sr. ^a D. > Senhora Dona; Obgmo > Obrigadíssimo.

³⁰² A primeira Cadeira de Estudos Camonianos havia sido criada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1924, por sugestão do grande camonista brasileiro, Afrânio Peixoto, e cujo primeiro titular, José Maria Rodrigues, assumiu a sua regência até 1933, quando Hernâni Cidade o sucedeu.

³⁰³ Faculdade de Letras de Lisboa.

³⁰⁴ Refere-se à aposentadoria compulsória por idade, prática comum no funcionalismo público.

³⁰⁵ Uma das mais altas condecorações portuguesas, concedida por méritos científicos, literários e artísticos. Rodrigues lamenta não ter conseguido que essa honra fosse atribuída a Peixoto, apesar de promessas ministeriais.

³⁰⁶ Nomeado como benemérito da Cadeira, também foi envolvido na tentativa de condecoração conjunta.

Carta de 16 de junho de 1930

Lisboa (rua Rosa Araujo, 12, s/c). 16 de junho de 1930

Meu ilustre e bom amigo³⁰⁷

Por intermédio do nosso comum amigo, Doutor Lopes Vieira³⁰⁸, recebi o exemplar de “Tristão e Iseu”³⁰⁹. Comoveu-me deveras a gentilíssima dedicatória com que Vossa Excelência me quis honrar. Muito e muito obrigado. Vou ler o livro, logo que poder. Agora estou com a resposta ao bilhete do Jorge Coutinho e com uma _ comunicação para a Academia³¹⁰ sobre o autor de *Filodemo*³¹¹. Um destes dias entregou-me também o correio e memória a Vossa Excelência a sobre “Vergílio e Camões”³¹². Segundo o desejo manifestado por Vossa Excelência na carta que a acompanha a que tanto sua {†} pelas expressões que não mereço, li-a logo de uma anoutada. Muito bom. De um assunto por sua natureza pecado, fez Vossa Excelência um trabalho que se percorre com interesse sempre crescente, renovado pelas engenhosas observações e pelos confrontos que vão surgindo entre as obras primas dos dois altíssimos poetas. Já conversei sobre o assunto com o Doutor Júlio Dantas³¹³. Na próxima sessão será o manuscrito entregue à Academia³¹⁴ a esta naturalma resolverá que eu o leia quando recommencarmos os trabalhos acadêmicos, no fim das próximas férias grandes, seguindo-se a publicação no “Boletim”³¹⁵, com as separatas de costume. A respeito de “algum modo”, há muito que mudei de opinião. Na edição nacional, por ora, escrevi. a para CXI: “Medo do desbarato, misturado com a alegria causada pelo aspecto aguerrido dos Portugueses: Peço, por isso e para evitar muitos, me autoriza a eliminar a meia dúzia as palavras que a para / E’ do mas se refaça. ao meu nome.

O Doutor Lopes Vieira e eu estamos resolvidos a empreender uma edição crítica das “Romas”³¹⁶ e dos autores e cartas de Camões. Começaremos pelas redondilhas. Deus nos ajude. Permita-me lhe envia um abraço muito apertado o amigo obrigadíssimo, José Maria Rodrigues.

³⁰⁷ Alterações ortográficas do editor: Araujo > Araújo; ami-go > amigo; V.Ex~. > Vossa Excelência; Dr. > Doutor; es-Tou > estou; folhete > folheto; Cou-tinho > Coutinho; Ver-gilio > Vergílio; ma-infestado > manifestado; acom-panha > acompanha; se-Guindo-se > seguindo-se; “Buletim” > “Boletim”; “alegumodo” > “algum modo”; p. > para; Portuguese > Portugueses; Mtos > muitos; autroiza > autoriza; critica > crítica; refassa > refaça.

³⁰⁸ Afonso Lopes Vieira

³⁰⁹ *Tristão e Iseu* (1947), obra de Afrânio Peixoto.

³¹⁰ Academia Brasileira de Letras.

³¹¹ *Filodemo* é uma comédia de Luís de Camões. Foi composto na Índia e dedicado ao vice-rei Dom Francisco Barreto.

³¹² Refere-se a um trabalho comparativo entre os poetas Vergílio e Camões. José Maria Rodrigues expressa admiração pela maneira como Afrânio Peixoto tratou o assunto. Uma comparação entre os dois poetas, provavelmente parte do trabalho que Rodrigues está lendo e comentando. Vergílio (autor de *Eneida*) e Camões (autor de *Os Lusíadas*) são dois pilares da literatura clássica e portuguesa, respectivamente.

³¹³ Júlio Dantas foi um escritor, médico, político e diplomata português, que se distinguiu como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses das primeiras décadas do século XX.

³¹⁴ Refere-se à *Academia Brasileira de Letras*, onde Rodrigues faz parte, e onde também se discutem os textos e trabalhos literários.

³¹⁵ O “Boletim da Academia Brasileira de Letras”, onde se publicam artigos e comunicações de membros da academia, sendo este o canal para a divulgação do trabalho de Rodrigues sobre Vergílio e Camões.

³¹⁶ José Maria Rodrigues e Lopes Vieira estão trabalhando numa edição crítica de Camões, começando pelas suas redondilhas (tipo de poesia em verso, especialmente popular no contexto de Camões).

Carta de 14 de novembro de 1930

Lisboa 14-11-1930 Rua Rosa Araújo, 12, s/c

Meu ilustre prezadíssimo amigo³¹⁷

Tive a satisfação de ler ontem na Academia³¹⁸ o trabalho de Vossa Excelência Foi magnífica a impressão que produziu. Mando o “século e Notícias”³¹⁹. Insuportáveis as gralhas do primeiro. Já entreguei o manuscrito à comissão do “Boletim”³²⁰. Farei a revisão das provas. Notavelmente Vossa Excelência deseja separata. Quantos exemplares?

Voltei a chegar a cadeira de Estudos Camonianos³²¹. Espero fazer mais tarde a história do triste e sintomático incidente. Agora um pedido de desculpa e uma explicação. Recebi em tempo competente o exemplar do “Tristão e Iseu”³²². Como não tinha tempo, na ocasião, para o ler, deixei para as férias grandes em prazer mental³²³. Mas ao partir para o Minho, esqueceu-me o livro e depois que vim ainda não tive coragem de abrir. Fá-lo hei logo que posso.

Um abraço do amigo obrigadíssimo.

José Maria Rodrigues.

³¹⁷ Alterações ortográficas do editor: Le.^a > Lisboa; Araujo > Araújo; V. Ex.^a > Vossa Excelência; pro-duziu > produziu; as > às; comis-são > comissão; “Buletim” > “Boletim”; a > à; in-cidente > incidente; descul-pa > desculpa; Tris-tão > Tristão; pa-ra > para; men-tal > mental; Fa-lo > Falo.

³¹⁸ Refere-se à Academia Brasileira de Letras, onde José Maria Rodrigues leu o trabalho de Afrânio Peixoto, provavelmente uma palestra ou artigo de relevância literária.

³¹⁹ O “Século” e o “Notícias” são publicações periódicas de Lisboa. As “gralhas” indicam erros de impressão, indicando que o texto do primeiro jornal não estava corretamente editado, o que afetou a experiência de leitura de Rodrigues.

³²⁰ Referência à comissão responsável pela publicação do “Boletim da Academia”, onde os membros da academia publicam seus trabalhos.

³²¹ A Cadeira de Estudos Camonianos é um cargo acadêmico relacionado ao estudo da obra de Luís de Camões, o autor de *Os Lusíadas*. Rodrigues menciona a sua retomada, indicando sua continuidade na regência da cadeira, que é um tema importante para o desenvolvimento dos estudos camonianos.

³²² *Tristão e Iseu* (1947), obra de Afrânio Peixoto.

³²³ O fato de Rodrigues não ter lido o livro até então se deve a uma combinação de falta de tempo e o esquecimento durante uma viagem ao Minho, uma região do norte de Portugal.

5.2.4 Edição interpretativa das cartas de Afonso Lopes Vieira

Carta sem data 01

Querido Amigo³²⁴

Parabéns³²⁵ – e do coração – pelas suas lições, das quais tive notícias particulares as mais agradáveis para si e para os seus amigos, que devem ser todos os Portugueses. Tive grande Pena de não saber a tempo da sua ida à faculdade de Letras³²⁶ e só este caso explica a minha ausência na missa Camoniana. O professor Henrique de Vilhena³²⁷ – que sei o procurou e lhe ofereceu um livro – pede-me para lhe propor a próxima quinta-feira para a sua visita à aula e Instituto de Anatomia³²⁸, onde tem grande empenho de o receber. Vilhena é um alto espírito de cientista e de letrado, e é também – o que o torna mais simbólico a quantos bem o apreciam – um homem de delicada timidez a quem são devidas certos bons cuidados que lhe permitam desabrochar para ser então todo ele. Para esse feito deve ter concorrido a dor (inimaginável!) que lhe causou a morte de duas filhas. É por tudo isto que lhe peço, com confiança de amigo velho, que trate com carinho esta alma formosa e concentrada. Peço-lhe me Telefone (2-9663) esta noite dizendo-me se dispor da quinta-feira próxima para aquela visita, onde o acompanharei. Abraço de amizade gratíssima e de admiração muito larga.

Afonso Lopes Vieira

Post-Scriptumno verão - São Pedro de Moel³²⁹, sem falta! Se Deus quiser. Afonso

³²⁴ Alterações ortográficas do editor: par- ticulares > particulares; q > que; êste > este; prof. > Professor; cientista > cientista; êle > ele; êsse > esse; dispór > dispor; gratissima > gratíssima; LV > Lopes Vieira; A. > Afonso; Ex mo > Excelentíssimo; P. S. > Post-Scriptum; Afranio > Afrânio.

³²⁵ No verso da carta constam as seguintes informações manuscritas: “Urgente Excelentíssimo Senhor Dr. Afrânio Peixoto Avenida Palace Dr. = Afonso Lopes Vieira”.

³²⁶ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

³²⁷ Henrique Jardim de Vilhena (Lisboa, Mártires, 13 de Março de 1879 – Lisboa, 15 de Abril de 1958) foi um médico, professor universitário, académico, escritor e político português.

³²⁸ O Instituto de Anatomia desempenha um papel crucial e transversal a todas as áreas da Medicina, não só no ensino de várias disciplinas do Mestrado Integrado em Medicina, mas também, através da sua presença noutros cursos da Universidade de Lisboa.

³²⁹ São Pedro de Moel é uma povoação com uma afamada praia adjacente que pertence à Freguesia e ao Município da Marinha Grande, Distrito de Leiria, em Portugal.

Carta sem data 02

Querido³³⁰ Amigo³³¹

O abraço que vinha dar-lhe deixo-o neste papel – e com quanta ternura, pessoal_ e nacional! Seja bem-vindo Afrânio à sua terra³³²! Quando nos encontramos? Diga pelo Telefone 2-9663 até às 15 horas de cada dia.

Espero que até breve – e em todo o caso até sempre. Ex Corde³³³ Afonso.

Post-Scriptum Tenho uma brincadeira de Natal para seu filho.

³³⁰ Alterações ortográficas do editor: q > que; Tel. > Telefone; P. S. > Post-Scriptum; Afranio > Afrânio.

³³¹ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “AVENIDA PALACE HOTEL LISBONNE TÉLÉ GRAPHE: PALACE PHONE: 20231 20232 20233 20234”.

³³² Afonso Lopes Vieira dá as boas vindas para Afrânio Peixoto que havia chegado a Lisboa, Portugal.

³³³ Expressão latina que significa “de coração”, frequentemente usada em correspondência formal ou literária. A expressão latina indica que Afonso está escrevendo com sinceridade e afeto, algo mais formal e reverente, o que é uma forma comum de expressar sentimentos profundos em correspondência pessoal.

Querido³³⁴ Amigo³³⁵

Amanhã, terça, às 15 horas (com minutos de tolerância que lhe peço) passarei por aqui para irmos ao Instituto da Academia³³⁶ onde é especial com tanto gosto.

Ex Corde³³⁷ Afonso

³³⁴ Alterações ortográficas do editor: q > que; gôsto > gosto.

³³⁵ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “AVENIDA PALACE HOTEL LISBONNE TÉLÉ GRAPHE: PALACE PHONE: 20231 20232 20233 20234”.

³³⁶ Academia das Ciências de Lisboa é uma das mais antigas instituições científicas nacionais de existência contínua. Foi fundada, no dia 24 de dezembro de 1779.

³³⁷ Expressão latina que significa “de coração”, frequentemente usada em correspondência formal ou literária para assinalar sinceridade e afeto. A expressão latina, demonstra o tom afetuosos e sincero da carta, reforçando a amizade entre Afonso e Afânio.

Querido³³⁸ Amigo³³⁹

A Senhora Condessa de Sabugosa³⁴⁰ receber-nos à amanhã às 4 da tarde, pelo que lhe peço que esteja às 3½ na Tabacaria Mónaco³⁴¹ (Rossio Ocidental³⁴², junto à sucursal do Século). Para eu ficar tranquilo peço me Telefone amanhã por volta do meio dia (telefone 2 - 9663). Abraço de velha e sempre grata amizade Afonso

Post-Scriptum na outra pagina

Se tiver livre esta noite venha ao Teatro nacional assistir à opera que ao Estado faço de um belo retrato do Augusto Rosa³⁴³. Telefone-me para eu Saber Se quer ir e combinarmos o encontro com o {†} {†}.

Afonso.

³³⁸ Alterações ortográficas do editor: q > que; tel. > telefone; P. S. > Post-Scriptum;.

³³⁹ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “AVIZ HOTEL AVENIDA FONTES LISBOA PORTUGAL”.

³⁴⁰ D. Mariana das Dores Palha de Vasconcelos Guedes (de Melo), 4ª condessa de Murça nasceu no dia 26 de Abril de 1856 e faleceu em 1952. A referência à Condessa de Sabugosa, uma figura aristocrática e de destaque social, sugere que o encontro de Afonso com ela é de importância social e cultural.

³⁴¹ A Tabacaria Mónaco no Rossio era um estabelecimento famoso e bem frequentado em Lisboa.

³⁴² O Rossio, uma praça central da cidade, era um ponto de encontro conhecido para figuras intelectuais e culturais.

³⁴³ Augusto Rosa foi ator, encenador, mestre dramático, diretor artístico, administrador e sócio fundador de uma das mais significativas companhias de teatro portuguesas: a Rosas & Brazão.

Querido Amigo³⁴⁴

Boa³⁴⁵ viagem!³⁴⁶ E até o próximo verão se Deus quiser. Então nós jantaremos, com sua Excelentíssima Mulher³⁴⁷ e seu filho³⁴⁸, entre o Mar e o Pinhal do Rei³⁴⁹. Pedimos, minha mulher³⁵⁰ e eu, que apresente a Sua Mulher, minha Senhora, este grande desejo nosso e da nossa casa, ao mesmo tempo que as nossas melhores respeitos.

Perdoe as rústicas ofertas que lhe envio - azeite das minhas oliveiras e uma pequena amostra das faianças³⁵¹ de Alcobaça³⁵². Abraço estreitíssimo do Seu admirador e amigo Ex Corde³⁵³ Afonso Lopes Vieira

Post-Scriptum Estou {†} melhor Saudades ao Antonio Carnaxide³⁵⁴ e Isi Carter

³⁴⁴ Alterações ortográficas do editor: Exma > Excelentíssima; q > que; nos > nós; minha > minha; êste > este; Perdõe > Perdoe; pequena > pequena; esreitissimo > estreitíssimo; LV > Lopes Vieira; Ex mo > Excelentíssimo; P. S. > Post-Scriptum; Afranio > Afrânio.

³⁴⁵ No verso da carta constam as seguintes informações manuscritas: “2 Excelentíssimo Senhor Dr. Afrânio Peixoto (Dr. = Afonso L V)”.

³⁴⁶ Afonso Lopes Vieira desejando boa viagem para Afrânio Peixoto que estava indo embora de Lisboa.

³⁴⁷ Francisca de Faria Peixoto esposa de Afrânio Peixoto.

³⁴⁸ José Júlio (Juca), filho de Afrânio Peixoto.

³⁴⁹ É uma floresta portuguesa e Afonso Lopes Vieira tem um poema intitulado *Pinhal do Rei*.

³⁵⁰ D. Helena Aboim esposa de Afonso Lopes Vieira.

³⁵¹ Louça de barro, argila ou pó de pedra, envernizada ou esmaltada, impermeável a líquidos e, em geral, ricamente decorada.

³⁵² As faianças de Alcobaça são um tipo de cerâmica tradicional portuguesa produzida em fábricas como a Fábrica de Raul da Bernarda, a Olaria de Alcobaça e a Fábrica de Faiança de José dos Reis. As faianças de Alcobaça são cerâmicas tradicionais de Portugal, particularmente conhecidas pela qualidade e pelo design. Alcobaça é uma cidade famosa pela sua cerâmica e também pelo Mosteiro de Alcobaça, um importante Patrimônio da Humanidade.

³⁵³ Do latim, significa “de coração”. Expressão empregada no fecho de cartas dirigidas a pessoas queridas.

³⁵⁴ Leitura conjecturada.

Querido³⁵⁵ Amigo³⁵⁶

Proponho 2ª feira para o jantar Astrológico e Camoniano. Peço, pelo telefone – hoje ainda – resposta. Grande abraço de sempre grata amizade e alta admiração.
Ex Corde³⁵⁷ Afonso

Telefone 2.9663

³⁵⁵ Alterações ortográficas do editor: EX mo > Excelentíssimo; tel. > telefone; Tel. > Telefone; Afranio > Afrânio.

³⁵⁶ No verso da carta consta a seguinte informação manuscrita: “7 Excelentíssimo Senhor Dr. Afrânio Peixoto Avenida Palace”.

³⁵⁷ “Ex corde” é uma expressão latina que significa “do coração”. É usada para fechar cartas dirigidas a pessoas queridas.

Carta de 28 de março

Querido Amigo³⁵⁸

Só agora tenho um portador que me dê esperança de que estas pobres letras se não extraviam no caminho e venho abraça-lo, encantado com o formoso presente que a sua gentileza – que é obra de Arte – me enviou há meses. Sim, obra de arte, a sua gentileza, e tão rara que os seus amigos nunca logram corresponder-lhe senão admirando-a. que Quando terei outro portador para lhe enviar a *Nova demanda do Graal*³⁵⁹, que sairá dentro de semanas ? Lá com o seu nome, a propósito da entrega da Poema ao Presidente Washington Luis (1928)³⁶⁰. Muito querido Amigo, abraço-o por cima do mar e faço os votos mais fervorosos por que o horror da Europa³⁶¹ vos poupe, a nós outros, filhos do Sol e ou Paz! – Que fiquem por aqui as nossas inquietações atuais - Deus o permita e os fados o queiram! Abraço-o fraternalmente, e envio-lhe os meus votos de boa ventura para si, para os seus queridos!

28 - 03³⁶²

Ex Corde³⁶³ Afonso

³⁵⁸ Alterações ortográficas do editor: q > Que; a-proposito > Apropósito; actuais > Atuais; nos > nós.

³⁵⁹ VIEIRA, AFONSO LOPES (1942) NOVA DEMANDA DO GRAAL. LISBOA: SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL BRASIL. 381 PÁGS.

³⁶⁰ “Washington Luís foi o último presidente da República Velha, governando entre 1926 e 1930, quando deposto por um golpe de Estado. Seu governo ficou marcado pela crise econômica mundial de 1929 e pela ruptura com a antiga política do café com leite.”

³⁶¹ A referência ao “horror da Europa” remete aos contextos de guerra e crise política que estavam marcando a Europa nos anos 1920, sugerindo que Afonso deseja que seu amigo seja poupado dos conflitos e dificuldades da época.

³⁶² 28 - III > 28 - 03.

³⁶³ Expressão latina que significa “de coração”, frequentemente usada em correspondência formal ou literária para assinalar sinceridade e afeto.

 Carta de 22 de junho

22 - 06³⁶⁴

Querido Afrânio³⁶⁵

Aproveito³⁶⁶ uma portadora amiga (que recomendo ao Antonio Carnaxide, lembrando-lhe que lha recomende a si) para lhe enviar este livro, que tem pelo menos um verso belo – o da capa.

Recebi a sua *História do Brasil*³⁶⁷, que vou levar para São Pedro, e é, pelo que já li, o mais decisivo, alto e formoso documento do seu Amor por Portugal³⁶⁸. É o mais belo *ex-voto* dos Centenários! Aqui o abraço junto ao coração para lhe agradecer as palavras encantadoras que me mandou a propósito da *Paixão de Pedro o Cru*³⁶⁹. A sua amizade é tão generosa que a gente desiste de alguma vez lhe poder mostrar como lhe é grato.

No horror dos dias que passam, no temor dos que podem vir, todos os Parte-query conscientes sofrem as mais graves horas de vida. – Por cima do mar abraço-o com fidelíssima amizade, desejando vê-lo entre nós para alegria nossa. Nossos melhores cumprimentos a sua Excelentíssima Mulher. Votos do coração pela sua boa fortuna e a dos Seus queridos!

Afonso.

Post-Scriptum foi em que 1646 ficasse para mais tarde!

³⁶⁴ 22 – VI > 22- 06.

³⁶⁵ Alterações ortográficas do editor: q > que; Afranio > Afrânio; êste > este; s. > são; já > já; dese =jando > desejando; cumptos > cumprimentos; Ex ma > Excelentíssima; P. S. > Post-Scriptum;.

³⁶⁶ Na entrelinha superior consta a seguinte frase: “Vésperas de partida para o Mar”.

³⁶⁷ História do Brasil livro de Afrânio Peixoto.

³⁶⁸ Afonso elogia a obra de Afrânio, *História do Brasil*, que considera um documento de grande importância, não apenas sobre o Brasil, mas também sobre a relação do autor com Portugal. A referência ao “ex-voto dos Centenários” sugere que a obra é vista como uma expressão de devoção ou homenagem a algo maior, possivelmente o país ou a história de Portugal, em um contexto de reflexão histórica.

³⁶⁹ *Paixão de Pedro o Cru* obra de Afonso Lopes Vieira.

Carta de 14 de maio de 1926

Querido Amigo³⁷⁰

Deu-me a sua carta (recebida ontem) excelente alegria: - chega enfim a ocasião de lhe mostrar como sou grato às suas grandes gentilezas, embora tão fácil seja esta demonstração!... - O mesmo é dizer que servirei com o maior gosto a *Dinamene*³⁷¹, como seu “intermediário artístico - literário.” Nada mais simples que imprimirmos o seu estudo nas oficinas da Biblioteca Nacional³⁷², as quais, desde a *Lusitânia*³⁷³, prefiro a todas as outras, porque introduzi aí um certo estilo, e tenho cordiais relações com os empregados, que são inteligentes e bons técnicos. O trabalho é aí um pouco mais caro, mas vale bem a pena a diferença, em vista do apuro e dos recursos. –

Entre esses, a abundância de tipo de sorte que o volume poderá ir, se o meu Amigo quiser, todo composto, às suas mãos, para que o reveja e reenvie. Posso, todavia, responsabilizar-me por uma revisão perfeita, desde que me ministre um texto perfeito também. Talvez esta última solução seja a preferível, afim de não demorar o trabalho, e tratando-se de uma 2ª edição.

Quanto ao preço da folha de 16 páginas, composição e impressão, regula por 160 escudos, e entrando o papel igual ao do *Amadis*³⁷⁴, 225 escudos a mesma forma.

Fico fazendo votos para que estas informações o animem, de modo que façamos a edição. - Perdoe-me agora que eu lhe diga que me parecia se obteria uma capa superior para o seu formoso ensaio camoniano, se se adaptasse, por exemplo, isto:

DINAMENE

“Alma minha gentil”

Estudo de Afrânio Peixoto, seguido de 44 poesias de Camões.

Enfim, bom e querido amigo, uma coisa sobretudo quero que saiba: - que fico com a melhor vontade de o servir e que lhe peço que se me dirija sempre com a maior confiança nesta vontade minha.

Et ora e sempre.

Muito grato e admirador

Afonso Lopes Vieira

14.05.1926³⁷⁵

³⁷⁰ Alterações ortográficas do editor: ‘em-fim’ > ‘enfim’; ‘Lusitania’ > ‘Lusitânia’; ‘a-fim-de’ > ‘afim de’; P. S. > Post-Scriptum;.

³⁷¹ Afonso Lopes Vieira faz referência à obra *Dinamene – Alma Minha Gentil: Estudo de Afrânio Peixoto*, que inclui um estudo crítico elaborado por Peixoto, seguido de uma seleção de 44 poesias de Luís de Camões. A obra apresenta uma análise sobre a figura de Dinamene na lírica camoniana, explorando sua relevância e impacto na construção poética de Camões. É interessante notar que a sugestão de alteração do título foi acatada por Afrânio Peixoto.

³⁷² Vieira sugere que o estudo de Afrânio Peixoto fosse impresso nas oficinas da Biblioteca Nacional de Lisboa, instituição onde mantinha boas relações com os técnicos responsáveis pela impressão. Ele ressaltava a excelência tipográfica e editorial dos trabalhos ali produzidos, reconhecidos pela precisão na composição tipográfica e pela qualidade dos materiais utilizados.

³⁷³ Revista de Estudos Portugueses, publicada em Lisboa entre fevereiro de 1924 e outubro de 1927, *Lusitania* contou com apenas dez números, caracterizados por uma periodicidade irregular. Afonso Lopes Vieira foi um dos seus fundadores e editores.

³⁷⁴ O *Romance de Amadis* (1922), de autoria de Afonso Lopes Vieira é uma recriação da história do cavaleiro medieval Amadis de Gaula.

³⁷⁵ 14. V. 26 > 14.05.1926.

Post-Scriptum Por discricção, não falei ao nosso amigo Aillaud³⁷⁶ neste assunto.

³⁷⁶ O luso-francês Júlio Monteiro Aillaud era dono de uma livraria parisiense e em 1910 adquiriu a sociedade e, juntamente com o luso-brasileiro Francisco Alves, assume a gestão das Livrarias Aillaud & Bertrand e do seu fundo editorial.

 Carta de 16 de outubro de 1926

Meu bom e querido³⁷⁷ Amigo³⁷⁸

Decidi enviar-lhe as provas de *Dinamene*³⁷⁹, porque, se as não demorar, a remessa dá tempo para o livro sair no natal ou Ano Bom - as épocas mais gentis. E também porque temo a responsabilidade da revisão feita sem os seus olhos! Lastimei que o seu desejo de que os versos fossem compostos no tipo do *Amadis* não pudesse ser satisfeito. Neste formato era totalmente impossível, por não caberem. E parti-los seria bárbaro, até fisicamente! - Queira indicar-me onde devo mandar depositar a edição. Creio que será na livraria Aillaud³⁸⁰, mas diga-me. Diga-me também o número de exemplares que deve ser remetido para o Autor. Pode o Aillaud marcar o preço do volume? Não seja parco³⁸¹ em pormenores. Enfim, o meu bom desejo é contentá-lo, e repito que já lastimo não o haver podido Satisfazer com relação aos tipos. Nas provas faltam ainda os últimos apuros de ordem estética, os quais farei executar depois de sua revisão.

Receba, meu bom e querido Amigo, as melhores lembranças do seu muito grande muito admirador Afonso Lopes Vieira

16 de Outubro 1926

Post-Scriptum Lembrei-me de incluir no volume a lista das suas obras que vem nas Páginas Escolhidas. Deseja isto? A revisão feita aqui foi assaz cuidadosa, mas conto com a sua.

Afonso Lopes Vieira.

Costa do Castel, 45 Lisboa

PPSS - Queira reenviar as provas ao Senhor Júlio Pinto de Oliveira, Biblioteca Nacional de Excelência.

³⁷⁷ Alterações ortográficas do editor: porq > porque; dà > dá; q > que; podesse > pudesse; por/não > por não; partí-los > parti-los; física- mente > fisicamente; onde/devo > onde devo; en > em; Em- fim > Enfim; mto > muito; LV > Lopes Viera; Julio > Júlio; Out. > Outubro; vol. > volume; Sr. > Senhor; Ex^a > Excelência; P. S. > Post-Scriptum; ALV > Afonso Lopes Viera.

³⁷⁸ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: "LVSITANIA REVISTA DE ESTVDOS PORTVOGVESES".

³⁷⁹ Obra *Dinamene* – *Alma Minha Gentil: Estudo de Afrânio Peixoto*, que inclui um estudo crítico elaborado por Peixoto, seguido de uma seleção de 44 poesias de Luís de Camões..

³⁸⁰ A Livraria Aillaud & Lellos era uma das últimas livrarias históricas da cidade de Lisboa e um marco na Rua do Carmo. Esta livraria generalista foi fundada por Raul Lelo em 1931, e concebida por António José Ávila do Amaral, colaborador de Cassiano Branco.

³⁸¹ Parco: que faz economia ou poupa.

 Carta de 03 de novembro de 1926

Bom e querido³⁸² Amigo³⁸³

Escrevo-lhe todo doido ainda deste golpe terrível: morreu a minha mãe! Acabou-se a minha melhor meninice... Ai de mim! Quanto a Dinamene³⁸⁴, espero que sairá no Natal. (Também eu tinha um livro para o Natal, mas já o retirei da máquina.) Tomei nota de tudo o que me diz na sua carta³⁸⁵, recebida ontem, e enviei ao nosso caro Aillaud³⁸⁶ a que lhe endereçava. Com ele me entenderei, pois, em tudo o que financeiro for. Repito ainda: não me agradeça nada! Acredite, sim, que me encantou o ter havido ensejo de lhe mostrar (mas de que fácil modo!) quanto sou grato às suas imensas gentilezas para comigo, e como estimo a nossa amizade. Sim/ Dinamene há de aparecer bonita, com estilo, que é o verdadeiro segredo da arte, de toda a arte. Farça há o possível para se obter papel da China, que deve ser muito caro. Mas temo que o não haja em Lisboa falarei com Aillaud. À sua lista de acertos acrescentei alguns belos nomes. Espero que será agora a própria Dinamene que lhe levará notícias, e a Deus peço que o meu Amigo fique contente. Com as lembranças mais afetuosas do seu muito amigo e muito admirador

Excelência _ 3.11.1926³⁸⁷

Afonso Lopes Vieira

³⁸² Alterações ortográficas do editor: dêste > deste; terrível > terrível; qto > quanto; q > que; oreirei > o retirei; êle > ele; fôr > for; segrêdo > segredo; tôda > toda; pa. > para; mto > muito; hájá > haja; asertos > acertos; Ex.^a > Excelência; LV > Lopes Vieira.

³⁸³ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “LVSITANIA REVISTA DE ESTVDOS PORTVOGVESES”.

³⁸⁴ Obra *Dinamene – Alma Minha Gentil: Estudo de Afrânio Peixoto*, que inclui um estudo crítico elaborado por Peixoto, seguido de uma seleção de 44 poesias de Luís de Camões..

³⁸⁵ Afonso confirma que recebeu uma carta de Afrânio e que tomou nota de tudo o que foi discutido. Ele menciona que encaminhou a carta para Aillaud, a quem ele se referia, e que as questões financeiras da publicação serão tratadas diretamente com ele.

³⁸⁶ O luso-francês Júlio Monteiro Aillaud era dono de uma livraria parisiense e em 1910 adquiriu a sociedade e, juntamente com o luso-brasileiro Francisco Alves, assume a gestão das Livrarias Aillaud & Bertrand e do seu fundo editorial.

³⁸⁷ 3.XI.26 > 3.11.1926.

Carta de 17 de outubro de 1928

Querido Amigo³⁸⁸

A sua ausência do Rio, e por motivo tão ansioso, foi a única recordação triste que eu trouxe. Esperava dar-lhe um abraço á sua passagem e tinha até ideado uma visita sua e dos Seus a esta casa de São Pedro, donde vou partir para Lisboa; e tinha combinado com o Doutor José Maria Rodrigues reunirmo-nos aqui em Camoniana confraria. Oxalá a sua reservada discrição ao passar no Tejo não veja mais sinceros por que o seu filho regresse de boa saúde ou em via de a cobrar. Não estava porém ausente do Rio o Seu encantador espirito, que sempre me acompanhou com alta gentileza e amizade. Abraço-o, querido Amigo, por essa assistência espiritual que tanto me encantou e serviu. Também eu me lembrei sempre de si e tive o gosto de citar o seu nome todas as vezes que o exigia o Culto Camoniano, a começar pela mensagem ao Presidente.

Sim, abraço-o encarecidamente por tudo e em especial pela carta lida na Academia e em que a sua amizade foi tão Admiravelmente generosa. – Claro que tive de sacrificar o meu gosto pessoal de muito demorar no Brasil ao, meus deveres de embaixador de Camões. Desempenhava a missão, julguei e ainda julgo que o perfeito era partir. Com custo o fiz e com a esperança e o desejo de voltar, não fui quando. Mas a emoção tão grande e nova que recebi ao encontrar-me com a Alma brasileira, nunca a poderei esquecer.

Entre os Amigos excelentes que ai conheci desejo citar o Ataulpho de Paiva³⁸⁹, a quem peço dê um abraço meu. A gentileza deste Amigo é uma obra de arte, e a ele fiquei devendo em boa parte o êxito da minha missão. Peço-lhe apresente também a Coelho Netto³⁹⁰ as minhas lembranças de camarada e amigo muito grato. Cito estes dois por exigência especial do coração, mas teria de citar todos os brasileiros que conheci se quisesse cumprir o meu dever até o fim.

Quanto a edição nacional de *Os Lusíadas*, o Doutor José Maria Rodrigues e eu esperamos que lhe agrade. Contamos publicar mais tarde uma *Seleta das Líricas*. – Torno a dizer-lhe, querido Amigo, quanto que isto me haveria dado a sua visita aqui, com uma romagem aos mosteiros e castelos desta província que é o coração histórico de Portugal. O que posso apenas é abraçá-lo por cima das infinitas águas, pondo neste abraço uma amizade gratíssima e uma admiração sincera.

Afonso Lopes Vieira

São Pedro de Moel

17.10.1928³⁹¹

³⁸⁸ Alterações ortográficas do editor: q > que; S. > São; gôsto > gosto; Acade-mia > Academia; mto > muito; êle > ele; Lusiadas > Lusíadas; Dr. > Doutor; J.M.R. > José Maria Rodrigues; Selecta > Seleta; Líricas > Líricas; abarçá-lo > abraçá-lo.

³⁸⁹ Ataulpho Napoles de Paiva, filho do Tenente Joaquim Pinto de Paiva e D. Feliciano Rosa do Vale Paiva, nasceu em 1º de fevereiro de 1865, em São João Marcos, província do Rio de Janeiro.

³⁹⁰ Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934.

³⁹¹ 17.X.28 > 17.10.1928.

Meu querido e ilustre amigo³⁹²

Acabo de receber *Dinamene*,³⁹³ cuja oferta gentilíssima me vem recordar mais uma vez a espécie de comprometimento em que me acho para amigo, por causa da Lusitânia e da tardança no aparecimento do fascículo Camoniano. Vai ele porem publicar se, e deve chegar às suas generosas mãos apenas alguns dias depois desta carta. Como compensação à demora havida e ao grande trabalho que este fascículo nos deu, espero contudo que lhe agrade, ao meu bom Amigo e aos outros eminentes lusiadas do Brasil. Aí verá o seu nome celebrado com justiça, embora as notícias que escrevi acerca da Cadeira de Camões e as publicações da S. E. Camonianos sejam meros apontamentos, destinados sobretudo a documentar o admirável movimento comunista do Brasil. Foi-me gratíssimo referir-me à sua inuitiva da³⁹⁴ Cadeira de Estudos Camonianos e não me esqueci de fazer avultar também o nome do Doador, Sem o que – tenho a certeza – haveria desgasto para o meu Amigo. Enfim, creio que este fascículo nos deverá deixar bastante satisfeitos, pelo menos com a consciência tranquila.

E ‘ este o momento de agradecer mais uma vez a gentileza da sua colaboração e a do Doutor Pedro A. Pinto. – Quanto a *Diname*, já vem transcrito no fascículo prosa sua acerca dela, e no *Sonemaire*³⁹⁵ a tradução devida ao fato precursor das exosismos de amor. Fico com a maior vontade de conhecer a sua opinião, querido e ilustre Amigo, mas absolutamente sincera opinião sobre o fascículo que vai receber.

Quanto à gloria que me quis dar nas referências que lhe mereceram na Academia o Amadis e a Diama, já lhe exprimi como elas me encantaram e marcaram, mas nunca é demais repetir-lhe como sou grato ao generoso Amigo. Hoje mesmo enviarei à Senhora Dona Carolina o exemplar S. E. destinado. Dor nova e pungente é saber que a eminente Senhora se acha muito doente. Quando este Espirito {†} nos faltar, sentiremos uma Sorte a orfandade! foi revisto no leito, com incômodos e dores grandes. Assim a queridíssima Senhora e Mestra nos dá, até o fim, exemplos de heroísmo.

Adeus, bom e querido e eminente lusiada. Meus versos o lembramos com verdadeira, fraternal Simpatia. Ainda ontem, no gabinete do nosso caro amigo Aillaud este falou do Doutor Afrânio Peixoto nos termos mais afetuosos, pelo coração e pelo espirito. E é com sentimentos de certa amizade, de admiração sincera e de simpatia espiritual, que lhe mando os melhores recados e saudades, Afonso Lopes Vieira

Excelência 31. Maio – 29

Post-Scriptum Torno a pedir-lhe que não esqueça a nossa Lusitânia, onde deviríamos lê-lo muitas vezes. Esperamos que a jornada do 2º ano venha a ser mais regular nos prazos.

³⁹² Alterações ortográficas do editor: aserte > acerte; q > que; Lusitania > Lusitânia; tardença > tardança; fusciculo > fascículo; Camo-niano > Camoniano; E. C. > Estudo Camoniano; Dr. > Doutor; D. > Dona; êle > ele; êste > este; notícias > notícias; acêrca > acerca; sejim > sejam; aponta-mentos > apontamentos; inuitiva > intuitiva; desgâsto > desgasto; êste > este; Qto > Quanto; Dina-me > Diname; facto > fato; absolutamte > absolutamente; sôbre > sobre; mere-ceram > mereceram; mto > muito; Qdo > Quando; fultar > faltar; dà > dá; lusiada > lusiada; affectuosos > afetuosos; P. S. > Post-Scriptum; Afranio > Afrânio; Lusitania > Lusitânia; enviar-lhe-ei > enviar-lhe-ei; A. > Afonso; Excelencia > Excelência.

³⁹³ Dinamene obra de Afrânio Peixoto.

³⁹⁴ Afrânio Peixoto foi um filólogo e camonista brasileiro que contribuiu para os estudos camonianos de diversas formas, incluindo a criação da Cadeira de Estudos Camonianos na Faculdade de Letras de Lisboa e a publicação de Ensaios Camonianos.

³⁹⁵ “Sonemaire” em francês, traduzindo significa “Resumo”.

No próximo Natal enviar-lhe-ei se Deus quiser a nova edição do Amadis, com texto, que será talvez o definitivo, muitíssimo melhorado no desenvolvimento da composição, não do entrecho. Não cessei nem cesso de trabalhar nele, e espero haver-me aproximado do equilíbrio desejável.

Afonso.

 Carta de 28 de fevereiro de 1940

Largo³⁹⁶ da Rosa, 28 - 02 - 1940³⁹⁷

Querido Amigo,

Nunca o esqueço, nunca o esquecemos. Eu estive à espera de ter coisas positivas para lhe contar. E como das conspirações de amizade feitas com a Amélia já resultou uma certeza, pelo menos, digo-lhe. - A sua peça irá em qualquer caso, com ou sem subsídio - em Maio se possível for. Não foram pois enviadas as duas cartas, uma das quais traria até talvez inconvenientes se fosse entregue (J.D.) como há a peça oficial (Vila Viçosa³⁹⁸) seria pouco diplomático parlamentar com o campo naturalmente pouco propício a 1640. Mas o ministro da E.N. portou-se muito bem consigo sob Todos os aspectos, até mandando conservar o seu título, que os oficiais gostariam de mudar. Eu não farei o ato de que Você falava tão gentilmente, mas estou pronto a ser o prólogo da noite, com algumas palavras bem sentidas. O outro - e imenso - desejo nosso é que o governo Português pratique o elementar ato de patriotismo de o convidar a assistir aos centenários. Deseja-se que o convite seja feito pela Universidade de Lisboa (melhor que pela Academia ou pelo Ministério dos Estrangeiros. Suponho que isto se conseguirá sem mais dificuldades que as que os Estados põem em quanto fazem. O Doutor Horácio Menano (cunhado de Amélia) é o nosso melhor agente para este desígnio. Querido amigo, repito que nunca o esqueço, nunca o esquecemos - por gratidão pessoal e Nacional! Por mim, poète maudit³⁹⁹, muito pouco posso fazer, mas nem por isso me anima menos boa vontade. Entretanto, a atmosfera aqui tem-se carregado muito cada vez se carrega mais⁴⁰⁰. Mais ceci est une Ante histoire⁴⁰¹. O que lhe afirmo é que Você está sempre presente entre nós, os seus amigos. E nunca pense que o lembramos menos. Pelo Angola, que partiu hoje, mandei-lhe o que acabo de publicar e oxalá lhe agrade. É um sonho de quatro anos realizado em dois meses de Moel.

Nossos melhores cumprimentos para sua Excelentíssima Mulher, minha Senhora, com os melhores votos pelos Seus queridos. Et ora e sempre muito admirador, muito agradecido, muito amigo

Afonso.

³⁹⁶ Alterações ortográficas do editor: digo-lha > digo-lhe; qual= quer > qualquer; çem > sem; fôr > for; fôsse > fosse; parla=mentar > parlamentar; mto > muito; q > que; acto > ato; govêrno > governo; poem > põem; Amelia > Amélia; designio > desígnio; Dr. > Doutor; V. > Voçê; Ex ma > Excelentíssima.

³⁹⁷ 28 - II 1940 > 28 - 02 - 1940.

³⁹⁸ Vila Viçosa é uma vila portuguesa no Distrito de Évora.

³⁹⁹ Poeta maldito (em francês: poète maudit) é um termo utilizado para referir os poetas que mantêm um estilo de vida que pretende demarcar-se do resto da sociedade, considerada como meio alienante e que aprisiona os indivíduos nas suas normas e regras, excluindo-se mesmo dela ao adotar hábitos considerados autodestrutivos. Afonso se descreve como um “poète maudit” (poeta amaldiçoado), uma expressão que denota alguém marginalizado ou afastado da sociedade literária convencional. Ele admite que tem pouco poder de ação, mas está motivado pela boa vontade.

⁴⁰⁰ Afonso observa que a situação ao seu redor, possivelmente no cenário político ou social, está ficando cada vez mais tensa e carregada, o que pode refletir a instabilidade do período.

⁴⁰¹ Tradução: Esta é uma caverna de histórias. A expressão “Mais ceci est une Ante histoire” pode ser uma forma de Afonso dizer que a situação que descreve é apenas o início de algo mais complexo ou que está por vir (essa expressão sugere uma história que está por se desenrolar).

5.2.5 Edição interpretativa das cartas de Manoel de Sousa Pinto

Carta de 09 de novembro de 1927

S/C: Avenida da liberdade, 204 - 4º E.

1927. Novembro 9

Querido⁴⁰² amigo⁴⁰³

Quando me dei, com entusiasmo, á grata tarefa de lhe enviar os dois exemplares do Livro⁴⁰⁴ comemorativo da inauguração da Cadeira de Estudos Camonianos⁴⁰⁵, ignorava que estava combinado que eles fossem entregues aí solenemente na Embaixada de Portugal⁴⁰⁶, com todas as honras devidas.

Já os tinha mandado, quando me avistei com o Doutor José Maria Rodrigues⁴⁰⁷, depois de férias, e com o Doutor Joaquim de Carvalho⁴⁰⁸, que aqui veio. Só então soube da justa homenagem projetada.

Em vista de os primeiros exemplares irem já a caminho, ficou assente remeter outros dois ao Embaixador⁴⁰⁹, para a significativa cerimónia, a que calorosamente me associo.

Houve, da minha parte, uma tal ou qual precipitação na remessa? Se sim, proveio do sôfrego desejo de lhe fazer chegar às mãos amigas, e julgo que ansiosas, o livro padrão da as belas iniciativa. Coloquei-me, por momentos, no seu lugar, calculamos o muito que terá pensado no demorado volume.

É claro que, tendo procedido com a melhor das intenções, ficaria desolado se tivesse, involuntariamente, prejudicado a merecida festa oficial; mas, felizmente, empenhados todos,

⁴⁰² Alterações ortográficas do editor: êles > eles; fôssem > fossem; projectada > projetada; bela > belas; involuntariamente > involuntariamente; arran-jámos > arranjámos; me-ritória > meritória; Dr. > Doutor; M. to > muito; adm. r > admirador; am.o > amigo; obg. mo > obrigadíssimo.

⁴⁰³ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim, consta no cabeçalho as seguintes informações: “CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa”.

⁴⁰⁴ Título: Livro comemorativo da fundação da cadeira de estudos camonianos, autor(es): Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, publicação: Coimbra, imprensa da Universidade, 1927. Trata-se de um livro comemorativo dedicado à inauguração de uma cadeira académica sobre Camões, figura central na literatura portuguesa. A ligação entre este livro e a Cadeira de Estudos Camonianos sugere um vínculo com a cultura lusófona e o estudo da literatura portuguesa.

⁴⁰⁵ A primeira Cadeira de Estudos Camonianos havia sido criada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1924, por sugestão do grande camonista brasileiro, Afrânio Peixoto, e cujo primeiro titular, José Maria Rodrigues, assumiu a sua regência até 1933, quando Hernâni Cidade o sucedeu.

⁴⁰⁶ Embaixada é a representação de um país no território de outra nação por meio de um embaixador. Refere-se à representação diplomática portuguesa no país onde o destinatário da carta reside, sendo importante que os exemplares do livro fossem entregues de maneira solene na embaixada, com todos os rituais e protocolos diplomáticos.

⁴⁰⁷ Dr. José Maria Rodrigues e Dr. Joaquim de Carvalho: académicos de relevância intelectual, com quem o autor teve um encontro posterior às férias. Joaquim de Carvalho é conhecido na história da literatura portuguesa como um importante crítico literário.

⁴⁰⁸ Joaquim de Carvalho foi um distinto professor de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde leccionou a disciplina de Filosofia Moderna (e também Moral, Filosofia Antiga, História da Pedagogia) em ligação às disciplinas de História da Educação e Pedagogia que leccionou no Curso Normal Superior de Coimbra.

⁴⁰⁹ A menção do embaixador indica que a cerimônia de entrega dos livros seria uma ocasião importante e oficial, com participação das autoridades portuguesas no exterior.

aqui, no mesmo propósito de o homenagear, e ao seu benemérito colaborador, arranjámos a nova fórmula, que compõe as coisas, e ainda as reforça, recebendo os ilustres fundadores de tão meritória obra os seus exemplares em duplicado.

Podia ocultar-lhe o sucedido, mas prefiro que o saiba por mim, em toda as suas minúcias. Se ainda não estava informado da homenagem diplomática, fica prevenido.

E diga alguma coisa ao que abraça e é muito admirador e amigo obrigadíssimo, Manoel de Sousa Pinto.

 Carta de 04 de abril de 1928

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

1928. Abril 4

Caríssimo⁴¹⁰ Amigo⁴¹¹

É sempre festa para mim um novo livro seu. *Uma mulher como as outras*⁴¹² chegou ontem, afetuosamente endereçada por sua mão. Vou consagrar á sua leitura algumas das melhores obras desta Páscoa⁴¹³. Muito obrigado.

Escrevo-lhe desde já, e jubiloso, para não demorar O agradecimento a tão apreciado favor. Direi depois a minha opinião ao público, ainda não sei bem onde, porque isto por cá anda pouco bem quanto a revistas e jornais. Mas não deixarei de apresentar, com o novo e simpático volume, a sua última heroína, Helena⁴¹⁴, Bagéense⁴¹⁵.

Correu aqui, não sei com que fundamento, que viria brevemente honrar Lisboa com a sua presença e a sua palavra, imagine quem? O meu mui caro, o nosso querido, Afrânio Peixoto⁴¹⁶. Pelo interesse com que a boa-nova se espalhou, medi a importância que a sensacional visita terá, quando realizada. se pensar em vir, como andam a dizer, tenho a certeza de que não deixará de prevenir-me.

Ainda não recebi nenhum número da *Revista da Academia*⁴¹⁷ deste ano. Está atrasada? Também ainda espero o subsídio do Governo⁴¹⁸, que o ano passado veio em Março.

Com os parabéns mais calorosos e muitos agradecimentos, abraça-o o muito admirador e amigo obrigadíssimo, Manoel de Sousa Pinto.

⁴¹⁰ Alterações ortográficas do editor: afectuosa- mente > afetuosamente; mi- nha > minha; Afranio > Afrânio; interesse > interesse; espa- lhou > espalhou; cer-teza > certeza; dêste > deste; atrasada > atrasada; Govêrno > Governo; parabens > parabéns; M. to > muito; am. o > amigo; Obg. mo > obrigadíssimo; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴¹¹ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa”.

⁴¹² *Uma mulher como as outras* (1928), livro de Afrânio Peixoto.

⁴¹³ Páscoa é uma celebração do cristianismo que relembra a crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Manoel indica que pretende dedicar parte de seu tempo durante a Páscoa, feriado tradicionalmente associado a momentos de descanso, à leitura do livro recém-recebido.

⁴¹⁴ Personagem da obra *Uma mulher como as outras* (1928) de Afrânio Peixoto.

⁴¹⁵ A heroína do livro mencionado, *Uma mulher como as outras*(1928), é de Bagé, uma cidade no sul do Brasil. O termo “Bagéense” é usado para referir a sua origem, indicando um detalhe local que pode ser relevante para a compreensão cultural do livro.

⁴¹⁶ Sua possível visita a Lisboa é mencionada com grande expectativa, o que reforça o respeito e a admiração pelo autor e a importância de sua figura no cenário literário de ambos os países e Manoel destaca a relevância da presença de Peixoto, usando o evento como exemplo do intercâmbio cultural luso-brasileiro.

⁴¹⁷ Refere-se a uma publicação periódica vinculada à Academia Brasileira de Letras. A menção à revista indica o interesse contínuo de Manoel em acompanhar a produção acadêmica e literária.

⁴¹⁸ Refere-se a um financiamento ou ajuda financeira fornecida pelo governo para apoiar projetos culturais ou acadêmicos. A menção ao atraso indica uma preocupação administrativa ou prática, possivelmente relacionada à continuidade de suas atividades literárias ou acadêmicas.

 Carta de 16 de outubro de 1928

1928. Outubro 16

S/C Avenida da Liberdade, 204 - 4º E.

Querido amigo⁴¹⁹

Recebida no dia seguinte ao da sua passagem, a sua cartinha de bordo⁴²⁰ deu-me o prazer de ver que não se esquece de mim, mas causou-me grande arrelia por não ter podido abraçá-lo. Sei como o seu feitio de trabalhador incansável⁴²¹ detesta as incômodas deferências oficiais e as importunidades jornalísticas. se, porém, me tivesse avisado a tempo, eu, embora arriscando-me ao protesto dos outros, teria sabido respeitar o seu “incógnito⁴²²”. Fiquei pesaroso por não ter trocado comigo algumas palavras de mata saudades, naquele lindo domingo em que passou no Tejo⁴²³.

Como lhe estavam preparadas várias homenagens, houve certa decepção com a notícia que o Diário de Lisboa⁴²⁴ foi o primeiro a publicar na 2ª feira á noite. Mando-lhe dentro desta⁴²⁵, bem como a do século. O seu pequeno⁴²⁶? Melhorou com a {†}? Espero que sim.

Peço-lhe para apresentar os meus respeitos a sua Excelentíssima Esposa⁴²⁷, e, escrevendo à pressa, para o saudar no regresso, só cabe aqui o grande abraço do muito admirador e amigo obrigado, Manoel de Sousa Pinto.

⁴¹⁹ Alterações ortográficas do editor: pas- sagem > passagem; gran- de > grande; arrelia > arrelia; res-peitar > respeitar; mata – saudades > mata saudades; Diario > Diário; Ex. ma > Excelentíssima; Espôsa > Esposa; am. o > amigo; Obg. Do > obrigado; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴²⁰ Refere-se a uma carta enviada enquanto Afrânio Peixoto estava viajando, provavelmente a bordo de um navio. Isso sugere uma correspondência regular entre os dois, que vai além do contato apenas formal, sinalizando um relacionamento de amizade.

⁴²¹ Manoel reconhece o caráter do destinatário como alguém muito dedicado ao trabalho e que, por isso, evita as formalidades e os rituais de reconhecimento públicos, como as homenagens oficiais e os jornalistas.

⁴²² “incógnito” significa que ou quem procura não ser reconhecido, quer esconder sua verdadeira identidade. A palavra “incógnito” faz referência ao desejo de Afrânio Peixoto de passar despercebido ou fora do foco das atenções, especialmente em uma cidade como Lisboa, onde as figuras públicas frequentemente atraem uma quantidade considerável de atenção.

⁴²³ Tejo é um dos rios mais extensos da península ibérica e o maior em território português.

⁴²⁴ O Diário de Lisboa, que se publicou entre 1921 e 1990, foi, sem dúvida, um dos jornais de referência do Século XX português.

⁴²⁵ A expressão indica que Manoel está enviando com a carta outras informações, provavelmente recortes de jornal, relacionados à divulgação da visita do destinatário no *Diário de Lisboa* e no *Século* (outro jornal da época).

⁴²⁶ Está se referindo a José Júlio (Juca), filho de Afrânio Peixoto, que faleceu, aos 18 anos, em 1942.

⁴²⁷ Manoel faz uma saudação respeitosa à esposa de Afrânio Peixoto, Francisca de Faria Peixoto, demonstrando um gesto de cortesia e de consideração pela família do amigo.

Carta de 17 de abril de 1929

1929. Abril 17

S/C: Avenida da Liberdade, 204 - 4º E.

Querido Amigo⁴²⁸

Disseram-me, da agência, que o Astúrias⁴²⁹ deve entrar de noite, a hora ainda incerta. Vou logo fazer todo o possível para o ver, mesmo a certa distância, porque não se pode ir a bordo. Não sei, porém, se os meus esforços serão bem sucedidos. Por isso, á cautela, aqui lhe mando as saudações mais cordeais - e as do João Lúcio de Azevedo⁴³⁰, que, doente com gripe, me pediu por core apresentar – com um grande abraço de boa- viagem.

Admirador e amigo obrigado, Manoel de Sousa Pinto.

⁴²⁸ Alterações ortográficas do editor: core- apresentar > core presentar; Obg. do > obrigado; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴²⁹ O Príncipe de Asturias foi um navio transatlântico operado pela companhia espanhola Pinillos Izquierdo y Cia., encomendado para fazer a linha regular de passageiros e cargas entre Barcelona e Buenos Aires, passando por Cádiz, Las Palmas de Gran Canaria, Ilhas Canárias, Rio de Janeiro, Santos e Montevidéu.

⁴³⁰ João Lúcio de Azevedo (Sintra, 16 de abril de 1855 — Sintra, 1933) foi um historiador português.

 Carta de 29 de abril de 1929

1929. Abril 29

S/C: Avenida da Liberdade, 204- 4º E.

Querido Amigo⁴³¹

Sinhazinha⁴³², felicissimamente, não se perdeu no caminho. Tenho-a aqui junto de mim, muito estimada. Belo livro de fatalidade e emoção, prolongando admiravelmente a série das suas novelas rústicas. Curioso, o fato de o romance ter saído do entrecho do Baralho! Já anunciei Sinhazinha aos meus alunos, e hei de ocupar-me dela com demora num volume que preparo sobre Autores Brasileiros⁴³³. Com sinceros agradecimentos, as minhas calorosas felicitações.

Muito obrigado pela sua carta e pela inclusão do meu estudozinho no volume do Botelho de Oliveira⁴³⁴, que aguardo para breve. A notícia do seu próximo aparecimento confirma a continuação dos Clássicos da Academia⁴³⁵. Ainda bem! Espero com curiosidade o trabalho de R. Garcia sobre o Bento Teixeira⁴³⁶.

Fiz o possível para o ver aqui. Cheguei a avistar o Asturico⁴³⁷, mas, como não desembarcou no cais em que eu o esperava, quando cheguei à Embaixada⁴³⁸ para o abraçar, já de lá tinha saído. Fiquei desapontado. Oxalá que na volta tudo corra melhor.

João Lúcio d' Azevedo⁴³⁹ vai melhor. Tem um livro a sair, de 500 páginas, a respeito de história económica de Portugal e domínios⁴⁴⁰. Ainda lhe não mostrei a sua carta.

Quais são os seus projetos? Quando vai para Vichy⁴⁴¹? Não vem até cá?

⁴³¹ Alterações ortográficas do editor: *Sinházinha* > *Sinhazinha*; *Felicissimamente* > *felicissimamente*; *esti- mada* > *estimada*; *admirávelmente* > *admiravelmente*; *facto* > *fato*; *Barralho* > *Baralho*; *hei -de* > *hei de*; *ocu- par-me* > *ocupar-me*; *sôbre* > *sobre*; *avis- tar* > *avistar*; *págs* > *páginas*; *Por- tugal* > *Portugal*; *projectos* > *projetos*; *ManoeldeSousaPinto* > *Manoel de Sousa Pinto*.

⁴³² *Sinhazinha* é o título de um romance do escritor brasileiro Afrânio Peixoto, publicado em 1929.

⁴³³ Manoel, que é um acadêmico, já divulgou o romance entre seus alunos e planeja escrever sobre ele em um volume sobre *Autores Brasileiros*, indicando o prestígio que a obra tem no meio intelectual. A menção a um “volume” mostra um projeto de maior envergadura sobre a literatura brasileira.

⁴³⁴ OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Musica do Parnasso – A Ilha de Maré*. Apresentação de Afrânio Peixoto e estudos de Xavier Marques e Manoel de Sousa Pinto. Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira / Álvaro Pinto Editor (Anuario do Brasil), s/d [1929].

⁴³⁵ A primeira Coleção da Academia Brasileira de Letras nasceu em 1931 e por decisão unânime, foi nomeada “Coleção Afrânio Peixoto” para homenagear seu idealizador. É composta por obras que saíram como Biblioteca de Cultura Nacional.

⁴³⁶ Por muito tempo, os críticos da “literatura colonial” buscaram decidir se ambos eram da autoria de Bento Teixeira, que também poderia ter sido o “autor” de *Diálogos das Grandezas do Brasil* e outros textos. Credita-se a Rodolfo Garcia e a Capistrano de Abreu, principalmente, a descoberta de que Bento Teixeira só poderia mesmo ter escrito a *Prosopopeia*, sendo o relato de naufrágio atribuído a Afonso Luís e os Diálogos a Ambrósio Fernandes Brandão. (CUNHA & DURVAL, 1972, p. 1-5).

⁴³⁷ O Príncipe de Asturias foi um navio transatlântico operado pela companhia espanhola Pinillos Izquierdo y Cia., encomendado para fazer a linha regular de passageiros e cargas entre Barcelona e Buenos Aires, passando por Cádiz, Las Palmas de Gran Canaria, Ilhas Canárias, Rio de Janeiro, Santos e Montevidéu.

⁴³⁸ Embaixada é a representação de um país no território de outra nação por meio de um embaixador.

⁴³⁹ João Lúcio de Azevedo (Sintra, 16 de abril de 1855 — Sintra, 1933) foi um historiador português. Mencionado novamente como um amigo, está se recuperando de uma doença e está prestes a lançar um livro de 500 páginas sobre a história econômica de Portugal, o que indica a relevância do autor e sua dedicação ao estudo da história portuguesa.

⁴⁴⁰ DE AZEVEDO, J. Lúcio. *Épocas de Portugal económico*. 1973.

Vá dando notícias, e aceite o grande abraço certo do muito admirador e amigo gratíssimo Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁴¹ Manoel pergunta à Afrânio sobre seus futuros planos, mencionando Vichy, uma cidade na França, sugerindo que o destinatário possa ter viagens ou compromissos profissionais fora de Portugal. A curiosidade sobre os projetos do amigo reflete a proximidade da relação.

Carta de 24 de julho de 1930

1930. Julho 24

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

Querido amigo⁴⁴²

Muito obrigado pela oferta do *Tristão e Iseu*⁴⁴³, bom livro que o conselho de Gide⁴⁴⁴ o levou a por em português. Em tendo férias, hei de saborear a versão, por certo excelente. Muito obrigado também pelo exagerado louvor com que apresentou à Academia⁴⁴⁵ as meus dois trabalhos. As suas palavras, autorizadas, são sempre precioso estímulo para a minha tarefa. Imagine que, quando as proferiu, veio um telegrama da Americana dando a notícia, mas dizendo que o meu caro Amigo me tinha criticado severamente. Felizmente que a Agência de cá, tendo estranhado o fato, me comunicou o telegrama antes de o dar aos Jornais. Garanti que havia erro da transmissão: não porque eu não seja susceptível de crítica, mas pela sua infinita amabilidade a meu respeito, e ainda pelo fato de nos Romancistas Brasileiros haver, como não pode deixar de ser, o seu nome. Demodo que o telegrama saiu bem. Imagine!

Terminei há dias, com bons resultados, os exames do meu curso⁴⁴⁶. Devo agora ir a Coimbra fazer 2 conferências brasileiras: uma delas sobre Gonçalves Dias⁴⁴⁷, para divulgar a primeira poesia Do grande maranhense, que não é conhecida. Peço-lhe o favor de dizer ao nosso bom amigo Fernando Nery⁴⁴⁸ que não recebi nenhum volume do Gregório de Matos⁴⁴⁹. Só tenho o da Lírica⁴⁵⁰, saído há bastante tempo.

Novos agradecimentos e grade abraço do Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁴² Alterações ortográficas do editor: pôr > por; hei-de > hei de; exage- rado > exagerado; pro- feriu > proferiu; facto > fato; êrro > erro; trans- missão > transmissão; podi > pode; sôbre > sobre; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁴³ *Tristão e Iseu* (1930), livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁴⁴ Refere-se à influência de André Gide, renomado escritor francês e membro da Academia Francesa.

⁴⁴⁵ Academia Brasileira de Letras

⁴⁴⁶ Manoel de Sousa Pinto concluiu recentemente os exames de um curso, com bons resultados. Essa informação revela um esforço contínuo em sua formação acadêmica, apesar de já estar estabelecido no meio literário e intelectual. Ele menciona que viajará a Coimbra para dar duas conferências sobre a literatura brasileira.

⁴⁴⁷ Antônio Gonçalves Dias foi um poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Manoel está preparando conferências sobre literatura brasileira, especificamente sobre o poeta Gonçalves Dias. Ele destaca a importância de divulgar a primeira poesia do autor maranhense, que ainda não é amplamente conhecida, sugerindo que ele pretende explorar aspectos inéditos ou pouco explorados da obra de Gonçalves Dias.

⁴⁴⁸ Fernando Nery, então secretário da Academia Brasileira de Letras, que assinava suas traduções com o pseudônimo de Fernão Neves. O sucesso na publicação de tradução dos romances estrangeiros fez com que o editor-livreiro visasse também ao público feminino (maior consumidor de romances), sendo logo sua casa conhecida como especialista em “literatura para moças”.

⁴⁴⁹ Gregório de Matos e Guerra, alcunhado de Boca do Inferno ou Boca de Brasa, foi um advogado e poeta do Brasil Colônia. É considerado um dos maiores poetas do barroco em Portugal e no Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial.

⁴⁵⁰ PRINCIPAIS OBRAS: Poesia Obras de Gregório de Matos, em seis volumes: (I) Sacra (1929); (II) Lírica (1923); (III) Graciosa (1930); (IV) e (V) Satírica (1930); (VI) Última (1933).

Carta de 08 de julho de 1931

S/C: Avenida da Liberdade, 204- 4º E.

1931. Julho 8

Caríssimo⁴⁵¹ Amigo⁴⁵²

Venho dizer-lhe pelo Cap Arcona⁴⁵³ que tive o prazer de receber o seu cartão de 8 de Junho (faz hoje um mês). Não recebi, porém, o seu novo livro Missangas⁴⁵⁴. Aguardo-o, com a Viagem sentimental⁴⁵⁵ e mais coisas.

Ainda não me disse nada sobre a supressão do subsídio⁴⁵⁶ do Governo à minha Cadeira⁴⁵⁷, mas espero que esteja vigilante. Senti ainda mais a desfeita do que o grave prejuízo.

O subsídio semestral da Academia⁴⁵⁸ também ainda não veio, assim como não vieram os quatro volumes do Gregório de Matos⁴⁵⁹, Diálogos das grandezas⁴⁶⁰, Hans Staden⁴⁶¹ e Sousa Nunes⁴⁶².

É benemerita a sua tarefa com as publicações da Academia⁴⁶³. Não desanime! Um grande abraço do Muito admirador e amigo Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁵¹ Alterações ortográficas do editor: sôbre > sobre; su- pressão > supressão; tam- bém > também; Diá- logos > Diálogos; M.to > Muito; P. S. > Post-Scriptum.

⁴⁵² Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa”.

⁴⁵³ O SS Cap Arcona foi um transatlântico de luxo alemão, bombardeado e incendiado pela Força Aérea Real, na Baía de Lübeck, nordeste da Alemanha, em 3 de maio de 1945, com a perda de muitas vidas.

⁴⁵⁴ Missangas (1931), livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁵⁵ Viagem sentimental (1931), livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁵⁶ Subsídio é um tipo de apoio financeiro concedido por um governo, instituição ou organização para ajudar a reduzir o custo de algo, normalmente para beneficiar um grupo específico ou promover uma determinada atividade.

⁴⁵⁷ Manoel se queixa da retirada ou interrupção do apoio financeiro governamental que sustentava sua Cadeira de Estudos Brasileiros na universidade. O subsídio era fundamental para o funcionamento da cadeira, e sua supressão é vista como uma “desfeita” e “grave prejuízo”, destacando a importância desse apoio para a continuidade do trabalho intelectual.

⁴⁵⁸ Além do subsídio para a Cadeira, Manoel também menciona o subsídio semestral da Academia, que não havia sido recebido até aquele momento. A falta desses recursos parece ser uma preocupação constante para os estudiosos e professores da época, pois impactava diretamente na continuidade de seus projetos acadêmicos e culturais.

⁴⁵⁹ PRINCIPAIS OBRAS: Poesia Obras de Gregório de Matos, em seis volumes: (I) Sacra (1929); (II) Lírica (1923); (III) Graciosa (1930); (IV) e (V) Satírica (1930); (VI) Última (1933).

⁴⁶⁰ Diálogos das grandezas do Brasil é um livro brasileiro escrito no início do século XVII, provavelmente na Paraíba, mas publicado pela primeira vez como livro somente em 1930 pela Academia Brasileira de Letras, com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia.

⁴⁶¹ Hans Staden narra os acontecimentos que viveu com simplicidade e nos faz imaginar o Brasil do século XVI. Hans Staden foi um “arcabuzeiro” alemão que fez duas viagens ao Brasil entre 1547 e 1555. Confundido com um português, passou nove meses em cativeiro entre os tupinambás. Durante todo o tempo que viveu com esse povo, observou os costumes e se valeu da sorte para sobreviver àqueles que queriam devorá-lo. Em 1555 voltou para a Europa e escreveu o livro.

⁴⁶² Manoel lista uma série de obras que ainda não chegaram até ele, o que sugere um atraso nas publicações ou na distribuição desses livros. Gregório de Matos, um poeta barroco brasileiro, é mencionado como parte de uma série de publicações esperadas, que provavelmente fazem parte de um projeto mais amplo para divulgar a literatura brasileira em Portugal. *Hans Staden* foi um autor alemão conhecido por seus relatos sobre o Brasil no século XVI, e *Sousa Nunes* se refere a outro autor que fazia parte desse movimento de difusão literária.

Post-Scriptum⁴⁶⁴

Em havendo portador de confiança, irá a gravura do soneto do Gonçalves Crespo⁴⁶⁵.

⁴⁶³ Manoel expressa um elogio ao amigo, reconhecendo a importância de sua tarefa na publicação dessas obras pela Academia, que tem um caráter filantrópico e de grande valor cultural. Ele encoraja o amigo a continuar o trabalho apesar das dificuldades.

⁴⁶⁴ O P.S. revela a intenção de enviar uma gravura que reproduz um soneto de Gonçalves Crespo.

⁴⁶⁵ António Cândido Gonçalves Crespo foi um jurista e poeta português de influência parnasiana, membro das tertúlias intelectuais portuguesas do último quartel do século XIX.

Carta de 30 de julho de 1931

1931. Julho 30

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

Caríssimo Amigo⁴⁶⁶

Foi com grande prazer que recebi o seu novo volume, otimamente apresentado. Que magnífica é a sua atividade! Pareceram-me muito bem, a primeira vista, as Noções de História da Literatura Brasileira⁴⁶⁷, que hei de percorrer com mais atenção e recomendar aos meus alunos no começo do ano. Parabéns!

Vi que foi proposto o título de “Afrânio Peixoto” para uma série das publicações acadêmicas. Felicitações calorosas. Também vi um artigo do José Rogério⁴⁶⁸ sobre as Cartas avulsas dos jesuítas⁴⁶⁹. Espero recebê-las, bem como as outras obras que ainda me faltam: 4 volumes de Gregório de Matos, Diálogos das Grandezas, Hans Staden, Discursos de Sousa Nunes⁴⁷⁰.

Como lhe disse na minha anterior, ainda não recebi o subsídio da Academia⁴⁷¹ relativo ao primeiro semestre deste ano. Calculo que o não tenham cortado como fez o Itamaraty⁴⁷², sem dizer nada.

Estou certo de que, pelo menos, o meu caro Afrânio protestaria. Devem talvez ser dificuldades de câmbio, mas a verdade é que minha situação se vai agravando. Digo-lhe aqui em confiança, sentido do abandono⁴⁷³ moral e material a que o Brasil parece notar-me. Virão melhores tempos?

⁴⁶⁶ Alterações ortográficas do editor: otimamente > otimamente; Litera- tura > Literatura; comêço > começo; propôsto > proposto; “Afranio Pei- xoto” > “Afrânio Peixoto”; sôbre > sobre; jesuitas > jesuítas; dêste > deste; fêz > fez; Afranio > Afrânio; Dr. > Doutor; vi- zinha > vizinha; am. o > amigo; Obg. mo > obrigadíssimo; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁶⁷ Noções de História da Literatura Brasileira livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁶⁸ José Rogério Fontenele Bessa foi um linguista e pesquisador brasileiro que se dedicou ao estudo da presença e do uso das línguas indígenas no Brasil colonial, tomando como base a correspondência jesuítica, especialmente aquela compilada na edição Cartas Avulsas (1550–1621) publicada pela Academia Brasileira de Letras em 1931, com organização e introdução de Afrânio Peixoto. Publicou um estudo documental sobre as atividades linguísticas dos jesuítas no Brasil, entre 1550 e 1621, com base nas Cartas Avulsas editadas por Afrânio Peixoto (1931). O trabalho discute o uso da “língua geral” na catequese jesuítica e analisa aspectos das traduções paralelas presentes nas cartas.

⁴⁶⁹ Trata-se de uma coletânea de cartas escritas pelos primeiros missionários jesuítas no Brasil, impressa no Rio de Janeiro em 1931 pela Academia Brasileira de Letras, também publicada anteriormente em 1887

⁴⁷⁰ Manoel lista novamente uma série de obras que ainda não recebeu e que são importantes tanto para o estudo da literatura brasileira quanto para a história do Brasil. Gregório de Matos é um dos maiores poetas barrocos do Brasil, enquanto os outros autores também fazem parte do contexto literário e histórico relevante para o período.

⁴⁷¹ O remetente se queixa de ainda não ter recebido o subsídio semestral da Academia. Isso sugere que o apoio financeiro, vital para suas atividades, ainda não foi enviado, o que aumenta sua ansiedade e insegurança quanto ao futuro de seu trabalho acadêmico. A menção ao Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores do Brasil) e a comparação com o corte de recursos também implica nas dificuldades orçamentárias enfrentadas por aqueles que dependem de financiamento público.

⁴⁷² O Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), também conhecido como Itamaraty, é um órgão do Poder Executivo, responsável pelo assessoramento do Presidente da República na formulação, no desempenho e no acompanhamento das relações do Brasil com outros países e organismos internacionais.

⁴⁷³ Manoel expressa sua frustração com a situação financeira e moral em que se encontra, sugerindo que, além das dificuldades econômicas, sente-se desvalorizado ou negligenciado pelo Brasil.

Confiei á esposa do Doutor Luís Soares, sua vizinha, a gravura do soneto de Gonçalves Crespo⁴⁷⁴. Deve recebê-la, pouco mais ou menos, quando esta lá chegar.

Aguardo *Missangas*⁴⁷⁵ e *Viagem Sentimental*⁴⁷⁶. Grande abraço do admirador e amigo obrigadíssimo, Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁷⁴ Manoel de Sousa Pinto menciona a entrega de uma gravura com um soneto de Gonçalves Crespo, um importante poeta português do século XIX.

⁴⁷⁵ *Missangas* (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁷⁶ *Viagem sentimental* (1931) livro de Afrânio Peixoto.

Carta de 08 de agosto de 1931

1931. Agosto 8

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E. 284

Caríssimo amigo⁴⁷⁷

Notabilíssimo esforço o seu e prodigiosa a sua atividade! O volume, agora recebido, das Cartas avulsas é dos que fazem honra á erudição brasileira. Muitos parabéns por ele, e sinceros agradecimentos pela valia da oferta.

Como já sabe, possuo um exemplar Da 1ª edição, que passarei a guardar cautelosamente. Isso me leva a crer que, como dizia Capistrano⁴⁷⁸, sempre saíram alguns exemplares da Imprensa.

Aguardo ainda os volumes anteriores da “Biblioteca de Cultura Nacional”⁴⁷⁹, isto é: Gregório de Matos, 4 volumes, Discursos de Sousa Nunes, Hans Staden, e Diálogos das Grandezas. Aguardo também, com interesse, Missangas⁴⁸⁰, que o último número da Portúcale notícia, Viagem sentimental⁴⁸¹, etc. Sei que mandar imprimir aqui um outro livro, Marta e Maria⁴⁸², com seu suplemento se dispuser de um exemplar, muito lhe agradecerei, para completar a minha coleção.

Vou para a semana a Coimbra fazer, no Curso de Férias, uma conferência sobre a Marília de Dirceu⁴⁸³. É um Tributo que pago todos os anos.

Grande abraço do Muito admirador e amigo obrigado, Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁷⁷ Alterações ortográficas do editor: prodi- giosa > prodigiosa; rece- bido > recebido; parabens > parabéns; êle > ele; cautelo- samente > cautelosamente; saíram > saíram; Gre- gório > Gregório; Mis- sangas > Missangas; no- tícia > notícia; lho > lhe; agra- decerei > agradecerei; coleção > coleção; sôbre > sobre; vols. > volumes; M. to > Muito; am. o > amigo; Obg. Do > obrigado; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁷⁸ Refere-se provavelmente a João Capistrano Honório de Abreu foi um historiador brasileiro. Um dos primeiros grandes historiadores do Brasil, de grande renome, conhecido por suas análises e estudos sobre a história do Brasil, produziu ainda nos campos da etnografia e da linguística. A citação indica que Manoel de Sousa Pinto vê a publicação das *Cartas avulsas* como algo que segue a tradição de livros de qualidade, em referência à erudição brasileira.

⁴⁷⁹ A Biblioteca Nacional (BN) é o órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do País.

⁴⁸⁰ *Missangas* (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁸¹ *Viagem sentimental* (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁸² *Marta e Maria* (1930) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁸³ *Marília de Dirceu* (1792) é a obra mais emblemática do poeta árcade luso-brasileiro Tomás Antônio Gonzaga. Trata-se de um longo poema lírico que foi publicado em Lisboa, a partir de 1792. Manoel de Sousa Pinto fala sobre sua conferência no *Curso de Férias* em Coimbra, uma cidade acadêmica importante em Portugal. A conferência é descrita como um “tributo” anual, mostrando o compromisso contínuo do remetente com a promoção da literatura brasileira em Portugal.

 Carta de 25 de setembro de 1931

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

1931. Setembro 25

Querido⁴⁸⁴ amigo⁴⁸⁵

Quatro novidades do mesmo autor, e todas de 1931, é coisa que poucos se gabarão, como eu, de receber no mesmo dia, ou de poder mandar, como o meu infatigável amigo. *Missangas*⁴⁸⁶, *Viagem sentimental*⁴⁸⁷, *Marta e Maria*⁴⁸⁸ com seu *Posts-criptum* viram juntar-se às recentes *Noções de História da Literatura Brasileira*⁴⁸⁹ e aos dois bons volumes de *Cartas Jesuíticas*⁴⁹⁰, também deste ano. É formidável! Com os meus agradecimentos parabéns entusiásticos, a sincera expressão da minha maior admiração, e que a sua bela atividade espiritual se mantenha assim incessante nesta época de incertezas e desânimo.

Ainda nada me disse sobre a subvenção à minha Cadeira⁴⁹¹ sua protegida. Da Academia ainda não veio nenhuma prestação este ano.

Não creio que a tenham suspenso sem dizer nada, e depois de o Governo⁴⁹² fazer o mesmo sem demasiada hostilidade, que nada me autoriza a suspeitar suponho que seja por dificuldades de saída e transferência do dinheiro. Lembro-me, por isso, de que o mesmo poderia ficar aí à minha ordem, para eu me poder servir dele; na compra de livros por exemplo. Era muito favor saber o que há e comunicar-me com aquele interesse que a Cadeira de Estudos Brasileiros, que vai fazer 8 anos de efetiva regência, sempre lhe mereceu.

Sem a ajuda do Governo, sem receber da Academia e com a redenção do Governo português⁴⁹³, a minha situação de professor brasileiro não é brilhante _ digo-lhe aqui em confiança, que não transmitirá aos seus colegas. E o que ainda menos me agrada, é ter sido equiparado na penitência ao D Gentil, que é francês, e ao {†} que é inglês, quando em seu cidadão brasileiro, apesar de não abrangido pelo código dos Interventores... De novo, como vê, e como sempre, a sua amicíssima intervenção se não dispensa.

⁴⁸⁴ Alterações ortográficas do editor: Mis- sangas > Missangas; Lit. > Literatura; dêste > deste; parabens > parabéns; actividade > atividade; de-sânimo > desânimo; sôbre > sobre; êste > este; Govêrno > Governo; dêle > dele; comunicar-mo > comunicarmos; aquêle > aquele; efectiva > efetiva; digo-lho > digo-lhe; M.to > Muito; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto; P. S. > Post-Scriptum; Crêspo > Crespo.

⁴⁸⁵ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa”.

⁴⁸⁶ *Missangas* (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁸⁷ *Viagem sentimental* (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁸⁸ *Marta e Maria* (1930) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁸⁹ *Noções de História da Literatura Brasileira*, (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁹⁰ *Cartas Jesuíticas II – Cartas Avulsas* (1550-1568), ano da 1ª edição: 1931, Rio de Janeiro. Essa edição reúne correspondência dos primeiros missionários jesuítas no Brasil entre 1550 e 1568, organizada e introduzida por Afrânio Peixoto.

⁴⁹¹ Manoel de Sousa Pinto menciona a dificuldade em receber a subvenção financeira destinada à sua Cadeira de Estudos Brasileiros. Ele expressa preocupação com o atraso e sugere que o dinheiro poderia ser retido “à sua ordem”, possibilitando o uso na compra de livros para o desenvolvimento de seus estudos e projetos. A falta de apoio financeiro é uma constante nas cartas e reflete as dificuldades econômicas e burocráticas enfrentadas pelos acadêmicos.

⁴⁹² Getúlio Vargas tornou-se presidente do Brasil após a Revolução de 1930 destituir Washington Luís, iniciando-se, assim, um período de quinze anos conhecido como Era Vargas.

⁴⁹³ O 7.º governo da Ditadura portuguesa, nomeado a 21 de janeiro de 1930 e exonerado a 5 de julho de 1932, foi liderado por Domingos Oliveira.

Muitas saudades e em grande abraço do Muito admirador e amigo
Manoel de Sousa Pinto.

Post-Scriptum

Já recebeu o clichê ‘ da gravura do Crespo⁴⁹⁴? Serve?

⁴⁹⁴ Manoel de Sousa Pinto pergunta se Afrânio Peixoto recebeu o “clichê da gravura do Crespo”, uma referência à obra de Gonçalves Crespo, poeta do século XIX. Isso sugere uma troca cultural e intelectual em que Manoel de Sousa Pinto busca garantir que um material importante tenha sido entregue, possivelmente para um projeto ou para completar a coleção de obras que está sendo trabalhada.

Carta de 06 de outubro de 1931

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

1931. Outubro 6

Querido⁴⁹⁵ amigo⁴⁹⁶

Veio um segundo exemplar de Missangas⁴⁹⁷ – livro interessante – e veio o Álvares de Azevedo⁴⁹⁸ da Bibliografia. Muito obrigado. Veio também a primeira prestação da subvenção da Academia⁴⁹⁹. Fica, portanto, dispensado de intervir, como lhe pedia na minha última carta.

Lá para 17 começo o meu novo curso, o oitavo! O Fernando Nery anunciou-me a remessa do Euclides da Cunha⁵⁰⁰, mas não chegou cá. O que também recebi ultimamente foram os números de Julho e Agosto da Revista da Academia⁵⁰¹. sempre bem-vindos. Escrevo à pressa, para aproveitar Higslano Princess.

Grande abraço amicíssimo do Muito admirador, Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁹⁵ Alterações ortográficas do editor: pres- tação > prestação; última- mente > ultimamente; fôram > foram; benvindos > bem-vindos; M. to > Muito; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁴⁹⁶ Trata-se de um papel timbrado com endereço, sendo assim consta no cabeçalho as seguintes informações: “CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa”.

⁴⁹⁷ Missangas (1931) livro de Afrânio Peixoto.

⁴⁹⁸ Álvares de Azevedo (Manuel Antônio Álvares de Azevedo), poeta, contista e ensaísta. Patrono da Cadeira n. 2 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Coelho Neto.

⁴⁹⁹ A menção à primeira prestação da subvenção da Academia significa que o pagamento que Manoel de Sousa Pinto estava aguardando finalmente foi feito. Isso também significa que Afrânio Peixoto não precisará mais intervir, conforme Manoel de Sousa Pinto havia solicitado anteriormente, aliviando uma preocupação anterior.

⁵⁰⁰ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha foi um escritor e jornalista brasileiro.

⁵⁰¹ A referência aos números da Revista da Academia de Julho e Agosto indica que Manoel de Sousa Pinto continua a acompanhar as publicações periódicas relacionadas à Academia, e que ele recebe com regularidade as edições da revista, que considera “sempre bem-vindas”.

Carta Natal, 1932:

Lisboa, 1932. Natal

S/C: Avenida da liberdade, 204- 4º E.

Querido amigo⁵⁰²

Boas-festas e feliz ano novo⁵⁰³!

Há muito sem letras suas trouxe-me a vizinhança do Natal uma esplêndida dádiva, que lhe agradeço do fundo d'alma: aos muitos favores que já lhe devia, somou-se agora, com a publicação assinalável dos *Ensaios Camonianos*⁵⁰⁴, a dedicatória do seu belo estudo sobre *Camões e o Brasil*. Com toda a sinceridade lhe digo, e com desvanecimento, que o fato tão honroso de ver o meu nome ligado a trabalho de tão alta significação me encheu de vaidoso prazer⁵⁰⁵.

A reunião dos seus estudos sobre Camões parece-me vir na hora justa e gloriosa. O seu livro tem de ficar marcado para sempre pelo muito que diz e representa quanto às relações literárias de Portugal e Brasil⁵⁰⁶. Não sei de outro que se lhe possa comparar em valor e alcance.

Parabéns calorosos, portanto, entusiásticos, vitoriantes, com o abraço profundamente reconhecido do muito admirador e amigo, Manoel de Sousa Pinto.

⁵⁰² Alterações ortográficas do editor: Explêndida > esplêndida; sôbre > sobre; facto > fato; si- gnificação > significação; Parabens > Parabéns; re- conhecido > reconhecido; ManoeldeSousaPinto > Manoel de Sousa Pinto.

⁵⁰³ O início da carta, com votos de boas festas e um feliz ano novo, indica que a carta foi escrita durante o Natal de 1932, um momento de celebração e renovação de laços de amizade e gratidão.

⁵⁰⁴ *Ensaios Camonianos* (1932), obra de Afrânio Peixoto.

⁵⁰⁵ A expressão “vaidoso prazer” indica o sentimento de orgulho e honra de Manoel de Sousa Pinto ao ver seu nome vinculado a um trabalho de tanta significância e importância acadêmica. A humildade aliada ao prazer da realização intelectual transparece nas palavras do remetente.

⁵⁰⁶ A carta enfatiza o valor das obras e estudos que ligam os dois países através da literatura. O trabalho sobre Camões, neste caso, é visto como uma contribuição importante para aprofundar a compreensão mútua entre as culturas portuguesa e brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação constitui o primeiro estudo sistemático dedicado ao conjunto das correspondências passivas de Afrânio Peixoto, com ênfase naquelas enviadas por escritores e intelectuais portugueses ao longo da primeira metade do século XX. Trata-se de um trabalho pioneiro que articula os campos da filologia, da crítica textual e da epistolografia, com o intuito de recuperar, interpretar e editar criticamente um corpus inédito e representativo do diálogo intelectual luso-brasileiro. A questão norteadora da pesquisa — de que modo a edição das correspondências enviadas a Afrânio Peixoto por intelectuais portugueses pode revelar aspectos da sociologia dos textos e das relações entre epistolografia e produção filológica — foi plenamente respondida. A edição filológica empreendida demonstrou como o trabalho do editor, longe de ser uma tarefa meramente técnica, atua como intervenção crítica que reorganiza sentidos, resgata memórias e ilumina redes discursivas e afetivas historicamente constituídas.

A pesquisa baseou-se em uma abordagem pragmática da edição textual, ancorada em teorias da epistolografia, da crítica textual e da arquivologia, com especial atenção à relação entre o texto e sua materialidade. Evidenciou-se que a edição de cartas não apenas permite compreender os fluxos comunicacionais entre intelectuais, mas também revela aspectos da prática escritural enquanto fenômeno social, histórico e cultural. Ademais, o trabalho filológico contribuiu significativamente para a organização e valorização do acervo de Afrânio Peixoto, fortalecendo a função da instituição custodiadora como espaço de produção e difusão do conhecimento.

O estudo percorreu os fundamentos teóricos da carta como gênero discursivo e como objeto de edição filológica, contextualizou a trajetória intelectual de Afrânio Peixoto, e analisou os vínculos estabelecidos com autores portugueses de projeção. A análise das missivas evidenciou a formação de uma rede de sociabilidade intelectual que articula literatura, política e ciência, refletindo os modos de produção e circulação de ideias no Atlântico Lusófono.

Diante das intervenções sofridas pelo acervo ao longo do tempo, a elaboração de um dossiê temático mostrou-se fundamental para a restituição de uma lógica de organização documental coerente com as exigências da edição crítica. Foi realizado um minucioso levantamento temático e estruturado um quadro descritivo das cinquenta e seis cartas selecionadas enviadas por cinco autores: Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Fidelino de Figueiredo, José Maria Rodrigues e Manoel de Sousa Pinto.

A edição foi conduzida em três modalidades complementares: (1) fac-similar, que preserva os aspectos materiais dos documentos; (2) genética, em formato justalinear, com o registro de variantes, rasuras e acréscimos; e (3) interpretativa, baseada nos critérios do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), com atualização ortográfica e notas explicativas. Essas edições, em conjunto, permitem acessar tanto a dimensão textual quanto a gênese escritural dos documentos, conferindo ao leitor uma experiência analítica ampliada.

Como gesto de leitura e mediação, a edição filológica realizada nesta dissertação reafirma o papel do editor como sujeito-autor, cujas escolhas e interpretações afetam diretamente a recepção dos textos. A pesquisa contribui, assim, para a consolidação de uma filologia contemporânea voltada para a complexidade dos arquivos e para a historicidade das práticas discursivas.

No percurso desta investigação, o desafio de mergulhar em um acervo tão denso e diverso quanto o de Afrânio Peixoto representou uma experiência transformadora. Transcrever textos manuscritos, decifrar grafias e estruturas discursivas, e interpretá-los à luz de referenciais da crítica textual e da epistolografia exigiu não apenas rigor metodológico, mas também sensibilidade crítica. Como pesquisadora, experimentei o aprendizado prático da edição textual, compreendi as camadas da textualidade presentes em cada carta, e ampliei minha formação teórica e técnica no campo da filologia.

Com base nessa experiência, projeto para o futuro o desenvolvimento de uma edição digital anotada e expandida dessas correspondências, com recursos hipertextuais e acesso aberto. Tal iniciativa permitirá a difusão ampliada do acervo e abrirá novas possibilidades para leituras interdisciplinares, além de potencializar a formação de novos pesquisadores no campo da edição de textos e da história intelectual.

Em síntese, este trabalho inaugura um novo campo de investigação sobre o legado epistolar de Afrânio Peixoto, oferecendo uma contribuição teórico-metodológica relevante para os estudos filológicos, a epistolografia e a história intelectual luso-brasileira. Ao abrir possibilidades para edições digitais futuras e para o aprofundamento de pesquisas sobre redes intelectuais atlânticas, esta dissertação afirma o valor crítico, cultural e acadêmico da edição de cartas como prática filológica fundamental.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luiz Eleildo Pereira; XIMENES, Expedito Eloísio. Uma revisão do conceito de texto e suas implicações para os estudos filológicos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-42, 2019.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: a Hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta**. 386 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos**. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 19, p. 389-414, 2017.
- BIASI, Pierre-Marc de. **A genética dos textos**. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BORGES, Rosa; FAGUNDES, Carla; SOUZA, Débora. Entre acervos, edição e crítica filológica. *In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA*, 16., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. p. 515-524.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e Edição de texto. *In: Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.
- BORDINI, Maria da Glória. Acervos literários e Filologia. *In: BORDINI, Maria da Glória. Matérias da memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. p. 65-83. ISBN 978-65-5725-056-3.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. A Filologia e seu objeto: diferentes perspectivas de estudo. **Philologus-Revista do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos**, ano, v. 9, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa moderna**. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 2017.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Bom dia, angústia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COSTA, Camila Mattos da. **Carta de amor: o documento de arquivo e os códigos sociais na segunda metade do século XIX e início do XX.** 2017.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1995.

DE MELLO, Maria Celina Soares et al. DOSSIÊS, SÉRIES E ARQUIVOS PESSOAIS. **OFFICINA-Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo**, v. 2, n. 2, 2023.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Trad. Léo Stolovic. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: Formas e Funções da Correspondência em alguns Percursos de Escritores no Século XIX.** Tradução: Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

FOUCAULT, Michel. "O que é um Autor?". In: **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Kafka: por uma literatura menor.** Autêntica, 2003.

HOISEL, Evelina. **Os Intelectuais e Seus Múltiplos: Identidades, Práticas e Representações.** Salvador: Edufba, 2006.

HOISEL, Evelina. Dramatizações de um intelectual múltiplo: Affonso Romano de Sant'anna. **O escritor e seus múltiplos** (ensaios). Salvador: EDUFBA, p. 83-98, 2015.

JOVICIC, J. **L'intime épistolaire (1850–1900): genre et pratique culturelle.** Cambridge Scholars Publishing: Newcastle upon Tyne, 2010.

LEJEUNE, Philippe. A Quem Pertence uma Carta?. In: **O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet;** Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria

Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, Philippe. Pour l'autobiographie: chroniques. Paris: Seuil, 1998, p. 76. In: MORAES, Marcos Antonio de. **Edição de correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos**. Patrimônio e memória, v. 4, n. 2, p. 115-128, 2007.

MACIEL, Raquel Silva. O que quer uma carta? uma sistematização acerca da epistolografia de intelectuais. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 10, n. 20, p. 51-68, 2021.

MCKENZIE, Donald Francis. **A sociologia dos textos**. Tradução de Rogério Bettoni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C. B.; DE LUCA, T. R. (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

MARQUES, Reinaldo. “Os Acervos Literários: Para uma Leitura a Contrapelo da História”. In: **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 13, n. 24, p. 123-134, 2006.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007.

MOTA, Mabel Meira. **Arquivos pessoais de escritores: notas de pesquisa**. Archeion Online, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 58-77, 2021.

MUNHÓS, Fernando. As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s. l.], n. 64, p. 336-342, 2016.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **Uma leitura do modernismo: cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira**. Orientador: Gilberto Mendonça Teles. 2003. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2003.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Afinal, a quem pertence uma carta?. **Letrônica**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 222-231, 2015.

SALES, Fernando. Aspectos da vida e obra de Afrânio Peixoto. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1987.

SANTIAGO, Iago Gusmão; SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e sua conectividade rizomática. **Légua & Meia**, Brasil, v. 1, n. 9, p. 101-122, 2019.

SANTIAGO, Stephanie da Cruz *et al.* Edição Fac - Similar, Diplomática e Modernizada de uma Queixa – Crime de Furto do Século XX. **Graduando**, Feira de Santana, v. 8, n. 11, p. 29 - 42, 2017.

SANTIAGO, Stephanie da Cruz. **Meu caro Eudaldo**: edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio da Motta. Dissertação(mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2021.

SANTOS, Elias de Souza. **Lapidando Manuscritos Diamantinos**: Uma Escripura Sob a Lente da Filologia. Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), N. 20 (Vol. 10), p. 223–231, jan-jun/2020.

SANTOS, Rosa Borges dos. Estudos crítico-filológicos: teorias e práticas editoriais. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. 22., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CiFEFiL. p. 494-503.

SOUSA, Maria Letícia Lima de. **Correspondência familiar em contexto de emigração**: convergências e divergências estilísticas e linguísticas na manifestação de afetividade. 2020, 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, Departamento de Letras Modernas Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. DOSSIÊS, SÉRIES E ARQUIVOS PESSOAIS. **OFFICINA**-Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo, v. 2, n. 2, p. 131-143, 2023.

SILVA, Sabrina de Santana. **Edição dos Rascunhos de Cartas de Eulálio Motta no Caderno Monitor**. 2020. 201 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Arte, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2020.

VASCONCELLOS, Eliane. **Intimidade das confidências**. *Teresa*, n. 8-9, p. 372-389, 2008.